UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Instituto de Psicologia

Nancy Ramacciotti de Oliveira

PERFIS DE GRÁVIDAS DE MÃES ADOLESCENTES
Estudo Psicossocial de Adolescentes
Usuárias de um Serviço Público de Pré-Natal e Maternidade

São Paulo
1999

SUMÁRIO

Volume I

RESUMO.....	vii
-------------	-----

ABSTRACT.....	viii
---------------	------

1. INTRODUÇÃO.....	1
--------------------	---

1.1. Justificativa.....	6
-------------------------	---

1.2. Revisão da literatura.....	8
---------------------------------	---

1.2.1. Sobre adolescência	8
---------------------------------	---

1.2.2. Sobre gravidez.....	15
----------------------------	----

1.2.3. Sobre gravidez na adolescência.....	19
--	----

1.3. Problema.....	25
--------------------	----

1.4. Objetivos.....	25
---------------------	----

1.5. Hipóteses.....	25
---------------------	----

2. MÉTODO.....	26
----------------	----

2.1. Considerações iniciais.....	26
----------------------------------	----

2.2. Método proposto.....	30
---------------------------	----

2.2.1. Módulo I - Pesquisa com adolescentes grávidas.....	32
---	----

2.2.1.1. Características das adolescentes grávidas pesquisadas e do serviço de saúde no qual estavam inscritas (PAIAG).....	32
---	----

2.2.1.2. Os questionários com adolescentes grávidas.....	35
--	----

2.2.1.2.1. Análise dos resultados dos questionários.....	35
--	----

2.2.1.3. Os desenhos de auto-retrato.....	43
---	----

2.2.1.3.1. Testes projetivos de desenhos.....	43
---	----

2.2.1.3.2. Desenhos de figura humana e imagem corporal.....	45
---	----

2.2.1.3.3. Desenhos com adolescentes.....	47
2.2.1.3.4. Uso projetivo de desenhos em pesquisas com adolescentes e gestantes.....	48
2.2.1.3.5. A prova aplicada: Três desenhos de auto-retrato.....	55
2.2.1.3.6. Resultados: discussão e análise.....	62
2.2.1.3.7. Conclusões: os desenhos de auto-retrato.....	102
2.2.2. Módulo II - Entrevistas com adolescentes mães.....	107
2.2.2.1. Estruturas temáticas.....	108
2.2.2.2. O registro das entrevistas.....	109
2.2.2.3. As mães adolescentes entrevistadas.....	109
2.2.2.4. O contrato das entrevistas.....	110
2.2.2.5. O enquadramento das entrevistas.....	110
2.2.2.6. Análise das entrevistas com as adolescentes mães.....	112
2.2.2.7. Conclusões sobre as entrevistas com as 10 adolescentes mães.....	272
3. CONCLUSÕES.....	277

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa com adolescentes grávidas e mães de um primeiro bebê (até cinco meses após o parto), usuárias de um serviço público de pré-natal de Santos (SP). O estudo investiga a percepção das adolescentes sobre si mesmas e sobre suas vidas, usando referências psicanalíticas e trabalhando com três instrumentos de pesquisa - questionários, desenhos de auto-retrato e entrevistas em profundidade. Resultados de 82 questionários com adolescentes grávidas indicaram dificuldades com a educação formal anterior à gravidez, figuras maternas valorizadas e figuras paternas avaliadas negativamente, e gravidez em geral aceita e ocorrida numa relação de namoro. A análise de 150 desenhos de auto-retrato de adolescentes grávidas destacou: sinais de ambivalência, auto-imagens não muito prejudicadas, tendência de se retratar num momento mais próximo ao presente, auto-retratos anteriores à gravidez com menos sinais de conflito, desenhos estando grávida com sinais de ansiedade, e auto-retratos posteriores ao parto com indícios compensatórios. A análise de entrevistas em profundidade com 10 adolescentes mães apontou: gravidez relacionada a conquistas de benefícios sociais, grande valorização das figuras maternas e ataques a figuras paternas e aos pais dos bebês (antes mais idealizados), indícios de busca de engravidar, vida sexual sem maiores impedimentos e com algum conhecimento sobre métodos contraceptivos, queixas de perdas quanto a passeios, relação com a escola tendendo a manter a trajetória anterior à gravidez, e relação cuidadosa com o bebê. Para as adolescentes pesquisadas, pertencentes a segmentos mais pobres de população urbana, a gravidez não pareceu percebida de forma negativa e associou-se a alguns ganhos sociais, durante a gestação e os primeiros meses do bebê.

ABSTRACT

This work presents a research with adolescents in the first pregnancy and becoming mothers, until five months after delivery, using a specialized public service, offered by the city of Santos, SP, Brazil. The study investigates the self perception of the adolescents, using psychoanalytical references and working with three instruments of research: questionnaires, self portrait drawings and interviews in depth. The results of the questionnaires with pregnant adolescents indicate difficulties with formal education prior to the pregnancy, valorized mother figures, negatively evaluated father figures, no objection to the pregnancy and that it has occurred during the dates with the boyfriend. The analysis of 150 self portraits from pregnant adolescents pointed out to signals of ambivalence, self image not much damaged, tendency to make a self portrait in a moment close to the present, self portrait prior to the pregnancy with few signals of conflicts, portrait of pregnant indicating signals of anguish and self portrait prior to the delivery with compensatory evidence. The analysis of the interviews in depth with 10 adolescents mothers indicate pregnancy related to social benefits, great increasing in the mother figures, as well as aggression to the father and to the fathers babies (better idealized before), indication of provoked pregnancy, fair knowledge about contraceptive methods, sexual life few obstacles, some complaints about not going out anymore, same relationship with the babies. The pregnancy does not seem perceived in a negative way for these adolescent, belonging to the poorer segments of the urban population, rather it can be related to social benefits, during the period of pregnancy and in the beginning months of the baby's life

INTRODUÇÃO

As questões relativas à adolescência vêm ocupando diversas investigações desde o início deste século, principalmente nos campos da medicina, antropologia e psicologia. Desde a antigüidade¹ a juventude é causa de interesse. Heródoto, Platão e Aristóteles e personagens da literatura com o impacto de Hamlet, de Romeu e Julieta, trazem de há muito a oportunidade de reflexão sobre as vicissitudes de ser jovem. Idealizada ou criticada, a juventude perturba o mundo adulto talvez pela imposição de um confronto que foi chamado de "conflito de gerações" (Uchôa, 1973), ou pela condição que ela possui de levar os mais velhos a reconhecerem seu limite vital – a constatação de que a vida tem um limite temporal, de que o tempo passa. Os jovens, em geral, incomodam mais o mundo adulto do que a infância o faz.

Com origem etimológica na palavra latina *adolescere*, que tem sentido de *para crescer*, o termo "adolescente" tem sido usado neste século não só como sinônimo de "jovem" (palavra muito empregada como um adjetivo) mas principalmente no sentido de designar a pessoa que se encontra numa etapa cronológica, fronteira temporal entre a infância e a vida adulta.

A adolescência constitui-se como um estado existencial singular, para alguns tido como uma "síndrome normal" no desenvolvimento (Aberastury & Knobel, 1981; Knobel, Perestrello & Uchôa, 1981). Quase todos os estudiosos sobre a adolescência afirmam que ela é uma etapa de conflitos subjetivos e relacionais, com acúmulo de alterações físicas, emocionais e sociais que se constitui em si mesma como um "problema" (Perestrello, 1981) que varia com as condições sócio-culturais e históricas.

Existem diferentes critérios (de ordem fisiológica, psíquica e social) para a delimitação da adolescência que em geral têm bases nas referências do aparecimento inicial das características secundárias da maturação sexual e em alterações de processos sociais e psicológicos, com transição de um estado de dependência para outro de relativa independência. Os critérios cronológicos variam pouco com relação ao início da adolescência, de forma geral delimitado pelo advento dos fenômenos físicos da pubescência e da puberdade. A extensão da adolescência e especificamente seu término são percebidos porém de forma bem variada, de acordo com as diferentes culturas e momentos históricos (Campos & Moraes, 1986). Em nossa sociedade, os limites de idade para a consideração do

¹ Heródoto, séc. IV aC. : "Não vejo esperança para o futuro de nosso povo se ele depender da frívola mocidade, de hoje, pois todos os jovens são (...) frívolos". Citado em: Comitê sobre Adolescência – Grupo para o Adiantamento da Psiquiatria, **Dinâmica da Adolescência**, p.11.

término da adolescência, variam em torno dos 18 até os 20 anos. Aí misturam-se os critérios de ordem legal (direitos e responsabilidades civis diferentes até os 16, 18 e 21 anos) e principalmente os de ordem psicológica e social².

Foram circunstâncias históricas que criaram maiores distinções entre as idades da vida, além das referências de infância, juventude e vida adulta, para que a adolescência se tornasse uma categoria específica de idade (Ariès, 1978). O conceito de adolescência praticamente nasceu na época contemporânea (Origlia & Ouillon, 1964; Reis, 1993). O jovem do antigo império romano vestia a toga com 14 anos. Também com essa idade o jovem pagem da Idade Média era armado cavaleiro e antigos reis eram julgados maiores. No Brasil colonial eram comuns casamentos e a formação de família com moças de menos de 15 anos³.

Os famosos estudos antropológicos de Malinowski (1986), Benedict (sd) e Mead (1979) indicaram o quanto as questões da adolescência não eram universais e sim contextualizadas numa cultura e num momento histórico. Nas sociedades primitivas, por exemplo, a entrada na vida adulta em geral é assinalada com cerimônias rituais que, de forma concreta, marcam a conclusão da maturidade necessária de uma pessoa para que se lhe possa reconhecer os direitos de adulto. Essas "passagens" nas sociedades urbanas ocidentais em geral são bem menos concretas e demarcadas e bem mais complexas, porque múltiplas, permeadas por muitos códigos por vezes ambíguos. Porém, tanto nas sociedades primitivas como nas ocidentais, contemporâneas e urbanizadas, a passagem da infância para a vida adulta, com maior ou menor espaço intermediário de "adolescência", relaciona-se com *questões de sexualidade e reprodução*, pois o jovem humano sadio torna-se apto biologicamente para a reprodução após a puberdade.

Grandes transformações culturais aconteceram no mundo ocidental relacionadas às questões de sexualidade e reprodução, com a chamada "revolução sexual", iniciada antes da segunda guerra mundial do século XX. Apesar de que métodos contraceptivos não estavam tecnicamente muito desenvolvidos, importantes alterações ocorreram no comportamento sexual pré-conjugal, no sentido de menor repressão, já durante os anos 20, logo após a primeira guerra.

² Para efeito do **Estatuto da criança e do adolescente** - ECA, considera-se "adolescente", a pessoa entre 12 (doze) e 18 (dezoito) anos de idade. (Art. 2º). Cf. a Organização Mundial de Saúde, o termo "adolescência" foi definido como a faixa de idade entre 10 e 19 anos de idade, e "juventude", com entre 15 e 24 anos (OMS/FNUAP/UNICEF, **Saúde reprodutiva de adolescentes**, p.7).

³ Um exemplo na nossa literatura encontra-se no romance **A Moreninha**, de Joaquim Manuel de Macedo, escrito durante o segundo império, em 1844. Também Gilberto Freyre escreveu, em "Casa Grande e Senzala", que meninas de elite, entre 12 e 14 anos já eram consideradas aptas para o casamento e os pais se atemorizavam caso não conseguissem um matrimônio para as filhas nessa época quando ainda não eram consideradas velhas demais para casar e procriar. Citado por M.M. Campos e M.L. Moraes, Introdução, **Gravidez na adolescência**, p.14.

Desde então a liberação de costumes sexuais passou a se expandir, principalmente dentro de comunidades urbanizadas (Fisher, 1993). A linguagem erotizada da propaganda, por exemplo, colocou o apelo sexual numa condição de produto de alto valor comercial e questões sexuais acabaram migrando da esfera da intimidade dos modelos familiares, regida pelas "agências" de controle moral (como os valores tradicionais da repressão para os gêneros, ou as religiões), para as reservas de material simbólico a serem usados pelos agentes dos veículos de comunicação de massa.

No mundo ocidental (em muitos sentidos "globalizado"), os adolescentes urbanos do final do século XX possuem um universo de referências ambíguas com relação aos acordos culturais acerca da sexualidade e reprodução. Apesar das promessas de permissão e estímulo à vida sexual constantemente veiculadas pela mídia, a reprodução é tida muitas vezes como consequência de transgressão sexual, ou transgressão social pela não contracepção. As normas do comportamento sexual e da reprodução também encontram-se vinculadas à epidemia da AIDS (síndrome da imunodeficiência adquirida), ao crescente uso de drogas no planeta, às novas tecnologias de reprodução (como procriação em laboratório, *in vitro* e artificial) e às perspectivas revolucionárias trazidas pela genética.

Nos anos 90, dentro de um contexto que inclui liberação sexual, alteração de modelos familiares, AIDS, drogas e formas novas de reprodução, as regras sociais acerca do comportamento sexual e da procriação não são rígidas. Entretanto, a despeito de sua heterogeneidade nos diferentes estratos sociais, verifica-se um "mal-estar" social diante da gravidez na adolescência.

O exercício da sexualidade e da reprodução inscrevem-se em contextos históricos e principalmente nas condições sociais que os sujeitos históricos possuem. A sexualidade (e a reprodução) do adolescente (e também do adulto) além de ser elemento da subjetividade, acontece dentro de um *modus* de contexto que a circunscreve, num interjogo de condições próprias do desenvolvimento bio-psíquico (no caso da adolescência, etapa biológica e psicológica) e de condições econômicas, sociais, históricas e culturais.

As dificuldades comuns aos setores mais pobres da população, independentemente da faixa etária da reprodução, são mais intensas e complexas quando a mãe (e às vezes o pai) é adolescente, visto que em nossa cultura espera-se que o cuidado e sustento dos filhos seja quase que exclusivamente uma tarefa dos pais. A gravidez em adolescentes pobres fica associada a prejuízos para o desenvolvimento da própria adolescente e também da sociedade, já que essa mãe adolescente, em geral, não poderá "manter" seu filho.

Existe um certo consenso social, de adultos e de especialistas, a respeito da avaliação negativa da gravidez em adolescentes pobres. A experiência de trabalho num serviço de pré-natal de adolescentes permitiu-me, entretanto, o contato com um ponto de vista diferente

sobre a questão da gravidez da adolescente - ponto de vista em geral pouco identificado e legitimado: o das próprias adolescentes grávidas.

Como psicóloga de um serviço público especializado em pré-natal de adolescentes (o PAIAG - Programa de Atenção Integral à Adolescente Gestante) em Santos (SP), pude observar por entrevistas psicológicas e trabalhos de grupo com adolescentes grávidas, que a visão que as próprias adolescentes apresentavam sobre suas vidas transformadas pela gravidez e maternidade nem sempre era negativa. Algumas vezes observei-as falando sobre si mesmas - "agora tenho mais cabeça", "agora não zôo tanto" - parecendo evocar um possível "ganho" advindo do seu estado.

Essa não era a avaliação observada nos familiares da adolescente, que em geral manifestavam surpresa, revolta, decepção e sentimentos de fracasso perante a gravidez da adolescente, se bem que em graus diferentes nos parentes mulheres ou homens⁴. Quando a adolescente vinha pela primeira vez ao PAIAG, a manifestação inicial dos acompanhantes adultos (mesmo vizinhos) sempre relacionava aquela gravidez com um erro e um problema.

A "escuta" (também no sentido psicanalítico) dessas adolescentes grávidas e mães - no PAIAG, nos retornos das consultas de pós-parto e em visitas posteriores que algumas nos faziam - levava-me ao questionamento não só do desejo (em geral não manifesto) de terem engravidado, mas também da relação daquelas gestações com suas vidas. Antes da gravidez, muitas já estavam fora da escola, muitas faziam uso de drogas (com ou sem dependência) e algumas diziam sentir-se muito sós. A gravidez não poderia ser percebida por elas como algo positivo e construtivo e não apenas como um fator de prejuízos?

Procurei então sistematizar algumas dessas minhas observações e indagações, propondo uma pesquisa a respeito da percepção dessas adolescentes, sobre si mesmas e sobre suas vidas, enquanto estavam grávidas e enquanto tinham o bebê ainda pequeno (menor de seis meses), numa fase em que aspectos biológicos, psíquicos e sociais sofrem grande alteração, constituindo-se quase como um "ciclo" em suas vidas - o da gravidez e dos primeiros meses do seu primeiro bebê.

A proposta do estudo foi então investigar nessas adolescentes, aspectos subjetivos e intersubjetivos específicos desse encontro de condições: primeira gravidez e maternidade de um bebê pequeno, adolescência e também contextos dos setores populares urbanos, visto que as adolescentes atendidas no PAIAG pertenciam aos segmentos mais pobres da população.

⁴ Pude perceber na maioria dos casos que a revolta inicial ia aos poucos se transformando em condições de maior aceitação, com a proximidade do parto, e principalmente após o nascimento do bebê, primeiramente com as parentes mulheres e depois com os homens da família. Em alguns casos, essa transformação era muito perceptível porque dava-se num período de tempo pequeno (semanas), apresentando um salto brusco do sentimento de ofensa e de revolta, para aceitação. Isso era mais observado nos casos de adolescentes grávidas que escondiam a gestação até meados do segundo trimestre.

Apoiado numa revisão de literatura a respeito de aspectos psicológicos da adolescência e de gravidez na adolescência, o presente estudo irá apresentar essa pesquisa, subdividida em dois módulos. O primeiro deles focalizará adolescentes grávidas, com utilização de questionários e de um teste psicológico de desenhos de auto-retrato. O segundo módulo da pesquisa vai investigar adolescentes mães, até cinco meses após o nascimento de seus bebês, fazendo uso de entrevistas em profundidade realizadas em três encontros, nas próprias residências das adolescentes.

Justificativa

A relevância atual do tema deste trabalho relaciona-se principalmente com o aumento significativo do número de casos de gravidez na adolescência, especialmente na população de baixa renda dos centros urbanos brasileiros.

Os dados estatísticos brasileiros de gravidez na adolescência, desde os anos 80 indicam que esse aumento é relevante já que as taxas brasileiras de nascimentos e de fecundidade (filhos por mulher) vêm diminuindo e os percentuais relativos à população de adolescentes vêm se mantendo estáveis ou aumentando, conforme a região⁵. O aumento do número de partos de adolescentes é maior em jovens com baixo nível de escolaridade. O estado de São Paulo, apesar de possuir taxas menores que de outras regiões brasileiras, também vem apresentado aumento significativo do número de gestações em adolescentes em centros urbanos.

Encontros nacionais e internacionais sobre saúde do adolescente atribuem custos sociais e pessoais advindos da gravidez na adolescência, principalmente nos segmentos desfavorecidos socialmente. Em 1984, a reunião da Organização das Nações Unidas - ONU (México) declarou que a elevada fecundidade influi negativamente na saúde das pessoas e das famílias. A Organização Panamericana de Saúde - OPAS admite em seus documentos que a gravidez na adolescência faz interromper ou finalizar processos educativos da mulher, reduzindo ainda mais suas possibilidades de desenvolvimento já socialmente limitadas. A Conferência do Cairo (1994) declarou como um dos seus objetivos a redução substancial da gravidez de adolescentes.

No Brasil, o Ministério da Saúde reconhece a gravidez na adolescência como um problema de saúde pública. O ministério possui um programa específico de saúde dos adolescentes (PROSAD) que norteia serviços de atendimento e acompanhamento em pré-natal e puerpério específicos, indicando necessidades e cuidados peculiares, médicos e psicossociais, a esse tipo de intervenção⁶. O conceito de gravidez de risco para a gravidez na adolescência deixou de focalizar especialmente o critério de risco clínico (Pinto e Silva & Pinotti, 1987; Ferreira, 1986) passando a admitir que os riscos da gravidez da adolescente relacionam-se com dificuldades econômicas, psicológicas e sociais, que devem ser consideradas para um atendimento de pré-natal adequado.

⁵ De acordo com dados do Sistema Único de Saúde (SUS) de 1996, o percentual de partos em adolescentes de 15 a 19 anos foi de 24,63%, sendo 30,62% na região Norte, 25,48% no Nordeste, 28,87% no Centro-Oeste, 22,615% no Sudeste e 22,46% na região Sul. Fonte SIM-SUS/FNS/MS.

⁶ Cf. UNICEF, OMS, UNESCO, FNUAP, **Medidas Vitais**: "A saúde das mulheres e das crianças pode melhorar significativamente se o intervalo entre os partos for de pelo menos dois anos, se as gestações forem evitadas até os 18 anos, e se forem limitadas a apenas quatro" (p. xvi); "por uma questão de saúde, nenhuma jovem deveria engravidar antes dos 18 anos" (p.4).

A partir de meados dos anos 80, pesquisas latino-americanas sobre a gravidez de adolescentes das camadas populares indicaram o quanto dos problemas da gravidez na adolescência estavam intrinsecamente relacionados com a condição social adversa, porque pobre (Alonso, 1986; Palma & Quilodrán, 1994; Caldiz et al., 1994). Estudos brasileiros sobre gravidez na adolescência voltados para vértices epidemiológicos e demográficos (Mathias, 1985; Wong & Melo, 1987), psicodinâmicos (Romera, 1985) e psicossociais (Menezes, 1993; Moreira et al., 1997) também relacionaram as questões sobre a gravidez na adolescência com o contexto de condições sócio-econômicas e culturais em que ela acontece.

Novas contribuições para ampliação de estudos sobre gravidez e maternidade de adolescentes pertencentes aos segmentos pobres justificam-se pelo reconhecimento de que se trata de um problema (social e de saúde pública) que vem apresentando expansão e perante o qual as propostas de intervenção são muito complexas porque demandam uma diversidade técnica e principalmente o esclarecimento de uma postura ética.

Revisão da Literatura

A seguir serão apresentadas algumas revisões bibliográficas sobre os temas da *adolescência* (principalmente numa perspectiva psicanalítica), *gravidez* (em algumas contribuições psicanalíticas sobre o tema) e *gravidez na adolescência* (focalizada especificamente em recentes trabalhos brasileiros e latino-americanos).

SOBRE ADOLESCÊNCIA:

Os primeiros estudos sistemáticos sobre a adolescência aconteceram nos EUA, com Stanley Hall, da Clark University. Os trabalhos de Hall, apresentados na obra "*Adolescence: its psychology and its relation to physiology, sociology, sex, crime, religion and education*", publicada em 1904, baseavam-se em inquéritos e questionários com adolescentes, um instrumental pouco conhecido então. Hall havia estudado na Europa, na escola de Wundt e Helmholtz, e trazia uma bagagem de rigor da experimentação. Dois de seus alunos, Burnham e Lancaster, já haviam publicado, antes da virada para o século XX, estudos sobre a adolescência, mas o livro de Hall, em três tomos, foi tido como o marco inicial dos estudos científicos sobre a adolescência.

Desde o seu surgimento, no final do século XIX, a Psicanálise propôs profundas alterações no entendimento da sexualidade, revelando a importância dos conflitos infantis para entendimento de neuroses e psicoses. O tema da adolescência, no entanto, não recebeu a princípio um destaque especial, o que para Aberastury pode ter sido consequência de um certo "tabu" nos estudos psicanalíticos a respeito da adolescência (Aberastury et al., 1988, p.12).

Freud não se dedicou especialmente ao estudo da adolescência. Encontramos algumas referências sobre puberdade em *A Interpretação dos Sonhos*, e também em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. O caso de Dora, que em 1898, com 16 anos chega pela primeira vez ao consultório de Freud, iniciando o tratamento dois anos após, pode ser um exemplo de trabalho psicanalítico nessa etapa de vida.

Na literatura psicanalítica, trabalhos de Anna Freud são considerados como introdutórios ao tema específico da adolescência. Em meados de 1930, em sua clássica monografia *O ego e os mecanismos de defesa* (Freud, A., 1990), Anna Freud já escrevera sobre a puberdade. Num estudo de 1958, dedicado especialmente à adolescência, Anna Freud cita uma revisão de literatura sobre esse tema feita por Leo Spiegel em 1951, no qual

já constavam mais de 40 referências bibliográficas sobre adolescência. Mesmo assim, nessa época ela ainda considerava o tema da adolescência como um "filho adotivo da psicanálise".

Segundo Anna Freud, é difícil discriminar o limite entre o normal e o patológico, durante a adolescência. A maioria das dificuldades e problemas apresentados pelo adolescente seriam normais perturbações do desenvolvimento. O equilíbrio precário alcançado no período de latência passa, nessa fase, a ser abandonado para permitir que a sexualidade adulta se integre à personalidade. Segundo Anna Freud, seria *normal* para o adolescente conduzir-se, durante algum tempo, de modo inconsciente e imprevisível, lutar contra seus impulsos e aceitá-los, amar e odiar seus pais, rebelar-se contra eles e depender deles,(..) (grifo nosso) (*apud* Knobel, Perestrello & Uchôa, 1981, p.1). O aumento das defesas, próprio da adolescência, ocorreria para lidar com as fantasias incestuosas incrementadas nessa fase. A adolescência seria um momento de muitas alterações: alteração da quantidade e qualidade dos impulsos (pré-genitais e genitais), alteração da organização do ego (lançando mão de repressões, formações reativas, identificações, projeções, e por vezes, intelectualizações e sublimação), alteração das relações objetais e alterações nos ideais e nas relações sociais.

Os trabalhos de Erik Erikson também são referidos como marcos para o estudo da adolescência, principalmente com respeito às questões da identidade do adolescente. Autor do termo "identidade" e da expressão "crise de identidade", Erikson dedicou-se ao estudo das etapas do desenvolvimento do homem (Erikson, 1976), atendo-se especialmente à juventude (Erikson, 1972). Segundo Erikson, há uma continuidade evolutiva para a formação da identidade. Num processo de "continuidade do eu", ocorre uma subordinação (e não somatória) de várias identificações feitas na infância, nos modelos encontrados na juventude e nas funções assumidas durante os primeiros anos da vida adulta. Esse autor enfatiza especialmente a juventude como etapa de desenvolvimento, considerando que a vida do indivíduo adulto seria grandemente determinada por aquilo ele viveu na juventude.

Para Erikson, a identidade teria sua crise normal na adolescência, com aspectos de confusão e difusão, crise de intimidade e distanciamento. As perturbações das noções de temporalidade são consideradas benignas e pertencentes à psicopatologia cotidiana do adolescente. O jovem teria dificuldade de discriminar presente, passado e futuro.

Erikson trata a adolescência como uma "moratória psicossocial" durante a qual o jovem, através de livre experimentação de papéis, pode encontrar seu lugar na sociedade. A moratória psicossocial seria uma fase na qual se permitiria um prazo para o adolescente crescer para depois assumir sua vida adulta. Não se trataria de uma espera, mas sim de uma tolerância, durante um tempo, por parte da sociedade.

Helene Deutsch foi outra psicanalista que se dedicou ao assunto da adolescência. Seu trabalho *Problemas Psicológicos da Adolescência* (Deutsch, 1974) coloca que o campo de batalha da luta do adolescente é encontrado no mundo interior de conflitos e na relação com o mundo exterior, próximo e remoto, que precisa ser estabilizado. O ego sente o impacto dos pesos instintivos, podendo perceber vitórias dos instintos contra o superego. Nas fases de desenvolvimento anteriores à adolescência, haveria um processo evolutivo com resoluções relativamente suaves, marcando um começo e um fim, com progressões. Na adolescência, ao contrário, apareceriam crises provocadas pela intensidade dos eventos psicológicos, que nessa etapa podem ser notados através de uma observação mais direta. Citando Erikson, Deutsch também comenta sobre uma crise de identidade, própria da adolescência, com rejeição ou reminiscências de identidades anteriores, com perturbação do ideal do ego e busca de novas identificações.

Ao lado da autodepreciação masoquista, Deutsch refere o aumento importante do narcisismo, na adolescência. Lidar com esse incremento narcísico será uma das tarefas principais da adolescência, já que o desfecho desse narcisismo (com alteração das relações de objeto) será um dos fatores mais importantes para se conseguir a maturidade. Deutsch trata a sublimação da sexualidade genital na adolescência como de extrema importância. Concordando com Freud, que considerava o adiamento da satisfação um elemento importante no processo de sublimação e portanto essencial ao desenvolvimento, essa psicanalista afirma que o desenvolvimento da ternura é conquistado através da sublimação da sexualidade genital, principalmente nas jovens (mulheres). Para Deutsch, da mesma forma que a gravidez e o climatério, a adolescência é também agente provocador de regressão, apesar de representar um progresso do desenvolvimento.

Estudiosa do tema da adolescência, Aberastury enfatizou o que Anna Freud já referira acerca dos lutos da adolescência pelos objetos do passado e a "normalidade" das perturbações da adolescência. Aberastury entende que o adolescente passa pela elaboração lenta e dolorosa de lutos, para desprender-se do mundo infantil e entrar no mundo adulto. O adolescente tem que se deparar com o luto pela perda do corpo infantil e pela fantasia de bissexualidade, o luto pela perda do papel e identidade infantil e pelos pais da infância. A elaboração desses lutos inclui a utilização de mecanismos psicopáticos, intelectualização e onipotência, próprios da adolescência (Aberastury et al., 1988).

Pertencente ao grupo de Aberastury, que na década de 60 dedicava-se especialmente aos estudos sobre a adolescência, em Buenos Aires, Knobel (1981, 1988) refere a adolescência como uma *síndrome normal*. Knobel destaca na adolescência: a busca de si mesmo e de identidade, a separação progressiva dos pais, a necessidade de intelectualizar e

fantasiar, a evolução sexual do auto-erotismo até a heterossexualidade (contatos exploratórios e preparatórios para a genitalidade procriadora), o ensimesmamento e/ou a tendência a agrupar-se e a possuir atitudes sociais reivindicatórias, as crises religiosas, as flutuações de ânimo e as condutas voltadas para a ação, com contradições sucessivas.

Além das dificuldades de diferenciar externo e interno, adulto e infantil, o adolescente tem, para Knobel (Knobel, Perestrello & Uchôa, 1981; Aberastury et al., 1988) muita dificuldade de distinguir presente-passado-futuro (uma normal distemporalidade).

Knobel entende a adolescência como uma fase evolutiva durante a qual o indivíduo estabelece sua identidade adulta, atingida através das seguintes elaborações: da internalização precoce dos objetos parentais e suas inter-relações, da verificação constante do ambiente social que o rodeia, do uso de dissociação, projeção, introjeção e discriminação permanentes, e de desestruturação e estruturação rápidas e constantes.

Para Knobel, não se pode dizer simplesmente que o adolescente busca uma identidade. Ele já a tem: a identidade adolescente. Características apontadas na *síndrome normal* são as características de *identidade* do adolescente, que permitem ao adolescente obter identidade adulta, como um novo período evolutivo (1981, p.8).

A identidade pode ser entendida como em formação desde as fases precoces de desenvolvimento. Conforme Simon, de acordo com a teoria kleiniana, a identidade forma-se desde o nascimento, através de um jogo relacional de projeções e introjeções que o recém-nascido estabelece com o ambiente (1994, p.12). Essas relações são a princípio muito fantásticas, mas com o desenvolvimento, vão se tornando gradativamente mais próximas da realidade externa. Se o ambiente for tolerante, seguro e fornecer gratificações, e a constituição instintiva for equilibrada, a identidade resultante se desenvolverá dentro dos padrões gerais da chamada normalidade. Se o ambiente for restritivo e muito frustrante, e/ou a constituição individual for dominada por impulsos destrutivos, a identidade apresentará distúrbios. Assim, através de um processo inconsciente que se realiza principalmente através das experiências afetivas, a identidade se forma e se modifica por toda a vida, pelo interjogo de introjeções e projeções, estabelecido entre o indivíduo com o mundo.

Numa contribuição sobre o estudo da adolescência com bases na teoria kleiniana, Meltzer (1979) refere que o adolescente passa por turbulentos e contínuos deslocamentos na experiência de identidade.

Para Meltzer, a experiência de identidade é complexa em sua estrutura e variada em sua qualidade, não existindo isoladamente, mas sim relacionada com o mundo dos objetos internos e externos. A identidade contém facetas caracterológicas e de imagem corporal, com

bases inconscientes de "identificação" e também pela experiência do "eu" (*self*). Ela é uma abstração de uma integração, altamente variável de indivíduo para indivíduo, de momento a momento.

Existem, para Meltzer, três tipos de experiência que trazem consigo o sentimento de identidade: a experiência de uma parte do eu (com sentimento de limitação, colorido pela solidão), de identificação com um objeto através de introjeção (com elemento de aspiração, colorido pela ansiedade e dúvidas sobre si mesmo) e de identificação com um objeto através de projeção (com um estado mental bastante próximo às idéias delirantes, em sua qualidade de ser único e completo) (1979, p.67).

Segundo Meltzer, "o distúrbio central da adolescência é o de uma confusão de identidade ligada à reemergência de severa divisão interna do eu, tão característica dos períodos pré-edípico e pré-genital do bebê e da criança pequena." (1979, p.73). O adolescente caminha dessa clivagem do eu para sua integração, de uma multidão de objetos parciais para uma família de objetos totais no mundo interno. As relações externas são necessariamente reguladas a partir desse modelo (p.65).

Na puberdade, quando há uma eclosão genital e uma ruptura de defesas obsessivas, surge uma falta de discriminação entre interno-externo, adulto-infantil, bom e mau, masculino e feminino. Uma certa ansiedade confusional é experimentada pelo adolescente, em relação a seu corpo, não podendo diferenciar seu estado adolescente das fantasias infantis sobre adultos, quando se masturbam.

Meltzer não limita seu pensamento a respeito da adolescência a um vértice cronológico, mas sim como uma organização do desenvolvimento que "provavelmente persistirá até ser abandonada por causa ou de progresso ou de regressão", estados nem sempre acessíveis à observação direta, mas que podem se tornar aparentes no trabalho psicanalítico (1979, p.73).

Incluindo também a contribuição de Piaget, Leão (1987, p.166-167) resumiu os pontos convergentes e essenciais das teorias da adolescência de base psicanalítica. O resumo da autora será a seguir apresentado na íntegra porque parece-nos uma interessante síntese da teoria psicanalítica acerca da adolescência.

a) A adolescência é uma fase transicional entre a infância e a idade adulta, começando na puberdade, e afetada por mudanças biológicas e fisiológicas que resultam da maturação biológica.

b) Com a reativação do Complexo de Édipo, a

adolescência recapitula as vicissitudes do desenvolvimento infantis e seus distúrbios.

c) Durante a adolescência prevalece a ação (*acting out*) sobre a verbalização.

d) A adolescência implica um aumento da libido narcísica.

e) A adolescência se caracteriza por um desligamento da libido dos pais para a catexia de novos objetos.

f) A formação de pares grupais é da maior importância durante esse desligamento libidinal e re-catexia de objetos.

g) Esse processo de transformação inclui a desorganização e reorganização da personalidade que sujeita as estruturas psíquicas (o self) a uma pressão considerável, que envolve um desligamento dos vínculos objetivos arcaicos a velhas identificações em favor de novas identificações com novos objetos ou ideais.

h) A adolescência inclui o luto pelos objetos do passado, assim como a própria infância.

i) A adolescência também implica o desenvolvimento cognitivo, que permite a mudança de operações concretas para operações formais, cuja realização depende do meio-ambiente facilitante.

A dimensão social para o pensamento sobre a adolescência ganhou importância desde os clássicos estudos antropológicos de Malinowski (1986), Benedict (sd) e M. Mead (1979). Muitos dos trabalhos atuais sobre a adolescência, especialmente os da área psicológica, destacam a relevância e a diversidade dos contextos econômico, social, histórico e cultural que o adolescente está inserido.

Estudioso de jovens brasileiros, Costa (1996) afirma que "a juventude não pode ser definida por si mesma". Ela é um fenômeno multidimensional e "deve ser considerada a partir de sua significação específica nos diversos contextos da vida social: gerações, educação, trabalho, participação/exclusão, consumo, comunicação e outros." (p.10).

Costa destaca que nos anos 80 e 90, em pleno advento da pós-modernidade, emerge uma face mais visível de um fenômeno de final de século e milênio – a emergência de uma *adolescência globalizada*. Citando Peter Schwartz, comenta que mesmo levando em conta epidemias e catástrofes, há uma previsão de que os adolescentes no mundo serão mais de 2 bilhões no ano 2001, entretanto a parcela dos adolescentes globais do primeiro mundo será minúscula, já que todos esses adolescentes já nasceram e a maioria está na Ásia e América Latina (p.20) ⁷. Um aspecto peculiar desse cenário demográfico e socio-cultural é que esses adolescentes (mesmo nos países pobres) estarão mais interligados pelos meios de comunicação do que qualquer outra geração precedente, o que provavelmente acarretará um impacto comportamental amplo, diversificado e complexo.

Refletindo especificamente sobre os jovens oriundos das periferias das grandes cidades (que ele chama de *juventude popular urbana*), Costa observa que eles possuem condições peculiares de desenvolvimento físico, psíquico e social, e que subsistem em situação de privação em relação a bens e serviços (como habitação, alimentação, educação, emprego, saúde, transporte e lazer). Seu processo de socialização é, por isso, bastante diferente dos jovens das camadas médias e altas.

As características dessa *juventude popular urbana*, segundo Costa, são: ingresso precoce no mercado de trabalho, relação conflitiva com a educação formal, vivência de todo tipo de privação, proximidade de situações de risco e condutas divergentes, reduzida capacidade competitiva com jovens de outros setores, constituição mais precoce de família e dificuldade em obter moradia própria. Da fração mais frágil e vulnerável (limite inferior) desse segmento saíam os adolescentes de rua, os jovens infratores e as meninas prostituídas.

⁷ De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP), 95% do crescimento populacional ocorrem nos países subdesenvolvidos, especialmente na África, Ásia e América Latina, Cf. comentários sobre publicação da ONU sobre a Situação da População Mundial, de 1992. **Dignitas Salutis**, nº 6, p.26-29.

SOBRE GRAVIDEZ:

Breves considerações acerca da sexualidade feminina, feitas por Freud e M. Klein, serão colocadas antecedendo algumas reflexões psicanalíticas sobre a gravidez.

Com respeito ao estudo da feminilidade, os escritos de Freud foram bastante criticados. A famosa observação freudiana de que a mulher era um continente inexplorado, e a muito citada frase "*o que quer a mulher?*" podem ilustrar algumas posições de Freud sobre o tema⁸.

No trabalho *Algumas conseqüências psicológicas da diferença anatômica entre os sexos* (Freud, 1925), quando afirma que *a anatomia é o destino*⁹, Freud abandona sua forma anterior de tratar o desenvolvimento sexual dos meninos e meninas (como seguindo uma evolução paralela), e trata pela primeira vez a *diferença* existente na história psicosexual do menino e da menina, nas situações edípicas e pré-edípicas. Ele estabelece então o desenvolvimento do complexo de Édipo das meninas, diferente do dos meninos, tratando do complexo de castração e afirmando a bissexualidade psicológica em ambos os sexos. A menina, diferentemente do menino, ingressará no complexo edípico pela desilusão experimentada com a mãe. A castração exercerá então *antes* o seu efeito. Uma vez que a mulher tenha aceitado sua ferida narcísica (inveja fálica), será desenvolvida nela, de certo modo, como uma cicatriz, um sentimento de inferioridade. Nesse trabalho de 1925, Freud fará a polêmica afirmação da diferença entre os superegos do homem e da mulher¹⁰. Para ele, o superego ascende ao ego pelo medo da castração; como a mulher não tem o perigo dessa castração, não aceita rigidamente as imposições do superego. Entretanto a mulher, mais complacentemente, também obedecerá ao superego pelo perigo de perder o amor do pai.

Em 1932, Melanie Klein publicou o seu famoso texto *Os efeitos das primeiras situações da angústia sobre o desenvolvimento da menina*, no qual vinha trabalhando desde 1926, quando emigrou para a Inglaterra. Esse trabalho de Klein, transição da teoria da libido (Freud) para sua teoria objetal, aponta aspectos do desenvolvimento inicial das posições

⁸ Peter Gay cita uma correspondência de Freud a Ernest Jones, de 1928, dizendo: "tudo o que sabemos do *desenvolvimento inicial* feminino parece-me insatisfatório e incerto". P.Gay, **Freud**: uma vida para nosso tempo, p.455.

⁹ Segundo P.Gay, op. cit., Freud estava parafraseando um famoso dito de Napoleão sobre a política. p.467.

¹⁰ *Superego – uma das instâncias da personalidade tal como Freud a descreveu no quadro de sua segunda teoria do aparelho psíquico: o seu papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao ego. Freud vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideais, funções do superego.* In: J.Laplanche, J.-B.Pontalis, **Vocabulário da Psicanálise**, p. 643.

masculinas e femininas da mulher, nas suas relações com o seio (e o desmame). Klein discordará do conceito freudiano sobre o superego das mulheres. Para ela, ao contrário da afirmação de Freud a esse respeito, o superego feminino será mais rígido, porque baseado nos ataques sádicos próprios à fase inicial do desenvolvimento da menina. A sublimação e o apego a atividades construtivas na mulher, representam uma forma de reparar os estragos que a menina fez, em fantasia, ao corpo da mãe¹¹.

Melanie Klein considerava que a menina pequena deseja consciente e inconscientemente ter bebês que, em termos de fantasia, estão colocados no corpo da mãe pelo pênis do pai (Klein & Riviere, 1975).

Em 1925, Deutsch (referida por Peter Gay como seguidora leal de Freud) publicara um trabalho sobre o tema da psicologia do feminino (Deutsch, 1960), no qual afirmava que desde cedo a menina era mais biologicamente passiva/receptiva e o menino ativo/penetrante¹². Esse trabalho, citado no texto freudiano também de 1925, apresenta uma prescrição para o desenvolvimento da feminilidade normal, e foi considerado por Sklar (1990) como de moralidade normativa.

Em seu estudo sobre adolescência, Deutsch (1974) referia a importância da sublimação da sexualidade genital para o desenvolvimento da ternura. Deutsch apontava consequências negativas das relações sexuais na adolescência, referindo-se especialmente aos danos causados às mulheres, como a desvalorização inconsciente das "garotas sexualmente abordáveis", também comentando sobre o desapontamento reativo provocado por essas relações sexuais, citando o dito "*post coitum triste est*". Deutsch fará nesse trabalho algumas poucas referências à gravidez na adolescência (numa nota de rodapé) e também citará a expressão "maternidade ilegítima", como fruto da precocidade das relações sexuais.

Como Deutsch, outros autores revelaram uma posição contrária à iniciação sexual das mulheres na adolescência. Origlia e Ouillon (1964), por exemplo, focalizaram consequências negativas do relacionamento sexual precoce, referindo danos para as mulheres

¹¹ "Durante as décadas de 20 e 30, quando havia muitos e estridentes debates a respeito da psicologia das mulheres nos círculos psicanalíticos (..) liderados por Karen Horney (..), Klein estava ansiosa por demonstrar que a análise de crianças podia responder o problema (..). Demonstrou a importância da agressividade das meninhas na construção de situações fantasiosas, temíveis e persecutórias que acarretavam incursões no corpo da mãe em busca de seus bebês, do pênis do pai, e também para estragar-lhe criatividade." Cf. R.D.Hinshelwood, **Dicionário do Pensamento Kleiniano**, p.336.

¹² Em "*Sobre la sexualidad femenina*" (1931), reafirmando a bissexualidade, Freud desaconselha fazer coincidir masculinidade com atividade e feminilidade com passividade. A feminilidade se caracteriza, segundo ele, pela predileção por metas passivas mas isso não é idêntico à passividade, podendo ser necessária uma grande dose de atividade para alcançar a meta passiva. Citado por L.A.M.Bastos, Maternidade: Reprodução ou Pró-Criação?, **Rev. Brasileira de Psicanálise**, v.30, n.2, p.921.

adultas que se iniciaram precocemente na vida sexual. Isso provocaria sentimentos de culpabilidade e também de atribuição de responsabilidade aos parceiros. Assim, pela iniciação sexual precoce, as adolescentes poderiam desenvolver ódio, hostilidade e repulsão pelos homens e esses sentimentos poderiam ser duradouros. No entanto, eles não questionam os critérios para a adequação da iniciação sexual - se cronológico (relacionado à fase de desenvolvimento, biológico e psicológico) ou social (com a atribuição de legitimidade nas relações sexuais, a partir do casamento, por exemplo).

Contribuições psicanalíticas específicas da psicologia da gravidez encontram-se nos trabalhos de duas autoras seguidoras dos pressupostos teóricos kleinianos, Langer (1978) e Soifer (1977).

Em seus estudos sobre a gravidez, Langer, psicanalista austríaca radicada na Argentina, acrescentou à base teórica freudiana e kleiniana, referências de Margaret Mead, Deutsch e Horney. Para Langer, toda a gestação, seja desejada ou não, produz uma situação de conflito, maior ou menor, entre uma tendência maternal e outra de rejeição. O fato da mulher engravidar e levar a termo a gestação indica que houve um predomínio dos processos de aceitação sobre os de rejeição. As experiências da gravidez e do parto dependem em grande parte da relação primitiva existente entre a grávida e sua própria mãe, pois ocorre, em fantasia, uma repetição da situação infantil dessa relação.

Para Langer, existem raízes conscientes e inconscientes que levam uma mulher a desejar um filho. Sua motivação inconsciente pode ser o desejo de recuperação da própria mãe, permitindo a identificação com ela, ou até a rivalidade com ela, através do desejo de presentear o pai com um bebê. Causas conscientes para a gravidez poderiam ser: desejo de reviver a própria infância através do filho, dar ao filho o que ela não teve, rivalidade com outras mulheres, reter o marido ou outros motivos do momento.

A mulher grávida faz uma dupla identificação: uma com o feto (revivendo sua própria vida intra-uterina e projetando seus desejos da primeira infância de comer a mãe) e outra com a sua mãe (em que o feto a representa e também a seu superego, revivendo sua ambivalência com a mesma). Também o feto pode representar algo roubado da mãe. Devido aos sentimentos de inveja perante a capacidade criativa da mãe e das fantasias precoces de tê-la despojado de conteúdos valiosos do seu corpo, a mulher grávida pode temer inconscientemente a vingança da mãe, e o feto pode ser experimentado como algo angustiante que ela traz dentro de si. Essas fantasias seriam causadoras de muita angústia e poderiam trazer vários transtornos somáticos. Langer comenta principalmente os transtornos orais (como vômitos e tosse) e os anais (como constipação e diarreia).

Langer lembra que as sociedades ocidentais tendem a encarar todas as funções femininas como algo doloroso e cheio de perigos. Ela afirma que, embora não haja gravidez isenta de angústia e conflito, pela grande conquista que implica, em geral ela pode ser acompanhada de grandes sentimentos de felicidade: a mulher grávida pode identificar-se também com seu ideal de mãe e com seu filho protegido por ela. Afirma que a maternidade é a suprema forma de realização da mulher, e que o instinto maternal não satisfeito, mesmo que sublimado, geraria insatisfação sexual.

Langer afirma que fatores econômicos e sociais adversos, podem prejudicar a gravidez. Comenta que uma situação econômica difícil pode já ter provocado distúrbios na infância da mulher, roubando-lhe segurança afetiva que uma criança tanto necessita.

Soifer¹³ baseia teoricamente seu trabalho nos pressupostos de Klein e de Langer, e comenta sobre os conflitos da mulher presentes nas etapas de desenvolvimento da gravidez. Ela aponta como momentos específicos de incremento de ansiedade durante a gravidez: as situações iniciais, a formação da placenta (2º e 3º meses), a percepção dos movimentos fetais e a franca instalação desses movimentos (de 3 meses e meio aos 5 meses), a rotação interna (6 meses e meio em diante), o nono mês e os dias que antecedem ao parto. Para esses diversos momentos, Soifer apresenta hipóteses de diferentes situações psicológicas específicas.

Além de comentar aspectos mais patológicos presentes na gravidez, Soifer enfocará alguns estados psíquicos próprios da mulher grávida como a regressão, a introspecção e o ensimesmamento. Como Langer, também Soifer baseará grande parte de suas considerações sobre a gravidez, o parto e o puerpério nas relações conscientes e inconscientes que a grávida teve com seus pais, principalmente na primeira infância.

¹³ Outras contribuições dessa autora serão retomadas no capítulo **Os desenhos de auto-retrato** (segundo estudo do **Módulo I** da presente pesquisa).

SOBRE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA:

Estudando o discurso da saúde pública sobre a adolescente grávida, Reis (1993) comenta que a preocupação com a gravidez e a maternidade de adolescentes, no campo de proposições de saúde, é recente, porque provavelmente relaciona-se com a própria "invenção da adolescência", acontecida no beiral do século XX. No passado, o Ocidente aceitava e tolerava perfeitamente a idéia da maternidade precoce, que nem sempre era um padrão estável nas formas de reprodução - "...não havia propriamente condenação moral, nem se manifestavam preocupações centradas sobre a inadequação de uma garota jovem estar grávida." (p.3).

O tema da gravidez na adolescência passou a despertar interesse, inicialmente sob a perspectiva de aspectos obstétricos e pediátricos. A partir dos anos 60 e 70, o enfoque multidisciplinar (incluindo preocupações psicológicas, pedagógicas e sociais) ganhou expressão nessa temática, ao lado da busca de medidas pragmáticas de intervenção (Reis, 1993, p.145)

Recentes trabalhos brasileiros e latino-americanos, na linha psicológica e psicossocial, investigaram adolescentes pobres que engravidam. Dentre esses, destacaremos a seguir algumas contribuições diretamente relacionadas com a proposta do presente estudo.

Romera (1985) realizou em seu estudo, a montagem de 16 histórias de vida de adolescentes (menores de 18 anos e pertencentes a estratos econômicos baixos) a partir de entrevistas com roteiro feitas numa maternidade de um hospital-escola em Uberlândia (MG), de 24 a 40 horas após o parto. Romera também realizou observação em uma visita domiciliar à adolescente mãe, aproximadamente um mês após o parto.

O enfoque teórico da pesquisadora foi psicodinâmico, utilizando referências de Freud, Klein, Aberastury, Knobel, Langer, Soifer e Maldonado¹⁴. Romera estudou nessas adolescentes, a inserção no mundo, a sexualidade, a gravidez, parto, puerpério e maternidade - seus sentimentos referentes a esses episódios vitais. A pesquisadora salientou a importância do contexto social em que a adolescente está inserida e suas implicações inerentes à maneira de ver o mundo.

Para a autora, a gravidez precoce constitui-se uma forma defensiva de lidar com questões adversas do mundo interno e externo. Seriam determinantes da gravidez na adolescência os pontos de fixação pré-edipiana (forte apego à mãe), as dificuldades nas

¹⁴ Maldonado é autora brasileira que se dedicou especialmente ao estudo psicológico da gravidez, parto e puerpério (Maldonado, 1976, 1982).

identificações sexuais pela estrutura familiar desequilibrada e a necessidade de reconhecimento da sociedade.

Romera aponta conseqüências "nefastas" para a relação mãe-jovem com o bebê, propiciando o aparecimento de focos patogênicos que poderão se refletir na saúde física e mental de ambos (p.vii).

Também com referencial psicanalítico, Aguirre (1995) realizou uma pesquisa sobre aspectos psicodinâmicos de adolescentes grávidas que freqüentavam pré-natal em três hospitais públicos da cidade de São Paulo. A autora enfocou como as adolescentes vivenciavam a gravidez, buscando identificar as motivações inconscientes e os recursos internos para lidar com tal situação. Aguirre verificou que na maioria dos 40 casos pesquisados, a gestação era vivida com intensa angústia e com poderosos bloqueios afetivos. A ocorrência da gravidez pode ser fruto de conflitos inconscientes próprios da adolescência, dentro de algumas condições familiares, como por exemplo pai ausente e mãe ambivalente. A pesquisadora coloca que, na maior parte dos casos estudados, a jovem gestante¹⁵ não tem maturidade psíquica para o estabelecimento de um relacionamento de casal e provavelmente também terá dificuldades para estabelecer um vínculo saudável com o bebê (criança real, fruto da relação com o parceiro, e não extensão de si). Aguirre refere uma problemática de identidade da adolescente ligada ao relacionamento com a mãe (ambivalência ou simbiose).

A caracterização das gestantes estudadas por Aguirre indica que quase todas pertenciam à classe socio-econômica baixa; somente uma jovem pertencia à classe média. Esse trabalho de Aguirre não vai se referir propriamente às questões sociais decorrentes dessa característica do grupo pesquisado, apresentando-se como uma contribuição mais específica da área clínica. A autora, no entanto, também apresenta reflexões e sugestões sobre questões institucionais próprias ao problema (assistência hospitalar, equipe multidisciplinar), recomendando o acompanhamento psicológico para a adolescente gestante, também estendido a sua família e a seu parceiro.

Autores com experiência de trabalho com classe social mais desfavorecida, Silva e Sarmiento (1988), consideram a adolescência, a gravidez e a menopausa como fases do ciclo vital da mulher vivenciadas como momentos de crise bem definidos, com mudanças biológicas, psicossociais e modificações na identidade. A gravidez na adolescência seria duplamente crítica - à crise da adolescência soma-se a crise da gravidez. Entretanto esses autores discutem e questionam as crenças de que a adolescente não estaria apta

¹⁵ O termo "gestante", sinônimo de "grávida", é utilizado principalmente por técnicos de serviços de saúde. No presente trabalho serão utilizados ambos os termos: grávida(s) e gestante(s).

emocionalmente para enfrentar a gravidez, o parto e o processo de criação de um filho e de que a gravidez na adolescente acontece inesperadamente acarretando uma série de episódios negativos para o seu desenvolvimento (como rejeição familiar, restrições sociais e econômicas). Silva e Sarmiento comentam a frequência pequena de abortos provocados e a raridade da interrupção dos estudos em consequência da gravidez. A adolescente já teria deixado de estudar muitos anos antes, por outros motivos.

Menezes (1993) pesquisou como se inseria a gravidez no projeto de vida da adolescente de baixa renda, estudando principalmente adolescentes grávidas inscritas em atendimento pré-natal de um serviço público de saúde de Fortaleza (Ceará). A pesquisadora considera que o fenômeno da gravidez entre adolescentes das camadas populares não pode ser compreendido independentemente das determinações econômicas e sócio-culturais, devendo ser examinado a partir da heterogeneidade dos valores dos diferentes segmentos sociais. A autora cita Madeira (1986) e Palma (1992) como pesquisadoras que refletem sobre os grandes prejuízos da gravidez para a adolescente pobre, relacionando-os com fatores de manutenção e reprodução da pobreza, persistência dos padrões culturais de maternidade precoce e graves efeitos sobre seu desenvolvimento pessoal e social.

Menezes aponta como causas para a incidência da gravidez adolescente a persistência de padrões tradicionais de maternidade precoce, a liberação sexual, a influência dos meios de comunicação, além da ausência de informações sobre sexualidade e reprodução. A gravidez é vista como estratégia de inserção no mundo adulto. Também a ideologia da maternidade e as carências emocionais são fatores apontados como possíveis razões para a gravidez entre adolescentes pobres. Menezes discute o conceito de precocidade da gravidez e comenta dados demográficos brasileiros. Uma importante conclusão de seu trabalho é que a gravidez para muitas dessas adolescentes não é um impedimento para seus projetos de vida, constituindo-se, ao contrário, parte desse projeto, que inclui casar e ter filhos. O estudo de Menezes destaca as inúmeras problemáticas vividas pelas adolescentes grávidas das camadas populares, especialmente quanto ao processo de exclusão como adolescentes, mulheres, pobres e grávidas - discriminações de gênero, idade e classe social (p.195).

Palma e Quilodrán (1994) realizaram no Chile uma pesquisa qualitativa sobre a maneira como as adolescentes grávidas, dos segmentos populares da Grande Santiago respondiam a esta situação de gravidez em suas vidas. As autoras investigaram em que consiste cada uma das respostas possíveis à gravidez adolescente: casamento, união consensual, maternidade solteira, adoção ou aborto, e quais seus efeitos sobre as

adolescentes que as adotam. Estudaram também o significado dessa experiência de gravidez para os projetos de vida das adolescentes.

Para essas pesquisadoras, a gravidez limita gravemente as possibilidades pessoais e sociais, tanto das jovens quanto de seus filhos e filhas. Citando Klein (1978), comentam a "síndrome do fracasso", como o conjunto de efeitos que a aspectos da gravidez *indesejada* (grifo meu) produz nas diferentes esferas da vida das adolescentes, principalmente das mais jovens. Dentre esses efeitos encontram-se: a impossibilidade de completar as funções da adolescência, o abandono da atividade escolar por vergonha ou proibição, a grande dificuldade para rearticular a vida sexual e limitar sua fecundidade, a impossibilidade de estabelecer uma família ou realizar uma vocação, além da impossibilidade de atender às necessidades próprias e às da criança, assegurando-lhe o alcance pleno de seu potencial vital.

Palma e Quilodrán concluem em seu trabalho que as adolescentes investigadas apresentam certas semelhanças discursivas, considerando que elas partilham certas vivências assim como partilham os códigos com que as enunciam. As pesquisadoras afirmam que os discursos sobre o significado da gravidez e suas conseqüências adquirem sentido, em relação à posição das adolescentes na ordem social, ou seja, "no conjunto de relações, valores, expectativas, meios e fins que a sociedade prescreve para os diferentes grupos que a compõem" (p. 19). A gravidez é fruto de relações sexuais precoces que, nas prescrições da ordem social e na perspectiva da ordem formal, implica rupturas e transgressões. Essas relações só se tornam visíveis e reais pelo surgimento da gravidez. Antes elas operam no nível da suspeita, da prevenção genérica e ambígua. Será nesse contexto que ocorrerá a aparente "inconsciência" das adolescentes, de seus pais e parceiros, quanto à possibilidade e realidade da gravidez.

Para Palma e Quilodrán, a gravidez apresenta-se como algo imprevisto e imprevisível, para as adolescentes e para as pessoas de suas relações imediatas. Por isso é uma experiência que inaugura mudanças, provocando uma situação que exige opções também imprevistas e com significado de mudança drástica (para a própria jovem): não se estava preparada para isso e foi necessário "resolver", "da melhor maneira possível" (p.19). Indagando os significados dessa percepção de mudança, as autoras encontram um sentido global que se expressa em todas as esferas da vida: afetiva, psíquica, física, social, nas relações imediatas e nas atitudes frente a diferentes aspectos da vida cotidiana. Essa mudança "surpreendente" trazida pela gravidez acarreta inevitavelmente uma tomada de consciência do presente, do passado e do futuro. A gravidez aparece como geradora de uma *situação-limite*, modificando as biografias (num *antes* e *depois*), levando as jovens ao momento inaugural de terem que "encarregar-se de si próprias" (p.20).

O que mais aparece no discurso grupal das adolescentes, segundo Palma e Quilodrán, é a sensação de ter transgredido uma norma, a confiança dos pais, uma visão própria de si mesma, ou de terem traído o afeto dos outros. O significado de ser mãe adolescente vai possuir distinções nos casos das mães solteiras, casadas ou em união consensual. As autoras também consideram os significados da gravidez para os projetos de vida daquelas adolescentes que optaram pelo aborto ou doação do bebê para adoção.

Palma e Quilodrán consideram que o projeto de vida "orienta-se basicamente para a sobrevivência da adolescente como vida, isto é, como uma totalidade objetiva que tende a sua própria preservação, nas melhores condições possíveis" (p.41). Defrontada com a gravidez, a adolescente prescindirá de avaliações objetivas de suas reais possibilidades de realizar tal ou qual projeto de vida. As pesquisadoras concluem que "dentro da configuração social e cultural dos estratos populares da sociedade chilena, todas as respostas possíveis à gravidez na adolescência aparecem como precárias e discriminatórias" e que "qualquer uma implica, para a adolescente, obstáculos e desafios só superáveis à custa de grandes sacrifícios, renúncias e esforço pessoal" (p. 43).

Caldiz et al. (1994) estudaram em setores pobres de San Carlos de Bariloche, na Argentina, os fatores que concorrem para a agudização do problema da maternidade adolescente neste local (taxa de nascidos vivos de mães adolescentes de 18,7%, enquanto que esse índice na capital do país era de 5,3%). A pesquisa se propôs a estabelecer a hierarquia dos fatores que concorrem para a fecundidade adolescente, apontando novas linhas de análise na problemática da maternidade adolescente (a partir de um enfoque interdisciplinar), além de elaborar uma proposta metodológica para a abordagem da questão.

Quanto à causalidade da maternidade adolescente, esses autores estabeleceram uma série de fatores concatenados: as políticas populacionais, a situação sócio- econômica e cultural, as estruturas familiares, a baixa auto-estima e os estereótipos de gênero. Também comentaram fatores frequentemente assinalados em outros estudos sobre essa questão, como a iniciação sexual precoce, a falta de acesso à informação sobre sexualidade e reprodução, o desconhecimento da anticoncepção, o adiantamento da menarca e a ausência de projetos e sucessos pessoais com os quais a maternidade pudesse interferir.

Apesar de entenderem que a desinformação tem papel fundamental nos casos de gravidez na adolescência, Caldiz et al. acreditam que exista uma ordem de causas mais profundas vinculadas, por um lado, à história pessoal e familiar e, por outro, ao meio sócio-econômico e cultural. Consideram que o fator decisivo da maternidade adolescente encontra-se na estrutura, organização e história familiar.

Esses pesquisadores perceberam uma urgência, consciente ou não, de abandonar a infância e passar rapidamente à vida adulta: "o ciclo vital acelera-se devido à desproteção infantil, freqüentes maus-tratos e responsabilidades precoces. A gravidez aparece como estratégia para deixar de ser menina, reformular a situação familiar e melhorar a auto-estima, numa busca de compensar e redimir carências afetivas" (p.74). Essa estratégia não deve ser entendida como produto de uma decisão, ou de decisões claras e premeditadas, até porque as condições de socialização levam essas jovens à autopercepção desvalorizada, dificultando o contato com os próprios desejos e projetos.

Na gravidez da adolescente pobre, mais que a idade das mães, devem ser considerados os fatores socio-econômicos envolvidos, que caracterizam *risco social*, ligado às condições de pobreza. As condições de sub-alimentação, a falta de higiene e de serviços sanitários adequados, as condições de isolamento, o abandono dos estudos e as frustrações de outras realizações - todas essas condições são, para os pesquisadores, basicamente *antecedentes* e não *consequências* da maternidade. A chegada do bebê é claro, dificultará ainda mais essas condições de vida, reduzindo as possibilidades de melhorá-las.

De forma geral, as investigações citadas alinham-se com o ponto de vista de que o evento da gravidez é vivido de forma bastante diferente por adolescentes nos vários segmentos da população (Campos & Moraes, 1986). O fato de uma adolescente conceber também se diferencia pelas condições de acesso às informações básicas necessárias para a adoção de condutas cuidadosas e/ou preventivas de gestações não planejadas, pelo custo dos anticoncepcionais eficazes e pela possibilidade de acesso às intervenções médicas (Pantelides & Cerrutti, 1992).

Problema

O presente estudo apresenta como problema, a seguinte pergunta: *como adolescentes atendidas num serviço público de pré-natal e maternidade percebiam-se e percebiam suas vidas, a partir da experiência da gravidez?*

Objetivos

O objetivo principal do estudo foi investigar como adolescentes grávidas e mães até cinco meses após o parto, que usaram serviço público de saúde para realização do pré-natal e para o parto, percebiam-se e percebiam suas vidas a partir das experiências da gravidez.

Esse objetivo foi detalhado pela investigação de perfis psicossociais de gestantes e mães adolescentes, destacando: suas histórias de vida, as histórias das gestações, as alterações no sentido de pertinência nos núcleos familiares, as intercorrências perante suas famílias de origem, as visões e expectativas sobre o pai do bebê, as possibilidades de desenvolvimento de novos papéis, as alterações na identidade e suas auto-imagens

Hipóteses

Para as adolescentes de setores populares urbanos, a gravidez pode ser entendida como um salto positivo para seu desenvolvimento pessoal, não sendo percebida como prenúncio de fracasso pessoal e social.

Para essas adolescentes, a gravidez é usada como instrumento de articulação perante os mecanismos de inserção/exclusão sociais, nas relações de gênero e com o mundo adulto.

Nessas adolescentes, a gravidez representa uma busca de melhora na inserção social (expectativa da oportunidade de pertinência menos conflitiva num novo grupo familiar).

Para essas adolescentes, a gravidez configura-se como uma oportunidade de escape de processos auto-destrutivos (como uso e/ou dependência de drogas).

A maternidade, para essas adolescentes, é avaliada inicialmente de forma mais positiva do que pelos grupos sociais de adultos onde está inserida (família, escola, comunidade).

MÉTODO

Considerações iniciais

Alguns autores apontam a dificuldade da comunicação dos adolescentes (Pessanha, 1996), relacionando-a com características próprias a essa fase de desenvolvimento. O predomínio da ação sobre a verbalização, a separação psíquica das figuras parentais infantis, a ruptura de laços infantis com a família, o confronto com os adultos, o isolamento e o advento de uma relação intensa com os pares, com terminologia própria na linguagem, o refúgio na comunidade de adolescentes (Meltzer *apud* Levy, 1996) - são vicissitudes dessa fase que dificultam não só a interação porém, mais especificamente a comunicação entre adultos e jovens - fator importante numa pesquisa.

Os estudos com adolescentes podem ser sobremaneira prejudicados pela característica do incremento da ansiedade paranoide e conseqüente aumento dos mecanismos defensivos, segundo uma leitura psicanalítica da adolescência. A condição de perceber-se avaliado ou observado, ocorrente numa situação de pesquisa pode incrementar fortemente as defesas.

Nas pesquisas científicas no campo da sexualidade do adolescente, há também a influência de aspectos morais próprios da repressão sexual da cultura, que favorecem movimentos defensivos.

Os problemas metodológicos de pesquisas com adolescentes podem ser maiores quando a gestação estiver associada à condição adolescente envolvendo aspectos morais da "precocidade" da vida sexual reprodutiva. Autoras de estudos sobre a gravidez, como Langer (1978) e Soifer (1977), a caracterizam como uma experiência onde a regressão encontra-se presente, ocorrendo muitos estados introspectivos, ensimesmamentos e tendência ao isolamento. As grávidas não revelam seu íntimo, dificilmente dando-se conta de suas experiências psíquicas mais profundas, conseqüência da intensificação da introspecção nesses período.

A maioria dos estudos sobre gravidez, nos EUA e Europa, das décadas de sessenta e setenta, utilizou-se de escalas, questionários e revisão de prontuários médicos. Esses modelos metodológicos foram criticados porque não permitiam o aprofundamento das questões relacionadas à gravidez (Miljkovitch, 1977 *apud* Herzberg, 1986). No entanto, conforme comenta Herzberg (1986), muitos pesquisadores brasileiros optaram pelo uso de

técnicas projetivas para estudos em profundidade sobre a gravidez, como LoBianco e Garcia (1974), Tsu (1980), Bonato (1981), Savastano (1981), Bracco e Minarbo (1982) e Grant (1984).

Recentes estudos brasileiros e latino-americanos com adolescentes grávidas (já referidos anteriormente) utilizaram-se também de *entrevistas em profundidade* ou do *método de história de vida* (Menezes, 1993; Palma & Quilodrán, 1994; Caldiz et al., 1994), além de coleta através de *discussões em grupo*.

O estudo de Caldiz et al. (1994), com adolescentes argentinas grávidas, além de utilizar 100 *questionários com perguntas fechadas* e 15 *entrevistas semi-estruturadas*, fez uso de 5 *entrevistas em profundidade*. Essas últimas foram realizadas nas próprias casas das jovens, para melhor observar suas condições de vida, interação dentro do grupo doméstico e também com as instituições locais.

Palma e Quilodrán (1994), no trabalho de pesquisa qualitativa sobre o significado da gravidez para o projeto de vida de adolescentes pobres do Chile, utilizaram-se de “*grupo de discussão*”, com uma pergunta central proposta (“o que significa ser mãe, adolescente, casada, solteira ou vivendo com o parceiro?”). *Entrevistas em profundidade*, com enfoque *autobiográfico* também foram utilizadas nesse estudo, com adolescentes que haviam optado pelo aborto ou pela entrega para adoção. Ao estudar os materiais produzidos nos *discursos* dessas adolescentes, essas pesquisadoras levaram em conta códigos lingüísticos e culturais, procurando expressões do sentido comum desse grupo social. As pesquisadoras afirmam: “o que um sujeito particular diz acerca de uma experiência é propriamente um dizer coletivo – um código cultural que ele ativa ao falar – do grupo ou comunidade a que ele se reconheça pertencente ou filiado” (p.16).

Menezes (1993) referiu que o *método de história de vida*¹⁶ apresentou algumas dificuldades, ao ser utilizado com adolescentes grávidas. Estudando o projeto de vida de adolescentes brasileiras, grávidas e das camadas populares (como já citado), essa autora observou que elas estavam mais voltadas para suas vivências atuais, imediatas, com pouco interesse pelo passado e pouca visão prospectiva diante de suas próprias contingências pessoais. Como o uso da memória não teve, segundo Menezes, o efeito desejado, a

¹⁶ Comentando sobre o *método autobiográfico (história de vida)*, Zaniti considera que sua utilização supõe que o investigado seja entendido como um sujeito cognoscente, e que o investigador seja reconhecido como portador de uma subjetividade, que não pode ser anulada, cujas interferências devem ser reconhecidas, para que possam ser adequadamente lidadas. Cf. L.R.Briosch; M.H.Trigo, **Família: representação e cotidiano**, 1989.

pesquisadora utilizou-se de um caminho cujo ponto de vista foi, em geral, a própria gravidez, indo do presente para o passado. Usou também uma estratégia que propunha que as jovens falassem sobre alguns temas, não diretamente relacionados a sua pessoa (facilitando projeções). Menezes refere maior desembaraço das adolescentes quando participavam do *trabalho de grupo* de gestantes adolescentes, no pré-natal, e coletou dados desses encontros grupais. A autora comenta sobre uma atitude geral de submissão dessas jovens quando investigadas, relacionando tal fato com a submissão diante da classe médica, e da necessidade do serviço público de pré-natal.

O método de coleta de dados através de *discussões em grupo*, no entanto, fora criticado por Rodrigues (1978), que optou pela técnica de *discurso livre autobiográfico*, em seu trabalho com operários da Grande São Paulo. Utilizando referencial psicanalítico, essa autora coloca que a situação de grupo, é mobilizadora de maiores angústias com conseqüente aumento de mecanismos defensivos. A dinâmica do grupo tem um nível maior de complexidade e regressão, pelo jogo de forças conscientes e inconscientes que promove. Por isso, Rodrigues prefere a relação dual da entrevista, que mesmo envolvendo importante parcela de influência transferencial e contratransferencial, no entrevistado e entrevistador, contém deformações mais próximas àquelas que as pessoas estão sujeitas na sua vida cotidiana. Na entrevista, as angústias e mecanismos defensivos podem ser melhor controlados e até modificados pelo coordenador da pesquisa (p.53). Essa pesquisadora aponta dificuldades quanto à técnica de *entrevista em profundidade com roteiro*, considerando que essa técnica "peca basicamente por colocar para o indivíduo questões que ele mesmo talvez não se coloque, ou pelo menos não naquela hierarquia e organização imaginada pelo pesquisador" (p.51). Isso é especialmente importante nas pesquisas com os setores populares. Rodrigues refere que a percepção da posição social do outro, no caso o entrevistador, é imediata entre os membros das classes populares (p.55), criando condições de interação que devem ser consideradas para as técnicas de abordagem e de condução da entrevista.

Também com bases psicanalíticas, acrescidas de referências da Gestalt e da topologia, Bleger (1989) estudou as formas de entrevistas psicológicas. Bleger comenta que a *entrevista fechada* tem vantagens quanto à possibilidade de padronização, pela comparação sistemática de dados que ela pode oferecer. Porém será a *entrevista aberta* a técnica mais estudada e valorizada por esse autor, como instrumento que permite ao entrevistador observar, pensar e imaginar num só e único processo dialético. Na entrevista psicológica aberta, o entrevistador deve permitir que o campo da relação interpessoal seja

predominantemente estabelecido e configurado pelo entrevistado, apesar de que o entrevistador tem ampla liberdade para suas perguntas ou intervenções. Bleger coloca que "a hipótese da entrevista (aberta) é que cada ser humano tem organizada *uma* história de sua vida e *um* esquema de seu presente, e desta história e deste presente temos que deduzir o que ele não sabe". Bleger considera que toda a investigação implica na presença de ansiedade perante o desconhecido, e o investigador deve ter a capacidade para tolerá-la e poder instrumentalizá-la. Ainda refere que o instrumento de trabalho do entrevistador, na *entrevista aberta*, é ele mesmo, "sua própria personalidade, que participa inevitavelmente da relação interpessoal" (p.26).

A pesquisa de Aguirre (1995), já citada anteriormente, fornece interessante exemplo de método baseado em Bleger, de investigação com adolescentes grávidas. Além da aplicação do teste Rorschach, essa pesquisadora trabalhou com 40 gestantes, utilizando-se de entrevistas clínicas (semi-dirigidas). Aguirre coloca que essas entrevistas foram utilizadas como instrumento fundamental do método clínico. Citando Bleger, a autora refere a entrevista como "um campo de trabalho no qual se investiga a conduta e a personalidade dos seres humanos" (p. 32). Aguirre também realizou algumas entrevistas psicológicas com a mãe da gestante, com o pai do bebê e com o casal. A análise combinou dados quantitativos e qualitativos.

Método proposto

Considerando os problemas metodológicos próprios da pesquisa com adolescentes, com grávidas e com os setores populares, este trabalho utilizou três diferentes técnicas de investigação: *questionários*, *desenhos projetivos* e *entrevistas em profundidade*. Esse instrumental múltiplo tentou lidar com as dificuldades características do campo pesquisado, através de aproximações diversificadas que puderam ser complementares, oferecendo subsídios nos momentos sequenciais da pesquisa. O instrumento de *entrevista em profundidade*, por exemplo, usou referências colhidas pelo instrumental dos *questionários*.

O estudo foi proposto em dois módulos de trabalho metodológico. O **Módulo I**, com uso de *questionários* e *desenhos de auto-retrato*, focalizou adolescentes grávidas, em idades gestacionais diferentes. O **Módulo II**, com utilização de *entrevistas em profundidade*, trabalhou com adolescentes mães, até cinco meses após o parto.

As adolescentes pesquisadas nos dois módulos da pesquisa tiveram como *características comuns*, além da idade (adolescentes até 17 anos e 11 meses), o fato de serem usuárias de um serviço de atendimento público em pré-natal, numa primeira gravidez. Esse serviço mantinha convênio com o SUS - Sistema Único de Saúde, e atendia basicamente a população de baixa renda de Santos (cidade litorânea de porte médio, do estado de São Paulo, com características de urbanização do Sudeste brasileiro) e municípios vizinhos (Baixada Santista).

Características das adolescentes pesquisadas e do serviço de saúde que estavam inscritos apresentam-se posteriormente.

A coleta de dados do **Módulo I** da pesquisa (com adolescentes grávidas) foi realizada no período de 1995 e 1996. As entrevistas em profundidade com as adolescentes mães (do **Módulo II**) ocorreram entre maio de 1997 e janeiro de 1998.

A análise dos *questionários* e dos *desenhos de auto-retrato* baseou-se em dados quantitativos (frequência de respostas) buscando delimitar aspectos psicossociais (*questionários*) e subjetivos (*desenhos de auto-retrato*) das adolescentes grávidas pesquisadas.

Na análise das *entrevistas*, o modelo teórico de orientação psicanalítica, não foi restrito a padrões de método clínico (situado no espaço individual) mas sim contextualizado num plural visto como historicamente delimitado (Ayres, 1990), o *da juventude popular urbana* (Costa, 1996). Buscou-se assim refletir sobre o interjogo das questões subjetivas da adolescência e da gravidez, com condições do contexto social de setores populares de centro urbano.

MÓDULO I - Pesquisa com adolescentes grávidas

Compondo o **Módulo I**, apresentam-se dois estudos com **adolescentes grávidas**:

1) aplicação de 82 **questionários** com usuárias de serviço público de pré-natal especializado em atendimento de adolescentes, primigestas, com até 17 anos e com idades gestacionais variadas.

2) aplicação de técnica projetiva, constando de **desenhos de auto-retrato** realizados por 50 adolescentes grávidas, inscritas no mesmo serviço de pré-natal.

Características das adolescentes grávidas pesquisadas e do serviço de saúde no qual estavam inscritas (PAIAG)

Esses dois estudos do **Módulo I** (questionários e desenhos de auto-retrato) foram realizados entre 1995 e 1996, com adolescentes matriculadas num projeto público de saúde, especializado em pré-natal de adolescentes, denominado PAIAG – Programa de Atenção Integral à Adolescente Gestante.

Esse projeto de trabalho do PAIAG, com consultas de pré-natal e apoio psicossocial, foi iniciado em 1993, junto a uma unidade secundária de saúde da Prefeitura Municipal de Santos, chamada Casa da Gestante (Monteiro & Oliveira, 1997). A Casa da Gestante, além desse serviço especializado de pré-natal para adolescentes, oferecia atendimento desde 1990 a gestantes de médio e alto risco, para avaliação e internação de patologias obstétricas, num regime semi-hospitalar, segundo modelos da OPAS - Organização Panamericana de Saúde, para "Casas de Gestantes".

Em 1996, a Casa da Gestante passou a funcionar junto a uma unidade terciária de saúde pública, o Hospital e Maternidade Municipal "Dr. Silvério Fontes"- HMMSF, pertencente também ao município. O PAIAG, que oferecia atendimento somente em pré-natal e consultas do puerpério, passou a abarcar desde essa data, um atendimento às gestantes adolescentes também na maternidade (parto e alojamento conjunto com o bebê).

Desde sua formação inicial até o momento final da coleta de dados (janeiro de 1998) a equipe técnica do projeto PAIAG incluiu o trabalho de: uma enfermeira ou um(a) médico(a) (para as consultas de pré-natal e de puerpério), um(a) fisioterapeuta (para acompanhamento dos grupos de gestantes em sua preparação para o parto e atendimento no

pré-parto e parto), duas acompanhantes terapêuticas e duas psicólogas (para entrevistas psicológicas, coordenação dos grupos de preparação para o parto, atendimento familiar e com o pai do bebê¹⁷, e atendimento individual). A equipe técnica do PAIAG trabalhava numa proposta interdisciplinar, com frequentes reuniões de discussão de casos.

A demanda atendida no PAIAG era de adolescentes grávidas, com idades até 16 anos. Casos de jovens com mais de 16 anos, com 17 ou 18 anos, eram atendidos somente após uma triagem que detectasse situação de risco social (como nos casos de ameaça ou expulsão de casa, ou de adolescentes de população de rua), risco clínico ou psicológico (como com adolescentes usuárias ou dependentes de drogas) ou casos especiais (como adolescentes portadoras de deficiência auditiva, por exemplo). O PAIAG tinha um volume maior de atendimento com adolescentes primigestas, mas também atendia casos de segunda ou terceira gravidez que já tinham sido acompanhados anteriormente pelo serviço.

As adolescentes aceitas no programa residiam não só no município de Santos, mas em toda Baixada Santista – região do litoral do Estado de São Paulo, correspondente a 0,95% da área do Estado, possuindo extensão litorânea de 180 km. A Baixada Santista compreende nove municípios contíguos. Santos, na região metropolitana, é a cidade que apresenta maior densidade populacional, com 417.496 habitantes, segundo Censo de 1991 (Fonte: Sumário de dados da Prefeitura Municipal de Santos – 1991). Desde os anos 60, a cidade já se caracterizava como um grande centro prestador de serviços para toda a região da Baixada Santista, consolidando sua liderança dentre os demais municípios¹⁸.

O PAIAG estava caracterizado como serviço de referência em saúde para essa região, constituindo-se um pré-natal especializado, com retaguarda técnica diferenciada do pré-natal oferecido na rede básica de saúde do município (policlínicas).

O PAIAG oferecia atendimento semanal em grupos de adolescentes gestantes, atendimento familiar e ocasionalmente atendimento ao pai do bebê, acompanhamento fisioterápico e visitas domiciliares, quando a equipe avaliava essas necessidade, além das consultas específicas de pré-natal e puerpério.

¹⁷ Diferentemente do que é usual nos serviços públicos de saúde que em geral frustram a demanda de participação dos pais dos bebês, impedindo suas presenças. Cf. M.I.C. Moreira, A gravidez e a intervenção Psi, **Cadernos de Psicologia**, p. 28.

¹⁸ Na região da Baixada Santista destacam-se o Porto de Santos, o maior da América Latina, o polo industrial, petroquímico e siderúrgico de Cubatão além de várias zonas de turismo, como as praias do Guarujá. O jornal "A Tribuna" de Santos, trouxe nota em 04/02/1998 referindo que na Baixada Santista, os números indicativos de crianças (7 a 14 anos) fora da escola eram: Santos, 1700; São Vicente, 2551; Praia Grande, 1579; Cubatão, 964; Guarujá, 2612; Itanhaém, 732; Mongaguá, 259 e Peruíbe, 594.

As aplicações dos questionários e dos desenhos de auto-retrato ocorreram durante as segundas e terceiras entrevistas com as adolescentes, recém matriculadas no programa. A primeira entrevista era de triagem para o PAIAG, e indicação de teste de gravidez, quando necessário. Quando da aplicação dos questionários ou dos desenhos, as jovens gestantes ainda não participavam dos grupos, mas já poderiam ter sido atendidas numa primeira consulta de pré-natal. A idade gestacional dessas adolescentes era variada. Às vezes o programa era procurado por jovens, através de encaminhamentos ou busca espontânea, logo no início da gravidez. O programa também recebia jovens com idade gestacional adiantada, tendo ou não já recebido algum atendimento em pré-natal, em outro serviço.

As características comuns das jovens pesquisadas no **Módulo I** foram: ser adolescentes grávidas pela primeira vez e usuárias do PAIAG, em início de atendimento pelo serviço.

1) Os questionários com as adolescentes grávidas

Compondo a primeira etapa do **Módulo I** deste trabalho, foi realizado o estudo com aplicação de questionários em adolescentes grávidas (modelo no apêndice I). O objetivo neste momento foi delimitar aspectos psicossociais da população estudada, fornecendo dados que serviram de referência para o estudo do **Módulo II** (entrevistas em profundidade com as adolescente mães).

Entre 1995 e 1996 foram aplicados 82 questionários, de forma individual, com todas as adolescentes, grávidas pela primeira vez, matriculadas no programa de pré-natal PAIAG (descrito anteriormente). A aplicação ocorreu sempre na primeira ou segunda entrevistas com as adolescentes, no acesso ao programa de pré-natal.

O critério de seleção do grupo pesquisado foi um limite de tempo para a aplicação dos questionários, já que o instrumento foi aplicado em todas as adolescentes primigestas inscritas no PAIAG, dentro de um período estipulado.

Análise dos resultados dos questionários (*por frequência de resposta*)¹⁹

A *faixa etária* do grupo pesquisado estava situada entre 12 anos e seis meses até menos de 18 anos. A maior concentração encontrada de adolescentes mais novas deveu-se à característica do PAIAG privilegiar a demanda de gestantes com até 16 anos. O modelo de questionário não sondava a referência da idade gestacional das entrevistadas. A questão 2, *idade que engravidou*, apontava aproximadamente o tempo de gestação, mas somente dentro da análise individual de cada questionário. O momento da aplicação do questionário era o da inserção da adolescente no pré-natal e a idade gestacional, muitas vezes indeterminada nesse momento, era avaliada depois através de provas clínicas, comparando-se a referência da data da última menstruação (muitas vezes ignorada pela jovem) com mensuração da altura uterina, além de resultados ultrassonográficos.

A maioria (85,37%) das adolescentes pesquisadas era *natural* da própria região Sudeste. Os 47,56% de referência de *mudança de cidade* incluíram os 14,63% de jovens não nascidas nesta região.

¹⁹ Observe-se que não foi realizado o estudo da significância estatística dos dados. Serão enfocados aqui somente os resultados percentuais de frequência de resposta por questão. Os resultados percentuais estão apresentados no apêndice II. A análise dos resultados refere-se apenas ao grupo pesquisado, sem intenção de generalização.

O PAIAG recebia *encaminhamento* de outros serviços de saúde por se constituir uma referência na região para esse pré-natal especializado, mas quase 20% das jovens referiram procurá-lo espontaneamente, recebendo ou não sugestão de familiares ou colegas.

A maioria (80,49%) das gestantes adolescentes encontrava-se no momento da sondagem *morando com suas famílias*, mas observou-se uma imigração para a família do pai do bebê, de 1,22% para 10,98% de referência dessa residência, a partir da gravidez.

Quase 11% das adolescentes pesquisadas identificaram-se como *filhas adotivas*. Referiram mais (36,59%) a característica de ter irmãos somente por parte de mãe, do que de outro relacionamento do pai (21,95). Esse último dado pode ter tido uma influência de desconhecimento por parte da jovem, de aspectos da vida de seu pai.

A metade do número de *mães dessas adolescentes* encontrava-se referida dentro da *faixa etária* de menos de 40 anos. Muitas adolescentes (30%) referiram que não sabiam a idade de suas mães quando essas engravidaram na gestação da própria adolescente (incluindo as adolescentes filhas adotivas). Os índices de quase 33% de mães com menos de 21 anos, quando as mães engravidaram dessas filhas adolescentes, sugeriram que muitas delas foram mães também quando adolescentes (note-se que a questão 15 não esclarecia sobre aquela ser ou não uma primeira gravidez da mãe da adolescente).

O índice de quase 16% de não saber o *tipo de parto que nasceu* pode ter apontado um desconhecimento da própria origem ou a pouca importância dada a esse fato. Somente uma adolescente referiu seu nascimento por parto com fórceps. O índice de 26,83% de cesárea não pareceu alto se comparado com os índices mais frequentes na região Sudeste, mas esse dado não ficou muito esclarecido pelo aspecto do desconhecimento do tipo de parto, citado acima.

Com relação à *amamentação*, 82,93% das adolescentes referiram que foram amamentadas no peito e 97,56% que pretendiam assim amamentar seus bebês. Esse nível de intenção podia estar indicando um efeito positivo das campanhas favoráveis à amamentação, assim como uma não rejeição da gravidez e do bebê. Por outro lado, também podia tratar-se de um tipo de resposta que as adolescentes julgassem mais adequada à sua inserção no serviço de pré-natal.

A maioria das adolescentes pesquisadas (56,10%) referiu apenas aspectos positivos na relação com a *mãe* ou figura substituta, enquanto apenas 31,71% fez essa mesma referência com relação ao *pai*. O mesmo percentual (31,71%) não referiu aspectos positivos nem negativos na relação com o pai. Esses dados podem ter indicado que o relacionamento com a mãe encontrava-se mais preservado de dificuldades e também que a figura materna era mais presente na vida da adolescente, mesmo quando não existia uma convivência diária, considerando-se a questão 31, em que 42,68% responderam que não estavam convivendo com a mãe na mesma casa. Outra hipótese é que a figura da mãe foi mais idealizada do que a do pai, para essas jovens. Observe-se que houve maior incidência de respostas que apontaram somente aspectos negativos para o pai (19,51%) e bem menos para a mãe (7,32%). A questão 26, que inquiria "*com quem da família refere que tem melhor relacionamento*", teve uma incidência de 25,61% de respostas de preferência pela mãe e apenas 9,76% de preferência pelo pai. O *padrasto* não foi referido por nenhuma delas como figura eleita para melhor relacionamento.

No caso da *figura paterna*, houve indicação de que as dificuldades de relacionamento eram maiores, inclusive no âmbito maior da família. Parece que mesmo quando conviviam na mesma casa (29,27%), a não referência de aspectos positivos ou negativos aconteceu, sugerindo um sentimento de ausência, ou distanciamento do mesmo, ou ainda de pouca participação na vida da adolescente. A referência de *alcoolismo* foi bem maior nos pais (13,41%) do que nas mães (1,22%). Parece interessante apontar que apesar do percentual de 36% para avaliação muito positiva do *padrasto*, os 28% de referência somente para aspectos negativos é o maior índice dessa avaliação se comparado com a avaliação dada ao pai, mãe e avós, nesse sub-ítem. A figura do *padrasto* recebeu então maior carga negativa na avaliação.

Os dados quanto ao *tempo de permanência do pai na casa* indicaram que menos da metade do grupo tinha o pai presente na família, após os 10 anos de idade. A presença do pai somente até os cinco anos de idade (durante a primeira infância) foi referida por 13,41% das jovens gestantes. Menos da metade delas (45,12%) referiu a permanência do pai na casa mais do que 13 anos - dado indicativo da presença concreta de sua figura no início da adolescência. Dessas adolescentes, 20,73% não tiveram nunca proximidade paterna (15,85%) ou somente a tiveram até o primeiro ano de vida (4,88%).

Nas *relações com os avós* repetiu-se a tendência mais positiva do lado materno. As avós maternas receberam 54,88% de avaliação somente positiva e somente 3,66% de avaliação negativa. O avô materno recebeu 32,93% com referências apenas de aspectos

positivos e 6,10% de aspectos negativos. A avó materna foi avaliada mais positivamente que o avô materno. Mas este foi melhor avaliado que a ambos os avós paternos, tanto no apontamento de aspectos só positivos como no índice menor de aspectos só negativos (6,10% para avô materno, 13,41% para avó paterna e 8,54% para avô paterno). Mesmo considerando que a resposta para "*não refere aspectos positivos nem negativos*", das questões 22 a 25 (relacionamento com avós), podia incluir a variável do falecimento dos avós, foi notório o índice de 75,61% para o avô paterno, dado que pode indicar maior ausência e distanciamento. Para a avó materna, houve ocorrência de 36,59% para essa resposta.

Com relação à *escolaridade*, 62,20% afirmaram que não estavam estudando, mas que a interrupção dos estudos foi anterior à gravidez; 73,17% já haviam interrompido os estudos anteriormente. Esse dado pareceu indicar que fracassos escolares dessas adolescentes podem não se relacionar somente com a ocorrência da gravidez. Apenas 37,80% dessas adolescentes estavam estudando quando entrevistadas. A maior parte delas (62,20%) já havia freqüentado escola, por quatro a sete anos, incluindo repetência.

O *grupo de amigos* recebeu uma referência muito positiva: 53,66% indicaram apenas aspectos positivos nessa relação. Poucas adolescentes (4,88%) referiram somente aspectos negativos no relacionamento com amigos. Esses dados podem indicar que, mesmo estando grávidas, a valorização do grupo de "iguais" (enquanto adolescentes) se manteve.

A maioria (84,15%) das adolescentes entrevistadas não estava *trabalhando* quando do momento de aplicação do questionário, mas 62,20% referiram que já haviam trabalhado anteriormente. Esse último índice pode denotar a inserção precoce no mundo do trabalho, por essas adolescentes. Também 15,85% já haviam passado por *instituições de cuidados sociais*, como por Conselhos Tutelares e abrigos.

Metade das jovens pesquisadas já havia passado por *consulta com ginecologista* antes da gravidez. Esse dado pode sugerir que muitas dessas adolescentes já tinham tido a oportunidade de receber orientações sobre *métodos contraceptivos* através de um técnico de saúde. Com relação ao uso de métodos contraceptivos, 42,68% referiram uso anterior de preservativo ("camisinha"), 17,07% de pílula e 14,63% de outros métodos (incluindo "tabelinha" e coito interrompido).

A idade da *menarca* (primeira menstruação) teve referências de 7,32% aos 9 anos, 12,20% aos 10 anos e 18,29 % aos 11 anos. As maiores concentrações de frequência para a idade da menarca encontraram-se para 12 anos (30,49%) e 13 anos (23,17%)²⁰.

Os índices para a *idade da primeira relação sexual* concentraram-se nos 13 e 14 anos. Esse dado teve uma relação direta com a faixa etária das adolescentes grávidas estudadas. Duas adolescentes referiram relação sexual aos oito anos, uma aos 10 anos, três aos 11 anos e seis aos 12 anos. Observe-se que 41,47% referiram relação sexual antes dos 14 anos de idade, fato que se constitui legalmente como situação de violência presumida. A possibilidade da gravidez ser fruto de *abuso sexual* teve índice de 3,66%. Esse último dado foi colhido pela sugestão de violência presumida na relação e incesto.

Muitas das jovens (41,46%) referiram não ter *satisfação sexual* (atual). Apenas 9,76% confirmaram essa satisfação.

Grande parte das adolescentes referiu *relacionamento estável* (atual) (67,07%) incluindo nesse critério, as casadas, as que moravam junto com os companheiros e as que estavam namorando e 28,05% referiram estar sem companheiro. Muitas adolescentes estavam *casadas* ou morando junto (30,49%). Quando engravidaram, no entanto, somente 9,76% estavam casadas. Muitas engravidaram quando estavam numa relação de *namoro muito inicial*: 20,73% com menos de seis meses de namoro e 17,07% com menos de um ano. Namoro mais prolongado, com mais de dois anos foi situação referida por somente uma das jovens do grupo pesquisado. Delas, 8,54% estavam sem namorado. Observe-se que algumas adolescentes identificaram-se como namorando, mas não referiram estabilidade na relação, resultando índices diferentes para somatórias nas questões 54 e 55.

Apesar de 89,02% referirem não terem querido engravidar, a gravidez foi tida como *aceita* por 87,80% das jovens. Somente 10,98% referiram que queriam engravidar, dados compatíveis com os índices para gravidez *desejada ou planejada*. Note-se que somente 1,92% deu a resposta *indesejada* para gravidez. Das que alegaram que não queriam engravidar, 34,15% não usavam método contraceptivo, referindo conhecer o mecanismo de concepção (risco para gravidez). A maioria das adolescentes referiu queixa de ordem física e

²⁰ O cruzamento das respostas dessa questão 47 (idade da menarca) com as da questão 48 (idade da primeira relação sexual) e da questão 02 (idade que engravidou) não foi realizado, mas daria indicações sobre o limite do tempo entre a menarca, o início da sexualidade genital e a concepção.

psicológica (como irritação, aumento de sensibilidade) associadas à gestação e somente 13,41% não referem nenhuma queixa²¹.

Um número pequeno (8,54%) de jovens pesquisadas referiu que tentou *abortar* e 74,39% disseram que nem pensaram nessa possibilidade. Poucas (6,10%) fizeram uso de práticas inócuas para abortar, como ingestão de chás (canela, maconha, por exemplo). Houve indícios de uma tendência a posição contrária ao aborto. Grande parte delas (60,98%) referiu que não recebeu sugestão para abortar. Essa sugestão, quando ocorreu, veio por parte de colegas (10,98%) e da própria mãe (4,88%) e pouca frequência de sugestão para aborto vinda por parte de figuras masculinas vindas do pai do bebê (3,66%) e nenhuma vinda do pai ou homens familiares da adolescentes. O índice nulo para sugestão de aborto recebida do pai pareceu indicar distanciamento dessa figura, assim como a de outros homens adultos da família (índice nulo para tios, irmãos, primos e avós - homens) frente a vivência da gravidez, assunto mais "feminino". A *manifestação de suspeita da gravidez* veio, em maioria, pela própria adolescente (73,17%), suas mães (15,85%) ou parentes mulheres (4,88%). O pai e os parentes homens nunca manifestaram essa suspeita. Apenas o pai do bebê (3,66%) mostrou sua suspeita, numa frequência igual a de sugestão para o aborto²².

As *reações da família perante a notícia da gravidez* das adolescentes pesquisadas foram referidas como: 45,12% das mães com aceitação total, 25,61% com aceitação parcial e 24,39% para não aceitação. Os pais tiveram níveis de referência de aceitação parecidos com os das mães quanto à aceitação parcial (28,05%) e não aceitação (25,61%). Mas os pais apresentaram taxas menores para aceitação total (25,61%). Também 17,08% das adolescentes pesquisadas não referiram ou nem sabiam as reações dos pais (mais uma vez sugerindo ausência ou distanciamento). Das 13,41% que receberam *ameaça de expulsão de casa* quando da notícia de gravidez, 2,44% passaram por *expulsão* real.

Quanto aos *pais dos bebês*, 57,32% foram referidos com *aceitação* total da gravidez e 14,63% com *não aceitação*. Acrescentem-se a esses últimos mais 7,32%, quando a adolescente referiu não conhecer a opinião do pai do bebê e 4,88%, para os casos sem referência de opinião (quando o pai do bebê não sabia da gravidez, por exemplo). Muitos dos

²¹ Esses dados também não foram cruzados com a idade gestacional.

²² Uma análise com cruzamento dessas variáveis poderia ter indicado se foram os pais de bebês mais "perceptivos" do início da gravidez, que sugeriram o aborto, ou não.

pais de bebês (40,24%) foram referidos também como *adolescentes menores de 18 anos*²³. A grande concentração de frequência encontrou-se em rapazes menores de 22 anos.

Em sua maioria (63,41%) os pais dos bebês foram referidos como trabalhando (aqui incluindo-se trabalho esporádico, como "bicos"). Poucos estudavam (20,73%), num índice menor que os 37,80% para as adolescentes grávidas estudantes. Quanto à *participação positiva do pai do bebê nessa gravidez*, 67,07% das jovens respondem que contavam com tal participação.

A referência do *não uso de drogas* recebeu índices comuns para a própria adolescente e para o pai do bebê (60,98%). Nas adolescentes, o uso referido de *drogas lícitas e ilícitas*, anterior à gravidez foi: bebida alcoólica (4,88%), cigarro (18,29%), maconha (18,29%), cocaína (7,32%) e crack (2,44%). Observou-se que, possivelmente, com o advento da gravidez, o uso ou a dependência de drogas pesadas foi interrompido: nenhuma adolescente referiu que estava ainda fazendo uso de cocaína e/ou crack. Após a gravidez, a referência para uso de bebida alcoólica diminuiu (1,22%), o de maconha diminuiu significativamente (2,44%) e o uso de cigarros aumentou (25,61%), talvez por substituição.

Os 23,18% de pais de bebês referidos como *usuários* (ou *dependentes*) de *drogas ilícitas* estavam distribuídos em 8,54% para maconha, 10,98% para cocaína e 3,66% para o crack. Esses dados devem ser considerados conjuntamente à ausência de conhecimento por parte da adolescente sobre o uso ou dependência de drogas por parte do pai do bebê ou até da dificuldade de expressar-se sobre essa temática.

As adolescentes gestantes, em sua maioria, referiram desejo de ter um bebê do *sexo* feminino: 54,88% para menina e 35,37% para menino. Essas taxas se alteraram na consideração do "pressentimento" do sexo do bebê: 48,78% para menino e 32,93% para menina. A totalidade das entrevistadas não conhecia ainda o sexo do bebê, possibilidade existente pelo exame de ultra-sonografia.

²³ Note-se que esses dados foram colhidos de forma indireta, através da referência da adolescente. Cf. J.L.C.L. Fonseca, **Paternidade adolescente** (1997): existem diversas insuficiências e problemas nas coletas de dados acerca da paternidade adolescente no Brasil.

2) Os desenhos de auto-retrato

O segundo estudo do **Módulo I** do presente trabalho apresenta a utilização do uso projetivo de desenhos, para investigação da auto-imagem de um grupo de *adolescentes grávidas*, através de uma técnica denominada **Três desenhos de auto-retrato**, que teve inspiração no clássico teste DAP ("*Draw a Person*") - ou DFH (Desenho da Figura Humana) - de Machover.

O uso desse instrumental projetivo procurou explorar expressões gráficas comuns em auto-retratos dessas *adolescentes grávidas*, comparando-as com resultados de outros estudos que fizeram uso de teste de desenho figura humana com *adolescentes* (Kolck, 1966) e com *grávidas* (Soifer, 1977; Savastano, 1981; Nobile, 1987; Herzberg, 1986, 1993).

Neste capítulo serão apresentados e discutidos resultados de desenhos de 50 adolescentes grávidas inscritas no PAIAG, perfazendo um total de 150 desenhos de auto-retrato (prova descrita adiante)²⁴.

Introduzindo a apresentação das características e dos resultados da prova dos **Três desenhos de auto-retrato**, serão resumidamente expostas algumas revisões de literatura sobre testes de desenho e também algumas pesquisas com uso de desenho de figura humana realizadas com *grávidas* e com *adolescentes*, que apesar de se caracterizarem investigações diferentes quanto aos objetivos e populações investigadas, permitem subsídios para comparação com os dados do presente estudo.

Testes projetivos de desenhos

Os testes projetivos de desenho são instrumentos da psicologia clínica usados principalmente de forma associada às técnicas de entrevistas. Desde o seu surgimento no final dos anos 40, essas técnicas, por suas facilidades de administração e de riqueza clínica, tornaram-se freqüentemente utilizadas como complemento também ao teste Rorschach (Hammer, 1981).

Nos trabalhos de psicodiagnóstico individual e também no contexto psicoterápico, o uso projetivo dos desenhos tem suporte na teoria psicanalítica e nos estudos normativos que

²⁴ No anexo A, encontram-se cópias dos desenhos de auto-retratos realizados pelas adolescentes grávidas pesquisadas (não obedecendo a localização da folha escolhida pelas adolescentes nem a proporção do tamanho dos desenhos na folha).

buscam a verificação de constâncias, ou sinais comuns, nas expressões gráficas dentro de características de sexo, idade, patologias e grupos sociais²⁵.

Baseado em diversas observações empíricas, Hammer relaciona muitas vantagens nas técnicas projetivas gráficas, como a facilidade em sua administração (seja individual ou em grupo), as vantagens enquanto técnica não verbal (para aplicação em crianças e pessoas de baixo nível de escolaridade), a facilidade para periódicos retestes, a característica de não se constituir uma tarefa ameaçadora e a capacidade de refletirem impressão do individual como um todo, como uma "gestalt" organizada (1981, p.461).

O uso clínico das técnicas de desenho apóia-se numa utilização do conceito psicanalítico de "projeção", não no sentido restrito de uma defesa - rejeição para fora do que se recusa ser ou reconhecer em si (Laplanche & Pontalis, sd, p.481, 484) - mas numa concepção de mecanismo de lançar para o mundo exterior aspectos conhecidos e desconhecidos de si mesmo. Laplanche e Pontalis comentam dentre os diversos sentidos de "projeção", o relacionado aos testes projetivos: "... (a propósito dos testes projetivos) o indivíduo (...) *projeta decerto aquilo que é*, mas também aquilo que recusa ser..." [grifo nosso] (sd, p.485).

Kolck, pesquisadora que no Brasil contribuiu expressivamente com estudos de testes de desenho, afirma que o uso do desenho

"se constitui em condição ótima para projeção da personalidade, possibilitando a manifestação direta de aspectos de que o sujeito não tem conhecimento, não quer ou não pode revelar, isto é, aspectos mais profundos e inconscientes, (...) porque, sendo um meio menos usual de comunicação do que a linguagem, tem um conteúdo simbólico menos reconhecido." (1984, p.2).

Um desenho não é uma fotografia e não constitui uma reprodução fiel da realidade, mas sim a interpretação desta pelo sujeito. "Um desenho representa uma maneira de ver as coisas, de se colocar diante delas e de senti-las, e como tal nos dá indicação da maneira de ser de uma pessoa." (Kolck, 1986, p.10).

²⁵ Problemas metodológicos que se apresentam para a validação das técnicas projetivas e em especial as gráficas, são discutidos por Kolck, referindo que autores especializados apontam a insuficiência dos processos estatísticos clássicos de validação empírica (1984, p.18). Apesar das críticas sobre dificuldades metodológicas, a pesquisadora afirma, comentando especificamente o teste DFH de Machover, que tal procedimento "sofre restrições iguais às que se aplicam a outros procedimentos de avaliação da personalidade, o que não o invalida como tal." (1984, p.19). Também S.Levy considera que apesar dos desenhos projetivos (referindo-se aos da figura humana) terem limitações quanto à interpretação, por não possuírem validação experimental suficiente, o seu uso pode constituir uma fonte frutífera, econômica e profunda de informação e compreensão da personalidade (1981, p.61).

De acordo com Kolck, a análise de uma produção gráfica deve ser feita através de três processos em interpenetração: o adaptativo, o expressivo e o projetivo (1984, p.2).

O ângulo adaptativo diz respeito à adequação à tarefa solicitada. Podem ser analisadas assim a adaptação ao tema (se o produto apresentado está de acordo com o tema proposto e se a realização é convencional, original ou fantasiosa) e a adaptação gráfica (se o desenho está de acordo com a evolução geral do grafismo esperada nas idades, com a realização própria do sexo e do nível sócio-econômico-cultural e eventualmente até com determinados grupos patológicos).

O ângulo expressivo diz respeito ao estilo (aspectos estruturais e formais, como o tema, o tamanho, a perspectiva e os sombreamentos). Muitos dos aspectos expressivos constituem o que Kolck denomina "aspectos gerais do desenho". O ângulo projetivo (aspectos de conteúdo) refere-se à atribuição de qualidades à situação (no contexto e na maneira de tratar o tema, como por exemplo, os "olhos", no desenho da figura humana), como o simbolismo do que foi desenhado.

Kolck diz que essas três abordagens de análise, interpenetrando-se e completando-se, assumem cada uma delas papel mais predominante conforme a situação que o desenho foi colhido ou executado e a motivação que o determinou (por exemplo, se foi um desenho espontâneo ou atendeu a uma solicitação).

Desenho da Figura Humana e Imagem Corporal

Dentre diversas técnicas de desenhos temáticos sem modelo (realização gráfica de um tema proposto, como no teste da Família e no teste da Árvore), que foram desenvolvidas como instrumento de exploração da personalidade, o teste DFH (ou DAP) de Machover²⁶ tornou-se uma técnica clássica, apresentada por Kolck (1984) como um dos testes projetivos gráficos mais padronizados quanto à aplicação, avaliação e interpretação constituindo-se numa das provas mais proveitosas e adequadas para a exploração da personalidade (p.14).

Foi Florence Goodenough que ainda nos anos 20 idealizou uma escala de inteligência baseada principalmente no número de detalhes apresentados no desenho da figura humana. Goodenough e outros clínicos que trabalharam com a escala observaram que no teste estavam em jogo não só capacidades intelectuais das crianças como também fatores de personalidade. Como sub-produtos dessa prova de Goodenough, surgiram os procedimentos do desenho da Casa-Árvore-Pessoa (o teste HTP) de John Buck (1948) e do

²⁶ O teste DFH de Machover solicita desenhos de duas figuras humanas, dos dois sexos. As instruções para aplicação encontram-se em Machover (1949, p.29), e em diversas outras referências bibliográficas, como em Kolck (1984, p. 20).

desenho da Figura Humana (o teste DAP - "Draw a Person"- ou DFH) de Karen Machover (1949)²⁷ - os primeiros no campo dos desenhos projetivos.

De acordo com Machover, "o desenho de uma pessoa, ao envolver a projeção da imagem de um corpo, oferece um veículo natural de expressão das necessidades e conflitos do seu próprio corpo." [tradução livre] (1949, p.40).

O significado psicológico do desenho da figura humana terá então suas bases no conceito de imagem corporal. Ao atender a solicitação – "desenhe uma pessoa" – a pessoa "lança sobre o papel a imagem corporal que possui e que se torna *veículo de expressão de sua personalidade*." [grifo nosso] (Kolck, 1963, p.8)

Em 1935, Schilder escreveu "A imagem do Corpo" (Schilder, 1980), mas desde 1923, ele pesquisava o que denominava *esquema de corpo*. Com bases na fisiologia, na neuropatologia e na psicologia (principalmente com esquema referencial psicanalítico), Schilder define como *imagem do corpo humano* "a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós" (1980, p.11). A partir de sensações internas e externas (como impressões táteis, térmicas e de dor) temos uma experiência imediata de que existe uma unidade do corpo, que Schilder chama de nosso esquema corporal²⁸ ou imagem corporal – "a imagem tridimensional que todos têm de si mesmos". (1980, p.11).

Do corpo, então, se tem uma auto-aparência que é organizada a partir do armazenamento de impressões sensoriais. O modo pelo qual a pessoa realiza essa tarefa organizacional, torna-se, de acordo com Schilder, uma das dimensões primárias em seu sistema de padrões para interpretar o mundo²⁹.

A partir da segunda metade deste século os psicólogos passaram a trabalhar com esse conceito de *imagem corporal* - "a concepção interna que o sujeito tem do seu próprio corpo e suas funções no mundo físico e social, e sua relação com os fenômenos da motilidade" (Hammer, 1981, p.xi) - em testes que têm por tema a figura humana, principalmente os acima citados teste HTP (de Buck) e DFH (de Machover).

Auto-imagem, auto-conceito e imagem corporal são tidos como equivalentes nos pressupostos dos testes projetivos com desenhos de figuras humanas. A hipótese é de que a

²⁷ Também em 1949, o teste da Árvore foi sistematizado por T. Koch.

²⁸ Abraham (1963) citada por Kolck (1984, p.15), analisa o conceito de imagem corporal, lembrando que dos termos usualmente empregados, *esquema corporal* ou *imagem do corpo*, o último é o menos esquemático e o mais evocativo e abrangente, com implicação psicológica mais direta.

²⁹ A famosa obra de Schilder contém os princípios relativos à estrutura libidinal da imagem corporal (baseados em Freud) com extensas referências analíticas sobre detalhes do corpo (como a massa pesada do corpo, os dedos, as mãos, os olhos e até o penteado e as roupas) mas não traz comentários sobre transformações da imagem corporal na gravidez.

imagem corporal é projetada no desenho da figura humana assim como o conceito de si mesmo, considerado equivalente àquela (Kolck, 1984, p.16).

Em momentos de grande ou rápida transformação corporal (como na adolescência, na gravidez, em algumas patologias ou amputações), a imagem corporal sofre importantes alterações.

Comentando contribuições de Abraham (1963), Kolck diz que

"A *imagem corporal* é uma unidade, unidade adquirida e não dada, e pode ser destruída. Implica um esforço contínuo para dar uma estrutura a algo dinâmico, problema esse que se torna mais evidente na adolescência. Sendo o produto de um organismo como um todo, uma alteração em uma parte dele (...) não introduzirá modificações na imagem corporal apenas referente a essa parte, a mudança será geral, pois resultará de novas relações consigo mesmo e com os outros." (Kolck, 1984, p.15).

Desenhos com adolescentes

A técnica de desenhos é bastante usada com adolescentes, em atividades psicodiagnósticas e terapêuticas, pelas vantagens já citadas quanto ao estabelecimento de uma proposta menos ameaçadora do que outros procedimentos. O ato de desenhar, e desenhar especialmente figuras humanas, é freqüente e espontâneo em crianças e adolescentes. No início da adolescência, meninos e meninas manifestam através de seus desenhos a busca da representação do próprio corpo. (Aberastury et al., 1988, p.21).

Hammer observa que "a descarga emocional derivada desse tipo de experimentação com a imagem corporal nos seus desenhos ajuda o adolescente a obter mais certeza a respeito do que é e mais definição no seu auto-conceito." (1981, p.189).

Existem peculiaridades da avaliação dos desenhos como técnica projetiva na fase específica da adolescência. Hammer diz que

"a adolescência, o período emocional mais turbulento de todas as etapas da vida humana, freqüentemente nos traz dados clínicos, tanto no Rorschach, no TAT como nos desenhos, que parecem estar profundamente imersos em sentimentos dolorosos." (1981, p.188).

Assim, os exames projetivos com adolescentes destacam confusões, tensões e ambivalências intensas provocadas pelos próprios ajustamentos da adolescência. Os impulsos aparecem de forma não disfarçada, como no caso da hostilidade e da agressão, que são mais francamente expressas do que em qualquer outra etapa da vida além de que a diferenciação clara entre impulsos homo e heterossexuais freqüentemente ainda não se

processou. Hammer coloca que nos desenhos de adolescentes são comuns as expressões exageradas, como no caso dos rapazes desenharem figuras de atletas e moças desenharem figuras atraentes, em vestidos de baile ou com roupas de banho, com acentuação das formas do corpo (1981, p.188).

Nessa idade de maturação fisiológica e de deslocamentos e tensões psíquicas aumentados, os protocolos projetivos exigem então, segundo Hammer, uma abordagem clínica cautelosa, na interpretação dos dados como patológicos, principalmente nos casos em que o sujeito estiver mais próximo da puberdade.

Na apresentação de um estudo de caso de uma adolescente, parte de um trabalho sobre o desenvolvimento da personalidade de moças adolescentes³⁰, Machover (1981) comenta características gráficas dos desenhos de adolescentes do sexo feminino. Colocando que "a passagem da infância para maturidade envolve uma constante mudança na estrutura e no funcionamento do corpo da menina, o que se torna um peso (..) para sua consciência", a autora refere que novos papéis "são combinados por uma fantasia excitada pela tensão e urgências constrangedoras geradas por seu mundo corporal em mudança." (1981, p.97).

Machover escreve que observou nos desenhos de figuras humanas de adolescentes do sexo feminino, aspectos referentes à maturação sexual, refletidos em: tratamento da região dos seios, da pélvis, conflito na região abaixo da linha da cintura, no gancho da calça da figura masculina e na bainha da saia. Também percebeu tentativas de controle e integração dos impulsos corporais no modo de tratamento da área do pescoço (ligação entre a cabeça e o tronco) e na posição retesada (em dedos cerrados e prendedores visando "encerrar a ativa excitação do cabelo"). Machover afirma que a maioria dos adolescentes atribui aos seus desenhos uma idade superior à sua própria, como uma evidência de seu interesse em crescer (1981, p.98).

Uso projetivo de desenhos em pesquisas com adolescentes e gestantes

Na discussão dos resultados do presente estudo (prova dos **Três auto-retratos** com adolescentes grávidas) serão feitas algumas comparações com resultados de outras investigações que se utilizaram de desenhos de figuras humanas com adolescentes e com grávidas e que foram as referências usadas para este trabalho. Como tratam-se de pesquisas com características diferentes quanto aos objetivos, técnicas e populações investigadas, a seguir elas serão sinteticamente apresentadas, para que sejam delimitados os possíveis campos de comparação dos dados.

³⁰ Citado em Machover (1981): Machover, K. "Personality Development in Adolescent Girls". Yelow Springs, EUA, Antioch Press, 1953.

(Kolck, 1963)

Odette Lourenção Kolck (1963) realizou uma pesquisa com adolescentes brasileiros, com aplicação do desenho da figura humana (o DFH de Machover). A amostra foi composta de 494 adolescentes, de idades entre 12 e 18 anos, das cidades de São Paulo (SP), Americana (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Belo Horizonte (MG). Seguindo as instruções de Machover, mas com o acréscimo da solicitação inicial de um desenho de uma árvore (buscando "quebrar o gelo" e facilitar a aceitação da tarefa), o DFH foi aplicado em condições individuais e no próprio domicílio do adolescente.

Nesse estudo, referência importante da aplicação do teste de Machover em nossa realidade, Kolck procurou estabelecer os aspectos característicos do desenho da figura humana feito pelos adolescentes pesquisados, comparando-os com os dados de Machover (referentes aos EUA) e com supostos teóricos da psicologia do adolescente (características psicológicas).

O trabalho apresentou a determinação dos traços do desenho que foram considerados comuns ao grupo estudado discriminando-os daqueles que seriam os "sinais individuais". Kolck trabalhou com 278 itens de análise, dispostos em agrupamentos por categorias, estabelecendo critérios para análise das porcentagens dos dados, a partir do número de itens do conjunto de dados do desenho (muito raro, raro, pouco comum e comum). Os aspectos mais característicos foram tomados em função da idade (com a subdivisão em grupos de 12-14 anos e 15-18 anos), sexo do autor e sexo da figura desenhada no DFH.

Foram sinais comuns nos aspectos gerais dos desenhos de figura humana de adolescentes estudados por Kolck: a figura do próprio sexo desenhada em primeiro lugar; a figura masculina menor ou de igual tamanho à feminina; a figura humana desenhada completa; a posição vertical ao eixo do corpo respeitada; tamanhos entre 1/4 e 1/32 da folha; localização das figuras com orientação do centro para a esquerda e para o alto da folha; figura desenhada em pé, estática e de frente; figuras de idade aproximada ou mais velhas que o autor (apesar que figuras mais velhas não foram comuns para o grupo de 15-18 anos e para o sexo feminino); linha do desenho de grossura média e traçado tipo avanços e recuos; ausência de linha de solo e de transparências, articulações ou linha média (1963, p.186).

As características comuns dos desenhos das adolescentes foram: figura masculina menor que a feminina; figuras de tamanho grande ou muito pequeno; localização no quadrante superior esquerdo; figuras todas de frente e só cabeça de perfil; figura de idade aproximada e mais jovem; linha fina de grossura média; cabeça de 1/4 da figura toda; cabelos penteados ou cuidados; olhos de tamanho grande; pupilas, pestanas e sobrancelhas; nariz pequeno, narinas e sombreamento no interior, de perfil em cabeça de frente; lábios grossos e em "arco de Cupido"; distorção na forma da orelha, brincos e omissão da orelha;

pescoço comprido e delgado, linha separando o pescoço da cabeça; tronco de formato duplo-trapézio, linhas angulosas, cintura desenhada e assinalada; braços de comprimento médio e voltados para trás do corpo; mãos pequenas, colocadas atrás das costas e ausência de mão em geral, dedos pontiagudos e com garras; pernas de comprimento médio; pés pequenos, pés de frente, omissão de pés, sapatos sem detalhes; roupa de traje comum completo, vestido comprido e decotado, gravatas e vistas nas calças (na figura masculina), botões e adornos. (Kolck, 1963, p.205-207).

(Soifer, 1977)

Em dois trabalhos, publicados nos anos 60 e 70, Raquel Soifer apresentou estudos com gestantes de cursos de psicoprofilaxia, da cidade de Buenos Aires (Argentina). Trabalhando especificamente na situação de gravidez com o Teste de Projeção Corporal (TPC) de Aniceto Figueras e Elena Nagy (1955)³¹, Soifer procurou extrair: diagnóstico da personalidade, prognóstico do comportamento diante do parto, prognóstico do parto em si, prognóstico da capacidade maternal e prognóstico do sexo do bebê.

Esse teste TPC (com fundamentação no conceito de esquema corporal de Paul Schilder) é resultado da união de várias provas projetivas, a partir de Machover (DFH) e propõe a realização de nove desenhos - todos de figuras humanas (como vestidas, nuas, de perfil, deitadas, com todos os seus órgãos internos e num ambiente qualquer). Segundo Soifer, as linhas gerais de interpretação são as mesmas da técnica de Machover, estendendo-se esses critérios aos nove desenhos³².

Além do esquema referencial psicanalítico freudiano (sexualidade infantil e complexo de Édipo), Soifer seguiu para suas análises, as contribuições de Melanie Klein (introjeção, projeção, posição esquizo-paranóide, posição depressiva), de Pichon Rivière (esquema corporal), José Bleger (simbiose) e Marie Langer (gravidez). A autora levantou diversas hipóteses interpretativas da prova aplicada, quanto à aceitação e negação da gravidez, sintomas experimentados, enfermidades orgânicas do passado e atuais ou em vias de se manifestar, as fantasias predominantes da gravidez além dos prognósticos sobre o prolongamento da gravidez, o tipo de parto, as condições para a maternidade, patologias e até sexo do bebê.

³¹ Citado por Soifer (1977): Figueras, A. e Nagy, E. C.: "El test de la proyección corpórea en pacientes disfónicos". Anales de Fonología e Audiología, Revista Latinoamericana, Buenos Aires, 1955.

³² O capítulo final do livro "Psicología del Embarzo, Parto y Puerpério" (Soifer, 1977) é dedicado à aplicação do Teste de Projeção Corporal na Gravidez, mas não apresenta dados estatísticos do estudo de gestantes com o TPC, caracterizando-se mais como um texto baseado em experiência clínica.

(Savastano, 1981)

Helena Savastano trabalhou com 38 gestantes, primigestas e múltiparas, que realizavam pré-natal na cidade de São Paulo (SP). O estudo buscou caracterizar a evolução do desenho da figura humana, projetada nos três trimestres da gestação, com a comparação de dois grupos: 20 gestantes com atendimento pré-natal numa clínica particular (Grupo de Atendimento Psicossomático) e 18 gestantes com atendimento numa clínica obstétrica de serviço público de saúde (Centro de Saúde Geraldo de Paula Souza, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo). Savastano diferenciou os dois grupos pelo critério de receber ou não assistência psicoprofilática, durante o pré-natal (serviço oferecido na clínica particular e não na clínica do serviço público, que tinha orientação mais organicista).

A pesquisadora propôs como técnica de trabalho, além do uso de questionários, o teste ICG, de sua autoria (Teste da Imagem Corporal de Gestantes). Nesse teste, à técnica de Machover é acrescentada a instrução: "agora desenhe a senhora". A pesquisadora comenta que essa última solicitação leva a um desenho de auto-imagem, possibilitando à pessoa projetar a sua própria configuração em um plano de realidade presente mais consciente – a gestação.

Savastano verificou as diferenças de realização das duas figuras femininas (a do par, da técnica de Machover) e a da auto-imagem, denominando-as respectivamente de projeção a nível inconsciente e consciente. Fazendo uso do esquema referencial psicanalítico para análise, seguiu Machover (1949) e Kolck (citando trabalho de 1966) no protocolo de avaliação de aspectos formais e de conteúdo dos desenhos.

O interesse de Savastano foi apontar o que parecia ser mais comum a um grupo de gestantes, não tendo base estatística suficiente para comprovação a não ser a comparação com os estudos de Soifer (com observação clínica). Apresentando dados de frequência de respostas, chegou a conclusões como: a projeção inconsciente da figura feminina tende a se igualar, em percentual, com a projeção consciente, principalmente dos desenhos das gestantes que se submeteram ao atendimento psicoprofilático; o segundo trimestre da gestação mostrou ser o período em que se concretiza a situação de crise; o amadurecimento psicobiológico se processa no decorrer da gravidez e as gestantes com atendimento psicoprofilático vencem esta crise com menos conflito do que as sem tal atendimento; acrescentam-se às ansiedades das gestantes, aquelas relacionadas com modificações do esquema corporal.

(Nobile, 1987)

Também baseando-se no conceito de imagem corporal de Schilder, em Machover (1949) e em Kolck (1984), Cássia Maria Nobile trabalhou com a técnica do desenho da

figura humana de Machover (DFH), realizando um estudo exploratório com mulheres em dois momentos distintos: durante a gravidez (no terceiro trimestre de idade gestacional) e depois do parto (após um ano e meio do nascimento do bebê). A pesquisadora investigou a relação entre imagem corporal e gravidez, estudando a possibilidade de diferenças significativas na maneira de auto-perceber-se bem como a percepção do contato com o outro e o meio, nesses períodos. O objetivo do trabalho foi verificar se o período de gravidez desenvolve conflitos transitórios na mulher e como esses se manifestam.

Através da coleta de relatos verbais (entrevistas semi-dirigidas com roteiro) e de projeção gráfica (DFH), Nobile estudou como a mulher expressa suas percepções e sensações relativas à vivência das modificações de seu corpo transformado pela gravidez. As grávidas pesquisadas, 10 mulheres, que faziam pré-natal em serviço público de saúde da cidade de Assis (SP), em 2ª ou 3ª gestação, tinham mais de seis meses de idade gestacional, eram casadas, moravam com o companheiro e tinham nível sócio- econômico médio inferior e médio (definido a partir da faixa salarial de dois a quatro salários-mínimo e de cinco a 10 salários-mínimo, da época).

Levando em consideração itens que ocorreram em mais de 50% do seu grupo pesquisado (em mais de cinco sujeitos) e avaliando aspectos formais e de conteúdo dos desenhos, Nobile observou maiores indicadores de conflito no momento posterior à gravidez (menos nas projeções gráficas e mais nos dados relatados). A reelaboração de aspectos da imagem corporal, durante a gravidez, pareceu para a pesquisadora, como vivenciada com menor grau de conflito, provavelmente porque a gestante, segundo Nobile, pode relacionar-se nesse período com aspectos de seu eu ideal, condição mais característica da fase da gravidez do que do tempo posterior.

(Herzberg, 1986, 1993)

Eliana Herzberg utilizou desenhos de figura humana (o DFH de Machover), em dois trabalhos com gestantes: um estudo exploratório apresentado na sua dissertação de mestrado(1986) e um estudo normativo, apresentado na sua tese de doutorado (1993).

No primeiro trabalho, Herzberg (1986) buscou caracterizar gestantes atendidas em pré-natal de serviço público de saúde e propôs reflexões sobre as relações entre aspectos de personalidade das gestantes e a assistência que serviços de saúde se propõem a dar, englobando particularmente o lugar e o papel do psicólogo.

Nesse estudo exploratório, estudou oito pacientes de clínica obstétrica de hospital da rede pública da cidade de São Paulo (SP). Seu grupo pesquisado foi de gestantes primigestas, dentro da faixa etária de 18 a 29 anos, com escolaridade até o 1º grau, vivendo com

companheiro, com gravidez de baixo-risco, no último trimestre de gravidez até o pós-parto imediato.

Herzberg trabalhou, além de observação direta, com entrevistas semi-abertas (modelo de Bleger), o DFH (técnica de Machover) e 12 pranchas do TAT (o Teste de Apercepção Temática, de Murray)³³.

A pesquisadora, sob a orientação da Dra. Kolck, analisou principalmente aspectos formais (estruturais) de 12 desenhos de figura humana (Machover), avaliando provas de seis gestantes que desenharam as figuras do DFH, já que duas gestantes recusaram-se a fazer os desenhos. Herzberg concluiu que, quanto ao DFH, a ordem, postura, transparência e tipo de imagem do corpo das figuras desenhadas parecem diferenciar as gestantes da população em geral (1986, p.159). Notou que: a figura do sexo oposto foi desenhada em primeiro lugar com maior frequência do que a do próprio sexo; o tamanho relativo da figura do próprio sexo foi maior que a do sexo oposto; houve uma tendência a desenhar figuras mais jovens do que de idades aproximadas às das gestantes; embora as figuras fossem desenhadas de pé, houve um pequeno desequilíbrio vertical (geralmente para a direita); houve uma frequência alta de transparências na figura do próprio sexo (principalmente na região do tórax e do abdômen); a linha de solo não foi representada em nenhuma figura; houve uma tendência a representar a imagem do corpo de maneira compensatória (e não realista); na maior parte dos desenhos não houve a representação da pupila nos olhos.

No trabalho de 1993 (tese de doutorado), Herzberg apresentou uma continuidade e aprofundamento de suas pesquisas na área do DFH e do TAT, com a comparação de desempenho de gestantes e não gestantes³⁴. O objetivo da pesquisa foi levantar características específicas dos dois grupos e compará-las, novamente com ênfase nos aspectos estruturais (ou formais) dos desenhos e menos nos aspectos de conteúdo. A autora também apresentou sugestões do ponto de vista psicológico para melhor assistência pré-natal.

Nesse estudo normativo, a amostra foi composta de 34 gestantes e 32 mulheres não gestantes, todas residentes na cidade de São Paulo (SP), com escolaridade máxima até o 2º grau incompleto, idades entre 16 e 29 anos e baixo nível sócio-econômico. Todas as gestantes viviam com o companheiro (pai do bebê), eram primíparas, faziam acompanhamento pré-natal em serviços públicos de saúde e tinham gravidez de baixo risco (do ponto de vista obstétrico). As não gestantes eram de qualquer estado civil, mas sem filhos. Herzberg coloca que procurou investigar uma amostra, o mais "normal" possível, para

³³ Herzberg observou maior facilidade na aceitação da tarefa de relatar histórias no TAT do que de desenhar.

³⁴ Herzberg também fez uso, nesse trabalho, da técnica de entrevista semi-aberta.

procurar isolar o efeito de variáveis que, a priori, pudessem interferir nos resultados (1993, p. 18).

Especificamente com relação ao DFH, Herzberg apresentou 26 critérios para avaliação, com base no referencial de sistematização de Kolck (1984) e incluiu nesse trabalho, uma análise estatística de seus dados. Com relação ao desempenho do grupo de gestantes, apresentou comparações com alguns resultados de Savastano (1981) e de Nobile (1987).

Também nesse trabalho, Herzberg observou características "típicas", nos desenhos de grávidas. Pela possibilidade de trabalhar com um grupo maior de gestantes e também com grupo de controle, notou com relação a seu primeiro trabalho, que algumas características que pareciam ser particulares da gravidez, revelaram não o serem (1993, p.138).

Os itens que diferenciaram estatisticamente o grupo das gestantes do das não gestantes foram: maior inclinação das figuras, quadris e abdomens maiores, maior frequência de figuras femininas compensatórias (versus realistas) e de figuras 'normais' (ao invés de distorcidas) além de maior frequência de representação dos seios e da cintura). No grupo das grávidas pesquisadas ocorreu menor frequência de sombreamento na região do abdome (1993, p.138).

Apesar da análise estatística não ter revelado diferenças significativas em alguns itens, Herzberg também observou algumas tendências nos DHF das gestantes, como maior frequência de desenhos do sexo oposto em primeiro lugar e do próprio sexo desenhado em tamanho menor; maior diferenciação sexual entre os desenhos com maior frequência de representação dos genitais, embora sempre disfarçados pela roupa ou de alguma outra forma; representação de seios maiores e maior empenho no desenho das roupas e acessórios (1993, p.138).

A prova aplicada: Três desenhos de auto-retrato

Como segundo procedimento do **Módulo I**, de estudos com *adolescentes gestantes*, foi confeccionada uma prova projetiva - **Três desenhos de auto-retrato**, e realizada sua aplicação em 50 adolescentes grávidas, inscritas no pré-natal do PAIAG – Programa de Atenção Integral à Adolescente Gestante (descrito anteriormente). Esse estudo buscou levantar características da auto-imagem do grupo de adolescentes grávidas pesquisadas³⁵, verificando a frequência dos traços comuns ou raros nos seus desenhos de auto-retrato.

Caracterização e fundamentação:

O primeiro estudo do **Módulo I** (que trabalha com *adolescentes grávidas*) apresentou uma delimitação de características psicossociais do universo pesquisado neste trabalho (adolescentes usuárias de serviço público de pré-natal e maternidade), utilizando-se de questionário com perguntas fechadas. O aprofundamento de questões de identidade dessas adolescentes, principalmente de *como essas adolescentes percebem-se a partir da experiência da gravidez*, foi pesquisado então com um instrumental de teste projetivo de desenho, que como referido nas páginas anteriores, foi técnica escolhida por outras pesquisadoras que trabalharam com adolescentes e com gestantes.

A proposta do instrumento utilizado neste segundo estudo do **Módulo I**, foi inspirada na técnica do DFH de Machover (1949) e na técnica do ICG de Savastano (1981). Denominado **Três desenhos de auto-retrato**, o teste propôs às adolescentes a realização de três desenhos de si mesmas, estando grávidas ou não, num tempo anterior ou posterior ao parto, de acordo com as características do desenho inicial que elas tivessem realizado (incluindo o marco da gravidez como referência dos desenhos imaginados no passado, no presente e no futuro).

A criação de um novo instrumental³⁶ (ao invés da utilização do clássico DFH) deveu-se ao propósito de trabalhar com o "imaginário" da **auto imagem em transformação** pelas mudanças trazidas pela gravidez e pela adolescência.

O objetivo do recurso dos **Três desenhos de auto-retrato** foi verificar como as adolescentes gestantes expressavam (projetavam) uma auto-imagem "atualizada" (estando grávidas), uma "anterior" e uma imaginada numa possibilidade "futura".

A fundamentação da técnica, enquanto teste projetivo, baseia-se nas considerações anteriores sobre o conceito de imagem corporal, sobre os testes projetivos de desenhos, sobre o teste de figura humana (DFH) e sobre o ICG de Savastano (que também propunha à

³⁵ Não se pretende realizar uma generalização dos dados. O grupo pesquisado não se caracteriza uma amostra de adolescentes grávidas, de um ponto de vista estatístico.

³⁶ Herzberg (1993) comenta críticas perante a criação de novos instrumentos ao invés de aperfeiçoamento e atualização de técnicas que já dispomos (p.6).

gestante, um *desenho de si mesma*). Se no desenho da figura humana está projetada a imagem corporal (Machover, 1949; Silder, 1980), a auto-imagem e o conceito de si mesmo (Kolck, 1984) tem-se como pressuposto, que a despeito de defesas maiores mobilizadas³⁷, os desenhos de auto-retrato também podem ser veículos de expressão de auto-imagem e de auto-conceito - de *como as adolescentes expressam se perceberem*.

As instruções:

Conforme descrição anterior sobre os procedimentos do PAIAG, a testagem gráfica fazia parte do ingresso ao programa de pré-natal, após um encontro anterior de entrevista psicológica, com a jovem já inscrita no programa (pós triagem).

A prova gráfica que consistiu na realização de **Três desenhos de auto-retrato** foi aplicada de forma individual³⁸, na sala de atendimento psicológico do Hospital e Maternidade Municipal Dr. Silvério Fontes - HMMSF, serviço público de saúde onde funcionava o PAIAG, que é a referência dos estudos do presente trabalho.

Inicialmente eram dadas explicações gerais para a adolescente, dizendo-lhe que tratava-se de um teste para conhecê-la melhor, de que não se incomodasse com a qualidade estética da produção e de que ela deveria, naquele encontro, fazer três desenhos, em folhas separadas, no tempo que julgasse necessário.

As folhas eram entregues na posição vertical, diante da jovem, uma a uma, a partir da finalização de cada desenho.

A instrução para o *primeiro* desenho era: "desenhe um *retrato de você, de corpo inteiro, com qualquer idade*". Se a jovem perguntasse se o desenho era dela grávida ou não, era-lhe respondido que ela escolhesse como quisesse. Para o *segundo* desenho, a instrução era praticamente a mesma (um *retrato seu, de corpo inteiro, com qualquer idade*), com a diferença de que lhe era solicitado um desenho de um retrato dela *não grávida*, caso tivesse feito o primeiro desenho como *grávida*. E ao contrário, lhe era pedido um desenho dela *grávida*, caso sua primeira produção tivesse sido *não grávida*. Para o *terceiro* desenho, era solicitado um *retrato de corpo inteiro depois dela ter tido bebê*, com quanto tempo depois quisesse escolher, caso o desenho anterior *não grávida* fosse de um tempo anterior à gravidez. No caso do desenho anterior *não grávida* ter sido referido como de uma época

³⁷ É claro que as solicitações de desenho de auto-retrato trazem condições mais defensivas do que as propostas no teste de Machover (que solicita desenhar pessoas e não especificamente a si mesmo). Em contrapartida, o instrumento proporciona materiais de expressão específicos da imagem de si mesma em transformação, pela gravidez e pela adolescência.

³⁸ Hammer (1981) comenta os benefícios de testagem em grupo para desenhos projetivos pela maior distância emocional entre examinador e sujeito. No presente estudo, a aplicação foi feita de forma individual fazendo parte do ingresso ao PAIAG.

posterior ao parto, solicitava-se no *terceiro* desenho *um retrato de corpo inteiro, num tempo anterior à gravidez*. Após a realização de cada desenho perguntava-se à adolescente sobre a idade que possuía naquele retrato, e a idade gestacional do desenho dela *grávida*. Às perguntas que a adolescente porventura fizesse sobre a execução do desenho, era-lhe respondido "como quiser".

O material:

Três folhas de papel sulfite, lápis grafite nº 2, borracha e apontador.

O grupo investigado:

50 adolescentes gestantes, primigestas, usuárias do serviço público de pré-natal (PAIAG), em início de atendimento pelo serviço. A idade gestacional do grupo foi variada. Conforme já explicado, por vezes o programa era procurado por jovens com idade gestacional avançada, tendo ou não já recebido algum atendimento em pré-natal em outro serviço. Para este estudo, a faixa etária selecionada foi de adolescentes de 13 a 16 anos. O grupo de 50 adolescentes ficou definido dentro de um limite de tempo de aplicação, nos anos de 1995 e 1996; quando foram completadas 50 provas de adolescentes iniciantes de pré-natal, dentro dessa faixa etária, deu-se por completo a grupo a ser investigado.

Características do grupo investigado ³⁹

O grupo foi composto de 50 adolescentes grávidas, atendidas no PAIAG, com idades entre 13 a 16 anos, de forma assim distribuída:

13 anos – 03 adolescentes

14 anos – 10 adolescentes

15 anos – 20 adolescentes

16 anos – 17 adolescentes

Pelo número reduzido de adolescentes com 13 anos (n=03), os dados referentes a essa faixa etária foram analisados conjuntamente aos dados de 14 anos, considerando-se então a categoria "menos de 15 anos". Os dados percentuais de faixa etária do grupo foram:

³⁹ Resultados do primeiro estudo **Módulo I** (questionários com as adolescentes inscritas no PAIAG) fornecem indicadores da população investigada quanto a algumas condições psicossociais (família, escola, trabalho).

Tab 01

Idade	Adolescentes (n=)	%
< 15 a (13 e 14 a)	13	26%
15 a	20	40%
16 a	17	34%
<i>Total</i>	50	100%

Essa distribuição aleatória por faixa etária teve como limites escolhidos para a pesquisa com os desenhos de auto-retratos, a idade mínima de 13 anos e a máxima de 16 anos. Apesar do PAIAG atender algumas adolescentes com 17 e 18 anos, escolheu-se aqui não trabalhar com tal faixa etária por se tratar de adolescentes aceitas excepcionalmente no programa, após avaliação na entrevista de triagem como casos de maior risco (conforme já descrito). Adolescentes com menos de 13 anos eram atendidas no PAIAG, mas também representavam casos excepcionais.

Idade gestacional (ig) do grupo investigado:

A coleta dos dados referentes às idades gestacionais (ig) das jovens pesquisadas foi realizada com sondagem posterior realizada nos seus prontuários hospitalares. Como já referido, os desenhos de auto-retrato foram realizados quando as adolescentes estavam no início do seu pré-natal no PAIAG, já que a testagem gráfica fazia parte do ingresso ao programa. Grande parte das pesquisadas não tinha conhecimento do tempo da gestação, a despeito do adiantado do tempo gestacional. Algumas adolescentes referiram idades gestacionais aproximadas e esses dados puderam ser também confirmados através dos prontuários já que esses continham informações mais sistematizadas para o cálculo da **ig** (como data da última menstruação e resultados ultrassonográficos)⁴⁰.

⁴⁰ Com pesquisa nos prontuários, procurou-se calcular com a maior proximidade possível, a idade gestacional. Na maioria das vezes, no entanto, a idade gestacional é um dado aproximado. Em obstetria, por exemplo, trabalha-se com a referência de "data provável de parto" (DPP) já que a gestação normal é calculada num tempo de 38 até 42 semanas e a data da fecundação, em geral, é desconhecida. Também, algumas mulheres confundem gestação com a amenorréia. No caso de adolescentes, principalmente as mais novas, isso pode ser mais comum, pela frequência de irregularidade nos ciclos menstruais.

Considerando-se a divisão por trimestre⁴¹, a maioria das adolescentes encontrava-se no IIº trimestre da gestação, com as seguintes distribuições:

Tab 02

Idade Gestacional – trimestre	Adolescentes (n=)	%
Até 12 semanas (Iº trimestre)	01	2%
De 13 semanas a 26 semanas (IIº trimestre)	32	64%
Mais do que 27 semanas (IIIº trimestre)	17	34%
<i>Total</i>	50	100%

Note-se que apenas uma adolescente foi testada dentro do Iº trimestre de idade gestacional. Como todas as adolescentes foram testadas no início do atendimento no programa, esse dado indica que a procura pelo pré-natal aconteceu, em geral, após o terceiro mês de gestação.

Não houve diferença significativa⁴² de idade gestacional pelas faixas etárias do grupo. A maior concentração, nas três faixas estudadas, está no IIº trimestre de idade gestacional, como vemos na tabela 03.

⁴¹ Do ponto de vista obstétrico, tem-se que na gestação: o Iº trimestre corresponde à *formação*; o IIº trimestre, à *formação* e ao *crescimento* e o IIIº trimestre, corresponde ao *crescimento*. É bastante comum na obstetrícia, a medição da gestação por *semanas*, subdividindo-se a gravidez nos períodos: *anterior a 20 semanas* e *posterior a 20 semanas* (quando o feto no útero já tem, em geral, mais do que 500g e já passa a haver a denominação de *trabalho de parto* e não mais *aborto*).

⁴² O termo "significativo" não está usado no sentido estatístico, visto que não foi realizado o tratamento estatístico dos dados. Os dados apresentados referem-se a frequências dentro de um grupo de adolescentes grávidas.

Tab 03

Faixa etária	Idade gestacional	adol	%
< 15 ^a	Iº trimestre (até 12 semanas)	01	7,69%
	IIº trimestre (de 13 a 26 semanas)	08	61,53%
	IIIº trimestre (27 semanas ou mais)	04	30,76%
		N=13	100%
15 a	Iº trimestre (até 12 semanas)	0	0%
	IIº trimestre (de 13 a 26 semanas)	13	65%
	IIIº trimestre (27 semanas ou mais)	07	35%
		N=20	100%
16 a	Iº trimestre (até 12 semanas)	0	0%
	IIº trimestre (de 13 a 26 semanas)	11	54,70%
	IIIº trimestre (27 semanas ou mais)	06	35,29%
		N=17	100%
<i>Total</i>		N=50	

Com relação ao critério de divisão da gestação, quanto à IG de 20 semanas, os dados do grupo foram: 17 jovens (34%) tinham idade gestacional menor ou igual a 20 semanas e 33 jovens (66%) tinham idade gestacional superior a 20 semanas. A distribuição desses dados nas três faixas etárias estudadas pode ser observada na tabela 04.

Tab 04

Idade do grupo	IG < 20semanas		IG ≥ 20semanas		total	
	N=	%	N=	%	N=	%
< de 15 a	4	30,76%	9	69,23%	13	100%
15 a	6	30%	14	70%	20	100%
16 a	7	41,17%	10	58,82%	17	100%
<i>Total</i>	17		23		50	

Assim, a maioria das adolescentes (69,23% das que tinham menos de 15 anos, 70% das que tinham 15 anos e 58,82% das que tinham 16 anos) – encontrava-se na segunda metade da gestação, já com percepção dos movimentos fetais e proeminência mais evidente da barriga.

Apesar de Maldonado (1976) considerar o 2º trimestre da gravidez (de maior incidência no grupo) como o mais estável sob o ponto de vista emocional, outros autores consideram tal fase como mais conflitiva. Para Soifer (1977), a percepção dos movimentos fetais torna-se possível a partir do 4º mês de gestação, ou mesmo aos 3 meses e meio, porém nem todas as gestantes registram conscientemente essa situação. Com bastante frequência, a partir do 5º mês, os movimentos fetais passam a ser percebidos. Também na entrada do 5º mês o estado de gravidez é evidente: o ventre se arredondou, os seios estão mais entumescidos e as mudanças corporais são mais visíveis. A partir daí aparecem fantasias inconscientes determinantes de uma crise de ansiedade. Essas fantasias relacionam-se com o conflito edipiano, os impulsos incestuosos e masturbatórios infantis e o temor à morte. Essas ansiedades aparecem conscientemente de várias formas: temor de ter um filho disforme, medo de morrer no parto, angústias do próprio corpo disforme com medo de permanecer assim. Há em geral, diminuição da libido sexual. No entanto, pela evidência do estado gravídico, podem ocorrer modificações positivas no ambiente social que inicialmente manifestou maior hostilidade perante à notícia da gravidez. Em outras situações e meios, a evidência da gravidez, principalmente a que foi escondida, pode causar rejeições maiores (com dispensa de trabalho, por exemplo).

Savastano (1981) também considera o 2º trimestre da gestação como um período de angústias pela luta inconsciente e consciente em busca de uma nova identidade. Citando Caplan (1957) comenta que o 2º trimestre da gravidez traz uma mudança radical no equilíbrio psíquico da gestante, tratando-se de uma alteração característica que envolve uma mudança entre o ego da mulher e suas forças inconscientes o que faz com que antigos conflitos e fantasias que foram guardadas e reprimidas sejam permitidas de vir à consciência.

Resultados: discussão e análise

Os 150 desenhos de auto-retrato serão inicialmente avaliados através de algumas categorias de análise (**Tabelas 05 a 21**) relativas a aspectos próprios da prova dos **Três desenhos de auto-retrato**, como: a primeira opção de retrato como *grávida* ou *não grávida*, as idades escolhidas para retratar-se, a idade gestacional escolhida para o retrato estando *grávida*, a presença do bebê no retrato *posterior ao parto*.

Na seqüência (depois da **Tabela 21**), serão apresentados outros itens de avaliação dos auto-retratos enquanto **desenhos de figuras humanas**, baseando-se em Kolck (1984)⁴³ e principalmente no protocolo de Herzberg (1993) para análise de aspectos formais (ou estruturais) e alguns aspectos de conteúdo de desenhos do DFH.

Apesar das diferenças de provas e da população investigada, serão apresentadas na análise, algumas comparações com resultados de estudos de desenhos com adolescentes (Kolck, 1963) e com grávidas (Soifer, 1977; Savastano, 1981; Nobile, 1987; Herzberg, 1986, 1993), já citados anteriormente.

A aceitação da tarefa

Embora a hipótese de que a tarefa de "retratar-se num desenho" pudesse envolver maior ansiedade do que "realizar um desenho de figura humana qualquer", todas as adolescentes pesquisadas aceitaram a solicitação proposta na prova. A maioria delas manifestou no entanto alguma resistência inicial, mostrando-se a princípio inquietas, ou sorrindo desconcertadas, ou ainda fazendo comentários como: "é difícil", "não sei desenhar", ou "ai, meu Deus". A explicação atenciosa de que não se tratava de uma proposta para verificar como elas sabiam desenhar e sim de conhecê-las melhor, pareceu suficiente para que todas desenhassem os três auto-retratos. Também essa aceitação do total das jovens em realizar os desenhos (não recusa em nenhum dos 50 casos pesquisados) deve levar em conta uma provável submissão, visto a situação de aplicação da prova no ingresso ao programa de pré-natal (como em Menezes, 1993).

A ordem dos desenhos

A prova constou de três desenhos de auto-retrato, que por condição das instruções seriam: dois desenhos de auto-retrato *não grávida* e um desenho de auto-retrato *grávida*. A primeira opção de desenho poderia ser *grávida* ou *não grávida*, porém o terceiro desenho

⁴³ As referências de Kolck, para protocolo de avaliação e interpretação, foram seguidas nos estudos de Savastano (1981), Nobile (1987) e Herzberg (1986, 1993).

seria, também por força das instruções, necessariamente o de *não grávida*. Assim, à primeira escolha cabe analisar a opção (ou "tema"), mas não houve opção quanto ao retratar-se grávida ou não, nos segundo e terceiro desenhos. Quanto a esses, cabe análise de que idade se retratou – o tempo escolhido num passado, presente (principalmente quanto à idade gestacional, no desenho *grávida*) ou futuro.

Para facilitar o registro dos resultados serão usadas as convenções:

G - para o desenho de auto retrato *grávida*

AG - para o desenho de auto retrato *não grávida*, referido num tempo anterior a ter ficado grávida

PG - para o desenho de auto-retrato *não grávida*, referido num tempo posterior ao parto

NG - para os desenhos AG + PG

A primeira escolha

A escolha de um primeiro desenho com G, AG ou PG, ficou assim distribuída:

Tab 05

PRIMEIRA OPÇÃO		N=	%
Desenho grávida	G	18	36%
Desenho antes de engravidar	AG	29	58%
Desenho depois de ter tido bebê	PG	03	6%
<i>Total</i>		50	100%

Em nenhuma das faixas etárias estudadas o percentual de primeira opção de desenho de um auto retrato estando *grávida* superou o da expressão de um retrato *não grávida*. A distribuição quanto à primeira opção de desenho, por faixa etária foi:

Tab 06

1ª opção de desenho								
	G		AG		PG		(Total)	
Idade	N=	%	N=	%	N=	%	N=	%
< 15 a	02	15,38%	09	69,23%	02	15,38%	13	100%
15 a	09	45%	11	55%	0	0%	20	100%
16 a	07	41,17%	09	52,94%	01	5,88%	17	100%
<i>Total</i>	18		29		03		50	

Daí verificou-se que nas três faixas estudadas, o desenho AG foi escolhido preferencialmente como primeira opção, seguido do desenho G (necessariamente, por conta das solicitações da prova). O desenho PG foi escolhido como primeira opção por apenas três adolescentes (duas delas na faixa etária menor de 15 anos), retratando-se num tempo futuro e posterior ao parto.

Quanto a isso, parece-nos interessante lembrar, o trabalho de Savastano (1981) que, solicitando desenhos de figuras humanas e um terceiro desenho de auto-retrato ("agora desenhe a senhora"), não perguntava para as pesquisadas se as figuras femininas desenhadas no seu teste ICG estavam ou não grávidas. A pesquisadora, então não apresentou resultados sobre as projeções de figuras grávidas e não grávidas.

O esquema interpretativo do teste de Machover pressupõe que a figura desenhada inicialmente é a identificação com o papel sexual característico do sexo a que pertence o indivíduo e a falha em desenhar o próprio sexo em primeiro lugar (na ordem das duas figuras solicitadas) pode indicar um problema de identidade sexual. Isso pode ser lembrado perante os dados da prova dos **Três auto-retratos**, para sugerir que a figura projetada em primeiro lugar pode ser indicativa da identificação como *grávida* ou *não grávida*. Caso considerada tal hipótese (a ser comprovada com estudos clínicos), as adolescentes grávidas estudadas, então, independente da idade gestacional e da faixa etária, denotariam maior dificuldade na identificação do estar grávida.

As tabelas 07 e 08 mostram resultados da primeira opção de desenho como *grávida* ou *não grávida* e as idades gestacionais das adolescentes.

Tab 07

1ª opção de desenho X trimestre de idade gestacional				
Idade gestacional	Desenho grávida (G)		Desenho não grávida (AG+PG)	
	N=	%	N=	%
1º tr (n=01)	0	0%	01	3,12%
2º tr (n= 32)	13	72,22%	19	59,37%
3º tr (n= 17)	05	27,77%	12	37,50%
<i>Total</i>	18	100%	32	100%

Tab 08

1ª opção de desenho X idade gestacional						
	Ig < 20s (n=17)		Ig ≥ 20s (n= 33)		Total (n=50)	
	N=	%	N=	%	N=	%
Desenho G	06	35,29%	12	36,36%	18	36%
Desenho NG	11	64,70%	21	63,63%	32	64%
<i>Total</i>	17	100%	33	100%	50	100%

Desenhos de retrato G (*grávida*):

A maior parte das jovens que escolheram desenhar um auto-retrato estando *grávida* como primeira opção de desenho (36% dos desenhos) já estava na segunda metade da gravidez. Porém é interessante comparar esse dado de opção do primeiro desenho como *grávida* com a distribuição das adolescentes em termos da idade gestacional (ig). Conforme a tabela 08, temos que 36,36% das 33 jovens que estavam com idade gestacional maior ou igual a 20 semanas escolheram o desenho *grávida* como primeira opção de desenho e 35,29% das 17 que estavam com idade gestacional menor do que 20 semanas também assim

o fizeram, indicando que a idade gestacional, mais ou menos avançada não parece interferir na escolha de primeira opção de desenho, como *grávida* ou *não grávida*. A idade gestacional maior ou igual a 20 semanas era uma tendência do grupo total de adolescentes pesquisadas e não do grupo que inicialmente realizou uma projeção de retrato estando *grávida*. Isso deve ser considerado quando observamos os dados das tabelas 09 e 10, que mostram os resultados da primeira opção de desenho *grávida* relacionada com a idade gestacional das adolescentes pesquisadas.

Tab 09

1ª opção de desenho – G

Ig <20s		Ig ≥20s		Total	
N=	%	N=	%	N=	%
06	33,33%	12	66,66%	18	100%

Tab 10

1ª opção – desenho G e idade gestacional (por trimestre)

Ig	N=	%
1º tr (até 12s)	0	0%
2º tr (13 – 26 s)	13	72,72%
3º tr (27 s →)	05	27,27%
<i>Total</i>	18	100%

Nos desenhos G (*grávida*), perguntava-se para as adolescentes com que idade gestacional haviam se retratado. Como já citado anteriormente, grande parte das jovens não sabia a idade gestacional que se encontravam ou a referiam de forma aproximada. Quando solicitado a idade gestacional do desenho *grávida* ("*com quanto tempo de gravidez está nesse desenho?*"), era comum que a resposta fosse "*igual agora*", "*como estou agora*" ou "*a mesma de agora*". Quando referiam a idade gestacional, o faziam em geral com a medida de *meses*, como é o comum na linguagem popular⁴⁴.

⁴⁴ Lembre-se que na linguagem da obstetrícia é usual a medida de *semanas* para a idade gestacional.

A tendência da maioria das adolescentes foi a de retratar-se no momento atual da gravidez, desenhando-se com idade gestacional igual à idade gestacional que estava. Essa tendência ocorreu em todos os desenhos *grávida* (não só como primeira opção), como vemos tabelas 11, 12 e 13.

Tab 11

Idade gestacional referida no desenho G (na 1ª opção)

Idade gestacional	N=	%
Mesma ig	11	61,11%
Anterior a que estava	05	27,77%
Posterior a que estava	02	11,11%
<i>Total</i>	18	100%

Tab 12

Idade gestacional referida nos desenhos G (todos)

Idade gestacional	N=	%
Mesma ig	29	58%
Anterior a que estava	14	28%
Posterior a que estava	07	14%
<i>Total</i>	50	100%

Tab 13

Idade gestacional escolhida nos desenhos G e faixa etária do grupo

	Mesma		Antes		Depois		total	
	N=	(%)	N=	(%)	N=	(%)	N=	(%)
<15 a	07	53,84%	03	23,07%	03	23,07%	13	100%
15 a	15	75%	04	20%	01	5%	20	100%
16 a	07	41,17%	07	41,17%	03	17,64%	17	100%

Como vemos, houve tendência de se retratar *grávida* num tempo presente, a despeito do desenho G ser a primeira opção de desenho em todas as faixas etárias pesquisadas.

Retratar-se *grávida* com idade gestacional anterior (num passado próximo, se considerarmos o tempo total de uma gravidez) foi mais comum do que retratar-se num tempo futuro (também, necessariamente próximo, por condição do limite temporal da gravidez).

Isso pode indicar não só uma defesa perante às angústias relativas ao futuro parto mas, pelo que outros dados sugerem, uma tendência geral de não retratar-se no futuro.

Desenhos de retrato AG (*não grávida - antes de engravidar*):

A grande maioria (90,62%) das jovens que se retrataram *não grávidas* como primeira opção de desenho (64% das escolhas), o fizeram com idade *anterior à gravidez* (desenhos AG). Como já referido, somente três adolescentes escolheram como primeira opção de desenho, um retrato *não grávida e num tempo posterior ao parto* (desenhos PG).

Os desenhos AG como primeira opção foram colocados, em sua maioria, em idades próximas a das idades reais das adolescentes, com maior tendência a escolhas de idades com um a dois anos antes de terem engravidado, como vemos nas tabelas 14 e 15:

Tab 14

1ª opção de desenho – AG			
<i>Idades escolhidas para se retratarem</i>			
Idade	< 15 a	15 a	16 a
Escolhida	(n= 9)	(n=11)	(n= 9)
< 7 a	0	2 (18,18%)	0
7 – 9 a	0	0	1 (11,11%)
10 – 12 a	5 (55,55%)	2 (18,18%)	1 (11,11%)
13 a	3 (33,33%)	2 (18,18%)	2 (22,22%)
14 a	1 (11,11%)	4 (36,36%)	1 (11,11%)
15 a	-	1 (9,09%)	4 (44,44%)
16 a	-	-	0
<i>Total</i>	100%	100%	100%

Tab 15

1ª opção de desenho AG -			
<i>Tempo anterior à gravidez escolhido para o desenho AG</i>			
Tempo referido	< 15 a	15 a	16 a
Até 2 meses antes	1 (11,11%)	1 (9,09%)	1 (11,11%)
3 a 6 meses antes	0	1 (9,09%)	1 (11,11%)
7 a 11 meses antes	0	0	0
1 ano antes	3 (33,33%)	3 (27,27%)	2 (22,22%)
2 anos antes	3 (33,33%)	2 (18,18%)	1 (11,11%)
3 anos antes	1 (11,11%)	2 (18,18%)	2 (22,22%)
4 anos antes	1 (11,11%)	0	1 (11,11%)
5 ou + anos antes	0	2 (18,18%)	1 (11,11%)
<i>Total</i>	100%	100%	100%

Todos os desenhos AG (não só em primeira opção) mantiveram essa tendência de escolha de idades próximas às idades atuais. Então, considerando-se a análise dos dados relativos às idades gestacionais escolhidas para os desenhos G, manteve-se a tendência de situar-se num retrato mais próximo do tempo atualizado.

Houve poucas escolhas de idades da primeira infância ou pré-adolescência e a maior concentração de escolhas com idades um ano menores do que a da própria faixa etária que se encontram, pode indicar uma ênfase num momento da adolescência bem próximo ao da ocorrência da gravidez (como estavam um pouco antes). A tabela 16 mostra resultados das idades escolhidas pelas adolescentes ao se retratarem *não grávidas*, num tempo anterior à gravidez.

Tab 16

Desenhos AG (não só 1ª opção)*Idades escolhidas para se retratarem*

Idade escolhida	< 15 a (n=13)	15 a (n=19) *	16 a (n= 17)
< 7 a	0	2 (10,52%)	0
7 – 9 a	0	1 (5,26%)	1 (5,88%)
10 – 12 a	8 (61,53%)	3 (15,78%)	3 (17,64%)
13 a	4 (30,76%)	3 (15,78%)	2 (11,76%)
14 a	1 (7,69%)	8 (42,10%)	3 (17,64%)
15 a	-	2 (10,52%)	8 (47,05%)
<i>Total</i>	100%	100%	100%

- Não considerado o caso de uma adolescente que se retratou sempre com idades futuras, referindo idade futura no desenho *grávida* (1ª opção, desenho G) e mantendo essa referência quando verbalmente indicou as idades dos outros dois desenhos (AG e PG).

As observações de Machover (1981), sobre desenhos de adolescentes referem a característica da escolha de idade mais velha, para a projeção na figura humana (1981, p.98). Os dados encontrados nos presentes resultados indicaram, ao contrário, uma escolha de idade inferior e próxima à real.

Também Kolck (1966) verificara que, com o aumento da idade dos adolescentes pesquisados crescia o número de figuras de idade aproximada diminuindo o de mais velha e que as moças em relação aos rapazes "acentuam bem mais a figura de idade aproximada, diminuem a incidência da figura mais velha; aumentam a da figura mais jovem (...)" (p.61).

Nobile (1987), trabalhando com gestantes não adolescentes, também encontrou dados de escolha de idade mais jovem, nas atribuições da figuras humanas femininas do DFH aplicado. Afirmou que a atribuição de idade mais jovem pode sugerir, no período de gravidez, conflitos de vivência do próprio estado (modificações ocorridas, limitações decorrentes) como também receio em enfrentar as futuras situações de parto e maternidade (p.84). Savastano (1981) observara a característica de atribuição de idade mais jovem nas

gestantes do seu estudo, principalmente nas que, segundo a autora, permaneciam em uma situação mais regressiva (p.129).

Desenhos de retrato PG (*não grávida, num tempo posterior ao parto*):

Os desenhos PG (*retrato não grávida num tempo posterior ao parto*) traziam, por condição de instruções, uma proposta de um retrato em prospecção, num tempo futuro, num tempo não experienciado.

Da mesma forma que as adolescentes tenderam a se retratar num tempo não muito distante do tempo atualizado, com relação ao passado (como nas idades escolhidas para os desenhos AG ou nas idades gestacionais escolhidas para os desenhos G), também para o desenho *não grávida* num tempo futuro (desenho PG), encontrou-se a tendência de proximidade às idades reais.

Com relação às idades escolhidas nos desenhos PG, houve maior concentração de escolhas de retratos num tempo próximo ao que as adolescentes estavam, com tendência a escolhas de retrato com as mesmas idades (em termos de contagem anual) que possuíam, mantendo essa característica de certo limite ao imaginar-se num tempo distante de um "agora".

As tabelas 17 e 18 mostram os resultados de escolhas de idades para os desenhos PG e o tempo decorrido após o parto em tal retrato.

Tab 17

Com que idade se retratou no desenho PG

Idade escolhida	< 15 anos (n=13)	15 a (n=20)	16 a (n=17)
13 a	1 (7,69%)	0	0
14 a	6 (46,15%)	0	0
15 a	5 (38,46%)	9 (45%)	0
16 a	1 (7,69%)	7 (35%)	10 (58,82%)
17 a	0	1 (5%)	2 (11,76%)
18 a	0	1 (5%)	3 (17,64%)
19 a	0	0	0
20 a ou +	0	2 (10%)	2 (11,76%)
<i>Total</i>	100%	100%	100%

Tab 18

Tempo depois do parto escolhido para o desenho PG

Tempo referido (após o parto)	< 15 a (n=13)	15 a (n=20)	16 a (n=17)
Logo após o parto (até 2 dias)	1 (7,69%)	5 (25%)	1 (5,88%)
Até 1 mês após	2 (15,38%)	3 (15%)	3 (17,64%)
2 – 3 meses após	2 (15,38%)	2 (10%)	6 (35,29%)
4 – 6 meses após	2 (15,38%)	3 (15%)	2 (11,76%)
7 – 11 meses após	0	1 (5%)	0
1 ano após	4 (30,76%)	3 (15%)	0
2 anos após	2 (15,38%)	1 (5%)	3 (17,64%)
3 anos após	0	1 (5%)	0
4 anos após	0	0	0
5 ou + anos após	0	1 (5%)	2 (11,76%)
<i>Total</i>	100%	100%	100%

Figura do(a) filho(a) no auto-retrato PG: ⁴⁵

Em vários desenhos PG (*não grávida* num período posterior ao parto) as adolescentes incluíram a presença do(a) filho (a) no colo, no carrinho ou no berço, ou mesmo colocado ao lado, como num retrato onde ambos estivessem - mãe e filho. Esse foi um dado interessante já que a instrução solicitava um desenho de retrato *seu* (de corpo inteiro, num tempo posterior ao parto). A frequência da presença do(a) filho(a) foi crescente do desenho PG solicitado, conforme o aumento da faixa etária pesquisada. Nos auto-retratos PG desenhados como primeira opção (2 casos em adolescentes menores de 15 anos e 1 caso na faixa dos 16 anos) não houve desenhos de filhos(as).

A tabela 19 indica os dados da presença do(a) filho(a) no desenho PG.

⁴⁵ Nos estudos com grávidas relacionados anteriormente, esse dado nunca foi mencionado, se bem que não havia essa instrução de desenho num tempo futuro.

Tab 19

Presença do(a) filho(a) no desenho PG			
	Nf=	Nt=	%
< 15 a	04	13	30,76 %
15 a 0	09	20	45 %
16 a	09	17	52,94 %
<i>Total</i>	22	50	44 %

Bebês de até 6 meses foram os mais desenhados nos auto-retratos PG - *não grávidas* num tempo *posterior* ao parto. Cerca da terça parte dos filhos foi desenhada estando no colo. A maioria dos filhos desenhados está mais distante do desenho da adolescente, aparecendo em carrinhos de bebê, berços, camas, ou de pé, ao lado da mãe.

As tabelas 20 e 21 indicam as idades e a localização do desenho das crianças, em desenhos PG.

Tab 20

Idade* do filho(a) presente no desenho PG		
	N=	%
Até 1 m	06	27,27 %
2 a 6 m	10	45,45 %
7 a 11 m	01	4,54 %
Mais de 1 a até 3 a	03	13,63 %
Mais de 3 a até 5 a	01	4,54 %
Mais de 5 a	01	4,54 %
<i>Total</i>	22	100 %

* Idade prevista a partir do tempo pós-parto referido no desenho PG

Tab 21

Proximidade do filho(a) no desenho PG	N=	%
No colo	07	31,81%
No carrinho de bebê, no berço ou cama	08	36,36%
De pé, ao lado	05	22,72%
De pé, de mão dada	02	9,09%
<i>Total</i>	22	100%

Os itens anteriormente analisados detiveram-se em aspectos próprios da prova dos **Três desenhos de auto-retrato** (AG, G e PG). A seguir serão apresentadas algumas análises de resultados específicos de **desenhos de figuras humanas** (DFH), seguindo basicamente a proposta de Herzberg e sua delimitação de critérios de avaliação (Herzberg, 1993, p.42-45)⁴⁶.

O significado dos itens analisados seguirá dados de interpretação de Machover (1949), Levy (1981) além do sumário de interpretação de Kolck (1963).

Além da avaliação de aspectos formais dos desenhos, algumas análises de aspectos de conteúdo serão apresentadas, principalmente quanto aos itens mais relacionados com a gravidez (seios, cintura, abdome abaulado, abertura de pernas), não sendo analisados outros detalhes de conteúdo (mãos, rosto, braços).

Os gráficos vão apresentar as frequências gerais do grupo pesquisado, sem distinção de faixa etária ou tipo de auto-retrato (AG, G ou PG).

Os dados percentuais a seguir comentados apresentam-se concentrados no anexo B, com as frequências nas faixas etárias pesquisadas e por tipo de desenho (AG, G e PG).

⁴⁶ Também como no trabalho de Herzberg (1993), a avaliação dos próximos sub-itens foi feita por mais duas juízas psicólogas e discutidos os raros casos com divergência de avaliação, na busca de consenso no julgamento.

Tamanho:

(colunas 88 a 90 do anexo B)

Observação - Para a mensuração desse item apenas o desenho do auto-retrato foi considerado, não sendo tomado na medida o desenho do bebê presente em algumas produções e também não contando-se a base do desenho para a medida.

Baseando-se em Kolck (1984, p.8,9), a avaliação desse item considerou os tamanhos:

Desenho grande - mais do que 15 cm

Desenho médio - de 4 cm a 15 cm (inclusive)

Desenho pequeno - menor que 4 cm

Segundo Levy, o tamanho do desenho da figura humana⁴⁷ é sugestivo de como a pessoa está reagindo às exigências do ambiente e figuras parentais (1981, p.75).

A grande maioria (91,33%) dos desenhos apresentou tamanho médio.

Auto-retratos de tamanho grande ocorreram em 6,67% do total dos desenhos.

Desenhos pequenos, tidos como expressão de inferioridade e inibição apareceram em apenas 2% dos auto-retratos.

Os auto-retratos AG tiveram maior índice de tamanho grande: 9,23% do total desses desenhos. Na faixa das adolescentes menores de 15 anos, auto-retratos de tamanho grande apareceram numa taxa de 23,08% (e somente nos desenhos das de 14 anos).

⁴⁷ Segundo Levy, o tamanho do desenho da figura humana é sugestivo de como a pessoa está reagindo às exigências do ambiente e figuras parentais (1981, p.75).

Posição na folha:

(coluna 71 do anexo B)

Como nos resultados de Kolck (1963) com adolescentes não grávidas, a maioria dos desenhos das adolescentes grávidas (76%) apareceu na posição vertical (como a folha foi entregue). Esse dado pode indicar uma certa aceitação da prova e adaptação ao ambiente, de forma geral.

Para Kolck, a folha representa o ambiente delimitado pelas bordas do papel e "imposto" ao sujeito, e a posição do desenho indica como este se coloca diante dele e o manipula (1984, p.7).

As adolescentes mais novas (menores de 15 anos) apresentaram mais desenhos na posição horizontal, virando a posição da folha, num total de 33,33% nessa posição horizontal contra apenas 3,92% de desenhos na horizontal nas adolescentes de 16 anos.

Essa mudança de posição da folha não pareceu indicar uma escolha com mais liberdade perante a instrução, mas sim uma possível oposição ou negativismo.

Localização:

(colunas 73 a 81 do anexo B)

Observação - O crivo indicado por Kolck (1968) foi seguido como critério para avaliação da localização dos desenhos de auto-retrato.

Os maiores índices de escolha foram de localização central (32%) e do quadrante superior esquerdo (Q4 - 20,67%), de forma parecida aos resultados encontrados em adolescentes não grávidas (Kolck, 1963).

A localização central, segundo Kolck, é indício de segurança e equilíbrio enquanto a escolha do quarto quadrante (Q4), significa maior passividade, expectativa diante da vida, inibição, reserva, desejo de retornar ao passado e/ou permanecer na fantasia (1984, p.7).

Auto-retratos desenhados na metade superior da folha (indício de satisfação na fantasia) tiveram o mesmo índice de escolha (14,67%) do que na metade inferior do papel (que significa mais orientação para o concreto) (Kolck, 1984, p.7).

O primeiro quadrante (Q1 - canto superior direito) foi raramente escolhido no total dos auto-retratos (0,67%). Tal localização do desenho significa, segundo o sumário de interpretação de Kolck, contato ativo com a realidade, rebelião e ataque ou projetos para o futuro. Esse Q1 só foi escolhido nos auto-retratos PG das adolescentes menores de 15 anos (em 7,69% desses desenhos nessa faixa etária).

O segundo quadrante (Q2 - canto inferior direito), podendo significar força dos impulsos ou obstinação e teimosia, foi somente escolhido por 2% do geral dos desenhos. As

adolescentes de 15 anos foram as únicas a escolher esta localização (em 5% do total dos seus desenhos) e o fizeram mais preferencialmente nos desenhos PG (índice de 10%).

O terceiro quadrante (Q3 - canto inferior esquerdo), significando maiores conflitos e regressão, foi escolhido em 8% do total dos auto-retratos. Nenhuma adolescente da faixa dos 16 anos usou o Q3 para desenho de auto-retrato. Essa localização foi escolhida em 15% dos desenhos G da faixa de adolescentes de 15 anos.

Nenhum auto-retrato foi desenhado na localização direita, que segundo Kolck, indica a relação com o futuro.

Uma maior relação com o passado é indicada nos desenhos da localização esquerda (Kolck, 1984, p.7) e teve índice geral de 7,33% nos auto-retratos.

Inclinação:

(colunas 10, 11 e 12 do anexo B)

Quase todos os desenhos apresentam uma figura ereta (96,67%), tendência também encontrada no estudo de Kolck (1963) com adolescentes.

Já os dados de Herzberg (1986, 1993) indicaram menor índice de figuras eretas nos desenhos de mulheres grávidas, com maior presença de inclinação para a direita nos desenhos de figuras femininas (50%).

O estado da gravidez pode então estar mais negado do que nos grupos de mulheres grávidas adultas (Herzberg, 1993), havendo uma tendência à expressão de desenhos como das adolescentes não grávidas.

Perspectiva:

(colunas 13, 14 e 15 do anexo B)

Observação - quando somente os pés da figura foram desenhados de perfil, a perspectiva foi avaliada como "de frente".

A grande maioria dos auto-retratos (84,76%) foi desenhada de frente. Figuras totalmente de perfil apareceram em 8,67% do total dos desenhos (todos em desenhos G). Auto-retratos com o corpo de perfil e de frente (cabeça e/ou abdome) apareceram em 6% do total dos desenhos (também todos em desenhos G).

O total (100%) dos desenhos AG e 96% dos desenhos PG apresentam-se na perspectiva toda de frente. Essa perspectiva do desenho de frente também foi comum (mais de 90%) nos desenhos das pesquisas de Herzberg (1986, 1993).

No presente estudo com adolescentes grávidas, no entanto, o auto-retrato G apresentou um índice de 24% de figuras todas de perfil, perspectiva interpretada por Machover como sinal de evasão (1949, p.100).

Esse índice de figuras de perfil, bem maior do que o encontrado por Herzberg pode ter ocorrido devido à diferença de provas já que no presente estudo houve a instrução de desenhar um auto-retrato (figura desenhada grávida por escolha ou por instrução) enquanto Herzberg solicitava desenhos de figuras humanas (DFH), o que não significava instrução para desenho de figura grávida.

Talvez a figura com o abdome abaulado, mais característica nos auto-retratos G, fosse mais fácil de ser desenhada de perfil (ou numa mistura de perfil e de frente) do que desenhada toda de frente.

Uma adolescente de 15 anos desenhou uma figura no auto-retrato PG na perspectiva de costas. Esse tipo de perspectiva não foi referida nos estudos de Herzberg e foi considerada como sinal muito raro no estudo de Kolck (1963).

Linha de solo:

(coluna 18 do anexo B)

Observação - O sombreamento do chão foi considerado como presença de linha de solo quando sugeriu apoio para a figura.

A maioria dos auto-retratos (78,67%) não apresentaram linha de solo, se bem que nos desenhos PG da faixa de adolescentes de 16 anos, a linha de solo tenha sido um pouco mais freqüente (35,29%). Esse último índice foi bastante maior do que o encontrado por Herzberg (1993) nas gestantes da sua amostra (6,3% nos desenhos de figuras femininas e 9,4% nos desenhos de figura masculina) e nenhum caso com linha de solo na sua pesquisa anterior (Herzberg, 1986).

Também Kolck (1963) referiu a ausência de linha de solo como sinal comum nos desenhos de seus adolescentes pesquisados.

Apesar de que Kolck (1963, p.193) coloca que a linha de solo tem significado ambíguo (segurança / insegurança), a diferença aqui encontrada pode sugerir um esforço em busca de apoio e segurança nessa situação específica do grupo de adolescentes grávidas.

A presença da linha de solo aumentou com a idade. Foi presente em 35,29% nos desenhos PG das adolescentes de 16 anos contra 7,69% dos desenhos PG das adolescentes mais novas (e apenas na faixa dos 14 anos).

Transparências:

(coluna 16 do anexo B)

Observação – No presente estudo, o desenho de mamilos perceptíveis sob a roupa não foi considerado com avaliação de "transparência", assim como cabelos sobre os ombros, rosto e/ou pescoço, deixando aparentes esses últimos.

A presença de transparência deu-se em 21,33% do total dos auto-retratos. Já Herzberg (1986) referiu frequência alta (75% dos desenhos de gestantes) de transparências nos desenhos das figuras femininas da sua amostra. Essa diferença pode ser devida ao critério de julgamento da avaliação de “transparência” (vide acima, observação deste item).

desenhos de auto-retrato G apresentaram a maior taxa de transparência, principalmente na faixa etária de 15 anos (35% de presença de transparência nos desenhos G). Os menores índices de transparência ocorreram nos auto-retratos PG.

Tema:

(colunas 6 a 9 do anexo B)

Observação - Baseando-se em Machover (1949, p.90) e em Herzberg (1993, p.42), os critérios para avaliação do *tema* neste trabalho foram:

Normal - figuras próximas do que se espera diante da proposta para desenhar um auto-retrato, grávida ou não, a partir das instruções ou escolha.

Distorcido - figuras com aparência não habitual para a proposta de desenhar um auto-retrato, grávida ou não.

Temas *esteriotipados* não foram encontrados em nenhum dos desenhos das adolescentes pesquisadas.

O tema de figura *em palito* (*pedagógico*) foi um dado individual, desenhado por apenas uma adolescente de 13 anos, nos 3 desenhos de auto-retrato (AG, G e PG).

Desenhos com tema normal foram mais comuns (64,67%) e os com tema distorcido apareceram em um terço do total dos auto-retratos.

O uso do tema de forma distorcida ocorreu mais freqüentemente nos desenhos G (42% no total dos desenhos), principalmente nas adolescentes menores de 15 anos (53,85% de tema distorcido nos auto-retratos G).

O menor índice de tema distorcido ocorreu nos desenhos PG das adolescentes de 16 anos (23,53%). O uso de tema distorcido foi menor com o aumento da idade em todos os 3 tipos de auto-retrato.

Tipo de Imagem:

(coluna 21 do anexo B)

Observação - A avaliação deste item apoiou-se nos critérios de Herzberg (1993), considerando:

Imagem realista - próxima do desenho de um corpo humano, sem exageros ou bizarrices.

Imagem compensatória - quando área(s) ou traço(s) recebe(m) tratamento especial com acentuações, exageros ou aparência estranha.

Nos desenhos G de adolescentes com idade gestacional igual ou superior a 5 meses, considerou-se a avaliação "imagem realista" em desenhos que apresentavam características próprias da gravidez como abdômen e cadeiras aumentados e/ou cintura mais larga.

Considerando-se tais critérios, foi maior o número de imagens compensatórias nos desenhos (66,67%) no total geral dos desenhos. Também Herzberg (1986) observou em gestantes uma tendência a representar a imagem do corpo de maneira compensatória e não realista.

As imagens compensatórias foram mais comuns nos desenhos PG podendo indicar esforço no sentido de apresentar-se muito bem nesse desenho prospectivo ou maior dificuldade de imaginar-se no futuro.

Essas imagens compensatórias nos auto-retratos PG ocorreram em 75% na faixa de adolescentes de 15 anos.

Proporções:

(colunas 85 a 87 do anexo B)

Um pouco mais da metade dos desenhos (55,33%) apresentaram alguma harmonia nas proporções do corpo. Proporções desarmônicas apareceram em 36,67% dos desenhos. Auto-retratos com ausência de proporção na figura desenhada ocorreram em 8% do total dos auto-retratos.

Os desenhos AG apresentaram maior harmonia de proporção do que os desenhos G e PG.

As figuras com maior índice de proporção harmoniosa foram encontradas nos desenhos PG da faixa de 15 anos, talvez pelo esforço empreendido nesse tipo de desenho (vide avaliação do item “imagem compensatória”).

Já os desenhos G tiveram maior incidência de proporção com certa desarmonia (40%) ou ausência de proporção (12%).

Os desenhos com maior ausência de proporção foram os desenhos G da faixa de 16 anos: 17,65% de ausência de proporção contra 0% nos desenhos PG dessa faixa etária.

Traçados com sombreamento:

(coluna 61 no anexo B)

Observação - Traçados de sombreamento foram avaliados quando houve área(s) pintada(s) com o lápis grafite, riscas ou xadrez.

O sombreamento dos cabelos nas figuras de auto-retrato (muito comum no total dos desenhos) não foi considerado para a avaliação deste item.

Segundo Machover (1949, p.105), qualquer grau ou qualquer tipo de sombreamento é considerado como expressão de ansiedade.

A presença de sombreamento nos desenhos, além da área do cabelo, ocorreu em 28,67% do total dos auto-retratos.

Os desenhos com menos sombreamento foram os auto-retratos AG, principalmente na faixa dos 15 anos (10% de sombreamento).

Os desenhos com mais uso de sombreamento foram os auto-retratos G (32% no total).

Traços borrados e Reforço de linha:

(colunas 62 e 65 do anexo B).

Observação - Como em Herzberg (1993), o reforço de linha foi avaliado quando o traço foi repassado sobre linha(s) anteriormente desenhada(s), resultando um efeito de linha reforçada e/ou escurecida.

Segundo Machover, traços borrados indicam expressão de conflito e estão mais sujeitos ao controle consciente do que as linhas com reforçamento. Segundo essa autora, as adolescentes tendem a expressar freqüentemente borraduras em seus desenhos (1949, p.105).

Traços borrados foram bastante comuns (78,67%) nos desenhos de auto-retrato, assim como os traços com reforço de linha, que apareceram na grande maioria das figuras (90% do total dos desenhos).

Traços borrados apareceram principalmente nos auto-retratos G, com índice de 90% de desenhos borrados.

Os auto-retratos AG da faixa dos 16 anos apresentaram 100% de desenhos com reforço de linha, mas no geral, os auto-retratos que mais receberam linhas reforçadas foram os G (92%).

Correções:

(coluna 60 do anexo B)

Observação - Como em Herzberg (1993), considerou-se nesse item os desenhos com traços corrigido ou retocados, para modificação anteriormente desenhadas, sem haver acentuação.

As correções também foram bem freqüentes nos desenhos de auto-retrato, aparecendo no total de 84% dos desenhos.

Os desenhos que mais receberam correções foram os auto-retratos G (90% do total dos desenhos G). O maior índice de correção (94,12%) apareceu nos desenhos G da faixa de 16 anos.

A menor taxa de correção (70%) aconteceu nos auto-retratos PG da faixa de 15 anos.

Ausência de pupilas:

(coluna 23 do anexo B)

Observação - Considerou-se o desenho de "pupila" equivalente à "íris". A falta de uma pupila no desenho indicou avaliação de "ausência de pupila". Olhos totalmente preenchidos (círculo pintado) não foram considerados como "ausência de pupila".

A ausência de pupilas no desenho da figura humana significa para Machover, a

expressão de que o mundo está sendo percebido mais vagamente, com pouca discriminação (1949, p.53).

Como projeção pouco voluntária e mais aguda do desejo de "não ver" (Machover, 1949, p.53), a ausência de pupilas foi notada num índice médio de 18% dos auto-retratos.

Kolck (1963) comentou que o desenho da pupila foi sinal comum no seu grupo de adolescentes pesquisados. Também Savastano (p. 143) referiu que houve pouca omissão de pupila nos desenhos de seu grupo pesquisado.

Diferentemente desses dados, Herzberg (1993) comentou que 2/3 dos seus sujeitos não desenharam pupila e também nenhum de seus casos pesquisados em 1986 apresentou desenho de pupila.

Olhos fechados, indício de concentração no próprio narcisismo (Machover, 1949, p.53), foram pouco comuns: somente 6,67% das adolescentes fizeram desenhos de retratos com figuras de olhos fechados.

Seios:

(colunas 25 a 27 do anexo B)

Observação – Nesse item considerou-se a presença de pelo menos o desenho de um dos seios (comum em figuras de perfil).

Foi considerado o desenho de "seio(s)" quando houve a sugestão desses(s) através do desenho de "soutien", "bustier" ou por transparência da blusa, ou por detalhes do vestido contendo traçado de curva inferior ou superior à linha do(s) seio(s), indicando seu(s) desenho(s).

Somente cerca de um terço dos auto-retratos apresentaram desenho dos seios (61,33% de ausência).

Essa frequência de ausência de seios nas figuras pode estar indicando imaturidade psicosssexual (Machover, 1949, p. 75) mas também pode ser expressão de auto-imagem de adolescentes ainda com o corpo pouco ou recém desenvolvido nesse aspecto.

A pesquisa de Savastano (1981), com gestantes adultas, indicara a preocupação com o desenho dos seios - "As gestantes assinalam a sua presença pelo sombreado, traços, aumento ou acentuação através de pregas no vestido". (p.168).

No grupo de adolescentes grávidas, desenhos de seios apareceram nos auto-retratos, com o aumento da idade: 74,36% de ausência nas menores de 15 anos e 49,2% de ausência nas de 16 anos.

Seios foram ausentes principalmente nos desenhos AG, chegando ao índice de 84,62% de ausência nesse tipo de auto-retrato, na faixa de menores de 15 anos.

Seios foram mais presentes nos desenhos G, nas 3 faixas etárias estudadas.

Tamanho dos seios:

(colunas 27 a 30 do anexo B)

Seios de tamanho pequeno apareceram em 18% dos auto-retratos. Seios de tamanho médio apareceram em 15,33%, e seios grandes foram desenhados em apenas 5,33% do total dos auto-retratos.

Também Herzberg, (1993) encontrou essa tendência de tamanho dos seios não grandes, na sua amostra de mulheres grávidas adultas.

Interpretados como sinal de identificação com a mãe "produtiva e dominante" (Machover, 1949, p. 75), seios de tamanho grande apareceram um pouco mais freqüentemente nos desenhos G (10% do total dos desenhos).

Seios pequenos apareceram em maior índice nos desenhos AG.

Genitais:

(coluna 52 do anexo B)

Em todos os auto-retratos, mesmo em desenhos de figuras nuas, houve ausência de desenhos explícitos de genitais (como em Herzberg, 1993).

"Genitais disfarçados e/ou sugeridos" apareceram na frequência geral de 35,33%.

Os auto-retratos PG apresentaram índices maiores de sugestão de desenho de genitais do que os auto-retratos AG e G. Isso pode ser indício de uma maior preocupação com o futuro de seu desempenho sexual.

As maiores taxas de genitais sugeridos apareceram nos desenhos PG da faixa de 15 anos (50% de genitais sugeridos nos auto-retratos PG).

Presença de mamilos:

(coluna 66 do anexo B)

Houve pouca frequência (10,67%) do desenho de mamilos (sugeridos ou explícitos) nos auto-retratos desenhados, nas três faixas etárias estudadas.

Mamilos foram mais comuns nos desenhos G (25%), principalmente na faixa de adolescentes com 15 anos.

Presença de umbigo:

(coluna 69 do anexo B)

Umbigos foram mais constantemente colocados nos desenhos AG (30%), principalmente em figuras com um tipo de roupa em moda (na época) para adolescentes, com cintura baixa e deixando a barriga de fora.

Nos resultados encontrados por Savastano (1981), as gestantes sem assistência psicoprofilática desenharam mais freqüentemente o umbigo do que as com assistência. No presente grupo de adolescentes (ainda no início da assistência de pré-natal) o desenho do umbigo no entanto, apareceu como um elemento de exposição mais "estética" do corpo (em roupas mais joviais do desenho AG) e não pareceu indicar expressão de aspectos mais regredidos.

A menor frequência de desenhos de umbigos encontrou-se nos auto-retratos PG, quando houve mudança do estilo de trajes desenhados, com menor exposição da barriga.

Curva de cintura:

(colunas 31 a 34 do anexo B)

Observação - De forma diferente do critério de Herzberg (1993) não foi considerada "curva ou ângulo de cintura" quando o desenho estava de perfil. Nesse caso, a curva ou ângulo foi avaliada como de "cadeiras".

A curva de cintura não foi desenhada por quase dois terços do total dos auto-retratos (64% de ausência de curva de cintura).

O trabalho de Savastano (1981) referia modificações acentuadas no desenho da cintura, o que para a pesquisadora indicava uma percepção real do estado gravídico.

Cabe ressaltar que a ausência da curva de cintura pode, no caso específico de adolescentes, ter a ver com a expressão gráfica do corpo ainda em desenvolvimento, com pouca ou sem definição da curva de cintura.

Nos auto-retratos, houve índices de 15,33% para curva de cintura média, 11,33% para curva de cintura larga e 9% para curva de cintura estreita.

Mais da metade dos desenhos das adolescentes grávidas apresentaram curva de cintura (estreita ou média) nos desenhos AG e PG.

A ausência da curva de cintura foi muito freqüente nos auto-retratos G (88% de ausência no total geral dos desenhos).

Linha da cintura e cinto:

(colunas 35 a 37 do anexo B)

Observação - A presença de cinto e/ou linha de cintura não foi considerada quando houve apenas a presença de linha sob o desenho do(s) seio(s).

Como Machover já observara, muitas vezes a linha da cintura aparece como a única representação da roupa, dividindo o tronco do abdome. O conflito na linha de cintura pode receber várias formas de expressão, mas o controle e racionalização da tensão de "distribuir o corpo em zonas" pode resultar na representação mais elaborada de cintos (1949, p.78,79).

Kolck (1963) observou o desenho da linha de cintura com um traço, na maioria de seus adolescentes pesquisados.

Quase a metade dos auto-retratos (45,33) não apresentaram o detalhe da linha de cintura ou cinto.

A linha de cintura foi mais desenhada nos auto-retratos AG e mais ausente nos auto-retratos G. Cintos foram mais freqüentes nos desenhos PG, principalmente na faixa dos 16 anos (41,18%) e pouco comuns nos desenhos G.

Curva das cadeiras:

(colunas 38 a 41 do anexo B)

Observação - Na presente avaliação considerou-se o item "cadeiras", de frente ou de perfil, em relação à curvatura. Saias em trapézio com abertura inferior não foram avaliadas como dado de "cadeiras" ou quadris.

Auto-retratos sem curva de cadeiras foram mais comuns no total dos desenhos. Também Savastano (1981) comentou que as cadeiras não tiveram muito destaque nos

desenhos de seu grupo investigado.

Nas adolescentes pesquisadas, o desenho G apresentou um maior índice de ausência de curva de cadeiras: 64% no geral dos desenhos G e 80% de ausência dos desenhos G da faixa dos 15 anos.

Destaque das cadeiras:

(coluna 43 do anexo B)

Observação - O destaque foi considerado quando houve sombreamento e/ou traços reforçados e/ou borrados.

O "sombreamento" ou "reforçamento" de saías não foi considerado neste item de avaliação.

O destaque dessa região por sombreamento ou reforçamento do traço (com hipótese de expressão de ansiedade relacionada ao parto) apareceu em cerca de um terço dos quadris desenhados.

Abdome abaulado:

(colunas 44 a 47 do anexo B)

A curva do abdome abaulado (barriga mais evidente), indicativa do estado de gravidez ou puerpério, apareceu em menos de um terço (26,67%) do total dos desenhos de auto-retrato. A ausência de abdome abaulado foi de 73,33% no total dos desenhos.

A curva de abdome foi ausente em 24% dos desenhos auto-retrato G.

Os auto-retratos G com abdome abaulado, apresentaram índices maiores (38%) de abdome abaulado tamanho médio (tamanho condizente com a maioria da idade gestacional do grupo pesquisado).

Os desenhos PG, somente apareceram com abdomes abaulados na faixa etária de 15 anos (e somente numa taxa de 5% de abdomes pequenos).

Houve omissão total de desenhos com abdome abaulado nos auto-retratos PG nas adolescentes menores de 15 anos e nas de 16 anos.

Nenhum auto-retrato AG da faixa etária dos 15 anos apresentou abdome abaulado.

Destaque do abdome abaulado:

(coluna 48 do anexo B)

Observação - O destaque foi considerado quando houve sombreamento e/ou reforço de linha e/ou traços borrados.

O destaque do abdome abaulado ocorreu em 24% do total dos desenhos de auto-retrato.

O destaque do abdome foi bem mais presente nos desenhos G (66% no total dos desenhos G) e principalmente na faixa dos 15 anos (75% de destaque do abdome nos auto-retratos G).

Abdomes abaulados dos desenhos PG não receberam nenhum destaque nos auto-retratos PG das faixas de 15 e 16 anos.

Abertura das pernas:

(coluna 82 do anexo B)

Observação - Esse item foi considerado quando o espaço entre as pernas foi maior do que a largura de uma perna, mesmo quando apenas sugerido pelo desenho dos pés, com pernas ocultas por saia longa.

Mais da metade dos auto-retratos (59,33%) apresentaram desenhos com pernas separadas.

O índice geral de "pernas abertas" tendeu a diminuir com o aumento da idade das adolescentes. Pernas abertas apareceram em 66,67% dos desenhos das menores de 15 anos, em 58,33% das adolescentes de 15 anos e em 54,90% das adolescentes de 16 anos.

As maiores taxas desse sinal apareceram nos desenhos de auto-retrato PG, também com diminuição a partir do aumento da idade: 76,92% nas menores de 15 anos, 70% nas de 15 anos e 52,94% nas de 16 anos.

Esse item de pernas abertas em paralelas foi assinalado por Savastano como característica típica do desenho de mulheres grávidas (1981, p.190-191).

Roupas:

(colunas 54 a 56 do anexo B)

Assim como Kolck (1963) encontrou figuras vestidas com traje usual completo como sinal comum nos desenhos de adolescentes, também as adolescentes grávidas investigadas desenharam a maioria dos auto-retratos (77,33%) com roupas comuns.

Segundo Machover (1949, p.81,82), a identidade de uma pessoa pode ser inferida pelo tratamento gráfico dado à roupa desenhada na figura humana.

Nos desenhos AG foram mais freqüentes trajes em moda na época para moças jovens, de conjuntos de calça ou shorts com cintura baixa e blusa curta, deixando aparecer a barriga (com maior presença de desenho de umbigo).

Desenhos de vestidos foram mais comuns nos auto-retratos G. Roupas detalhadas e

menos joviais apareceram mais freqüentemente nos desenhos PG.

Desenhos de figuras nuas, segundo Levy, em geral indicam expressão de rebeldia perante às figuras parentais ou à sociedade, podendo também denotar conflitos sexuais, infantilidade e egocentrismo (1981, p.82,83).

Tanto Kolck (1963) como Machover (1949) afirmaram que a omissão de roupas é traço raro nos desenhos de figuras humanas, no entanto a ausência de roupas apareceu em 10,67% do total de auto-retratos do grupo das adolescentes grávidas pesquisadas.

A freqüência de ausência de roupas decresceu em geral, com o aumento da idade (17,95% de nus no total geral das adolescentes menores de 15 anos e 7,84% das de 16 anos). Esse dado pode sugerir que a freqüência de figuras nuas esteja relacionada mais aos elementos de infantilidade do que aos de rebeldia.

Note-se que foram os desenhos de auto-retrato G que apresentaram maior índice de figuras nuas. No entanto, nesses desenhos G a ausência de roupas aconteceu de forma crescente de acordo com o aumento da faixa etária, com os índices:

menores de 15a	- 15,38%
15 anos	- 20%
16 anos	- 23%

Figuras nuas nos desenhos G podem estar relacionadas com questões específicas do corpo na gravidez, sejam as modificações corporais, seja a exposição da intimidade nos exames de pré-natal ou a expectativa do parto.

As roupas com aparência mais estranha (distorcidas) foram encontradas principalmente nas adolescentes mais novas (com 13 e 14 anos), com um índice de 15,38% de roupas distorcidas nos auto-retratos G. Nessa faixa etária das menores de 15 anos apareceram os únicos auto-retratos com figuras nuas nos desenhos AG.

Acessórios:

(colunas 57 a 59 do anexo B)

Observação - Baseando-se em Herzberg (1993) foram considerados acessórios desde sapatos (com ou sem detalhes), botões e enfeites como colares e pulseiras. Também foram avaliados no item "acessórios" detalhes como espelhos e carrinhos de bebê.

A presença do filho no desenho não foi considerada como detalhe de "acessório".

A maioria dos auto-retratos (72%) apresentaram desenhos de acessórios nas figuras. A presença de apenas um acessório ocorreu em 26% do total dos desenhos. Auto-retratos com dois ou mais acessórios apareceram em 46% do total dos desenhos.

Os desenhos PG apresentaram mais acessórios (54% com uso de mais de um acessório). Já os auto-retratos G foram os que tiveram menor uso de acessórios na figura (40% de ausência no geral dos desenhos).

As adolescentes mais novas (menores que 15 anos) apresentaram poucos acessórios nos seus desenhos: 61,54% de ausência no global dessa faixa etária. Principalmente nos auto-retratos G dessas adolescentes mais novas houve ausência de acessórios, num total de 76,92% de ausência nesses auto-retratos.

Conclusões: os desenhos de auto-retrato

A partir da análise dos resultados da prova dos **Três desenhos de auto-retrato**, pode-se chegar a algumas conclusões de como um grupo de adolescentes grávidas inscritas no PAIAG expressavam graficamente o *se perceberem*.

Apesar da ocorrência de diversos sinais conflitivos e de muitas ambivalências, expressões próprias dos desenhos de adolescentes (Hammer, 1981, p.188), de forma geral os auto-retratos não indicaram projeções de imagens corporais prejudicadas. Não se evidenciam assim, auto-conceitos e auto-imagens com muitas características negativas, nas adolescentes grávidas pesquisadas.

As adolescentes grávidas apresentaram maior facilidade em se desenhar no período anterior à gravidez. Os desenhos de auto-retrato AG (antes de engravidar) foram os mais preferidos como primeira opção espontânea da projeção de auto-retrato e apareceram, em geral, com menos sinais gráficos indicadores de conflito. Foram esses desenhos AG os de aparência mais harmoniosa e com menor uso de sombreamento.

Os auto-retratos G, expressão de uma auto-imagem como grávida, aparecem mais problematizados (mais sombreados, mais corrigidos, menos proporcionais). Eles foram também menos escolhidos como primeira opção para um auto-retrato, independente da idade gestacional da adolescente.

Os sinais de conflitos nos auto-retratos G podem ter ocorrido a partir de uma condição das adolescentes não saberem bem se desenhar como grávidas, expondo-se de uma forma nova e mais carregada de ansiedade. As percepções diretamente relacionadas às mudanças corporais (transformação muito dinâmica) e aos estímulos internos novos (a percepção do bebê que se mexe dentro do ventre, própria do tempo de gestação da maioria do grupo), além das fantasias acerca da exposição social do corpo grávido (com o ápice da exposição nos exames ginecológicos e nas fantasias do futuro parto) - tudo isso pode levar às expressões mais conflitivas do desenho estando grávida. Mas, mesmo com expressão maior de problemas, os auto-retratos G (como grávidas) não apresentaram indícios que possam ser considerados patológicos, no universo das adolescentes pesquisadas.

A tendência geral de se retratar num momento mais próximo ao presente, foi uma constante na prova, com um espaço temporal pouco distendido para o passado ou para o

futuro. As adolescentes examinadas mostraram certa dificuldade de se imaginar num tempo diferente do *agora*. O imaginar-se no passado ocorreu dentro de um espaço temporal não muito distante do momento presente. A infância já parecia distante e foi escolhida para o tempo de retratar-se (ou identificar-se).

As maiores dificuldades de expressão pareceram relacionadas a um futuro mais remoto, notadas pela escolha de localização no papel e pelos tempos escolhidos para os desenhos PG. Mesmo que a temporalidade do adolescente tenha essa característica mais *presente* fazendo que as noções de mudanças trazidas pelo tempo sejam mais difíceis de imaginar, no caso das adolescentes grávidas pode também ter ocorrido um movimento de controle perante as angústias das transformações vindouras, que incluíam principalmente os temores do parto.

As imagens compensatórias (sinal comum nos desenhos de grávidas adultas) apareceram mais freqüentemente nos desenhos PG, de auto-retratos num tempo posterior ao parto. Essa prospecção de auto-imagem recebeu um tratamento reforçado quanto à imagem do *crescer*, com maior apresentação de acessórios e roupas com estilo mais adulto. Esse *retrato do futuro* (e um futuro próximo) apresentou-se mais protegido de conflitos (menos sombreado, com menos correções).

Quando expressavam essa imaginação acerca de si mesmas no futuro, algumas adolescentes o fizeram de forma associada à presença do(a) filho(a). Esse dado pode ser característico de grávidas adolescentes, já que nas instruções da prova ICG de Savastano (1981) também havia a solicitação de um auto-retrato (imagem consciente), em que desenhos de filhos não foram referidos. No caso das adolescentes grávidas pesquisadas, algumas hipóteses pode ser levantadas acerca desse dado, como: expressão de um esforço para aproximação da idéia de ter um filho, expressando-o de forma mais concreta, ou uma idealização da condição de maternidade. Pode ter ocorrido também a projeção do bebê, extensão de si mesma (Aguirre, 1995).

Também as *melhorias* dos auto-retratos futuros (PG mais compensatórios e com menos sinais gráficos de conflito) levaram à suposição da presença de fantasias gratificantes acerca da vinda do bebê, como um significado de ganho e não de perda.

A auto-imagem em transformação apareceu trabalhada nos aspectos de vaidade, nos trajes usados de forma mais ou menos jovial e nas aquisições de novos comportamentos

(segurando carrinhos de bebê, ou parecendo tirar uma foto com o(a) filho(a)). Os umbigos expostos nos desenhos AG tenderam a desaparecer como elemento de sensualidade da moda dos trajes (o uso do estilo "Saint-Tropez"). As roupas mais *adultas*, com vestidos longos e roupas com mais detalhes muitas vezes substituíram (nos desenhos PG) as imagens mais *adolescentes* dos desenhos AG.

A preocupação com a sensualidade pareceu mais evocada nos desenhos PG (acessórios, tipo de roupa). A sugestão de genitais ocorreu mais freqüentemente nesses auto-retratos e pode estar relacionada com as fantasias acerca de um mundo adulto, mais *genital*. Esse desenho *futuro* também podia trazer uma "*memória* fantasiada" do parto (as pernas mais abertas).

O tratamento dado às cinturas e aos seios (ausentes ou pouco definidos) podia estar menos relacionado à gravidez e mais ligado ao próprio estágio de desenvolvimento corporal, sem ainda ter alcançado maior delineamento das curvas do corpo feminino adulto.

No grupo pesquisado, as adolescentes mais novas (de 13 e 14 anos) apresentaram traços mais significativos de rebeldia (posição da folha e localização dos desenhos) e desenhos mais próprios de um mundo infantil (os auto-retratos pareciam muitas vezes de crianças).

As adolescentes de 16 anos pareceram mais perceptivas do próprio estado como grávidas, denotando os maiores índices de conflitos nos desenhos G (os auto-retrato estando grávida com maior presença de desarmonia, com mais figuras nuas e todos com linhas reforçadas). Foram essas adolescentes que evocaram mais elementos de contato com a realidade (maior uso de linha de solo).

As adolescentes grávidas de 15 anos de idade tiveram um destaque especial no grupo pesquisado enquanto evidenciaram em seus auto-retratos sinais característicos de maiores conflitos e defesas. Talvez essas maiores dificuldades encontradas na faixa etária dos 15 anos estivessem relacionadas com uma passagem mais crítica dessa idade, símbolo cultural feminino da entrada na sexualidade genital (como sugerido em contos de fadas e em rituais de acasalamento dos bailes de debutantes).

Sinais de transformação aparentaram ser mais críticos das adolescentes de 15 anos, trazendo elementos diferenciados das adolescentes grávidas mais novas ou com mais de 15

anos. As adolescentes grávidas de 15 anos pareciam se perceber *menos grávidas* e *mais adolescentes* (ou mais *mulheres*). Foram as adolescentes grávidas de 15 anos que apresentaram os auto-retratos *futuros* (PG) mais *positivos* (os mais compensatórios, mais harmônicos e com mais sugestão de genitais).

Por fim, pode-se acrescentar que nas adolescentes grávidas pesquisadas, de forma geral, os aspectos mais conscientes da identidade pareceram razoavelmente controlados e não particularmente prejudicados, apesar da auto-imagem referente ao tempo anterior à gravidez ser menos carregada de conflitos.

A partir dos resultados desse segundo estudo do **Módulo I** (uso de técnica projetiva com *adolescentes grávidas*), pode-se então concluir que sob o ponto de vista das adolescentes pesquisadas (e um ponto de vista "projetivo"), estar grávida não era tido como uma grande ameaça para a personalidade. Pelo que se observou nos seus auto-retratos, elas "se viam" em transformação, temendo perdas na auto-imagem, mas prevendo (ou desejando) possibilidade de ganho, após o nascimento do bebê.

MÓDULO II - Entrevistas com adolescentes mães

O **Módulo II** deste trabalho apresenta entrevistas em profundidade com adolescentes mães, que foram atendidas no PAIAG (o serviço de pré-natal descrito anteriormente). Feitas nas residências das jovens, entre um a cinco meses após o parto, as entrevistas buscaram apreender como essas adolescentes se percebiam e percebiam suas vidas a partir das experiências da gravidez, parto e relação com o bebê. O instrumento utilizado nesse momento da pesquisa foi uma associação das técnicas de Rodrigues (1978) e de Bleger (1989), aplicadas com subsídios colhidos nos resultados do **Módulo I**.

Sujeitos - 10 adolescentes, mães pela primeira vez, até cinco meses após o parto, que realizaram o pré-natal no PAIAG e deram à luz no HMMSF, unidade de saúde anteriormente referida.

Instrumento - entrevistas em profundidade numa proposta metodológica de associação dos modelos de *discurso livre autobiográfico* de Rodrigues (1978), e *entrevista psicológica aberta*, de Bleger (1989).

A técnica de Rodrigues (1978) – *discurso livre autobiográfico*, propõe ao entrevistado um *discurso livre* sobre sua vida, como ela é, sem focalizar aspectos específicos como profissão, faixa etária ou condição social. A técnica utilizada no presente estudo, todavia, focalizou duas temáticas: ser adolescente e ser mãe. Nas instruções iniciais, essas especificações foram esclarecidas e indicaram para a jovem entrevistada esses vértices, já que o convite era para uma entrevista sobre a "vida de adolescentes que tiveram bebê". Assim, a técnica do *discurso livre autobiográfico* de Rodrigues não foi rigorosamente seguida. Consideramos, no entanto, que a proposta aberta das entrevistas, apesar de baseada no modelo de *entrevista aberta* de Bleger, foi inspirada no modelo de Rodrigues, visto que indicava que as entrevistadas falassem tudo o que quisessem sobre a as suas vidas, tudo o que lhes viesse à cabeça - o que faziam, o que pensavam, o que sentiam. A instrução inicial incluía a fala: "*tudo o que você me contar, qualquer coisa me interessa*". As perguntas que se intercalavam no discurso livre das jovens tentavam esclarecer aspectos dos seus relatos livres. Após intervalos silêncio da entrevistada, eram propostas perguntas tópicas baseadas em estruturas temáticas sugeridas pela análise dos resultados dos questionários e dos desenhos do **Módulo I** deste estudo.

Estruturas temáticas

Sugeridas principalmente pelos dados colhidos nos questionários com as adolescentes grávidas (primeiro estudo do **Módulo I**), algumas estruturas temáticas foram propostas para indicar pontos de sondagem nas entrevistas e orientar a posterior análise do material.

As principais estruturas temáticas trabalhadas foram:

- *história de vida* - dados de origem, da infância, das figuras parentais, da trajetória social, de mudanças de moradia, da condição econômica.
- *antecedentes da gravidez* - inserção na família, na escola, em relacionamentos sexuais.
- *intercorrências a partir da gravidez* - alterações de residência, impacto da gravidez na família (mulheres e homens), reação da família ao nascimento do bebê, novas referências familiares (casamento, família do pai do bebê).
- *vida escolar* - histórico anterior à gravidez, alterações, continuidade, evasão, projetos.
- *aspectos de sexualidade* - bagagem de informações acerca de concepção e métodos contraceptivos; alterações nos comportamentos sexuais; referências afetivas acerca da sexualidade.
- *o pai do bebê* - características da identidade social, história do relacionamento, questões de paternidade.
- *alterações na identidade* - mudanças na percepção de si mesmas e nos papéis sociais.
- *dependência x autonomia* - manutenção das necessidades básicas, histórico de trabalho, figuras de autoridade e de proteção (pais, responsáveis, companheiro).
- *alterações no cotidiano* - grupo de amigos, formas de lazer, uso ou dependência de drogas.
- *desenvolvimento de papéis maternos* - relacionamento com o bebê (amamentação, cuidados), dificuldades.
- *aspectos emocionais* - alterações de características psicológicas individuais, principais defesas.
- *questões de gênero* ⁴⁸ - visão dos papéis femininos e masculinos.
- *auto-imagem* - referências de alteração da imagem corporal, auto-cuidados, alterações na vaidade e nas avaliações estéticas acerca de si mesma.
- *projetos, aspirações* - expectativas acerca do futuro (estudo, família, profissão).

⁴⁸ "Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos...o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder". (Scott, 1995, *apud* M.E.F. Guedes, Gênero, o que é isso?, **Psicologia: Ciência e Profissão**, 1995, p. 10.

O registro das entrevistas

O material gravado foi transcrito e está apresentado no anexo C. Pareceu-nos interessante apresentar um registro metucioso das gravações das entrevistas visto que a proposta de análise possuiu uma vertente psicanalítica e para tanto, detalhes do material apresentado no discurso foram importantes, especialmente as manifestações afetivas que ficaram sugeridas por pausas, gaguejar e entonação de voz.

No anexo C, antes do registro das entrevistas, são apresentadas algumas informações gerais como a inicial do nome e a idade da adolescente e do bebê, o tipo de parto, alguns dados do pré-natal e quando a entrevista foi agendada. Os registros são precedidos e algumas vezes finalizados por observações que apresentam uma descrição dos aspectos que contextualizaram as entrevistas. Essas informações descreveram o espaço da moradia, o tipo de bairro e ocorrências da chegada, da saída e da duração do encontro. Elas procuraram fornecer subsídios da "gestalt" da entrevista, necessários para análise proposta, enquanto articulação da leitura da subjetividade e do social. Esses dados, não registrados mecanicamente, foram em sua maioria fruto de percepção e de memória acerca da entrevista. Como material de leitura subjetiva, foram considerados a partir da postura de observação adotada nas visitas às moradias das mães adolescentes.

As mães adolescentes entrevistadas

Todas as 10 adolescentes que participaram dessa fase da pesquisa freqüentaram o serviço de pré-natal PAIAG (Programa de Atenção Integral à Adolescente Gestante) do Hospital e Maternidade Municipal Dr. Silvério Fontes (serviço de saúde referência desse estudo), no ano de 1997. Todas elas tiveram seus bebês, também nesse ano, nascidos nesse hospital público, da cidade de Santos (Estado de São Paulo).

O convite para participar do estudo ocorreu na saída da internação da maternidade (pós alta) ou quando as adolescentes voltaram para as consultas de pós-parto (consultas de puerpério). Todas elas eram mães pela primeira vez e me conheciam como participante da equipe do PAIAG, ou de entrevistas de triagem, porém não tinham sido diretamente atendidas por mim, em entrevistas psicológicas, ou no grupo, já que nesse ano de 1997 exerci no PAIAG, especialmente um trabalho de supervisão.

Foram convidadas 15 adolescentes. Todas manifestaram aceitar a participação no estudo⁴⁹. Os convites aconteceram, de abril a novembro de 1997, numa aleatoriedade prevista pela ocorrência de um encontro no hospital. Das 15 convidadas, 3 não foram encontradas quando tentei contato, pois haviam mudado de residência, e não consegui seus novos endereços. Entrevistas com 12 adolescentes mães ocorreram entre maio de 1997 e janeiro de 1998, mas, por limites de tempo, neste estudo serão tratadas as entrevistas de 10 dessas adolescentes.

O contrato das entrevistas

As adolescentes foram convidadas por mim a participar de uma pesquisa sobre "a vida de adolescentes que tiveram bebê". Esclareci no convite que na publicação do estudo seriam preservadas as identidades das adolescentes participantes, não sendo revelados os seus nomes. Quando a proposta foi aceita, informei que teríamos três encontros para as entrevistas que seriam feitas, onde a jovem estivesse morando.

A data combinada para o primeiro encontro da entrevista não foi especificamente determinada na época do convite; referi apenas um período aproximado. Propus procurar a jovem, por telefone (quando possível), ou pessoalmente, para iniciarmos a pesquisa dentro de no mínimo um mês, ou no máximo cinco meses após o nascimento do bebê. O período mínimo para a primeira entrevista (um mês) procurou levar em conta que as condições somáticas, emocionais e sociais do pós-parto já estivessem mais equilibradas. O período máximo (cinco meses) foi escolhido para delimitação das condições de maternidade de um bebê ainda nas fases iniciais de seu desenvolvimento⁵⁰ (antes do surgimento dos dentes e de sentar sem apoio).

O enquadramento das entrevistas

Algumas entrevistadas não possuíam telefone para que fosse confirmada minha visita. As que tinham referência de telefone, na residência ou comunitário, foram lembradas por mim sobre nosso primeiro encontro, dois ou três dias antes da data. Quando não havia telefone para contato, fui pessoalmente à casa da adolescente para marcar a data do primeiro encontro da entrevista.

⁴⁹ O presente estudo procurou respeitar aspectos éticos que envolvem pesquisas com seres humanos, regulamentados pelo Conselho Nacional de Saúde. Consideramos que a explicação sobre os objetivos da pesquisa e a obtenção do consentimento, além da possibilidade de desistência da participação durante as entrevistas, foram medidas que diminuíram o risco de danos. Cf. Brasil, **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**, 1996.

⁵⁰ Conforme a teoria kleiniana, o bebê a partir do quarto mês de vida, normalmente entraria na experiência chamada de posição depressiva. Cf. R.Simon, **Introdução à Psicanálise**: Melanie Klein, 1986, p.72.

Cada entrevista com a adolescente foi programada para três encontros. O intervalo entre as datas dos encontros variou, principalmente, de acordo com a disponibilidade da adolescente. O tempo mínimo de intervalo foi de dois dias e o máximo de 25 dias (caso de uma adolescente que mudou de endereço).

No final do primeiro encontro, após a gravação da entrevista, combinamos a data do próximo encontro, para continuação da pesquisa. Da mesma forma procedemos, marcando o terceiro encontro, no final do segundo.

Esclarecia-se que as entrevistas durariam cerca de cinquenta minutos, para cada encontro. No primeiro encontro, após as instruções que retomaram o objetivo da pesquisa (*"como é a vida das adolescentes que são mães"*), eu dava as instruções indicando que *a adolescente falasse sobre sua vida - como é, como era e como ficou depois da gravidez e do nascimento do bebê*; eu lhe explicava *que tudo o que ela falasse me interessaria e que ela fosse falando conforme quisesse, que eu estaria gravando, com a sua autorização*. Explicava-lhe também, que se necessário, eu faria perguntas.

Nos dois outros encontros, eram adequadas as instruções com a proposta de que a adolescente continuasse a falar o que quisesse sobre sua vida e que continuaríamos a gravação da entrevista⁵¹.

⁵¹ O termo "entrevista" será usado na análise tanto para designar a entrevista da adolescente como um todo (três encontros) como também para designar cada uma das entrevistas dos encontros.

Análise das entrevistas com as adolescentes mães

Como já referido, a análise das entrevistas com as adolescentes mães orientou-se por estruturas temáticas, em sua maioria sugeridas a partir dos resultados dos questionários com as adolescentes grávidas (primeiro estudo do **Módulo I**). Questões específicas do campo da entrevista também foram analisadas como: *características do local dos encontros*, *características gerais do discurso*, *estado emocional da entrevistada perante a entrevistadora (aspectos transferenciais)*, *posição emocional da entrevistadora (aspectos contratransferenciais)*.

A análise do vasto material das entrevistas (30 encontros gravados) será apresentada de duas formas - uma extensa e outra breve. Primeiramente serão trabalhadas entrevistas de seis adolescentes mães (18 encontros gravados), num modelo de análise com descrição detalhada e justificada com documentação retirada da entrevista. Em seguida, serão apresentadas análises breves de mais quatro outras entrevistas (12 encontros gravados), sem documentação retirada do registro do material.

A primeira abordagem de análise é mais extensa e exaustiva enquanto a segunda forma de tratamento analítico é aplicação do primeiro modelo, sem descrição detalhada. Nas duas formas de análise, o material trabalhado é principalmente o ponto de vista da adolescente mãe na reconstrução de sua história de vida a partir das experiências da gravidez e de ter um filho.

A tabela 22 apresenta resumo de algumas características das adolescentes mães entrevistadas.

Tab 22

MÃES ADOLESCENTES ENTREVISTADAS											
Adolescente	Idade na entrevista	Idade do bebê na 1ª entrevista	idade que engravidou	IG aproximada no início do PAIAG	idade do pai do bebê qdo. ad. iniciou PAIAG	Morava c/ o pai do bebê antes da gravidez?	tipo de parto	sexo do bebê	tipo de amamentação	NAS ENTREVISTAS :	
										cidade da residência	adol. +bebê morando c/
1 - E.	15a	1m14d	14a	16 sem	21a	Não	normal	masc.	só peito	Santos	avó de criação e pai do bebê
2 - B.	15a	4m2d	14a	17 sem	20a	Não	cesárea	masc.	só peito	Guarujá	pais, irmãos, pai do bebê
3 - C.	16a	1m8d	15a	31 sem	14a	Não	normal	masc.	peito + mamadeira	Santos	mãe do pai do bebê e pai do bebê
4 - N.	16a	1m6d	15a	18 sem	?	Não	cesárea	fem.	só peito	S. Vicente	pai do bebê
5 - A.	15a	1m24a	15a	22 sem	15a	sim/não	normal	fem.	peito + chá	Santos	Mãe
6 - T.	16a	3m3d	15a	16 sem	19a	Não	normal	masc.	só mamadeira	Santos	mãe, irmã, pai do bebê
7 - EL.	16a	2m22d	15a	22 sem	21a	Não	normal	masc.	só peito	Santos	pais e irmã
8 - AM.	16a	1m3d	15a	18 sem	17a	Não	normal	fem.	só peito	Santos	pai do bebê
9 - NA.	15a	1m3d	14a	12 sem	21a	sim/não	cesárea	masc.	só peito	Santos	pai do bebê
10 - D.	15a	2m5d	14a	18 sem	18a	Não	normal	masc.	peito + mamadeira	Santos	pai e irmãos

Análise da entrevista com E (15 anos)

Com quem estava vivendo?

A adolescente, o bebê e o pai do bebê estavam vivendo com uma senhora ("avó"), figura materna substitutiva. O pai do bebê viera morar junto com E, durante a gravidez.

Casa

A casa, um chalé de madeira com parte de alvenaria, ficava nos fundos de um terreno, num bairro próximo ao porto de Santos. O local concentrava muitos armazéns de carga e descarga e os poucos imóveis residenciais do bairro eram velhos e mal conservados. A entrada da casa de E não tinha portão e dava para um terreno com terra e algumas plantas. Havia muitos cães presos e soltos nesse quintal. As divisões dos cômodos - cozinha e dois espaços que pareciam funcionar como sala-dormitório - eram improvisadas com móveis que funcionavam como paredes, oferecendo pouca privacidade. Não havia cadeiras na casa e durante as entrevistas sentávamos nas camas, que não possuíam colchões, apenas uma forração. Todo o ambiente denotava pobreza. Os móveis e objetos da casa eram velhos e pareciam amontoados. Um varal com roupas penduradas para secar ficava dentro de casa. O quarto da adolescente tinha uma cama de casal, um berço para o bebê e era enfeitado com mais de vinte bichos de pelúcia. E comentou que eram presentes do pai do bebê para ela e para o filho.

Dados da família

A adolescente tinha três irmãos: uma irmã oito anos mais velha, um irmão quatro anos mais velho e uma irmã menor, quase três anos mais nova. E era a filha mais velha do relacionamento da mãe com o pai. Os dois irmãos mais velhos eram filhos de outro pai. A adolescente também tinha mais três irmãs por parte apenas de pai, mas com quem não tinha nenhum relacionamento.

Já fazia três anos que apenas o irmão mais velho morava com a mãe. A irmã mais velha era casada e morava sozinha com um filho. A irmã mais nova morava com uma madrinha.

Quando E tinha cerca de 12 anos, seus pais se separaram. A mãe com os três filhos menores provavelmente ficaram numa situação econômica crítica e muitas mudanças de moradia passaram a ocorrer, causadas pelas dificuldades de pagamento de aluguel - ("...ela (mãe) se mudou por causa do aluguel mesmo...que ela não tava podendo pagar mais..."). Depois de um tempo, a família, que fazia arranjos de moradia dos filhos com "distribuições"

temporárias na casa de "parentes", se separou. As duas filhas menores ficaram morando definitivamente em outros núcleos familiares. A irmã de E, na época com nove anos, ficou morando com uma "madrinha" (filha da patroa da mãe) e E foi para a casa de uma senhora ("avó") com quem já tinha laços de proximidade, pois a senhora cuidara dela a da irmã quando menores, enquanto a mãe trabalhava - ("...(com 12 ou 13 anos) Eu não fu...fui com ela? (mãe)...por causa do meu namorado (não o pai do bebê)...só por isso...se não fosse ele...eu tinha ido... (...) ...Eu falei pra ela que eu não ia...com ela....ela pediu...mas eu falei pra ela que eu não ia...qui...qui...aqui (casa da "avó") tava com o estudo já garantido, tava com meu emprego...já tava trabalhando... (...) mas eu ia largar tudo (trabalho) pra ir embora com ela...só não larguei por causa do meu namorado...só fiquei por causa dele...").

Mãe

Pouco referida durante a entrevista, a mãe de E estava praticamente ausente da vida da adolescente, desde as grandes alterações havidas na dinâmica familiar, após a separação dos pais. A mãe estava morando em outra cidade da Baixada Santista - ("...Mudou sim...mudou... mudou porque assim que a minha mãe mu...é...se mudou pra lá a gente se separou...não ficou como era antes que era todo mundo junto...(...) quando um precisava do outro tava ali pra ajudar...minha mãe chegava em casa ta...e a gente tava sempre ali...ta...tava sempre todo mundo junto...e agora não...a minha mãe se mudou, foi cada um prum lado...dá saudade, né...o tempo que a gente tava tudo junto...a gente brigava mas tava todo mundo junto...não tava um pra cada lado...mudô muita coisa sim...").

A adolescente parecia estar preservando a figura materna, não se queixando e não criticando a mãe, apesar da evidente situação de abandono que sofria. As avaliações negativas, o sentimento de rejeição e as ameaças de expulsão, recaíam sobre a "avó" (que estava substituindo a mãe) e sobre o pai da adolescente.

As dificuldades e prejuízos em termos de proteção, cuidados e apoio da mãe pareciam justificadas por E pelas frustrações que a mãe tivera na vida, principalmente com seus companheiros - ("...minha mãe (..) sempre trabalhou muito na vida dela, né...pra pôr as coisas dentro de casa...porque infelizmente ela não deu sorte com nenhum dos maridos dela..."). E desculpava a mãe e parecia identificada com ela, talvez para preservar-se de sentimentos muito dolorosos de abandono real - ("...ela não deu sorte...").

A relação com a mãe parecia acompanhada de ambigüidades. Ameaças de expulsão conviviam com referências idealizadas da mãe, como figura protetora e identificada com a filha - ("...a minha mãe (fala suspirando)...ficou...assim com pena de mim porque ela falou (sorri) que doía muito... (...) ...o parto...né...que é uma criança...que doía muito...que eu ia ver

depois...como que eu ia sofrer...que eu era muito nova...pra ter filho... (...) ...porque minha mãe ajudou muito minha irmã mais velha ...no começo do meu namoro com ele, minha mãe falava que se eu pegasse (engravidasse) com ele, eu não ia ficar em casa...porque ela não ia me querer...que (eu) ia pra casa da mãe dele...").

Apesar dos mecanismos de idealização, E parecia pouco contar com o acolhimento da mãe para um possível - e desejado - retorno à casa materna - ("...(após ter falado que não agüentava mais morar com a "avó" - ...por que vocês não iriam morar com sua mãe?)...Ah...porque é muito longe...meu colégio...meu estudo tá aqui (só que ela não pretendia voltar para a escola)...e ele (companheiro) acha lá muito contramão...muito longe também...").

Na ausência da mãe, outras figuras femininas assumiram parte dos cuidados com E. A "avó" cuidava dela bem antes da gravidez acontecer, e após o nascimento do bebê, foi a sogra de E quem lhe ajudou - ("...a minha sogra...a primeira semana eu fiquei lá na casa dela...ela me ajudou bastante...").

A maior ausência da figura materna ficou sugerida a partir dos 12 anos de E. Algum contato pareceu retomado a partir do nascimento do bebê, quando a mãe passou a fazer algumas visitas para ajudar a adolescente - ("...(presença da mãe) toda a sexta-feira ou passando assim uma semana...na outra semana ela vem...sempre quando ela (...)...ela vem...sempre que ela tem tempo...sempre que ela pode, ela tá aqui...esses dias ela chegou até a me ajudar...tinha um monte de roupa (...) ...por causa da chuva, né...numa sexta até segunda-feira juntou bastante roupa...ele tava até sem roupa...ela levou pra casa dela...olha que ela mora longe...mora lá no Rio Branco (bairro)... (...) ...a minha irmã mais nova quando vem aqui...ela...ela (irmã) tem tempo...ela vem...fica aqui...um pouquinho...ajuda a fazer as coisas...").

Pai

O pai foi a figura familiar mais atacada pela adolescente, como ausente e perseguidor. Foi referido com histórias de alcoolismo e violência - ("...ele bebia demais...não dá certo ...não dava certo... (...) ...não dava certo com o meu pai em casa...eu dei graças a Deus depois que ele foi embora...depois que eu comecei a ver...quem era bom, quem era ruim mesmo...eu dei graças a Deus...").

A avaliação negativa da figura paterna parecia trazer para E percepções angustiantes de que estava totalmente desamparada (sem ambos os pais). E mudou bruscamente de assunto no seu relato sobre a ausência do pai, passando a fazer comentários a cerca do cuidado do bebê (vacinas, tratamentos, atenção, colo). Carência afetivas (bem mais assumida

e consciente na relação com o pai do que com a mãe) parecia estar sendo trabalhada na identificação com o bebê, como se ao cuidá-lo, E pudesse também sentir-se cuidada e protegida pelos pais - ("...ele (pai) some...fica mês...mais de duas semanas sem aparecer... (...) ...vejo ele raramente... (...)e ele (pai) me chamou lá na rua....eu já tava lavando roupa...a roupinha dele (bebê)...meu bebê acostumou muito no colo... (...)

Apesar de pouco presente na vida da filha, o pai da adolescente pareceu legitimar-se como figura de autoridade paterna, ofendido pela traição e desrespeitado pela gravidez da filha. Segundo E, o pai manifestou forte hostilidade pela gravidez. A narração da adolescente sugeriu que o pai sentiu-se traído principalmente pela filha-mulher que teve relações sexuais com outro homem. Falando do pai, E evocou dados de uma certa "valentia", provavelmente mobilizada a partir da gravidez, quando o pai do bebê passou a ocupar o lugar de um rival para o pai da adolescente.

Por causa da gravidez, o pai ameaçou a filha de submetê-la ao castigo de abandono - uma punição que parecia apenas justificar e instrumentalizar a ausência real enquanto pai, previamente estabelecida. O abandono assim ganharia um sentido diferente - uma ruptura justificada na relação com a filha culpada.

No impacto da notícia da gravidez da filha, o pai lançou "maus presságios" ao desenvolvimento da filha como mulher, como se o castigo pela gravidez fosse o destino de manter uma posição feminina de submissão, trabalhos e frustrações perante outro homem - ("...meu pai foi o primeiro a virar a cara...porque ele não sabia...soube pela boca dos outros... (..) ...fiquei ruim...que ele falou que não aceitava...que não queria saber mais... (...) ...reclamou... falou que...que agora eu ia ver...tê que tá no tanque toda hora...fazer comida pa..pra homem... cuidá de homem...cuidá de filho...").

Substituta da mãe - a "avó"

Desde os 12 anos, a adolescente estava sendo mais permanentemente cuidada por uma senhora, chamada de "avó", que assumia parte das funções parentais. Não parecia haver laços de parentesco da senhora com os pais da adolescente, mas a relação com a família acontecia desde a infância de E - ("...essa avó me criou desde novinha...").

A adolescente, seu companheiro e o bebê estavam morando com essa "avó" e dependiam economicamente dela. A "avó" cuidava também de outra criança, durante a semana, numa função de "babá" de filhos de mulheres que trabalham fora. Apesar disso, a "avó" nunca foi referida como uma pessoa contratada pela mãe da adolescente, talvez porque a senhora se vinculava a E desde criança, passando a assumir encargos de cuidados com a menina, numa relação de figura provedora, afetiva e material - ("...Ela ajudava minha mãe...

(...) ...Olhava...é... olhava eu pra minha mãe...aí acabei ficando com ela.....foi ela que me vestiu, ela que me calçou, e até hoje ainda me dá as coisa...").

Idealizada e atacada por E, com exigências e questionamentos que pouco expressava com relação à mãe, a relação da adolescente com a "avó" parecia mais ambígua do que ambivalente. - ("...foi ela que me vestiu...que me calçou...ela me deu muita coisa...ela é mais que uma mãe pra mim...por mais que a gente discuta...mas...é mais que uma mãe pra mim...e ela...não tem obrigação nenhuma porque ela não é nada minha...não tem obrigação nenhuma ela...eu considero ela como minha vó...faz...faz coisas que nem minha mãe mesmo...que é minha mãe faz... (..) ...falei até pro meu ir...eu acho que eu já tava grávida...falei pra ele que eu (..) que eu...eu não agüentava mais ficá aqui (casa da "avó"...que eu queria ir embora pra casa da minha mãe...cheguei a comentar com ele que eu não agüentava mais...").

No período mais crítico da família de origem de E, quando os pais e irmãos se separaram, a casa da "avó" passou a ser a referência do "continente" familiar ao qual a adolescente pertencia. Na época, o marido da "avó", chamado de "avô, ainda era vivo. E ficou morando com os "avós" e passou a estudar numa escola próxima dali.

Depois da gravidez, a relação com a "avó" parece ter ficado mais difícil. Os relatos da adolescente sugeriram que a "avó" modificara a relação protetora com a "neta-bebê". A "avó" não tinha filhos e tivera um aborto no passado.

Não parece que a "avó", que sugeriu que E tentasse abortar, tenha se cativado pelo bebê. Ela continuava sendo a principal responsável pelo sustento da casa. Contudo, após a gravidez, a adolescente parecia sentir-se prejudicada quanto ao carinho e a proteção afetiva da avó - ("...teve uma vez que ela (avó) fez aniversário... (...) ...eu dei um jogo de copo pra ela...e ela falô que não precisava de nad...de nada meu...que não tinha pedido...que não era pra mim gastar o meu dinheiro com ela...tinha jogado dinheiro fora...que não se...ó....eu pass...esse dia, eu passei a tarde inteira chorando... e a partir desse dia eu falei pra mim mesmo que não dava mais nada pra ela...aquele dia eu me aborreci demais...").

Referências de outras figuras masculinas familiares

Os relatos de E acerca de figuras masculinas adultas e da família sugeriram muitos prejuízos relativamente a modelos de figuras paternas. Sobre os outros companheiros da mãe, E referiu violência, alcoolismo e abandono. Mesmo que não tenha convivido com esses homens, eles pareciam evocar, para adolescente, aspectos perseguidores.

O único companheiro da mãe referido com elementos positivos (bom, provedor, e que dava prazer levando-a para sair, passear) a abandonara - ("...ela falou que o único marido que cuidou (.) da felicidade dela, foi o (pai) do meu irmão...porque levava ela pra

sair...colocava as coisas dentro de casa, não deixava faltar nada...e o pai do meu irmão já é falecido...só que antes dele morrer, ele...ela conta pra gente, que ele foi embora...não avisou ninguém...").

Sobre o marido da "avó", com quem **E** conviveu, houve referência de homossexualismo, na velhice - ("...meu avô depois de velho, que Deus tenha ele num bom lugar...virou viado...aí então ele começou a pegar menino e cuidar de menino, né...pôs a família de um deles...aí, ele morava lá nos fundos...na casa dos fundos...pôs a família de um deles pra morar aí...").

Outra figura familiar substitutiva da mãe (irmã mais velha)

A adolescente referiu conflito com a irmã oito anos mais velha, que cuidara de **E** quando pequena.

E cuidou do sobrinho, filho da irmã mais velha. O cuidado dessa criança parecia uma paga com que **E** teria de retribuir pela função precoce que aquela irmã também exercera - ("...ela achava que a gente tinha obrigação de cuidar...e ela falava que cuidava da gente quando a gente era pequena...então ela achava que a gente tinha obrigação de cuidar dele (sobrinho)...").

Amizades

As dificuldades com os amigos apareceram na adolescência de **E**, coincidindo com a separação da família original. As situações de crise de confiança, competições e jogos de traição, foram mais relacionadas com questões de gênero, com confusões e fofocas envolvendo as parselhas, de namorados e as de "ficar" ⁵².

Desconfiada no grupo dos iguais, **E** apegou-se às mulheres mais velhas, parecendo procurar substitutas para as colegas adolescentes e para a mãe - ("...não tenho mais as minhas amigas...não por ele (companheiro)... (...) ...era pessoa de vinte anos pra cima que eu saía...não tinha mais amizades de...da minha idade...de doze...treze anos...não tinha mais...era tudo adulto já que eu saía...eu parei de brincar com as pessoas da minha idade cedo...eu larguei minhas bonecas cedo... (...) ...muitas pessoas que eu achava que eram meus amigos não eram...então...agora... (...) ...Por que eu achei?...porque elas demonstraram...(.)...com

⁵² A situação de "ficar" é puramente física, de atração, de vontade. Apenas por vezes um relacionamento mais profundo, como um namoro, pode acontecer a partir desse início. "Ficar" inclui desde apenas beijos e abraços, apertões, colar de corpos, até uma relação sexual completa, desde que ambos queiram. O fato de "ficar" com alguém é inteiramente descompromissado. Cf. T.Zagury, **O adolescente por ele mesmo**, p.172, 173.

falsidade...fofoca...(...)...aí num quis mais saber (do segundo namorado) e também porque eu tinha uma colega que ela falou pra mim que gostava dele...que...que era pra mim dividir el...ele com ela...vê se pode uma coisa dessa?...e que gostava demais dele...que não sei quê...que ela gostava mais dele que eu...aí eu era...inventavam muita coisa entre eles dois...coisa que...fantasia da cabeça dela...aí eu acabei...").

A relação com os amigos (e sua falta) pareceu carregada de conteúdos perseguidores e depressivos - ("...mas eu não tenho com quem me divertir...entendeu?... (...) ...que falta uma amizade...amizade que eu não tenho mais...porque muitas amizades que eu tive, todas elas me ferraram...foram falsas...então agora é difícil eu ter amizade...e as amizades que eu tenho, têm coisa pra fazê...").

Escola

E estava freqüentando a escola, na 7ª série, quando engravidou. Não largou os estudos, entrando de licença (maternidade) no primeiro bimestre letivo da 8ª série. **E**, no entanto não buscara a relação dos trabalhos escolares, necessários para a validação da licença escolar - ("...eu tenho que ir...").

A adolescente referiu a perda de grupos de pertinência de colegas, quando passou a estudar à noite, depois que começou a cuidar do sobrinho - ("...no começo eu tinha muita saudade da...das minhas colegas...mas agora já me acostumei... (...) ...à noite era...tinha mais adulto, né... quase não tinha assim...gente da minha idade, né...é...pra noite é mais pras pessoas que trabalham, né...que têm dificuldade pra arrumá...escola de manhã...também...").

Apesar de dizer que pretendia continuar os estudos, **E** parecia já perceber que teria dificuldades pouco contornáveis para deixar o filho - ("...(E como você pretende fazer com o bebê?)...Ah...ele é meu nenê...vai ficar com o pai dele...(...)...e se eu souber que ele (pai do bebê) deixou com alguém eu vou...eu saio da escola...já falei pra ele que eu saio, pra olhar ele até um ano...é...é... (...) ...tenho vontade sim (de voltar para a escola)...só que agora eu penso nele, né...").

A adolescente narrou uma experiência na escola que parecia indicar pouca discriminação de sua condição de aluna (criança a ser educada e cuidada) diante da professora adulta. Segundo **E**, uma professora da segunda série pedia-lhe freqüentemente que fizesse massagens, na própria sala de aula. **E** a atendia, de forma envaidecida - ("...quando ela sentava ela me chamava pra fazê massagem nela...(...)...nos ombros...porque ela tinha muita dor nos ombros...").

Histórico de trabalho

E começou a trabalhar fora com 12 anos. Já estava trabalhando quando se separou da mãe (não a acompanhando na nova moradia). Durante a gravidez, trabalhava como faxineira numa empresa ("...mas eu dou é graças a Deus que é meio período..."). Nas entrevistas, ainda estava no período de licença-gestante.

Antecedentes da gravidez

Antes da gravidez, E estava com dificuldades na relação familiar - uma certa "perda" dos pais e irmãos - além de dificuldades com amigos, provavelmente intensificadas pela mudança de moradia e de escola.

Quando engravidou, E já havia mudado para o período noturno na escola. Estava trabalhando fora e com prováveis perdas no sentido de pertinência ao grupo familiar - ("...Quando eu engravidei...acho que eu não tava...não...já tava aqui já ...(com a "avó")...se eu não me engano, eu já tava aqui..."). Antes da gravidez, ela já estava com problemas de pertinência nos grupos de colegas, provavelmente causados pelas mudanças de casa e de colégio - ("...antes mesmo...de eu tá grávida...então eu parei de pegar amizade (depois "pega" gravidez)...que nem...uma amiga que eu...uma colega que eu fiz na escola...a gente chegou a saí antes de eu namorar com ele...a gente saía pra caramba...só que aí ela deixô...parô de andar comigo...porque eu tinha que voltá pra casa cedo... (...) ...ela deixou de andar comigo pra andá com uma menina que no final...acho que...foi a primeira colega dela que ficô...(.)...aí foi a maior confusão...(.)...então...isso aí já foi uma traição...minha co...a melhor amiga que eu tinha...a gente se separô porque...ela mudô primeiro que eu...não, eu mudei primeiro que ela...então eu já não vinha muito aqui...eu já ficava mais pro lado de lá...que eu tinha colégio...né...tinha col...só que o colégio era aqui...o colégio era...era pra esse lado...só que...o dia inteiro tinha que ficar dentro de cas...quando era final de semana eu saía com o meu namorado...então foi isso...").

Cuidados anteriores com outros bebês

Com 11 anos, E passou a cuidar do sobrinho, filho da irmã mais velha - ("...apesar que eu não me importo (de lavar fraldas) porque eu lavei do meu sobrinho pra caramba...eu cuidei dele dois anos antes de trabalhar...").

Além das evidentes dificuldades práticas de vagas para bebês em creches públicas, dificuldades internas (separação do bebê) também pareciam interferir nessa dinâmica de deixar crianças tomando conta de bebês - ("...(referindo-se à irmã) ela não tinha com quem deixar, né...e não queria colocar ele tão cedo na creche...aí eu comecei cuidar dele...").

Na época das entrevistas, a irmã mais nova de **E** estava cuidando de um bebê de nove meses, filho da madrinha com quem ela estava morando.

Gravidez

Pode ter havido com a gravidez de **E**, uma certa busca "romântica" de um filho e de uma nova família. Ela e seu namorado tinham fantasias de esterilidade e pareciam necessitar provar concretamente suas capacidade férteis (de reprodução e de criação). Apesar dos temores relacionados a aspectos econômicos (sustento material), o desejo de ter um filho parecia muito presente no casal - ("ficou muito tempo pra mim pegar...a gente achou que nem eu nem ele tinha...tinha possibilidade de ter filhos... (...) ...porque eu achei que eu num...num podia ter filho, né...a gente comentava que se um ou outro tivesse problema de não poder ter filho...a gente ia adotá...a gente queria mesmo tê ...um nenê...").

As ambivalências e ambigüidades (desejos, medos) a cerca de ficar grávida, pareciam muito presentes em **E** - ("...muitas vezes eu me descabelava...pensando que eu estava grávida e não tava... (...) ...quando a gente tinha relação sem preservativo...que...ele fazia penetração dentro...aí eu...a gente ia dá uma volta...eu já ficava desesperada...achava que tava grávida... chorava muito...e mui...ta...muitas vezes que acontecia de eu não esperar... (...) ...e...e muitas vezes que eu achei que tava, não tava e quando a gente menos esperô, o nenê veio...então... (...) ...de medo porque a gente não tinha nada...não tinha onde morar...né...como eu ficava pensando como a gente ia fazer prá dá roupa pro nenê porque ele ainda não tava trabalhando...então eu ficava pensando como é que...como a gente vai fazer...se virar...(.)...o que a gente vai dá pra ele comê...").

A gravidez então, apesar de temida, parece ter sido desejada e buscada - ("...joguei fora (o comprimido de Cibalena que a "avó" dera para abortar) porque eu queria ter ele...").

Depois que **E** ficou grávida, começou a morar com o pai do bebê (ele veio morar junto, na casa da "avó"), de certa forma conseguindo realizar seus prováveis desejos de juntar-se ao companheiro.

Reação do grupo familiar à gravidez

O pai de **E** manifestou repúdio pela gravidez da filha, fazendo ameaças de abandono (que já parecia instalado) e de ataque ao pai do bebê. A mãe de **E** também condenou a gravidez - ("...que eu devia ter esperado mais um tempo...me deu tanto conselho...eu não escutei...(diminui o volume da voz, parecendo recordar-se do repúdio da mãe mas não sugerindo arrependimento por ter engravidado)").

A "avó" também repudiou a gravidez e aconselhou o aborto, mas com indicação de método inócuo. Talvez esse conselho se referisse mais à manifestação do desejo da "avó" de que a jovem abortasse e menos a um conselho "real" de procura de aborto, até pela clara impossibilidade do uso de serviços médicos (e públicos) para tanto - ("...minha vó, ela...logo quando ela soube, ela queria que eu tirasse, né...até madrugada num dia pra me dá...me deu um chá com co.. queria me dá um chá com Cibalena...").

Outras adolescentes grávidas

A adolescente já tivera contato com outras adolescentes grávidas e com curiosos problemas relativos a essa experiência - ("...tem uma outra colega minha...ela tem dezesseis anos...(.)...ela tem um filho...teve um filho com quinze anos...se eu não me engano, eu fui a primeira pessoa a saber... (..) ...a Mg ficou com o menino...e aí depois ela ficô...isso é que a Mg falô...a...a família descobriu que ela tava grávida...aí ela falô que era de outro menino...um tal de Mr...e esse menino que ficou...o primeiro...um tal de Neguinho...ficô com essa minha amiga...S...que andava comigo...aí a...a...a...quando o nenê nasceu, ela acabou descobrindo que era desse Neguinho (provavelmente pela cor do bebê)...").

Parto

Figuras familiares femininas sugeriram elementos de tabus relacionados ao parto - ("...não, não teve filho ela ("avó")...o único que ela pegou, ela tirou...ela tem medo...da dor...do parto... (..) ...ela (mãe) falou que doía muito...").

O nascimento do bebê ocorreu por parto normal, porém doloroso (com fórceps). A adolescente pareceu evocar pouca segurança a respeito da legitimidade de ter uma médica responsável por ela, quando na maternidade - ("...o meu parto, eu achei que foi muito difícil, que ele (bebê) não queria...não queria sair...tentaram tirar ele a ferro...só que não conseguiram...o que é ruim do parto normal que eu achei...é os exames de toque, né, pra saber se tá na hora...e as contrações que é chata, porque quando ele sai mesmo, eu não senti...minha méd...a médica que fez meu parto, eu achei ela muito boa...").

Bebê

A adolescente teve um bebê menino, que estava com um mês e meio no início das entrevistas. O bebê parecia bem cuidado e era amamentado somente no peito.

O nascimento do bebê parece ter promovido a "reconciliação" com algumas pessoas da família que inicialmente repudiaram a gravidez- ("...(a mãe) agora tá toda boba com o menino... (...) ...a minha irmã mais velha quando vem aqui fica toda boba...").

Foi principalmente o pai de E, quem amansou e se aproximou, com o nascimento do neto, parecendo também ter se identificado com o bebê - ("...agora meu pai vira e mexe tá aqui... (...) ...até eu estranhei ele (pai) brincar porque ele achou ruim logo no começo...agora não...agora ele ve...ele vem aqui brincar com ele (bebê)...perguntá como é que ele tá... (...) ...veio aqui, brincou com o nenê...(.)...aí quando eu tava trocando, ele falou: olha o bichinho com frio...ele tá com frio...falei: calma pai...eu tô trocando ele ainda...tadinho...chegou a se preocupar ...coisa que eu não esperava..."). A postura avô materno com o bebê, pareceu proporcionar uma certa reconciliação de E com o pai.

A criança parece ter trazido para E gratificações afetivas e materiais (presentes). O bebê preenchia a vida da adolescente com contatos emocionais mais positivamente significativos, sugerindo possuir um papel compensatório para suas frustrações afetivas e materiais.

Algumas vezes, a adolescente expressava claramente a identificação com o bebê - ("...a gente sofre junto com ele"). Ao identificar-se com a criança, parecia que E projetava e confundia as futuras satisfações do filho com gratificações para ela mesma, e assim, cuidando do bebê - realmente e em fantasia - parecia cuidar de si mesma - ("...(Agora você tem companhia?)... Tenho...até demais e fa...conversar muito com ele quando tava na minha barriga que quando ele viesse ao mundo...eu ia preencher todos os passinhos dele com carinho...ia dá pra ele tudo que eu não tive...e tudo que ele quiser que eu puder ter...que eu puder dar ...ele vai ter...").

A identificação com o bebê também podia trazer a gratificação de sentir-se amada pelo companheiro ("...o pai (do bebê) tá todo bobo...") e menos solitária, já que o bebê lhe faz companhia - ("...a gente (ela e o bebê) foi lá na...na...na...vê o nenê do filho da minha madrinha que...*dan dan nenê...quando crescer vai ser teu amigo...*").

No terceiro encontro da entrevista, quando E parecia mais deprimida, ela sugeriu fragilidade e cansaço relativos ao trabalho que o bebê dava, apesar da ampliação sugerida na interação com a criança (já com dois meses) e manutenção da identificação com o filho - ("...ele não tá querendo dormir...só quer colo...(.)...ele não deixa fazer nada...acostumou...*né, filho?*...(.)...almocei com ele no colo, fazendo as coisas...").

As coisas do bebê destacavam-se na moradia. Roupas novas e fotografias da criança, e sobretudo o próprio bebê, davam um ar mais alegre àquela casa pobre. A vinda do bebê pequeno pareceu ser entendida como um símbolo a ser lembrado e comemorado - ("...só tem umas pecinha (roupa) que eu quero guardar, né...pra quando ele tivé grandão, ele

vê...roupinha dele...que ele ganhou... (...) ...eu vou guardar de lembrança do hospital (maternidade)...").

Presentes para o bebê

Uma rede de ajuda social, de amigos e familiares, apoiou a vinda do bebê, fornecendo enxoval e outros itens necessários ao recém-nascido.

Os presentes para o filho pareciam percebidos pela mãe adolescente como presentes para ela - ("...graças a Deus também de ter ganhado...que ele ganhou bastante roupa...bastante!... (...) ...ele ganhou da...filha da madrinha da minha irmã...i...duma...dum colega meu, né...uma colega dele teve um nenê, né...como o nenê era...já tava grande...aí ela tava procurando quem...pra quem dar a roupa... (...) eu também já dei... (...) ...eu dei muita sorte...dei...dei sorte mesmo com o meu filho...eu ganhei enxoval...eu ganhei berço...eu ganhei carrinho...eu ganhei muita coisa...pouca coisa que eu tive de comprá pra ele...ele ganhou tudo...").

Pai do bebê

O pai do bebê era seis anos mais velho que E (na época da entrevista ele tinha 21 anos) e morava com ela desde meados da gravidez. A adolescente indicou possuir um relacionamento com o pai do bebê que oscilava entre a idealização (a falta do bom pai compensada) e as decepções (o homem que a deixava sozinha e com que era difícil se comunicar).

Aproximadamente aos 13 anos, a adolescente iniciara seu relacionamento com ele (com 19 anos), primeiramente "ficando" e depois passando a namorar - ("...que eu me lembro que eu conheci ele e a gente ficou...mas tamb...não lembro há quanto tempo, fiquei com ele...eu acho que tinha doze...doze pra treze anos...esse daí (o companheiro)... (...) ...o meu namorado...(...)...a gente num...num se lembra da gente da onde a gente realmente se conheceu...e agente se cumprimentava... (...) ...aí a gente acabou ficando na Cidade Junina em noventa e quatro...dia nove de julho...aí a gente tá até hoje...").

Figura carregada de ambivalências, o pai do bebê por vezes parecia idealizado e preenchido de atributos compensatórios para as frustrações vividas por E com o próprio pai, mas também aparecia referido como um homem tão frustrador quanto aquele pai.

Os atributos positivos do pai do bebê incluíam a possibilidade da adolescente apropriar-se de um bom homem, numa diversidade de papéis - ("...namorado...mas eu considero como marido...ele é mais...ele é mais que um marido...ele é colega...ele é pai...ele

é muito bom...eu dei sorte de tê...tê...conhecido ele...(Ele é pai de quem?)...Meu...ele é um pai...é um amigo...é companheiro...(...)...ele é ótimo como marido...ótimo...ótimo...ótimo!...o único problema é que ele é muito viciado em jogo (de futebol)...(...)...mas eu sempre acreditei nele...sempre...eu sempre acreditei nele...tudo que ele me falou eu acredito...porque eu sei que ele não mente pra mim...").

Queixas de solidão, inveja e ciúme do pai do bebê, apareceram mais relacionadas à possível restrição dos prazeres de passear, ter companhia e contato pessoal gratificante, após a gravidez e o nascimento do bebê - (".....mas ele falou que assim que o nenê crescer ele vai levar a gente...assim que ele crescer ele vai levar a agente pra assistir o jogo (futebol)... (...) ...Então ele...quando sai sete horas...oito horas...ele chega onze horas...quando sai mais tarde, chega onze e meia...só não passa da meia noite que aí eu já acho ruim, né...que ele (...) já passa o final de semana todo todo...na rua, jogando bola...(...)...às vezes chego a pensar que ele nem...sabe?...não quer nada sério...").

No último encontro da entrevista, apareceram os sentimentos mais decepcionados com o pai do bebê, que parecia não corresponder aos desejos e necessidades da jovem - ("...lá na Cidade Junina eu cheguei...eu falei assim: "ah...que bonitinho"...porque ele não fala em noivá...em casá...num fala em nada...nem na nossa casa mesmo que a gente pretende ter...ele não toca nem no assunto...muito difícil...aí eu co...eu ch...eu falei assim: "ah, que anelzinho bonitinho"...tipo duma aliança...sabe aqueles?...a...aqueles anelzinho douradinho?...eu falei: "ah, que bonitinho" ...aí ele: "o quê?"...eu falei: "aquilo ali"...aí...aí ele falou assim: "já viu quanto que é? (fala de forma desdenhosa)"...aí...eu até peguei uma correntinha pra mim...depois eu te mostro...aí só que ele nem deu bola...aí ele falou assim: "não vai querer nada? (fala de forma irônica)...aí eu falei: "não, não quero...o que eu falei pra tu, tu nem se interessou"...ele: "ih...não vai começá, que não sei quê"...então eu achei.....eu...ele num...num se interessa...sabe?...sabe?... eu acho que...na verdade, eu acho que ele não quer é se prender...demais...porque ele...ele é uma pessoa muito fechada...ele num demon...ele não demonstra que ele gosta da pessoa...sabe?...é muito difícil... ele é muito fechado ...ele é bem diferente...").

O pai do bebê não contribuía com as despesas da casa, apesar de morar lá (dormia, alimentava-se e tomava banho). A adolescente não referiu críticas a essa situação, parecendo preservar ao companheiro e a si mesma da constatação de dependência da "avó". Após falar sobre tudo o que o companheiro costumava comer (vitaminas de frutas, mortadela, queijo e presunto), **E** disse ele não dava despesa.

Família do pai do bebê como nova referência familiar

A família do pai do bebê, que parecia mais estruturada do que a família de origem de E, foi representada como uma nova (e ainda frágil) referência familiar para a adolescente.

Os pais do companheiro pareciam representar para a adolescente a chance de uma nova (mas ainda insegura) referência familiar - ("...aí ela (sogra) falava que os filhos dela nunca dormiu fora de casa...falava que não era porque eu não tinha nem pai nem mãe perto de mim, era pra ele abusar... (...) ...agora eu tô como se fosse da família...e realmente agora eu sou, né...normal...").

Nas falas de E a cerca da família do pai do bebê notavam-se elementos de sua carência materna e paterna - ("...agora ela (sogra) tá me paparicando bastante...ela cuida de mim agora quando...assim quan...quando ela vê que eu preciso...ela sempre fal...me dá um conselho...o pai dele também...já se...senta...só que meu pai...senta pra...pra falá comigo...me dá conselho...fala sobre ele...fala que ele gosta de mim realmente...(...) e a mãe dele, ela cuida de mim...quando ela vê que eu tô ruim...ou chateada, ela sempre vai lá me dá conselho...fala uma coisa que sempre sabe...sempre te anima...sempre reanima a pessoa...").

Aspectos de sexualidade

Os namoros de E iniciaram-se logo no início da adolescência, com rapazes mais velhos. A adolescente parecia possuir informações sobre concepção e métodos contraceptivos. E referiu prejuízos em sua vida sexual desde a gravidez, intensificados após o nascimento do bebê, mas que eram escondidos do companheiro.

Com 11 anos, época que a irmã mais velha engravidou, E teve o primeiro namorado (ele com 21 anos) e em seguida outro namorado. Nesses namoros, anteriores à relação com o pai do bebê, E não teve relações sexuais - ("...Ó...o primeiro ele era muito mentirosos e o outro era muito avançado...se dependesse dele já tinha me tido (no sentido sexual) antes desse daqui que eu tô agora...(...)...dei logo um fora...").

Com 14 anos, E teve a primeira relação sexual, com o pai do bebê. O casal fazia uso esporádico de preservativo - ("...foi depois de um...um...um ano, um mês e alguns dias que a gente foi ter relações... (...) ...ficou muito tempo pra mim pegar... (...) ...quando a gente tinha relação sem preservativo...que...ele fazia penetração dentro...").

Parece que no início da adolescência E já tinha algumas informações acerca da concepção e métodos contraceptivos, obtidas com as irmãs e primas que engravidavam - ("...como engravidar eu sempre escutava...a minha...as minhas irmãs conversando ...minha irmã comentava muito...teve uma vez que tava eu, minha irmã mais nova e minha prima...ela

comentou como é que...como é que era que fazia porque ti...era como que se tinha que se prevenir...ela recomendou a camisinha pra gente...(...)...acho que na faixa dessa idade...onze anos...doze anos...").

A adolescente sugeriu ter clara percepção das mudanças (perdas) ocorridas na área sexual, após a gravidez e parto. Disse ter mudado por dentro, parecendo não só se referir à concretude do corpo modificado, mas também a alterações de desejo - ("...Ai...é...nos primeiros dias foi difícil, né...parece que...que tá toda costurada por dentro...dá medo...e dói também...as primeiras relações dói...eu...eu me senti...eu me senti diferente...não é a mesma coisa...como era antes...muda...a gente muda por dentro... (...) ...não tá pior...não tá a mesma coisa...a mesma coisa não tá...mas num dói mais... (...) ...depois que eu peguei fi...depois que eu...que eu fiz o parto dele num...num é a mesma coisa...mudou...é diferente agora... (...) ...não é o mesmo prazer... (...) ...muito difícil dá vontade de ter relação...muito difícil...mudou, sei lá, a gente muda por dentro... (...) ...depois do parto ficou diferente.... (...) ...ele (bebê) tava quase pra fazer dois meses foi que eu tive relação (data próxima à entrevista)...foi até logo de manhã...mas mesmo assim...é diferente...a gente muda...").

A adolescente escondia do companheiro a diminuição do seu desejo e do seu prazer sexual, parecendo temer conseqüências no relacionamento afetivo com ele - ("...eu não cheguei a comentar com ele, né...que ele pode ficá meio assim...mas não cheguei a comentar não, mas fica diferente...").

Alterações na identidade

Alterações na identidade foram referidas por E especialmente quanto ao novo papel de mulher, grávida ou mãe, que tinha que cuidar de seu filho e mudar de condição de amadurecimento - ("...mãe...a meni...a menina...mulher...adolescente que tá pra ser mãe, ela tem que ter mais responsabilidade, né...").

Referindo-se a um comentário do irmão de 19 anos, sugeriu um estado um pouco confuso acerca de sua identidade em transformação - ("...como é que ele falou ? (pergunta a si mesma)...em vez do bebê...em vez do de eu cuidar do bebê...o bebê que cuida de mim (...)...eu sou muito nova pra ter filho...").

Referiu, de forma mais ambígua do que ambivalente, a valorização da experiência de transformação, com sugestão de elementos estereotipados da expectativa social ("tem que ter mais responsabilidade"). Indicou também perceber gratificações da nova condição, pela presença do bebê e identificação com ele - ("...a minha vida, depois que eu ganhei ele, está ótima...mudou tudo... (...) ...depois que é mãe muda tudo... porque a gente sofre junto com ele (o bebê)... (...) ...agora eu tenho que me preocupar...tem que ter mais responsabilidade").

E parecia perceber as dificuldades trazidas pelas mudanças ocorridas a partir do nascimento do bebê, como se tivesse que transformar não só seus hábitos, mas seus próprios desejos - ("...que uma pessoa que...que sempre...assim...teve lugar pra sair, é difícil mudá de uma hora pra outra, né...só querer ficar dentro de casa...").

A adolescente apresentava dados contraditórios a cerca de como se percebia dentro das funções domésticas - ("...é que eu não faço nada...a única coisa que eu...assim que eu posso falar que eu faço ainda é...va...é...varro e passo pano no chão...(.)...tem um monte de roupa pra mim lavar...minha, dele e do nenê...pra lavá e pra passá...(.)...e aí quem tem que ficá fazendo as coisas...aí...e...eu tenho que lavá...tenho que passá...tenho que pegá o menino...tenho que dá banho...fazer um monte de coisa...").

As referências de perdas de liberdade e oportunidade para passear

As principais queixas de alterações sofridas na vida foram de prejuízos quanto às perdas relativas a "sair" e passear. Essa percepção foi apresentada como uma perda geral de liberdade para sair. Provavelmente essas perdas ocorreram durante as maiores dificuldades com as amizades, na época da crise familiar e início do namoro com o pai do bebê. Assim, a perda geral da liberdade para sair pode ter sido apenas intensificada pela gravidez e nascimento do bebê, mas o estado de restrição quanto a "sair" e passear parecia ser anterior a esses acontecimentos.

A falta de pertinência a um grupo de iguais (colegas) - condição para ela ter companhia para passeios, já que a relação com o pai do bebê não, ou pouco, a gratificava nesse sentido - podia ser a principal responsável pelo estado de isolamento e aprisionamento que a adolescente sugeria viver - ("...uma coisa que eu sinto falta é da minha liberdade, né...que eu tinha antes...saía muito...agora não...quase não saio...não por causa dele (bebê)...porque não saio mesmo...quando eu já tava grávida já parei logo de sair...a gente deixou mais de sair... (...) ...não acostumo ficá aqui dentro de casa... (...) ...Mas por você...você passaria mais?...Ah, sim...ficava o dia inteiro na rua... (...) ...não é por ele (bebê)...é porque eu não tenho com quem sair...de eu sair com ele, não...eu saio...vou pra casa da minha sogra...mas enche o saco saí...que adianta eu saí daqui e ficá enfiada na casa da minha sogra...pra mim é a mesma coisa...eu quero sair pra me divertir...mas eu não tenho com quem me divertir...entendeu?...").

Talvez E se referisse a perdas mais potenciais do que reais quanto às suas oportunidades de lazer fora de casa, diminuídas pela gravidez e maternidade, uma vez que ela já pouco saía. O "sair" (passear) parecia significar uma oportunidade de felicidade trazida por um companheiro (como aquele marido da mãe, que a abandonara e ao filho, mas que era

bom porque a levava para passear). Provavelmente E pouco passeava antes da gravidez e maternidade, pelas dificuldades advindas das turbulentas mudanças anteriores ocorridas com a família e com os amigos do bairro e do colégio, além do próprio namoro - ("....eu já ficava mais pro lado de lá...que eu tinha colégio...né...tinha col...só que o colégio era aqui...o colégio era...era pra esse lado...só que...o dia inteiro tinha que ficar dentro de casa...quando era final de semana eu saía com o meu namorado...()...saía bastante...agora não...logo quando...ah...um pouquinho antes de eu engravidar, a gente já tinha deixado de sair, né...").

Parece que eram menos as demandas práticas do cuidado com o bebê e mais as alterações internas no campo da identidade (novo papel de mãe), além da mudança na relação com o pai do bebê, as causadoras do sentido de perda quanto ao lazer - (".... como é que eu fico chateada?...é ficar dentro de casa...porque...eu ainda num acos...num me acostumei a ficar dentro de casa...porque lavá...fazer as coisas dentro de casa, eu sempre fiz com meus sobrinhos...a gente não acostuma é de ficar dentro de casa sem...sem nunca poder sair e agora eu não tenho mais minhas amizades, né...").

As recordações da infância evocavam uma vida social mais alegre e estimulante, estado perdido a partir da adolescência - ("...brincava demais (até os 11 anos)... () ...até quando eu ganhei o meu troféu de lambada (dança popular)...que eu dançava lá no baile...quando eu era pequena, dançava pra caramba...eu ganhei um troféu () lambada e desfile...que eu dancei com a minha irmã ()...ganhei um (troféu) com a minha colega e um com a minha irmã...").

Dificuldades (econômicas) para cuidar da criança

A ansiedade relacionada ao cuidado com o bebê parecia dimensionada a partir de experiências anteriores, com o sobrinho e com a gravidez da irmã. Apesar de E parecer ter pouco contato com demandas reais, negando necessidades econômicas, referiu temores com o cuidados da criança restritos às necessidades materiais - ("...dinheiro a gente não precisa...()...uma que você pensa logo nu...é...no que el...o nenê vai precisá...e pensa assim de nã...de também de o nenê nascê e você não podê dá as coisa...como é que vai ser depois...cuidá quando é o primeiro...que eu com...eu já tinha cuidado do meu sobrinho mas eu tinha medo de ter o meu e não saber cuidá...eu falava assim...ah meu Deus será que eu vou saber cuidá do meu filho?...eu fiquei com medo...mas depois, né...eu and...eu andei ouvindo palestras quando a minha irmã tava grávida...com ela...()...eu ia de vez em quando com ela...então ficô...ficô mais fácil, né...").

O casal e o bebê dependiam economicamente da "avó". O pai do bebê trabalhava, mas não ajudava nas despesas gerais da casa. Parece que grande parte do seu salário estava

destinada a compras de fraldas descartáveis e outros produtos de higiene do bebê - ("...lencinhos (umedecidos) ...(...)...mais cinco pacote de fralda (descartáveis)...gastou acho que quarenta e um reais.. (...)...ele (pai do bebê) ganha cento e oi...cento e noventa reais(...)...não me importo de lavar fralda de pano mas eu dou graças a deus de não usar porque não é fácil...é mais prático também, né...(...)...se você fosse usar fralda de pano, você ia ter que (...) e uma sacolinha dentro!...ia levar...ter que levar uma bolsa maior...eu não...já uso aquela bolsa pequenininha...dá pra levar duas fraldas, o lenço umedecido...e duas fraldas de pano...(...)...descartável é mais bom...ela ...ela dá pra você deixar ele mais tempo porque tem gel...absorve o xixi...(...)...agora a gente tá gastando numa coisa útil...pra ele, né...").

Projetos

E referiu algumas aspirações mas não evocava diretamente projetos para o futuro. O principal sonho parecia ser o de possuir uma casa, podendo formar um núcleo familiar com o pai do bebê e a criança.

Ter uma casa (referência muito prejudicada no início da adolescência) foi o principal anseio evocado como desejo para o futuro. A adolescente fez poucas indicações de aspirações ou projetos pessoais próprios. Identificando-se com o filho, parecia sonhar com um cotidiano seguro quanto ao convívio, sustento e educação da criança - ("...Como eu gostaria que fo..eu gostaria de tá já na minha casa (sorri)...por mais que seja difícil...(...)...(o bebê) já ia tá numa escolinha...já ia ser mais fácil, né...na escolinha...na minha casa...podia fazê as coisas cedo...quando ele tivesse na escola...eu ia buscar ele à tarde...já podia levá ele pro parquinho...já ia tá calçando tênis...jogando bola...porque eu vou colocar na escolinha de bola...pra ele jogá bola...ah...ia ser...eu acho que ia ser bem melhor que agora, né...porque é sempre bom a gente tá no que é da gente...na nossa casa...").

Limitou seu projeto de estudos até o terceiro ano colegial, dizendo que não pretendia cursar uma faculdade pelas dificuldades da sua condição sócio-econômica ("faculdade é cara"). Anteriormente, tinha aspirado ser veterinária ou pediatra - (... "pediatra...cuidar só de criança... veterinária...").

Questões de gênero

Parece que a gravidez e a maternidade lançaram a adolescente para o maior contato com as dificuldades das diferenças de gênero, mas as percepções a cerca dos conteúdos perseguidores das figuras masculinas já pareciam instalados - ("...então, a partir daí (com 11 anos), eu achei que homem não presta...então eu não tenho mais confiança...").

Apesar de que para E a condição feminina parecia incluir atrações (como o lidar com elementos estéticos), as condições de sofrimento eram sua marca, no contato ou comparação com a condição masculina. Para mulheres, as condições afetivas e materiais seriam mais complexas. Os homens seriam mais desprendidos e demandariam menos cobrança quanto a cuidados - ("...para a mulher a vida é mais difícil...(...)...olha, no começo eu queria uma menina...aí depois eu fui...eu decidi (!)...que viesse um menino mesmo...(...)...porque menina tem menstruação...(...)...tem calcinha, tem lacinho, vestido...sofre muito pra ter filho...na época do namoro...aí...muito difícil...(...)...a menina sofre mais...homem não...se põe um...um...uma bermuda e uma camiseta e tá bom...).

E parecia entender que a responsabilidade com o cuidado de filhos bebês era função específica (e solitária) das mães. Essas teriam o dever de cuidar de seus filhos já que teriam sido elas quem os "arrumaram". O bebê podia assim possuir um significado de consequência do ato sexual *da e para* a mulher - ("...se a gente não fizer, né (cuidar)...quem vai fazer?... (...)...eu achava assim, pô...(...)...se o menino (sobrinho) tá doente, não custava nada, ela...ela deixar de pensar em sair pra cuidar do filho dela, né...que o filho é dela, não foi a gente que arrumou...que nem agora, eu tô com o meu...eu pretendo pra onde sair, levar ele...não deixar ele com ninguém...").

Conflitos e sofrimentos relacionados aos homens foram referências comuns das mulheres da família de E - ("...(falando da irmã e do pai do sobrinho)...ela pôs ele no juiz...mas agora ele nem liga...pra criança só dá pensão e nem liga... (...)...porque ele (o pai de E) tem filhas...que...as duas últimas filhas dele do primeiro casamento...não deram muita sorte...uma tem...o marido muito ciumento que só deixa ela usar de...só...deixa ela usar calça...a outra, porque ele usa...porque ele usa droga...eles brigam de se bater... (...)...minha avó ficava muito no fogão e achava ruim, né...dele fazê isso (relação homossexual do avô)...dela ficá to...o dia inteiro no fogão e dele dá o que fazia pros menino, né...uma que ele (rapaz de 16 anos) era um vagabundo, não queria saber de trabalhar...e o meu vô que sustentava, né...então minha avó achava um cúmulo isso...(...)...minha avó sofreu muito com ele (avô)...").

Por vezes, o companheiro ficou preservado, provavelmente por negação ou idealização, dessa avaliação negativa dos homens - ("...eu não,...dei sorte...o meu não tem vício nenhum...não bebe...o único vício que ele tem é jogar bola...é o único vício...não fuma..."). Porém as decepções com o companheiro pareciam também compor esse rol de dificuldades de gênero - ("...já passa o final de semana todo todo...na rua, jogando bola...(...)...às vezes chego a pensar que ele nem...sabe?...não quer nada sério...").

A adolescente sugeria que ela e seu companheiro estavam construindo (ou reproduzindo) um quadro de relações de gênero dimensionado pela conflitante diferença dos

papéis femininos e masculinos na dinâmica social e doméstica, principalmente após o convívio depois da gravidez e maternidade. Referiu normas, e até circunscrição de rotinas de horários, para definição dos papéis convencionais masculinos (mais livres e com mais poder) e femininos (mais restritos e submissos) - ("...e agora eu não tenho mais minhas amizades, né...não tenho mais...assim...tanto pra onde ir...aí eu fico agoniada...eu...é...não me conformo...só ele tá na rua, sabe...aí eu desento nele...que ele tem que sair porque se ele só ficá dentro de casa, vai virar rotina...então tem que sair...eu te...eu procuro... (...) ...um lugar assim pra saí com as minhas colegas...que uma coisa que eu não gosto é de que ele chegue antes de mim...eu gosto de tá em casa quando ele chega...a mesma coisa é ele...que quando ele vê que eu não tô em casa...que ele chega primeiro, ele já fica...fecha a cara...já fica com raiva...porque ele já acostumou também...acostumou eu dentro de casa...agora se eu tivesse sempre um lugar pra sair...ele ia acostumar...que nem eu acostumei ele a jogar... (...) ...oito e meia (amigos) já tão carregando ele...então eu fico muito doida... (...) ...tem um monte de roupa pra mim lavar...minha, dele e do nenê...pra lavá e pra passá e ele vai pra rua...e aí quem tem que ficá fazendo as coisas...aí...e...eu tenho que lavá...tenho que passá...tenho que pegá o menino...tenho que dá banho...fazer um monte de coisa...então eu não me conformo com isso...").

As angústias provenientes da desconfiança e decepção perante o pai do bebê pareciam articuladas com uma certa potência trazida pela condição da maternidade - ("...ele (companheiro) não mente pra mim...por enquanto...(...) ...me preocupo sim porque tem muita mulher que gosta de homem casado, né...mas...fora isso, não ligo mais...agora eu só ligo pro meu filho..."). A posse do bebê parecia ter preenchido a adolescente, garantindo-lhe alguma segurança diante do companheiro. O bebê podia, em parte, substituir afetivamente a falta daquele, além de representar um substituto para ela perante os cuidados paternos. Projetando-se no bebê, podia ser cuidada pela figura paterna - ("...ele tando bem é o que me importa...tando as coisas pra ele...não faltando...").

Perdas no campo da vaidade e dos auto-cuidados

E parecia perceber-se com dificuldades relacionadas a auto-imagem, referindo perdas no campo dos auto-cuidados e da vaidade. Nos encontros, a adolescente apresentava-se limpa e relativamente bem cuidada. Usava roupas simples e fez uma alteração no corte do cabelo.

A adolescente referiu que sua auto-imagem e seus desejos de auto-cuidados e vaidade tinham sofrido prejuízos desde a gravidez. Comentou perdas relativas aos cuidados com as unhas - ("...me relaxei toda, toda, toda...eu me arrumava...nossa!...ficava até...até eu

ficava me olhando no espelho e achava eu muito bonita, agora já não...agora eu me acho normal...muito difícil... (...) ...um dia depois que eu tive meu filho...()dia que eu me achei bonita... (...) ...eu tenho um vestido preto...depois que eu tive filho eu relaxei, né...não me cuidou mais...tá com cara de mãe mesmo... (...) ...não tenho mais vontade de me arrumá... (...) ...sabe as roupas que você gostava, você deixa de gostar?...ahn...assim, não tenho mais jeito pra me arrumá...antes eu tinha...agora não...antes de engravidar, eu tinha jeito...depois não...mudou...eu mudei... (...) ...eu tinha hábito também de fazer a unha...").

E referiu dificuldades no lidar com o corpo agora transformado - ("...agora uma coisa que eu adorava usá não vô podê usá mais, que é roupa embaixo do umbigo...e agora eu só uso calça...num...num tenho mais vontade de usar short pra saí...não sei se é porque tá frio... (...) ...e ago...sabe, tipo se escondendo?...eu tô assim agora... (...) ...é difícil porque o leite vaza...tem que usar fralda (dentro do soutien) e aí já fica mais difícil...").

A adolescente pareceu um pouco confusa acerca do alcance das mudanças corporais ocorridas - ("...o mesmo número...não mudei nada... (...) ...eu mudei...eu acho que meu quadril aumentou...um pouquinho só...").

Aspectos emocionais

E parecia estar possuída de sentimentos depressivos, aliviados pelo contato com o bebê. A adolescente indicou usar defesas de negação e triunfo para lidar com esses sentimentos dolorosos - ("...tudo ótimo...(.)...acho que dei sorte...").

Uma certa nostalgia da infância ("lutos" por perdas de estados emocionais diferentes), perdas de alegria e estados depressivos apareceram referidos a partir da entrada na adolescência, antes dos namoros, e bem antes da gravidez e maternidade - ("...(Antes você era mais alegre?)...Ah...era...nossa, e como...brincava muito...pensava em namoro mais lá longe...num é que nem agora...ah...brincava demais (até os 11 anos)...tinha outras coisas, sabe (talvez a própria família)...pra pensá...não pensava em filho, em namorado...ah...eu era bem diferente...").

A presença do bebê parecia aliviá-la nesses estados dolorosos - ("...pelo meu filho, eu tô...eu sou alegre do mesmo jeito...todo dia com ele...mas eu era assim...era...era porque eu saía mais...eu me divertia mais...(.) é muito difícil ..."). A referência do "difícil", termo diversas vezes usado nas falas de E, parecia manifestado no sentido de "pouca freqüente", mas sugeria um sentido latente de dificuldade e sofrimento.

Um estado de esvaziamento, carência e abandono ficou sugerido na descrição das poucas coisas que ela e o filho possuíam. Sentimentos muito dolorosos e tristes pareciam inundá-la quando da constatação de que ela tinha tão poucas coisas - ("...As minhas

coisas?...a minha cama (sem colchão)...tem um guarda-roupa do meu filho...meu guarda-roupa...o bercinho do meu filho...eu tenho um jogo de panela...tenho...os lençóis da minha cama...as fronhas...o berço...dele...deixa eu ver...tem um criado-mudo que é meu...eu tenho um faqueiro...tenho uma leiteira guardada...tenho um ferro...deixa eu vê que mais...acho que mais nada....(há alteração do tom de voz, com perceptível diminuição de volume nessa última frase, dita conjuntamente à expressão sonora da expiração)...pode perguntar (solicitando que eu lhe fizesse perguntas para continuar a entrevista...").

Mecanismos de triunfo e negação pareceram usados quando E referiu que não precisava sequer de dinheiro, visto que vivia com a "avó" e o pai do bebê "não dá despesa" - ("...graças a Deus, está tudo ótimo..."). Essas defesas pareceram ter se enfraquecido no último encontro da entrevista, quando E demonstrou maior contato com seus sentimentos depressivos.

Às vezes E parecia tomada de inveja, ciúme e raiva, voltados principalmente ao companheiro - ("...(referindo-se às perdas de liberdade e sensação de aprisionamento)...eu fico agoniada...eu...é...não me conformo...só ele tá na rua, sabe...aí eu desconto nele..."). Houve sugestão de que E usava mecanismos de hiperatividade para lidar com as angústias desses estados - ("....eu tenho que tá sempre ocupada...assim...sempre tendo um lugar pra sair...se não, fico doida aqui dentro...").

Discurso

O discurso de E continha muitos elementos concretos para as descrições de detalhes - ("...essa igreja verde...verde que embaixo o portão é amarelo..."). Repetidas vezes usou expressões com invocação de Deus e afirmações de que para ela tudo estava ótimo - ("...graças a Deus...(....)meu Deus...(....)tudo ótimo...").

Freqüentemente E fazia afirmações contraditórias, sem parecer perceber que ambas condições podiam ocorrer, num estado de ambivalência e conflito - ("já acostumei", "não me acostumo"; "não tenho o que me preocupar...me preocupo").

A adolescente fez diversas queixas quanto à privação de lazer (o "sair" agora mais impedido pelas condições da maternidade). Também diversas vezes E referiu-se a um acontecimento social muito popular na cidade, a "Cidade Junina"⁵³.

⁵³ "Cidade Junina" - tratava-se de uma festa popular, com atrações musicais, parque de diversões e barracas de alimentos, organizada nos meses de junho e julho, nas areias de uma das praias da cidade de Santos. A festa tinha entrada franca e era freqüentada muitos jovens. Também jovens pobres como E podiam lá passear sem gastar dinheiro.

Noções de tempo

E enfrentava dificuldades quando tentava situar-se temporalmente em situações mais difíceis para ela, no entanto, fazia uso detalhado de datas para eventos que indicavam conquistas - ("...ela mudô primeiro que eu...não, eu mudei primeiro que ela... (...) ... (você já estava aqui?)...Já...já...não...tava?...não...meu Deus...não...ainda não tava aqui não... (...) ... (presença do pai na casa quando a irmã mais velha engravidou)...Gente...agora eu não lembro...iii...faz tanto tempo...eu acho que no início ele tava sim, se não me engano...se não me engano...acho que ele tava, no início da gravidez...acho que tava sim (mais convicta)... (...) ...Ele ("avô") faleceu em noventa e cinco...(Você estava aqui já?)...Já...já...não...tava?...não...meu Deus...não...ainda não tava aqui não... (...) ...eu fui registrada (trabalho) no dia quatro de abril ...de noventa e seis... (...) ...aí a gente acabou ficando na Cidade Junina em noventa e quatro...dia nove de julho...").

Aspectos "transferenciais" ⁵⁴

A adolescente manifestou sentimentos amorosos para comigo. Era gentil e colaborativa, ofereceu-me refrigerantes e uma pequena fruta (a "laranjinha") no final dos encontros. Parecia que estava sempre me aguardando, orgulhosa por eu ir ao seu encontro para a pesquisa e pelo fato disso ser testemunhado por outras pessoas da vizinhança.

E demonstrava gratificar-se com a minha presença e tratava-me, de certa forma, como a uma figura que a alimentava, principalmente por ouvir e dar-lhe importância. Contudo, não se colocava diante de mim de forma infantil. Era como se ela também fosse adulta, estabelecendo comigo um tipo de parêntese onde as diferenças (idade, condição social,) ficassem menos evidentes e não houvesse ameaças. Logo que cheguei para nosso segundo encontro, ela ficou sorrindo para mim e me disse que eu nem havia reparado que ela tinha cortado o cabelo.

Nas despedidas do último encontro, ela me pareceu deprimida e angustiada ao me perguntar se eu era psicóloga. Surpresa com essa pergunta, já que ela conhecia esse fato, confirmei-lhe minha profissão. Ela falou: "então você vai avaliar tudo isso...". Surpreendi-me também com o uso do verbo "avaliar" e lhe repeti parte do enquadramento da pesquisa, indicando-lhe em seguida que ela voltasse ao serviço do PAIAG, onde poderia contar com apoio e até poderia continuar conversando sobre aquelas coisas que falara comigo. Ela não

⁵⁴ Na análise das entrevistas, o item "Aspectos transferenciais" refere-se às formas assumidas pelas mães adolescentes entrevistadas em sua relação comigo, e não ao sentido estrito de "transferência" da clínica psicanalítica - "...(...) processo pelo qual os desejos inconscientes se actualizam sobre determinados objectos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com ele, no quadro da relação analítica...(...)". Cf. J.Laplanche/J.-Pontalis, **Vocabulário da Psicanálise**, p.668.

pareceu interessada pois provavelmente aquele estado emocional mais necessitado tinha relação com nossa separação, especialmente naquela condição dos encontros das entrevistas. Pediu-me que eu a visitasse - ("...sábado...domingo...eu não tenho telefone..."). Nesse dia, as falas de **E** tiveram toques bem mais deprimidos e decepcionados, além da casa estar mais desarrumada.

Reação grupo social à minha presença

Alguns vizinhos demonstraram curiosidade com a minha presença na casa. A "avó" pareceu desconfiada e pouco à vontade quando me encontrou no início do segundo encontro.

Primeiras falas nas gravações dos encontros

No primeiro encontro, a adolescente iniciou falando sobre as mudanças ocorridas em sua vida - ("...ah...a minha vida, depois que eu ganhei ele, está ótima...mudou tudo...a gente que é mãe...depois que é mãe...muda tudo...porque a gente sofre junto com ele (bebê)...uma coisa que a gente nunca sentiu...uma sensação muito boa de ter um filho...")

No segundo encontro, **E** iniciou comentando perdas ocorridas em sua vida - ("...Ó...uma coisa que eu sinto falta é da minha liberdade, né...que eu tinha antes...saía muito... agora já quase não saio...não por causa dele (bebê)...porque não saio mesmo...quando eu já tava grávida eu parei logo de sair..."). No terceiro encontro, começou falando sobre o bebê - ("...ah...sei lá...ele (bebê) tá muito esperto, agora com dois meses...já conhece os pa...o pai dele já...porque a gente, a mãe, ele conhece já dentro da barriga, né...").

Aspectos "contratransferenciais" ⁵⁵

Quando **E** comentou sobre as poucas coisas que ela tinha, num estado muito doloroso e com frágeis defesas, pediu-me para eu continuar perguntando coisas diferentes ("...pode perguntar...") para que ela pudesse, com minha ajuda, desviar daqueles conteúdos. Atendi de forma automática, mudando de assunto, provavelmente porque a tristeza e a carência de **E** mobilizaram-me angústia.

⁵⁵ Os "Aspectos contratransferenciais" aqui referidos não têm sentido restrito da clínica psicanalítica, em que "contratransferência" é entendida basicamente como o "conjunto das reações inconscientes do analista à pessoa do analisando e mais particularmente à transferência deste". Cf. Laplanche/J.-Pontalis, **Vocabulário da Psicanálise**, p. 146. Nas análises das entrevistas, os "Aspectos contratransferenciais" vão se referir ao conjunto das minhas posições emocionais perante à mãe adolescente entrevistada que influenciaram a condução da entrevista além de sua abordagem técnica.

Drogas

E referiu que nem ela nem o companheiro faziam uso de drogas - ("...e dou graças a Deus por nunca ter usado...nenhuma..."). Na entrevista houve referência de alcoolismo e drogas, em figuras masculinas, e tráfico de entorpecentes, realizado por uma colega adolescente

Referências de religião

Segundo E, nem ninguém de sua família freqüentava alguma igreja - ("...Eu quase fui católica...quase...só que aí eu parei...que eu ia fazer catecismo...aí eu parei um...num gostei..."). A família do pai do bebê era crente.

Expectativa de outros filhos

A adolescente afirmou não pretender ter mais filhos, depois acrescentando a possibilidade de tê-los num futuro mais distante - ("..pelo menos por enquanto não quero saber de mais filho não..."). Essa posição de E sugeriu que ela estava tendo contato com as demandas e dificuldades que sua nova condição de mãe trazia.

Análise entrevista com B (15 anos)

Com quem estava vivendo?

A adolescente estava morando com seus pais, seu companheiro, o bebê, uma irmã de quatro anos, um irmão de 11 anos, um irmão de 19 anos e sua companheira também de 19 anos e mais dois filhos desse casal (uma menina, de um pouco mais de um ano e um menino, de cinco meses).

Casa

Nos fundos de um pequeno bar ficava a casa de **B**, um barraco de madeira com partes já apodrecidas, abafado, pouco iluminado e insalubre, coberto por folhas de zinco e sem forro no teto. A casa ficava em Guarujá (cidade da Baixada Santista), numa favela que tinha problemas de limpeza e saneamento. Desde que nasceu, **B** morava no barraco.

Essa casa tinha um ambiente sala-dormitório, ao lado de uma pequena cozinha, junto de mais dois cômodos. Um deles era o quarto para **B**, seu companheiro e o bebê. Esse quarto, apesar de muito pequeno e abafado, era arrumado e limpo, porém o resto da casa apresentava muita desorganização e sujeira, com muito cheiro de umidade e gordura. Os móveis eram bastante velhos e mal conservados e havia muita roupa e objetos espalhados.

A cama de **B** não tinha colchão, sentindo-se ao sentar, o contato com o estrado coberto com um acolchoado.

As paredes de madeira do barraco tinham frestas que permitiam que se enxergasse o terreno de fora da casa. As divisões dos cômodos eram feitas com madeiras que não chegavam até o telhado, oferecendo muito pouca privacidade entre os ambientes internos.

Segundo a adolescente, num dos quartos dormiam o pai, a mãe e a irmã menor. No outro quarto dormiam **B**, o companheiro e o bebê. Na sala, dormia o irmão menor e num outro quarto agregado ao barraco, dormiam o irmão mais velho, a cunhada e os dois filhos do casal.

Apesar da pobreza, a família possuía aparelho de vídeo - ("...ela vai brigá se eu for ver o ultrassom dela"....aí eu falei: "vem pra cá assistir"....aí ele pegô e veio...sentô e fico assim meio de canto ..e assim viu o ultrassom, né...").

Um cão doberman ficava preso na entrada da casa de **B**; parecia manso e nunca latiu com a minha presença nos encontros da entrevista.

Dados da família

A família de **B** parecia razoavelmente organizada nos laços de união, sem histórico referido de separações ou maiores conflitos. A luta pela sobrevivência parecia característica da família.

Existia histórico anterior de alcoolismo do pai de **B** que, na época das entrevistas, explorava um pequeno bar, na frente do barraco. Antes, ele trabalhava com jogo do bicho. A mãe fazia trabalhos esporádicos como faxineira, não tendo emprego fixo e a família denotava problemas de sobrevivência, provavelmente agravados pelo nascimento de três bebês na casa. A doença do bebê de **B**, quando a criança tinha dois meses, parece ter trazido a família para uma situação mais crítica, pela necessidade da compra de remédios e utilização de serviços públicos de saúde.

B indicava possuir laços consistentes na união familiar, principalmente entre pais e filhos, sem presença de violência⁵⁶ doméstica, apesar do relato da entrevista estar carregado de exemplos dessa natureza entre pessoas de fora do núcleo familiar da adolescente. **B** disse que estava há um ano sem falar com o irmão mais velho - ("...É, porque a gente discuti muito...porque eu...ele bate nos menor e eu acho ruim...falo: "não bate...qué que ele fez?...conversa, né"...a gente discuti muito um com o outro....aí de vez em quando eu vô e bato...ele briga também: "porque tá batendo?"...aí discuto com o pequenininho, aí ele fica bravo..ele (.) faz um tempo que a gente tá sem falá...amanhã a gente vai voltá a se falá de novo...").

Muitos outros parentes moravam próximo ao barraco - ("...(primos) Tenho bastante (sorri)... (...) ...Só por aqui...só numa tia, tem oito...").

Não foram referidos por **B**, momentos mais críticos pelos quais a família tenha passado. Doenças, entretanto, pareciam ser problemáticas para a família muito pobre e residindo relativamente distante dos recursos públicos de saúde. A adolescente referiu problemas de saúde, seus e do bebê. Com um ano de idade, **B** convulsionou passando a fazer tratamento neurológico por um tempo. Com nove anos teve outra convulsão, ficando internada e iniciando o uso de medicamentos que lhe davam sono.

O bebê foi internado com dois meses de idade, e a doença da criança parece ter agravado os problemas da sobrevivência da família - ("...Porque tem meses assim...que o

⁵⁶ ⁵⁶ Aqui o termo "violência" está entendido com o sentido de agressão intensa que oprime o atingido, tanto no plano físico como mental. No entanto, de acordo com definição mais ampla de Johan Galtung, "estamos diante da violência em situações nas quais o desenvolvimento efetivo da pessoa no plano físico e espiritual torna-se inferior a seu possível desenvolvimento potencial.". Cf. E.G.Méndez, **Infância e cidadania na América Latina**, p.126.

ne..neném fica doente...tem que comprá remédio...pomada...fica ma..fica bem mais difícil (tosse)....aí fica bem mais difícil ..*fica quietinho* (...)Aí fica bem difícil porque..o remédio é caro, né...principalmente com criança...pra tosse...difícilmente nas policlínicas tem...esse remédio...aí fica mais difícil mesmo...não por....por falta assim de alimentação...de roupa, nada...mais pelo remédio...").

Mãe

A mãe da adolescente foi representada de forma ambivalente. Mesmo referida como mãe próxima, parecia pouco discriminada nas representações de seu papel de figura materna adulta. A presença da mãe nas referências de **B** foi pouco marcante, não parecendo indicar suporte para a expressão dos desejos da filha, tanto de natureza amorosa como agressiva. Os relatos de **B** não continham queixas da mãe, nem explícitas, nem sugeridas - ("...Minha irmã?...minha irmã.... minha mãe?(sorri)...conheceu ele (pai) aos....dezesesseis anos...").

A mãe soube antes do que o pai, sobre a gravidez da filha e comunicou ao marido o fato, fazendo referência da ameaça de aborto, após uma internação de **B** que estava com sangramento, no início da gravidez. Parece que essa forma de dar a notícia foi ilustrativa dos padrões de comunicação familiar, muito voltados para doenças e suas vicissitudes. A adolescente já estava de alta hospitalar e provavelmente fora de risco maior de abortamento, quando a mãe disse ao marido que a filha estava abortando.

Pai

O relato de **B** referia um pai presente na dinâmica familiar, embora a narrativa do papel da figura paterna fosse um tanto estereotipada. Ele era um homem a ser temido, mas também parecia pacato e fraco. Perante ele, o pai do bebê fez os acertos para a constituição de uma nova relação com a adolescente, com proposta de união e "casamento" - ("... (mãe) Z., a tua filha tá abortando"...."que isso?...a menina num tem idade nem pra ficá grávida...como que vai ficá grávida uma menina desse tamanho?"....e eu rindo...pensando ..coitado ..nem imagina pela cabeça dele , né...aí na outra semana eu falei: "ah não...num dá pra esconder mais não...vamo falá porque....acho que ele vai ficá meio chateado se todo mundo souber e ele não"...ele ficô assim meio triste...").

Apesar de ter referido medo do pai (quando da notícia da gravidez), **B** pareceu expressar mais fantasias de ameaças do que medos relacionados a um histórico de punições advindas da figura paterna.

Escola

Após os primeiros meses de gravidez a adolescente deixou de estudar, alegando mal-estar físico. **B** já vinha apresentando desinteresse e dificuldades na escola, principalmente a partir da 5ª série.

A adolescente não referiu nenhuma queixa da escola, anterior à 5ª série, dizendo que desde o cinco anos freqüentara a escola e que gostava muito do colégio e das professoras dos primeiros anos escolares, tendo um bom desempenho nas provas. Aos 10 anos, iniciaram-se as dificuldades escolares. Nessa idade, **B** teve a primeira menstruação e também voltaram seus problemas neurológicos, que exigiam que **B** tomasse medicamentos que causavam sono. Teve repetência na 3ª série. Com 11 anos, nasceu a irmã mais nova de **B** e ela passou a ajudar mais nas tarefas da casa e no cuidado com o bebê.

A 5ª série parece ter sido a etapa escolar mais difícil para adolescente. **B** repetiu também essa série, mudou de escola, teve dificuldades de adaptação - ("...aí entrava um professor eu falava: "já mudou de professor?"...) - engravidou e abandonou os estudos.

A alteração da dinâmica escolar da 5ª série (com muitos professores) e prováveis problemas de qualidade do ensino, podem ter sido influências fortes para a evasão escolar de **B** - ("...eu passei da quarta pra quinta....eram...troc...troca uma vez ou outra...meia hora de cada um professor, né. .. (...) ...aí começa estudá...que maravilha...aí começa...falta o professor de História...cê fica um mês sem estudar História...aí vem outro professor com a matéria super diferente do que que ele deu...cê vai confundir tudo na sua cabeça....um professor de ..Educação Artística ensina uma coisa... o outro vem e fala pra você fazê outro exercício...aí cê organiza estar numa...numa coisa e vai pra outra...o professor de Matemática ensina uma conta o outro vem e ensina de outro jeito diferente...mudava de professor meses por meses...porque a professora tava grávida...ia ter neném...aí vinha outra super diferente...bruta sabe?...num explicava nada...aí eu fui perdendo a vontade...muitas colegas minhas parô de estudá...troco de escola...aí..eu parei também porque...tava grávida e já num tava mais gostando...mas eu vou voltar a estudar, com certeza...).

B disse que pretendia voltar a estudar somente quando o bebê tivesse dois anos, mas não parecia ter planos mais claros de volta à escola. Não fez nenhuma citação de estudos em curso superior - ("...Ah...deixa eu tentá lembrá...acho que até que ele (pai do bebê) chegou a acabá já de est...com o estudo... (Ele acabou os estudos...em que ano?)...No segundo grau...").

Amizades

Principalmente após o início do namoro, **B** pareceu passar a ter dificuldades com as amigas, que representavam perigos para a confiança, mais relacionados às competições referentes a conquistas e posses de namorados. A infância foi referida como uma época de brincadeiras. No início da adolescência **B** praticava esportes, tendo participado de equipes de vôlei em clubes e na escola, até um pouco antes de engravidar - ("..... (Mas antes você tinha amigos?) ...Tinha....pequena eu tinha...mas depois a gente descobre que as pessoas...tá falando bem de você aqui mas de trás tá te...tá te enfiando a faca...").

Depois do "casamento", **B** disse que passou a ter como referência de amizades moças da sua família. As primas citadas, entretanto, pareciam ser mais uma referência de preenchimento da noção de amigas do que reais presenças na vida social da adolescente - ("...Eu não tenho muitos amigos....porque aqui onde eu moro é muita falsidade ..tenho medo de falsidade ... (...) ...um fato que aconteceu quando eu tava grávida ..o M. ..ele não ficava aqui em casa ...ele vinha, néficava aqui comigo ..aí (..) ele ia embora ...aí parô uma menina lá no ponto de ônibus e: "cê tem certeza que o filho é seu?".....e eu nem sei quem que falô que eu não conhecia a pessoa..."tem certeza que o filho é seu?...vai saber se ela não anda por aí arrumando namorado"....aí depois desse dia pra cá, eu num...decidi ficá conversando só com as pessoas de casa mesmo....com primo...com prima...mas agora amiga, amiga eu num tenho não...").

Histórico de trabalho

Antes da gravidez, a adolescente tivera alguns trabalhos esporádicos e descontínuos, num quiosque da praia e numa padaria. **B** referiu que iria fazer alguns salgados para vender e assim ajudar na receita familiar, mas não parecia muito voltada para um projeto de trabalho.

Aspectos de sexualidade

Parece que a adolescente era bastante curiosa acerca do sexo, tendo sido provável testemunha auditiva das relações sexuais dos pais. Referiu que fazia perguntas sobre sexo para a mãe e com ela conversava. Parecia ter fantasias da relação sexual com elementos de ataque. Com 12 anos, **B** teve o primeiro namorado, do qual se enjoou porque ele a prendia muito e desconfiava que ela, ao sair, fosse "procurar outro homem". Conheceu o pai do bebê e parece ter tido para com ele uma entrega romântica. Não parecia estar muito envolvida com os desejos e prazeres sexuais, mas sim com o relacionamento afetivo com o companheiro - ("...Agora do começo pra cá tá bem melhor....não assim diariamente....não

tenho relação diariamente porque tem vezes que eu tô meia doente...com cólica....ou ele chega cansado do trabalho (sorri)...vira um prum lado, outro pro outro...").

Nas conversas com a mãe sobre sexo, parecia mostrar-se curiosa sobre o ato sexual dos pais, que provavelmente era testemunhado por **B**, devido à pouca privacidade da casa. Fantasias acerca do ato sexual, confundido com ataque, pareciam presentes e eram comunicadas para a mãe, sugerindo pouca repressão e/ou interdição - ("....a gente ficava conversando, eu perguntava: "mãe...como que a pessoa fica grávida?".....desde pequena...ela falava: "a pessoa quando crescê...casá...tive um marido...ela vai sabê".....eu era muito pequena, então ela num ia falá pra mim, né....aí depois que eu fiquei mais...com um pouco mais de idade...ela começô a explicá....que a pessoa vai menstruar...pra depois poder engravidá...mas nunca explicô que tem que fazê uma...tem que tê a relação...assim de cara....ela falava aos pouquinhos....aí eu sempre ficava assim atrás da porta escutando pra sabê o quê que era.....eu falava: "ai é isso?...Deus me livre!...nunca que eu vô tê um filho (...).não...não vai entrá nada aqui" (apontando a região genital).... (...) ...nenhum homem vai encostá em mim"...eu não sabia que a mulher tinha que beijá..namorá....pra casá depois....pra mim era casá....tinha aquela história...a cegonha vem e trás o bebê....aí depois...fui aprendendo aos pouquinhos...aí descobri, né....como que era...(Descobriu como?) ...Eu descobri porque eu ficava escutando... aí uma vez meu...sabe aquelas revistas?...eu olhei...leve um susto...fiquei traumatizada... "mãe....Deus me livre..não caso....vô ficá pra titia".....aí ela: "não menina...isso é normal"....e explicô pra mim que era normal...que aquilo toda mulher (...) que não fosse....virada, né....pro outro lado...mulher com mulher....ia fazê aquilo porque se quisesse ter filhos, né....eu falei: "ai, não"....").

Antes do namoro com o pai do bebê (com menos de 14 anos), pretendia casar-se e ter filhos com idade próxima dos 20 anos. Quando conheceu o pai do bebê, sentiu-se muito atraída por ele, tendo manifestações físicas de esfriamento e quase desmaio. Parece que **B** logo estabeleceu com o rapaz, uma relação de dependência.

Após três meses de namoro, um pouco antes de completar 14 anos de idade, teve sua primeira relação sexual, achando estranho o ato sexual e tendo fantasias de ser atacada. A entrega parece ter sido principalmente de natureza romântica e exploratória. As dúvidas acerca da vida sexual com o namorado não pareciam evocar elementos mais persecutórios e pareciam resolvidas com a percepção do desejo de entrega ao casamento. Nunca usou método contraceptivo. Antes de engravidar, chegou a conversar com a cunhada sobre uso de pílula anticoncepcional mas não pensava em evitar a gravidez. Engravidou quando estava com quatro meses de namoro, um mês após iniciar suas relações sexuais - ("..."quê que eu vô fazê agora?".....aí a primeira vez foi meio estranho...que sempre é meio estranho, né...pra

gente a primeira vez...mas depois...a segunda...a terceira...a pessoa vai se aperfeiçoando...ao...corpo do parceiro...aí melhora, né (...).mas...eu tinha bastante medo que...que pudesse cortá...rasgá...porque...como uma coisa pequenininha daquela vai penetrar o.....tava com bastante medo...falava: "ai meu Deus....será que não tá cedo?....mas eu quero casá com ele...mas será que num tá cedo?"..(....) foi tão envolvente que na hora num deu nem pra pensá em nada (sorri)...eu falei: "ai meu Deus...eu fiz isso...minha mãe vai me matá"...mas depois...foi normal....no começo eu não gostava porque doía bastante....mas foi bem normal....").

Outras adolescentes grávidas

A adolescente comentou sobre outras adolescentes grávidas no bairro. No segundo encontro da entrevista, notei ao chegar nas proximidades da casa de **B** várias adolescentes com bebês no colo.

Cuidados com outros bebês

Com 11 anos, a adolescente ajudara no cuidado da irmã mais nova, recém- nascida - ("...só aprendi com minha irmã menor...mas aprendi a trocar fralda...dá banho...quase matei ela como eu te disse da última vez..."). **B** também ajudara nos cuidados com a sobrinha, nascida prematuramente, cerca de dois meses antes da adolescente engravidar - ("...sempre gostei de cuidá de bebê...depois da minha irmã cuidei da minha...sobrinha, que é prematura...tenho...tenho o dobro de cuidado com prematuro...").

O cuidado com a irmã recém-nascida foi tarefa de **B**, não só como ajuda à mãe presente. A adolescente relatou um acidente quando cuidava desse bebê, quando "quase matou a irmãzinha" porque foi lhe dar um chá numa chuquinha, a criança engasgou e ficou roxa - ("...eu entendi que era prá dá (chá) mesmo...fui lá e dei na boca dela...ela engasgou e foi pro pronto socorro...quase morreu...e resumindo eu aprendi um pouquinho da fase do bebê, né..."). Na época do acidente, foram **B** e o irmão mais velho que chamaram uma ambulância para levar a criança para o hospital.

A rotina de crianças cuidando de crianças era comum na família. **B** também ficara aos cuidados do irmão quatro anos mais velho, quando ela era pequena - ("...meu irmão mais velho tem dezenove...então ele tomava conta de mim...enquanto ela (mãe) ia fazê as coisas...mas ele era pequeno...").

Antecedentes próximos à gravidez

Havia mudado de escola, na repetência da 5ª série e estava com problemas de adaptação. A adolescente largara os treinos de vôlei por dificuldades para o pagamento da mensalidade e iniciara o namoro. Na casa havia um novo bebê, nascido prematuramente e a cunhada engravidara novamente.

Quando engravidou, **B** estava com problemas no novo colégio que começava a frequentar. Parece que não chegou a adaptar-se à nova escola, tendo uma relação difícil com os novos professores e com a dinâmica escolar.

Nessa época nascera, prematuramente, a primeira filha da cunhada que morava na casa e **B** ajudava nos cuidados com essa recém-nascida. Quando **B** engravidou, a cunhada estava novamente grávida, de um mês. A adolescente pode ter invejado a cunhada e/ou cobiçado aqueles bebês - ("...cê cuida do filho dos outros..."ah, num pode fazê isso...num pode fazê aquilo"... (...) ...você quer dá um beijinho no rosto...qué abraçá...aquelas mãe nojenta..."ah...num beija porque vai pegá sapinho na criança...vai pegá...vai virá bolinha"...").

Ela começara o namoro com o pai do bebê e perdera a pertinência ao grupo de colegas da equipe de vôlei, desistindo dos treinos pelas dificuldades econômicas - ("...(..você acha que acabou desistindo (do vôlei) porque você ficou grávida?)...Não...eu desisti antes de ficá grávida...(Sei...).Porque ficava num horário meio difícil pra escola e também tava ficando chato...(Tava chato?)..Porque...tinha que pagá um tanto....aí todo mês eles dobravam a mensalidade...(tosse) e ficava difícil que eu tinha que ficá em casa, que minha mãe tinha que trabalhá...e num podia ficá com minha irmã...então eu também já tava...num tava gostando mais e prefiri ficá em casa...estudá...depois que eu fiquei grávida, eu esqueci de vez...").

Gravidez

Com um namoro delineado numa relação de idealização (o frio de quase cair para trás quando se conhece o homem com quem se vai casar e ter filhos) e dependência, pensava na gravidez como uma possibilidade provavelmente desejada - ("se ficasse... (...) ... nem que aconteça por acaso...que nem aconteceu comigo...").

Após quatro meses de namoro, e um mês de iniciadas as relações sexuais, **B** engravidou - ("...minha vida foi mais estudá...jogá vôlei...aos...han...dez anos comecei a jogá vôlei...parei de jogá...com...onze...voltei aos treze (sorri)...aí...daí em diante...conheci o M (companheiro), né...a gente começô a namorá (sorri)...aí surgiu a gravidez (..) que toda

adolescente tem aquele susto...nossa...tô grávida...mas ele compreendeu tudo...e a gente ficou junto...").

A adolescente inicialmente escondeu a gravidez, referindo medo de contar o fato à família, principalmente para o pai, temendo ataques provavelmente fantasiosos (medo que "a matasse", falado com sentido banal). A cunhada também temia contar para a família sobre a segunda gravidez e ambas as grávidas conversavam sobre isso.

Quando o pai ainda não sabia da gravidez, a adolescente ficou dois dias internada, por causa de um sangramento. O pai foi avisado pela mulher de que a filha estava "abortando" e assim soube da gravidez.

Após a alta hospitalar de **B**, o pai do bebê foi conversar com o pai da adolescente, assumindo a gravidez e um "casamento". A adolescente e seu companheiro passaram a usar aliança de casamento desde o sétimo mês de gravidez, quando já moravam juntos.

A adolescente referiu muito superficialmente que chegara a pensar inicialmente em aborto, mas como o pai do bebê assumira a gravidez e a ela, não mais pensou em "tirar". No entanto, parece que **B** não contava com recursos mais efetivos para a realização do aborto e esse era mais um dado fantasioso. Parece também que nenhum familiar aventou essa possibilidade.

No início da gravidez, houve a briga com o irmão, mas a adolescente não relacionou o conflito com o fato de ter ficado grávida (possivelmente provocando ciúmes no irmão mais velho) - ("...a gente tava brigando...a gente sempre brigava desde pequeno...aí eu falei: "eu num vô mais falá contigo"....ele: "num vai falá não, também eu num falo"....aí de..disso...até hoje ninguém se fala...só de vez em quando fala um "oi"...").

Reação do grupo social à gravidez

Após alguma turbulência inicial, os pais de **B** aceitaram bem a gravidez, principalmente depois que houve o acerto de "casamento" com o pai do bebê (".....a minha mãe descobriu...foi o mó rolo...brigô comigo e tudo, mas depois aceitou..."). Parece que a família do pai do bebê também aceitou a gravidez, após os desconfortos iniciais - ("...a família dele só foi só um susto...assim no começo...mas depois aceitaram também normal, porque não tem como evitá...já aconteceu...").

O pai do bebê pareceu assumir o papel de companheiro marido. Foi falar com o pai de **B**, assumindo a gravidez e a união com a adolescente - ("... (referindo-se à fala do pai) ... e chegô conversando, "não...tudo bem...e aí...vai casá?"...(sorri)...ele falô..."lógico, né...só que pra casá agora com ela, vai ter que ter juiz...advogado...um monte de coisa"...então tá tudo

bem...com que idade ficaria melhor? (...) dezesseis...dezessete anos...aí daqui pro ano que vem, cês saem de casa"...").

Pré-natal, parto e internação na maternidade

A adolescente participou com adesão no PAIAG, valorizando muito a experiência do pré-natal, principalmente a troca ocorrida com outras adolescentes grávidas ("era muito bom esse tempo"). Foi para a maternidade somente quando as contrações já estavam mais seguidas, e teve indicação de cesárea, pela avaliação da presença de mecônio.

Referiu que preferia ter tido parto normal, mas não fez queixas da cirurgia nem da internação hospitalar. Ao contrário, expressou-se sobre os dias na maternidade de forma positiva.

Bebê

O bebê menino, nascido de parto cesárea, tinha quatro meses quando se iniciou a entrevista. Tinha o mesmo nome do pai, parecia bem cuidado e era amamentado no peito.

Dentro de uma moradia que parecia-me por demais feia, desorganizada, descuidada e suja, o bebê estava bem arrumado e parecia bem cuidado. Quando acordado, sorria e parecia tranquilo. O bebê tinha aparência saudável mesmo quando **B** referiu que ele havia ficado um pouco resfriado.

B teve dificuldades iniciais nos cuidados com o bebê - ("...a pior parte assim foi depois que meu bebê nasceu, ficou meio difícil...eu não sabia cuidá de criança direito... (...) ...o meu chegô a ficá o quê...um...acho que uns dez segundos roxo...a primeira vez que ele...que eu amamenteei ele...fiquei desesperada...levantava...assoprava e nada dele voltá, né...").

A criança sofrera internação hospitalar, quando estava com dois meses e **B** acompanhara a doença da criança em dois hospitais, passando por situações que incluíam críticas e cobranças perante uma mãe adolescente - ("...foi um sacrifício (...)...eu fiquei dez dias sentada na cadeira dura no hospital...sendo mal atendida...troquei de hospital...").

Por vezes, o bebê foi referido como um boneco animado, propriedade da adolescente, que trazia vantagens de poder ser manipulado com legitimidade de posse e prazeres de diversos sentidos (toque, olfato, visão), num jogo lúdico de troca afetiva - ("...mas é uma boa...ser mãe...num é pelo fato idade...mas pelo fato que cê tem uma coisa sua (...) carinho...cê cuida do filho dos outros..."ah, num pode fazê isso...(..." ...o meu eu beijo...abraço...esmago...jogo pra cima (sorri)...faço de tudo e ...eu acho que isso não deu

nada...nem sapinho ele num teve... (...) ...mas eu acho que...é mui...bem mais fácil do que se brincá com a boneca de plástico...a boneca é dura...cê num consegue movê ela, né...bebê, não...cê abraça...dá carinho...amamenta, que é o ...mais importante da mãe do bebê... (...) ...acho que um bebê é uma coisa mais fácil na adolescente mãe porque ela vai...lembrá do tempo de boneca...vai falá assim..."nossa...ganhei um bonequinho de verdade...que chora...faz birra...faz cocô...faz xixi (sorri) e tem que limpá...").

A adolescente parecia identificada com o bebê, não só com os sofrimentos da criança quando da internação ("furaram ele todo"), como também nos contatos de cuidado, como nas necessidades de troca - ("...É...sente quentinho..ele treme quando faz xixi...ele vai dá uma tremidinha assim e pára...ele deve....esquenta depois esfria, né...").

Fantasias de ataque e abandono ao bebê ficaram sugeridas enquanto **B**, repetidas vezes, comentava sobre bebês violentados e abandonados e dificuldades no cuidado com seu filho - ("...porque jogá o neném no lixo é muito difícil...o meu não foi jogado (sorri)...graças a Deus... (...) ...não deixá morrê afogado na banheira (sorri)...que acontece muito isso...porque um bebê é uma coisa sensível...não é que nem a gente...a gente come cada coisa...o neném só come no peito, coitadinho...morre engasgado...tem muitos bebês que acontece isso... (...) ... só pelo fato de...de eu caí...derrubá ele...porque ele é muito pesado...").

Ao lado de freqüentes referências a um temor de que a criança adoecesse ou morresse ("a criança fica doente fácil...não tem resistência nenhuma"), o trabalho geral com o bebê foi comentado como árduo porém já rotineiro para a adolescente - ("...imagina o dobro do trabalho que ia dá (gêmeos)...nossa...acho que eu ia ficá louca...esse dá trabalho (sorri)...que eu fico...eu fico de madrugada (sorri)...cinco horas da manhã, balançando ele...e ele olhando pro teto e rindo...olha pra esses bichinho da parede...dá risada e eu..."dorme anjinho, dorme"...e nada dele dormir... (...) ...eu tô de olho com medo de acontecer alguma coisa...é pelo fato de você...ter aquela...aquele cuidado...cê vê tanta criança morrendo... (...) ... mas é um barato...ele não dorme de jeito nenhum (sorri)... (..) ah...num vô conseguí acordá pra tomá conta...e ele (...).eu tô de olho com medo de acontecer alguma coisa...é pelo fato de você...ter aquela...aquele cuidado...cê vê tanta criança morrendo...que olha (..).imagina...cada bobeira..."ai meu Deus...será que vai morrer...ela tá tossindo?...não, mas vô levanta pra vê"...").

A adolescente disse que pretendia acompanhar o crescimento do bebê e assim só voltaria à escola quando ele já estivesse maior, com dois anos.

Pai do bebê

Tinha seis anos mais que **B**. Estava com 21 anos, trabalhava como representante de vendas sem salário fixo, ganhando por comissão cerca de um salário mínimo e meio. Parecia

estabelecer com a adolescente um vínculo amoroso. **B** apenas referiu aspectos positivos acerca do pai do bebê, que parecia ocupar a posição do "bom marido" e adulto responsável por ela - ("...quando a pessoa do seu lado que goste de você é melhor ainda...e depois...a pessoa te dá carinho...compreensão...você erra, ela te ajuda...você...faz alguma bobeira...ela vai...te aconselha.. "ó, não faz isso que isso é errado"...").

A adolescente considerava o pai do bebê como seu marido, desde que ele assumira a "responsabilidade da gravidez", o que aconteceu praticamente desde o início. Não estavam legalmente casados porque "daria muito trabalho com advogado".

O pai do bebê parecia participativo e cooperativo. Quando **B** foi para a maternidade, ele arrumou o quarto do casal, forrando as paredes com tecido, fazendo uma surpresa para a companheira quando chegou com o bebê. Desde o início da gravidez pareceu participativo, acompanhando-a no pré-natal e providenciando a realização de "desejos" orais de grávida - ("....quando eu fiz pré-natal com ele (pai do bebê), na policlínica, depois eu fui encaminhada pra Casa da Gestante...ele achou bem melhor lá...e eu também... (...) ...um bolo assim daquele jeito, mas...mas eu imaginei e queria daquele jeito... (...) ... "aonde a gente vai achá um bolo desse aí?"...ele falou.. "eu quero um inteiro".....aí ele: "aí meu Deus...amanhã a gente faz isso aí"....ele: "tu espera até amanhã?" ...eu falei: "ah..eu espero, né...fazê o quê?...hoje tá tudo fechado..."...aí no outro dia ele foi no supermercado..comprô tudo, né...aí chegô em casa, pra mim fazê o bolo...").

O pai do bebê parecia interagir de forma lúdica com a adolescente. Em duas citações de brincadeiras com o pai do bebê, **B** referiu o conteúdo de cortes, num sentido que evocava mudança e organização - ("...a gente brincando, começou a cortá (cabelo)... (...) ...ele: "ah ..num gostô do bolo que eu fiz" (sorri)...porque ele faz bolo também...corta...").

Família do pai do bebê

A adolescente manteve-se junto à sua família, após gravidez, "casamento" e nascimento do bebê. A família do pai do bebê morava em outro município e era visitada quando a adolescente levava o bebê ao médico. Apesar de parecer ocupar uma posição secundária como referência de grupo familiar, **B** sugeriu possuir um relacionamento bom com a sogra, principalmente promovido pela presença do bebê - ("...o pai do M., ele é meio quieto....ele sempre tá trabalhando...mas eu falo mais com a mãe dele...ah...converso bastante com a mãe dele...ela fica mais...ela fala que dá um chá de colo pra ele (bebê)...da hora que eu chego lá, ela fica com ele no colo...").

Alterações quanto à identidade

Referiu-se como tendo "vidinha de mãe", vida de rotina dedicada aos cuidados do bebê e do companheiro ("...mas uma vida normal que eu levo...uma adolescente que é mãe, né...). Apesar de sugerir alguma decepção com o cotidiano que agora possuía, também parecia orgulhosa de seu novo papel de mulher mais adulta e cuidada pelo companheiro.

A adolescente indicou possuir ambivalências e ambigüidades com referência a esse papel de mãe. Por vezes falava de "vidinha de mãe", usando o diminutivo de forma a sugerir uma experiência avaliada como repetitiva e restritiva - ("...a minha vida de mãe...é boa...às vezes um pouquinho chato que o neném tá doentinho...enjoadinho...a vida de dona...dona de casa,né...é boa também...adoro fazê comidinha...lanchinho...e...é bom..."). Ao lado disso, o novo papel de mãe foi referido como valioso (ganhos de poder e definição como mulher) e também com demandas exigentes. **B** citou comentários de cobranças de mulheres adultas perante seu papel de mãe responsável pelo bebê.

A adolescente parecia bastante voltada para os pensamentos e expressões acerca da nova identidade de mulher que tinha "casado" e rapidamente assumido nova identidade, deixando para trás uma rotina mais livre. **B** parecia importar-se com a definição de ser "casada", como um status recém adquirido e vantajoso. Agora ela era dona de casa, dedicada a receitas e cuidados do marido e não manifestava queixas quanto à perda de liberdade - ("...aí, depois que a gente tem um bebê, a gente tem mais responsabilidade...dali pra frente cê vira mãe, né...adolescente mãe...fica bem melhor...você num qué mais sabê de ficá na rua...jogando vôlei...num qué sabê de...ficá...indo pra baile...passeando...que eu ia muito pra baile...").

A questão da "responsabilidade" também foi comentada por **B**, mas não de forma destacada. A responsabilidade parecia mais citada de forma estereotipada do que percebida como fazendo parte das aquisições e demandas da nova identidade - ("...(mais) responsabilidade do que eu tinha aos meus dez...doze...treze anos...porque cê tem que...cê tá carregando ele na barriga, tem que ter cuidado, né...e depois...que ele sai pra fora...cê tem que ter...tem que...multiplicá...aquela atenção com o bebê...não deixá ficá doente...").

Referiu-se aos grupos de adolescentes para preparação para o parto, do PAIAG, como algo importante na construção da identidade de mãe.

Perdas

A adolescente praticamente não manifestou queixas referentes a perdas ocorridas a partir da gravidez e nascimento do bebê.

Houve sugestão de percepção de perda na área do lazer, relacionada principalmente ao namoro e depois intensificada com a gravidez e maternidade - ("...que eu ia muito pra baile... (...) ...bastante... (...) ...aí ia muito pra matinê lá em Vicente de Carvalho (cidade)...aí depois conheci o M, parei de ir...agente brigava muito...porque ele (...) ... "não...mas num é pra gostá...baile num é...num é coisa pra uma pessoa que tem namorado"...aí parei de ir...fiquei grávida, num quis saber de baile, num quis saber de nada...só queria saber de cuidar de mim e do bebê que tava dentro... "). Parece que a vida de lazer de **B** já era restrita quanto ao lazer, e com a gravidez e maternidade a limitação se intensificou - ("...ficava bastante em casa...fora a escola, né...mas.... aos domingos...assim..antes de eu ficá grávida, eu ia pra....todo domingo, a gente ia pra praia...sábado, a gente ia passeá.....mas eu acho que só mudô só isso...porque praia eu num tenho como ir...levá o neném num sol desse, fica doente....quando ele tivé grandinho a gente vai, né Djuga?).

Vaidade, auto-cuidados e auto-imagem

Nas entrevistas percebi que **B** exalava forte cheiro de suor. Ficou contente quando, na maternidade percebeu levantando o lençol, logo ao chegar no quarto, que a cicatriz da cesárea era bem pequena, horizontal e discreta, diferente da cicatriz da cesárea da mãe, grande e vertical no abdome.

A adolescente referiu-se a estar "velhona", tendo quinze anos de idade - ("...Até...os quinze...velhona, né...como minha vó fala...").

Mudanças corporais haviam sido claramente percebidas porque ela engordara vinte quilos durante a gravidez - ("....só acho que tô um pouquinho gorda, né... (...) ...era magrinha...aí depois tive o bebê....só...grávida eu tinha setenta e cinco....depois que ele nasceu, fiquei com sessenta e cinco....diminuí só dez (sorri)...").

Alterações quanto à diminuição da vaidade ficaram sugeridas porém negadas pela adolescente, provavelmente por defesa ao lidar com sua nova auto-imagem e com a restrição dos passeios - ("...(roupas) agora tem que ser bem maior...bem mais larga, porque eu engordei bastante...mas eu num mudei nada do meu estilo de vestir, não... (...) ...É porque cê tá com o neném aqui, cê se arruma toda...tem vezes que eu me arrumo todinha pra ficá em casa... (...)eu vô trocá, faz xixi na na calça...ou se não, faz cocô...aí (.) vô ter que tirá aquela roupa tudinho...aí coloco roupa mais simples pra ficá em casa... (...) ...mas em casa também gosto de ficá arrumada porque ficá...toda bagunçada, né...eu tô assim porque...eu tava deitada com ele... com o neném...dando mamá... ").

Parte dos auto-cuidados de **B** pareciam deslocados para o bebê - ("...mas eu num mudei nada da vaidade, não...eu gosto de cuidá mais dele, né...pra deixá ele

bonitinho...fofinho...ah...eu num acredito.....ah ..fez xixi....(sorri)... mas eu acho que minha vaidade continua a mesma...").

Dependência

A adolescente era sustentada pelos poucos recursos dos pais e do companheiro. Referiu tentativa de contribuir com a receita familiar, que pareceu mais fantasiosa do que real objetivo - ("...A condução é...a empresa que dá...mas ela só dá daqui pra San...de Santos, da balsa pra lá, né...então é daqui...como agora é...dessa semana passada...a gente teve uma idéia...como eu tenho um bar...eu faço salgadinho prá vendê...coxinha... (Você?) Isso...aí já ajuda na passagem daqui, né...na condução...que num mínimo sai setenta reais só de condução...aí pra num ficá....tendo....que...."me matá trabalhando"...porque ele vai pro ponto e num ganha nada...vai lá...perde o dia e volta pra casa....).

Projetos

B pouco falou de projetos. Sondada, disse que pretendia voltar a estudar quando o bebê tivesse dois anos.

Apesar de manifestar algum otimismo e esperança quanto ao futuro, a fala sobre a volta aos estudos parecia estereotipada e genérica e não proposta de desejos de evolução, com objetivos e direções. A adolescente parecia pouco sonhar e fazer projetos futuros, como que mantendo-se dentro do repertório da vida da mãe (e talvez da cunhada), que incluíam ali viver, cuidando dos filhos e companheiros - ("...e acho que a minha vidinha é isso, né...resumindo é esse pouquinho...e daqui pra frente espero que seja bem melhor.....num vai perguntá?").

A adolescente referiu desejos muito fantasiosos que tinha na infância. Imaginava ter sete filhos, sendo que seis deles seriam gêmeos - ("...queria ter sete...tudo gêmeo...e um só...sozinho, né...que são qua...dois, quatro, seis...e um por último...queria ter tudo gêmeo...desde criança queria que fosse gêmeo...").

Talvez a escassez de projetos e sonhos se devesse à própria percepção de que ela contava com baixas possibilidades de deixar o bebê para promover suas buscas pessoais - ("...pagaria pra alguém tomar conta de confiança...porque eu já vi muitos casos...na televisão por exemplo...babá espancando criança...matando esfaqueada...monte de caso horrível...então que nem...tenho bastante prima...que nem precis... nem precisaria pagar...ela ficava até por prazer de tomá criança...tomá conta de criança...mas pra num ficá chato daquele negócio..."ah..tem que ir lá... mas num tô ganhando nada".....a gente dá alguma coisa...pergunta quanto qué receber, né....aí paga...mas....deixá ele assim o dia todinho com a

pessoa num tenho coragem...eu estudo, volto pra casa correndo e fico com ele...mas deixá sozinho não tenho coragem...").

Cotidiano

A adolescente parecia ter um cotidiano bastante repetitivo e pobre de estímulos, além de cuidar do bebê - ("...Eu num ..faço muita coisa porque agora o bebê tá pequeno e num..tem como...eu estudá...num tem como...trabalhá, né...mas eu fi...sigo aquela vida...arrumo a casinha...o meu quarto aqui... (...) ...ajudo a minha mãe...porque tem a minha cunhada do lado que me ajuda...eu lavo roupa... faço comida...aquele trabalho de...de dia-a-dia de casa...ajudo o M. a fazer...a preencher papéis quando ele vende algum liquidificador...").

O lazer parecia escasso para **B** - ("...(...você sai para passear?)...Saio...ontem mesmo a gente foi passeá...foi na praia...no supermercado...aí no sábado, a gente foi...que tem um terreno lá na pedreira, né...a gente foi lá vê...só que tem muit...é...tá...mal caprichado ainda...então tem muito mosquito num deu pra ficá..(..) voltô logo pra casa...a gente sai pra passeá sim....").

Questões de gênero

Uma realidade violenta nas relações de gênero parecia ser o contexto nos exemplos do mundo social e familiar (e também imaginário) de **B**.

A adolescente fez diversas referências a formas de relacionamentos entre homens e mulheres em que essas eram subjugadas e vitimadas - ("...porque é chato...uma pessoa ter a obrigação de ficar com uma pessoa que não ama...só porque tem um...dois filhos...ou o marido é drogado e deixa de comprar o leite da criança pra usá droga.....o fato de ser...pra prisioneira do homem violento....é a pior coisa que existe na pessoa... (...) ...apanhá do marido...e num podê fazê nada porque se você for denunciar ele te mata.....num podê...ir numa praia...num podê ir no supermercado....cum um filho no colo...ele vai falá que tem homem te olhando.....se você gosta de uma roupa: "ah essa roupa num é boa...tira"...pensou que horror...que seria (...) uma prisioneira...num é uma....uma vida de casal.....veste um tênis: "é...esse tênis tá feio...tira"...veste a calcinha..."por que que vestiu essa calcinha?...vai pra onde?"....qué que cê veste a calcinha toda furada...a blusa toda manchada...é o caso de muitas...").

As formas de relacionamento que impunham submissão à mulher pareciam vistas mais como problemas de outras mulheres e que ainda não lhe atingiam. A adolescente

parecia cercada de modelos de relações de gênero violentas. Ao lado da manifestação de julgamentos sobre tais formas de relação, **B** expressava uma possibilidade de reprodução desses modelos - "(...mas não é aqueles negócio de obrigação de ter uma relação (sexual) obrigada...porque é bom cê tê uma relação se você quer...."ai...vô ter relações com ele só porque ele quer..." ... (...)eu tenho uma tia que é assim...o marido dela...se ela vestir uma calcinha mais...com renda...ele fica louco.....então...a minha vida...é ch...é envolvida por fatos...que eu vejo....com colegas minhas acontece...com elas...que eu fico boba (...)..se Deus quisé eu num quero que isso aconteça comigo nunca...").

As relações violentas de gênero foram vinculadas várias vezes no discurso a uso abusivo de drogas pelos homens-maridos, ficando exemplificadas como problemas próprios de dinâmicas familiares que já que possuíam uma certa acomodação, a despeito dos desconfortos e sofrimentos pertinentes - ("...a minha tia é casada com ele, sabe...ele bebe...bate....quer batê nela...bate no meu primo mas...eles...ele tem mó azar...toda vez que ele quer batê na minha tia, meus primos tão em casa....os mais velhos...e dá uma surra nele e põe ele pra fora....é...qué dizer, ele nunca tem a chance de bater na minha tia...mas ela tá...pretende se separar dele faz tempo...").

Segundo **B**, os homens deveriam ser tratados de forma sedutora, até para proteção do modelo idealizado de casal. A cunhada e o irmão serviam de parelha modelo (negativo) para a adolescente projetar-se e construir referências de relação de gênero, onde o poder feminino estaria colocado nas manipulações e enganos. **B** parecia identificar-se como uma mulher mais esperta, que saberia como relacionar-se com o companheiro de forma a evitar confrontos e conflitos - ("...ela é do interior...ela foi criada assim numa...educação meia rígida....aí então ela num...que nem...eu falei pra ela: "A., compra uma camisolinha...já que cê tem...seu cantinho....dorme de camisola...como toda mulher dorme"... (...) ...mas ela é meia assim....ela foi educada d'um jeito meia quieta... (...) .."pega a minha blusa?".....ela fala: "eu num vô pegá...pega você"... "A., passa essa blusa pra mim?".... "eu num vô passá...passa você"...então ela num faz o que ele pede e ele fica chateado...aí eu falo: "ô sua burra...como é que..."....brigo com ela: "por que que cê num pega?"...quando ele (...)..ele deu uma lingerie pra ela...uma calçinha, né...vermelha..."eu num gosto de cor vermelha"...eu briguei com ela (sorri)... "A., se ele deu...agradece...num precisa falá que cê num gosta...agradece...usa pra ele vê que cê tá usando" ... "ah ..mas eu num gosto"... "como que cê num gosta A...num precisa falá que cê num gosta pra ele...guarda pra você...mas usa....quando ele for te dar, fala...num dá vermelha...que eu já tenho uma...dá outra cor".... mas ela: "ah não..."...mas continua insistindo que não gosta da cor...da cor vermelha...").

Mesmo traições masculinas poderiam ser tratadas (e justificadas) com esse padrão feminino de dedicação sedutora. As brigas do casal seriam pacificadas e evitadas por uma

posição feminina aparentemente submissa, porém que esconderia uma reserva de poder - ("...porque meu irmão é muito....sai muito...então ele arruma namorada...na rua....aí as amigas dela vem e conta pra ela...ela fica brava com ele e joga ele pro chão...pra dormir no chão... (...) ... é cada discussão...aí ele fala: "se você arrumá um namorado eu te mato" ..aí ela: "quem vai te matá sou eu porque você arruma namorada"...aí briga...briga ..briga e fazem as pazes... (...) ... "A,..pega a minha meia no varal"... "eu não...pede pra tua namorada pegá"...porque tem uma men..uma certa amiga dela que veio e falô pra ela que ele tinha namorada...porque ela (cunhada) não é dessa pessoa que dá carinho, sabe....anda de mão dada...abraça...").

A avaliação de sua posição feminina perante o companheiro parecia ser positiva, principalmente se comparada ao exemplo do casal irmão-cunhada. O pai do bebê a ajudaria pois ela se empenhava em posicionar-se amorosamente - ("...mas eu sou...eu sou (.)...eu faço questão ...tanto eu quanto o...de andá de mão dada....e aí quando a gente sai, ele ajuda a levá o bebê...leva a bolsa....então é bem diferente do caso deles...").

Aspectos emocionais

A adolescente manifestava-se de forma relativamente adaptada à nova condição da maternidade e casamento, valorizando-a e pouco expressando queixas. Sugeriu, entretanto, possuir condições internas de muitas ameaças, que ficavam deslocadas, negadas e projetadas (até com uso do pronome "você", no lugar do "eu", para referi-se a si mesma). Embora não fizesse queixas, **B** parecia cercada de perigos internos.

O sentido de acréscimo de status trazido pelos novos papéis, parecia conviver com uma certa adaptação passiva às restrições impostas. Apesar de citar diminutivos com sentido de restrição para a vida que levava ("vidinha de mãe"), expressou sentir-se gratificada com a relação com o companheiro e com o bebê, sugerindo ter conseguido um certo triunfo pelas novas condições.

A expressão enfática e repetitiva de temática destrutiva (acidentes, mortes, violência), no entanto, pareceu indicar que **B** estivesse acobertando fortes angústias de natureza persecutória e esquizóide (... "Minha mãe quase me matou... (...) ...a minha sobrinha quase morreu...") e/ou estivesse perturbada com fantasias de morte do bebê, exacerbadas pela doença e internação, aos dois meses da criança.

Mesmo não manifestando consciência e clareza de seus temores, **B** parecia envolvida com a possibilidade do bebê ficar doente e necessitar de remédios, que eles não poderiam comprar.

Os estados ansiosos e dolorosos pareciam, em geral, negados. A adolescente quase sempre sorria nas entrevistas, após falar sobre perigos e até dores físicas - ("...pra mim é um prazer ficá lá cozinhando...mexendo...queimando a mão (sorri)...").

Drogas

A adolescente referiu que nem ela nem o companheiro faziam uso de drogas, além de bebidas alcoólicas, usadas com moderação e socialmente.

B fez várias referências de alcoolismo, negado dentro da dinâmica atual da família nuclear - ("...dava o dinheiro e ia (pai) beber as pinga dele...e arrumava muita confusão (sorri)...a minha mãe e minha vó (..) trabalhadeira pra tirá ele da confusão...").

A temática da droga ficou algumas vezes referida - ("...mas como a gente mora num lugar de baixa.....baixa renda...o pessoal meio assim...meio estranho...ele (pai) explicava: "pelo amor de Deus não usa droga...se alguém oferecer fala pra mim que eu vou falar com a pessoa"..").

Discurso

Nas entrevistas, a adolescente foi prolixa e repetitiva. Apresentou uso de muitos diminutivos e numerais, falando com entonação diferente para destacar a fala de outra pessoa ou de si mesma, dentro do próprio discurso, usando a segunda pessoa ("cê" - você) para referir-se a si mesma e permeando a entrevista com expressões e temas relacionados a morte, violência e doenças. Parecia preocupada em construir um "bom" discurso, com histórias de exemplo moral que contrapunham os erros às virtudes.

As falas eram por diversas vezes entrecortadas com temas de impactante violência, articuladas num discurso manifesto sem ansiedade. Falas com conteúdo destrutivo eram colocadas de forma banal e às vezes sugeriam alguma semelhança com a comunicação de programas populares da mídia, que exploram violência - ("...num tem paciência...joga a criança no lixo e ...põe no meio da rua...morre lá desgraçada...e a mãe...quer dizer...tem trinta...vinte anos e num tem responsabilidade...é uma coisa que a gente vê em televisão...jornal...eu não teria capacidade porque a gente ama o que saiu de dentro de mim, né... (...) ...pagaria pra alguém tomar conta de confiança...porque eu já vi muitos casos...na televisão por exemplo...babá espancando criança...matando esfaqueada...monte de caso horrível...").

Esses conteúdos destrutivos relativos à violência contra bebês vinham acompanhados de falas de censura moral - ("...você tem um filho...pega e joga na

calçada...vai saber quem vai pegá...quem vai cuidá..."ah...tive depressão"...depressão nada...vai...deixa passá a depressão...depois cê cuida do seu bebê normal..."). O discurso apresentava toques moralistas. Por diversas vezes **B** usou o verbo "assumir", atitude responsável do pai do bebê, perante a gravidez e o "casamento".

O discurso com exemplos morais pode ter funcionado para **B** como forma de lidar com suas intensas relações com conteúdos violentos - ("...porque é uma coisa muito...absurda...eu já vi muito...muitas conversas...já ouvi também...que o...marido espanca a mulher...mulher de resguardo...que faz parto normal...ele joga a mulher em cima da cama...chega a ser at...até um estupro...mas...fazê o quê...no mundo têm animais (sorri)...tem todo tipo de animal... (...) ...sei lá, tem tanta gente louca nesse mundo...e não vai ser meu bebê que vai ser sufocado por qualquer pessoa...eu não vô batê nele...qualquer pessoa vai batê...que nem muitas vezes eu já vi... vai batê...vai beliscá... (...)vai lá enche a cara...largou...tudo bem...conversa com ela pra ver se dá pra voltá...brigou cum...cum irmão.....com outro pai...qué brigá...qué matá...qué enchê a cara...").

A temática da violência referia-se freqüentemente às relações de gênero e de doenças. Fantasias persecutórias ficaram sugeridas assim como as correspondentes defesas de reafirmação de proteção e preservação - ("...ai que chato...também vô procurá outro".....não é bem isso...por causa de uma vez cê vai procurá outro homem na rua...pegá uma doença de bobeira...tanta gente com Aids por aí...doença venérea, sei lá o quê...pra aquele companheiro que cê tem em casa, cê confia nele...tem muitos que sai pra procurá outra na rua mas...quando a gente confia, acho que eles não fazem isso...eu acho que o meu não (sorri)...pelo menos ele não faz...agora tem muitos...pessoas que fazem isso..."minha mulher não quis faz dois dia agora eu vô embora procurá outra"....vai pega uma doença...passa a doença pra mulher e a mulher que amamenta passa pro filho...aí o que acontece...morre....o culpado é ele...vai ficá traumatizado pelo resto da vida...pega uma doença que não tem cura ainda...tão tentando descobrí...por causa de uma bobeira...por causa de uma re...duas vezes que a mulher não quis ter uma relação...então...baita de uma burrice (...)...porque eu não tenho preconceito contra ter essa doen...com gente que tem essa doença...mas custa se cuidá um pouquinho pra não pegá?...tem preservativo...custa usá?... (...) ...aí o que acontece...morre....o culpado é ele...vai ficá traumatizado pelo resto da vida... (...) ...mata a mulher...os filhos por causa disso...como é...como vai ficá a consciência?...pesada, né...bastante...eu espero...e tenho certeza que o meu nunca vai fazê isso...").

A entrevista por vezes pareceu parte de um enredo no qual os personagens conversavam e discutiam. Eram comumente citadas expressões de outras pessoas, incluídas na fala de **B** com evidente alteração de voz, quando a adolescente imitava a pessoa que

estava falando, expressando a alteração do personagem que emitia a comunicação. Também alterava significativamente a entonação para discriminar alguma fala sua, num outro tempo que não aquele da entrevista, estabelecendo diálogos consigo mesma - ("....."saiu, F.?"....e o tênis tava na porta..."não, num saí não"....aí depois eu falei: "ah...vô pará de mentí porque se a gente mente depois uma hora vai descobrí"...").

Muitas doenças e dificuldades relativas a medicamentos e atendimento de serviços de saúde, foram citados nas entrevistas. **B** falou de cistite, convulsões, crise convulsiva, bronqueolite, AIDS, gripes, corrimento, depressão, dor na barriga, cólicas, traumas, Pronto-socorro e hospitais, medicamentos (Buscopan), remédios caseiros, tratamento para engravidar. O exame de ultrassom do pré-natal foi referido como fotografia ou filmes para serem expostos como forma de lazer e propriedade familiar - ("...com oito meses de gravidez eu fiz ultrassom...aí meu pai: "vai lá vê o ultrassom da F."...gravei, né... (...) ...ela vai brigá se eu for ver o ultrassom dela"....aí eu falei: "vem pra cá assistir"....aí ele pegô e veio...sentô e fico assim meio de canto ..e assim viu o ultrassom, né...").

O discurso de **B** evocava um duplo sentido. Ao lado de conteúdos gratificantes (por exemplo, um bolo recheado), o despedaçamento parecia sempre presente porém afetivamente negado - ("...quando ele parte o bolo no meio pra colocá o recheio....o bolo despedaça todo...aí juntamo aquilo...pegâmo...despedaçando...todo desfarelado...mas ficô uns pedaço...a gente passô o creme no meio...colocô tudo em cima e jogô a cobertura...nossa...quando eu acabei de comê me deu um mal estar...eu corri pro banheiro....e foi tudo por água abaixo....").

Diminutivos, números e até citação de operações aritméticas foram característicos no discurso de **B**, sugerindo defesas obsessivas - ("..."cinco vezes...quatro?"...eu ficava...contando... cinco...dez...quinze...vinte..."vinte!"...").

Primeiras falas dos encontros

B iniciou sua fala no primeiro encontro, dizendo que agora tinha "vidinha de mãe".

No segundo encontro, iniciou perguntando-me se o gravador estava "certinho", procurando confirmar se o registro daquela entrevista seria mesmo gravado, já que no encontro anterior o gravador apresentou problemas. Depois disse: " Eu vô começá...de pequena...daquele assunto que a agente conversou...sobre o cavalo...sobre que eu lembrava que meu irmão tava...numa carroça...num cavalo branco...tava entrando numa esquina, né...é lembrança que eu tinha, o quê...uns cinco anos mais ou menos... (...) ...mas depois disso só boneca...escola (sorri)...nunca gostei muito de escola...depois que eu tive uma crise convulsiva... (...) ...minha vida foi mais estudá...jogá vôlei...aos...han...dez anos comecei a

jogá vôlei...parei de jogá...com...onze...voltei aos treze (sorri)...aí...daí em diante...conheci o M (companheiro), né...a gente começou a namorá (sorri)...aí surgiu a gravidez (...).".

No terceiro encontro, iniciou falando sobre doenças do bebê e depois apresentou dificuldades na continuidade do discurso sobre sua vida - ("...Ele (bebê) teve princípio de...bronquiolite...ele chegou a ficá internado...aí agora tem que tê todo cuidado do mundo, né...pra não ficá internado de novo não... (...) ...Não...acho que num tem nada...eu cheguei a falar tudo bem...dizendo... (..) cheguei a contar detalhes...acho que não tem nada...a única coisa diferente que aconteceu essa semana quando...cê num veio aqui...foi que o bebê ficou doente...aquela crise de gripe que deu...no pessoal todo aqui em casa...só...mais nada...muito...mudado...foi só o que aconteceu...").

Aspectos "transferenciais"

A adolescente pareceu esforçar-se para ocupar uma posição de ser aceita e querida por mim. Sempre colocou as agressões e erros em outras pessoas e concentrou em si as atribuições virtuosas - ("...eu falo: "não...pode pegá". .. mas porque se você coloca uma coisa na geladeira é pra todo mundo dentro de casa, né...ele (irmão) fica: "não...se eu pegá ela vai brigá"....eu faço um bolo, ele num come...eu falo: "mãe...vai lá e dá pra ele"....aí a minha mãe pega e dá (sorri)...aí ele come...mas acho ruim porque dentro...mora bem dizer no mesmo local e ficá discutindo..é chato...").

A adolescente manifestou muita ansiedade, suando e tremendo bastante durante as entrevistas, em especial, no primeiro encontro. Esse estado ansioso parecia ocorrer freqüentemente perante figuras de autoridade (professores e técnicos do serviço de pré-natal) - ("...eu ficava tremendo assim...sempre fui meia tímida... (...) ...mas professor assim....parente que eu não conhecia, eu sempre tremi....bastante...").

Reação do grupo social à minha presença

A mãe de **B** parecia tímida e envergonhada com a minha presença na casa. Sugeriu uma posição de respeito e temor perante mim. Parecia que também me esperava para as entrevistas. O pai de **B** mostrou-se atencioso comigo, quando o encontrei ao chegar para o segundo encontro da entrevista. Ele também parecia me aguardar num dos encontros. O irmão e a cunhada também sugeriam timidez e curiosidade, disfarçadas perante minha presença.

Os vizinhos olhavam-me curiosos e pareciam saber que eu era uma entrevistadora.

Aspectos "contratransferenciais"

O impacto da imagem da pobreza do quarto dos pais de **B**, local do terceiro encontro da entrevista, interferiu na minha posição de entrevistadora. Encaminhei a entrevista de forma mais diretiva e comecei a distrair-me com os sorrisos do bebê, que encantavam aquele quarto desorganizado e insalubre.

Percebi-me um pouco insegura frente à possível criminalidade do local, distante de recursos de segurança e esse estado pode ter concorrido para minha distração de não verificar, no primeiro encontro, se o gravador estava adequadamente ligado.

Avaliação da experiência

Apesar de expor as dificuldades que enfrentava no cuidado com o bebê, a adolescente pareceu ter que reafirmar as vantagens da maternidade, acabando por valorizar essa experiência. **B** disse não pretender ter outros filhos em breve (o que acontecera com a cunhada que morava na casa) - ("...tem que limpá...acordá de madrugada toda molhada de leite...com aquele peitão duro...quase tem dia que tem que dá os dois e cê fica cochilando...caindo...é um barato ser mãe... eu adoro...só que eu num quero ter outro agora, né (sorri)...daqui a três...cinco...três anos eu tenho outro...espero que seja menina...acho que é só isso...tá bom?"...).

Análise da entrevista com C (16 anos)

Com quem estava vivendo?

No primeiro encontro da entrevista, fazia pouco mais de um mês que a adolescente estava morando com a "sogra", mãe do pai do bebê, também um adolescente de 15 anos. A adolescente pouco viu o pai do bebê durante a gravidez e praticamente não conhecia a sogra. C fora morar com o companheiro, quatro dias após o parto, provavelmente por pressão e manipulação da própria mãe.

Dados da família e da história de vida

Filha caçula, C tinha mais duas irmãs, de 17 e 20 anos. A irmã mais velha não morava mais com a mãe, segundo C, uma separação motivada pela gravidez da irmã, aos 17 anos. No primeiro encontro da entrevista, a irmã do meio, que continuava morando com a mãe, estava grávida de três meses, embora a mãe não soubesse - ("...e antes minha mãe não queria que ninguém ficasse grávida....aí uma ficou....a mais velha....aí ela deu a maior chamada na Da....aí ela....falou cá pra gente....o espelho da minha irmã....se acontecesse....se nós ficasse grávida, ela ia colocá pra rua....aí eu apareci grávida também....ela não colocou....ela queria menino, né....porque só tem mulher dentro de casa... (...) ...agora vem mais outra bomba que é a S. que tá grávida também...de três meses....minha mãe não sabe...").

O pai de C falecera quando ela tinha sete anos. C e as irmãs ficaram internadas numa instituição, aproximadamente por dois ou três anos, vendo a mãe nos finais de semana (a adolescente não conseguiu delimitar o tempo que esteve institucionalizada). Parece que a mãe, desde a época do falecimento do pai de C, unira-se a outro companheiro. As filhas chamavam-no às vezes de pai mas provavelmente os laços que uniam C e suas irmãs a esse "padrasto" não representavam possibilidades de substituição de figura paterna.

Casa onde estava morando com a sogra

A casa da avó paterna do bebê, onde C estava morando, ficava no mesmo bairro que estava localizado o hospital em que a adolescente fizera o pré-natal e tivera o bebê. A casa ficava nos fundos de um sobrado com aparência de abandonado, mas o local apresentava organização, limpeza e cuidado.

Apesar de não aparentar luxo, a casa onde C estava vivendo, provavelmente era muito mais provida de conforto e qualidade de moradia do que o lugar em que a adolescente

morava com a mãe. A construção era de alvenaria e incluía uma sala com dois ambientes, um amplo quarto, além da cozinha e da parte de serviço. Os móveis tinham boa aparência e a casa apresentava-se decorada com quadros, bibelôs, plantas e vários enfeites. No pequeno quintal à frente da construção havia algumas pequenas árvores, além de uma casinha onde ficava um pequeno cachorro da raça poodle que parecia muito brincalhão. O ambiente inspirava tranquilidade e também alegria, pelas plantas e pelas brincadeiras do cãozinho. O quarto aparentava cuidado e organização. Havia uma cômoda com muitos produtos de higiene infantil além de perfumes, desodorantes, batons, esmalte de unha, remédios, um aparelho de mini-televisão (com rádio) e um abajur. O guarda-roupa era grande e havia um espelho na parede. O quarto, onde também ficava o carrinho do bebê, era cortinado e possuía um ventilador de teto, com lustre.

C expressou sentir muito a falta das referências familiares, do convívio dos amigos e da dinâmica do outro bairro em que morava. Os prejuízos nos sentidos de pertinência familiar e social eram apresentados nas queixas sobre o clima da casa da sogra que para C, parecia vazio e silencioso demais - ("...porque aqui é diferente...não é igual à minha casa...animado...posso sair ali, já...já encontro minhas amigas...aqui não...aqui é diferente...eu fico meia triste....é calmo aqui...é quieto...eu não gosto...eu gosto de bagunça... (...) ...também (a sogra) não conversa muito... (...) ...eu não gosto porque já na minha casa tem bastante gente...uns conversa...dá risada...vê televisão...já ri.....me...meu padrasto faz palhaçada...aí eu gosto disso...aqui é muito quieto...por isso que eu acho estranho.....aqui é só os dois só, né....porque quando eu não tava aqui, era só o A. (pai do bebê) e ela (sogra).....agora que tá um pouco mais animado porque eu to aqui, né...aí ela pega ele (bebê) e brinca.....por isso que ela falô que não queria que eu fosse embora daqui.....porque aqui era quieto...").

Parece que a sogra estava oferecendo uma razoável acolhida, para C e o bebê. A adolescente estava dormindo no quarto que antes era da mãe do namorado. A cama de casal ficou para C, com o pai do bebê e o bebê. A adolescente parecia, de forma geral, ter privacidade e relativa autonomia na casa. A sogra trabalhava durante a noite e dormia durante grande parte do dia, num dos dois sofás da sala de visita, apesar de no quarto haver outra cama, de solteiro - ("...(Como que é...ficar aqui?)...Ah...é diferente....assim...eu tenho liberdade pra mexer em tudo...mas não assim como.....na minha casa....assim...sei lá....não dá nem pra explicar assim.....não....é a mesma coisa....mas é diferente....não é a minha casa...").

C estranhava a nova casa, provavelmente vivendo um luto pela casa perdida. Parecia, entretanto, que pretendia continuar ali, aceitando combinações feitas pela mãe, com a sogra - ("...minha sogra conversou comigo, né...que...quer que eu fique aqui...minha mãe também....

minha mãe falou que se aqui tá me...se aqui tá melhor....não tá igual como antigamente....que ela (sogra) não falava nada, né...agora que ela tá...se abrindo mais....").

Casa da mãe

Até três dias depois do parto, a adolescente estava morando com a mãe e a irmã do meio, num bairro mais pobre da cidade. Parece que moravam há pouco tempo naquela casa, já que as mudanças de moradia eram constantes na vida de C - ("...vivia mudando...a minha mãe... (...) ...aí nós paramos mesmo no Mercado...ali...na rua Chile... (Parou quanto tempo?)...Um ano...").

A casa onde a adolescente antes estava morando com a mãe era pequena e tinha muito pouca privacidade. Todos dormiam no mesmo quarto. A presença do padrasto na casa parecia irregular - ("...Com a minha mãe e com a S....morava só nós duas de irmã porque a outra mora separado....já é casada....tinha eu...minha mãe e a S.....Era um quarto...uma sala...a cozinha...e um banheiro...e uma área...de fundos... (...) ... Eu dormia no beliche...que era tribo...é tribeliche, né...minha irmã dormia em cima e eu embaixo...e minha mãe dormia...naquele sofá cama...(Dormiam todos no mesmo quarto?)...Isso...dormiam todos num mesmo quarto....").

A mãe de C estava ampliando a casa, fazendo uma reforma, sendo ajudada pelos novos genros, o pai do bebê de C (que a mãe da adolescente conhecera após o parto de C), e o namorado da filha do meio - (".....agora vai ficar mais grande...vai ficar...dois quartos...uma sala...a sala vai ser mais grande...a cozinha...o banheiro...que a minha mãe mudou o banheiro ...mudô...destruiu o banheiro...pra fazer o outro.....mandou fazer a área...mais maior.. (...) ... aí ela qué aumentá mais...aí ela aumentou...tá lá...arrumando ainda ...quando...a gente tava vindo pra cá (casa da sogra)...nós viemos ontem pra cá...tava...colocando as telha ainda...mas tá grande lá... (...) ...(Quem é que está pagando a reforma?)...Minha mãe e meu padrasto...").

Mãe

A mãe de C parecia ser o único elemento de sua família, além de suas irmãs. A adolescente praticamente não comentou sobre outros familiares, citando uma tia e o padrasto (chamado também de pai) que pareceram pouco significativos enquanto pessoas unidas por laços familiares. A adolescente sugeriu possuir uma relação de dependência infantil da mãe, com idealizações que conviviam com expressões de uma figura materna negligente, "manipuladora", "expulsiva" e turbulenta. C parecia negar essas condições maternas negativas, não fazendo críticas nem queixas sobre a mãe e provavelmente assim não sofrendo as dores da rejeição da única presença parental. Parece que C ficava somente

acreditando nas "coisas boas da mãe" para suportar a perda da pertinência familiar e passagem para uma nova casa desconhecida, não sofrendo diretamente com a constatação da provável expulsão sofrida.

Duas situações de distância da mãe, provavelmente impostas por ela mesma, foram relacionadas à manifestação de sofrimento de C - quando ela se recordava da instituição onde ficou internada, e quando se queixava por ter de ficar na casa da sogra - ("...(sobre o período em que esteve internada) Ai eu não lembro.....ai...pra mim, foi anos...pra mim... (...) ...Ai...eu não vou te falar, não (com voz chorosa)...").

Parece que a mãe de C pouco tinha conseguido cuidar das filhas. Ficou viúva quando C tinha sete anos, colocou as três meninas numa instituição, vendo-as aos domingos e uniu-se a um outro companheiro, não tendo outros filhos - ("...ficava eu...a S. e a Da....nós três...porque a minha mãe não tinha condições de ficar com nós três, né...porque ela tava trabalhando sozinha, né... (...) ...Depois que ele (pai) faleceu...aí nós fomos pro...colégio interno...").

A adolescente não chamava a mãe por "mãe" e sim por um apelido - ("...(avisando sobre o início das contrações) "Dê...tá doendo"....porque eu chamo a minha mãe de Dê...eu não chamo a minha mãe de mãe...").

Nas entrevistas, C referiu-se seguidamente à mãe, parecendo procurar protegê-la de condenações e até valorizá-la como figura valente, porque briguenta e escandalosa, o que poderia representar cuidado e proteção da prole - ("...e aí que a minha mãe começô...começô a xingar lá a mulher... (...) ...aí a minha mãe ficô a maió revoltada, né...queria batê na mulher..."). Numa visita à maternidade, quando C teve bebê, a mãe esbofeteou a filha do meio por ter esquecido de levar um pacote de absorvente, necessário para C no pós parto - ("...minha mãe deu o maior tapão nela no meio do...do hospital (sorri)...(a irmã) ficô com vergonha....aí ela foi embora, né...).

Poupando a mãe de críticas e queixas diretas, C sugeria ter medo de enfrentar algumas idéias acerca da provável negligência materna. A mãe representava para a adolescente praticamente a única pessoa que poderia cuidá-la e protegê-la, a despeito disso parecer mais fantasia do que realidade. Essas fantasias de proteção pareciam manipuladas pela mãe - ("...quando eu tive neném....eu vim pra cá....pra levar pra minha sogra conhecer....ela conheceu...ela (sogra) queria que eu morasse aqui....aí deu a maior confusão porque minha mãe não queria que eu morasse aqui....que eu era caçula... (...) ...ela (mãe) tá cheia de ciúmes porque eu tô aqui....ela sente, né....compra algumas coisas pra ele (bebê)..."). Segundo relato da adolescente, a mãe conversou com a sogra (que mal conhecia C), sem que a adolescente escutasse e a partir dessa conversa, quatro dias após o nascimento do bebê, C

ficou morando na casa do namorado - ("...aí minha mãe conversou com ela....o que eu não sei....eu vim pra cá....no quarto....ficô eu ..o A. (pai do bebê) e o neném....no quarto...aí nesse dia tava frio....aí ela (sogra) pediu pra mim dormir aqui....com o neném....que tava muito frio.....aí minha mãe falô brincando: "não...meu neném não vai ficar aqui não...vai embora com a vó"...).

Apesar de negar, parece que inconscientemente, C culpava a mãe pela internação na instituição e pela negada "expulsão" de casa, após o parto. A porta-voz dessa condenação foi a irmã mais velha. C referiu as críticas que a irmã fez à mãe, na época da saída da instituição e também quando essa irmã engravidou e saiu de casa. Parece que a adolescente somente podia fazer críticas e atacar a mãe, através da voz da irmã. Quando as três meninas foram institucionalizadas, a mãe provavelmente sabia dos problemas da instituição e do sofrimento das filhas, mas as manteve lá por aproximadamente três anos - ("...Ela (irmã) falava que a minha mãe não prestava....era chata....colocou ela pra rua....era mentira....ela que foi embora porque ela quis.....que nem....minha mãe não fala com ela até hoje...ela só vê a menina (a neta), a Ta.....e pronto.... (...) ...(a mãe) queria processá aquela escola (instituição)....a minha irmã: "agora a senhora quer processá, né....quando a senhora colocô a gente aqui dentro....a senhora não quis saber como era.....se era assim...se era assado"...").

A ida de C para a casa de uma pessoa que ela não conhecia (a mãe do pai do bebê) e que não sabia sequer da gravidez, poucos dias após o parto e somente acompanhada do bebê e da irmã de 17 anos, parece ter sido uma exigência (ou sugestão) da mãe da adolescente, que, de forma provavelmente manipulada, foi negada - (...)"É....minha mãe falou: "meu neném não vai ficar aqui vai ficá com a vó"...aí minha mãe falou: "vai ficar porque tá ventando porque se não tu...se não tivesse ventando tu ia embora"...aí eu fiquei aqui.....dormi....minha mãe foi embora....no dia seguinte...tomei café....com eles...na mesa...aí ficamos conversando... (...) ...(Você não imaginava, que você ia vir para cá?)...Tch...tch...(negando)...(Por que você veio?)...De repente...é que eu gosto do pai do neném e do neném.....se não, eu não vinha...é, mas ela (sogra) quis que eu morasse aqui também...(Quem?)...A vó dele...do neném....aí eu tô aqui até hoje....nos primeiros dias ela falou: "ah...C., vem pra cá...pra não eu fica longe do neném nem de tu".....aí eu fiquei pensando....falei: "tá bom"....").

Nos finais de semana, a mãe recebia a visita de C, com o bebê e o namorado - ("...fomos três horas da tarde....ficamos lá com minha mãe... (...) ...aí ficô eu....minha mãe....a S....minha irmã....o A....ele e o meu padrasto...ficamos lá....passamos tarde lá...aí a gente ia embora, minha mãe não deixô...aí nos ficamos no domingo também..").

A mãe de C não estava trabalhando. Ela recebia uma pensão do falecido marido. Segundo relato da sogra da adolescente, a mãe de C e também a adolescente tinham

envolvimento com criminalidade, principalmente com roubos. Num dos encontros da entrevista, a sogra referiu que a mãe de C tinha pouca responsabilidade, problemas com trabalho e que não saía de bailes.

A mãe foi algumas vezes relacionada por C, a aspectos de diversão e até euforia - ("...(no dia da primeira menstruação)...aí ela (mãe) falou pra minha tia...aí minha tia...ficaram toda contente....aí fez a maior festa já...foi o maior sarro...").

Pai

Apesar das reiteradas afirmações de que se lembrava do pai, poucas foram as referências sobre a figura paterna. O pai da adolescente trabalhava com caminhão de transporte de refrigerantes e sofreu um acidente, vindo a falecer quando C tinha sete anos - ("...Lembro.....eu lembro do rosto dele...não lembro como ele morreu...a minha mãe que contou...").

C disse que lembrava do rosto do pai, mas as referências ao pai, apesar de positivas, evocavam pouca consistência, como um pai de "sabor positivo", porém artificial. Muitas vezes a adolescente falava de "Coca-Cola", presente constante do pai para a mãe. O refrigerante muito citado na entrevista podia estar representando uma metáfora da relação com pai - um conteúdo que fornecia gratificação, mas com duração "efêmera", pouca densidade e sem significado de alimentação - ("...Ah....lembro (...) porque ele trabalhava no caminhão de Coca (Coca-Cola), né....e ele trazia Coca pra casa....ajudava a minha mãe....comprava roupa pra gente....aí ele mo...morreu no caminhão....na batida....um ônibus bateu no caminhão de Coca.....aí ele morreu....num lembro muito....eu lembro que ele ajudava a minha mãe....trazia Coca....eu lembro das Cocas porque ele trazia todo dia....pra casa....latinha...era....garrafa.....minha...minha mãe adora Coca até hoje, né... (...) ...minha mãe, o vício dela é só Coca....eu lembro....só um pouco....no dia que ele morreu eu não tava...tava na casa da minha tia... (...) ...(época da internação na instituição) aí a minha mãe trazia...assim...lanche pra nós...Coca...").

Figura paterna substitutiva

A adolescente não parecia possuir uma referência consistente de autoridade paterna. Pouco comentou sobre o companheiro da mãe, também chamado de "pai" por ela e suas irmãs, desde que o pai falecera.

As citações sobre o padrasto sugeriram pouco envolvimento como figura paterna substitutiva, sem evocar movimentos de cuidados, proteção e referência de autoridade.

Referido como brincalhão, o padrasto parecia mais um colega e namorado da mãe e menos uma figura parental, adulta - ("...Desde sete.....e eu chamo...nós chama ele de paia gente chama de pai... (...) ...(E como que é ele?) ...Ah....ele tem trinta e dois anos....é moreno.... trabalha numa firma, de mecânico....ele é mecânico....e ele ajudô minha mãe...(E como você se dá com ele?)...Ah....eu dô bem....porque (...) ele cria a gente desde pequena...mas nós todas chama ele de pai...").

Na casa onde C estava morando, não havia uma presença de figura masculina adulta. O pai do namorado de C também era falecido.

Escola

Muitas mudanças de endereços e a institucionalização parecem ter contribuído para as dificuldades escolares de C. Ela possuía um histórico escolar bastante descontínuo, dizia não gostar de estudar, tivera várias repetências e pouco estava frequentando as aulas quando engravidou - ("...eu tinha...tinha aula....mas eu não ia pra escola...eu ia pra casa dele (pai do bebê)....todo dia....aí eu ficava na casa dele...").

C estava matriculada na 5ª série quando ficou grávida. A adolescente abandonou a escola, com seis meses de gravidez referindo, além de mal-estares físicos, sentir-se constrangida com a relação das pessoas com seu estado gestacional que despertava curiosidade, atenção diferenciada e mudanças na interação do grupo - ("... Estudá, só no ano que vem....mas eu estudei até os seis meses....aí eu fiquei com vergonha...porque era só eu que tava grávida ali... (...) ...(...o ano passado...você chegou a terminar o ano?)...Han...han.(afirmando)...(Você repetiu ou você foi aprovada?)...Fui reprovada.. (...) ...Quinta... (...)...Isso aí...parei...(Por que você ficou...)...Grávida ...(Não...grávida você já estava)...Ai...(sorri)... (...) ...não vou mais não...só ir eu....ali na escola...todo mundo olhando...algumas paparicava...alguma queria tocar...ficava enjoada...era todo dia: "ah, deixa eu tocar na tua barriga"...era uma...vinha outra...aí...a...mulher lá embaixo que fazia a merenda...fazia eu comê...eu não queria...aí eu parei de i..."). Todavia, o abandono da escola não pareceu somente relacionado à gravidez. C já estava há mais tempo em conflito com a educação formal.

A escola parecia para C, relacionada com a internação na instituição, onde também estudou ("o colégio interno") - ("...ela falou que nós ia pra uma escola, né...aí nós vimos aquele negócio grande... (...) ...eu falei pra minha mãe: "que escola é essa?"...ela: "não, C....é pá ficá aqui...vocês vão vim..." (imita uma voz de quem está enganando)").

As referências do período da internação apresentaram problemas de fronteiras temporais. As delimitações de intervalos de tempo, associadas às séries escolares iniciais que

coincidiram com a institucionalização, foram referidas de forma confusa - ("...Ah...eu não gostava de ir pra escola, não... (...) ...Falava que nunca podia existir as escolas.....aí minha mãe falou: "como que tu vai tê trabalho...como tu vai tê estudo?... (...) ...aí eu não queria ir pra escola, não.... (...) ...(...com que idade você entrou na escola?)...Ai...Nancy, nem lembro....acho que era pequena.....porque... fôí lá na creche...não....é mentira...eu ficava na C. C. (nome de instituição)...era pequena...acho que tinha uns nove...(com 10 anos, provavelmente C estava saindo da instituição, após uma tentativa de fuga com as irmãs)...").

C comentava sobre seu desenvolvimento escolar, bastante irregular, parecendo confundir-se sobre os períodos que freqüentava, as séries, os fracassos e sucessos escolares - ("...(...e antes de você trabalhar...você estudava à noite ou de dia?)...Não...à noite...sempre estudei à noite... (Sempre?)...Só quando tinha...segunda...quando eu tava na segunda....primeira...estudei de manhã...ou à tarde...mas eu sempre gostei de...de estudá à noite...(A partir de qual série, passou para noite?)...Quinta... (...) ...(Você já tinha sido reprovada algum ano?)....Já.....(Qual?)... Acho que na terceira...isso eu re...é...eu já repeti na terceira... (...) ...(...você sabe que série você estava?).....Só sei que repeti...terceira...e na quinta....que a idade eu não lembro...").

C estudou em diversos lugares. As mudanças de moradia foram as prováveis responsáveis pelas trocas constantes de escolas - ("...É porque eu morava na Henrique Porchat (rua)..eu tive que ficá no Cesário Bastos (escola)....aí fui morar no Mercado (bairro)...na rua Chile...aí fui...fiquei no Avelino (escola)....aí na vez de morá no Saboó (bairro)...aí fiquei no Bartolomeu (escola)...").

A adolescente referiu que gostava de estudar quando pequena, passando a não gostar da escola a partir da 4ª ou 5ª série, período da associação das grandes transformações da adolescência com as mudanças comuns da dinâmica pedagógica - ("...eu gostava...estudava no Cesário Bastos... (...) ...Gostava...eu fui pro Cesário Bastos...era pequena...eu gostava...ia todo dia pra escola...no Avelino também...fui ficando maior...eu fui pro Avelino...depois do Avelino, fui pro Bartolomeu (escola)...do Bartolomeu fui pro Vinte e Oito...e daí do...desde do Bartô...que eu não gostava...Bartolomeu... (...) ...(...você tinha que idade...no Bartolomeu?)...Ah...eu já tinha quinze...quinze anos...quatorze ou quinze...(Antes dos quatorze ou quinze...você gostava da escola?)...Han...han...aí é que eu gostava mais....(Foi quando você passou para quinta série?)...Han...han...(Ou antes?)...Antes...(Na quarta série?)...É...(Na quarta...por que você acha que passou a não gostar?)...Ah....sei lá, Nancy...era chato....ficá sentada...esperá...só não via a hora do recreio....batê o sinal pra ir pro recreio...era chato... (...) ...(...E a professora?)...Ah...a professora era maió legal...só tinha uma que eu não gostava...era a R. de Matemática.....de vez dela falá direito com os alunos, né...ela falava com ignorância, né...falando que num...não queria conversa...que era pra conversar só

na hora do recreio... (...) ...Gostava eu...pa...passei a não gostá quando vinha várias professoras...aí eu não gostava mais de vim pra escola...").

C provavelmente teria dificuldades de voltar a estudar, pelo menos a curto prazo, já que praticamente não teria com quem deixar o bebê - ("....Agora pretendo (voltar a estudar)... (...) ...(Com quem ficaria o bebê para você estudar?)...Aí...eu já não sei...tem que pensá...ela (sogra) também trabalha...um dia sim...um dia não...só a minha mãe mesmo, que vai te que ficá...ou minha mãe ou minha irmã...mas...a minha irmã também vai trabalhá...ô..trabalhá!.....vai estudá...a S....só minha mãe...isso se ele ficá, né....").

Histórico de trabalho

A adolescente trabalhara numa casa de família. A relação de trabalho parecia representada com uma ambigüidade entre ser ajudada (pertencendo à família) e trabalhar na casa (como empregada) - ("...na primeira vez que você saiu para trabalhar....você tinha que idade?)Quatorze?...quatorze...ainda a moça não queria nem ficar comigo...porque eu era pequena... (...) ...eu fugi, né...porque eu já era da família...porque eu era muito pequena...cresci junto com eles ali... (...) ...Isso....fiquei três meses....e a...filha dela ficou grávida, né...tava de barriga ainda...agora a menina já tá grandona...tá com três anos, já...vi a menina na barriga...a menina já tá maió grandona... (...) ...É...porque eu ajudava a minha mãe...me ajudava...bem dizê era da família ali...eu não ligava quanto eu ia recebê...ou se ela descontava...eu faltava...faltava algumas vezes, assim...pra resolvê uns negócios.....mas ela nunca descontou assim...do salário...sempre me ajudô...quando eu tava precisando de coisa lá pra minha casa...ela me dava....aí ela se mudô...ela queria me levá junto, né...onde ela tá morando agora...eu falei que não...que eu não quero trabalhá mais de doméstica...quero trabalhá de serviço assim...que registra...porque ela não tinha condições de registrá..."ah...então tá bom"....tch...mas eu sempre vou lá vê...tenho até que levá ele (bebê)....porque quando ela me viu, eu tava de dois meses ainda...").

C não delimitou claramente a época em que ficou trabalhando como empregada doméstica (provavelmente com 14 anos), talvez porque a relação de trabalho e de pertinência àquela família eram confusas - ("...Em casa de família....fiquei um ano e três meses.....aí...não quis mais trabalhar....aí eu fui fazer negócio no Camps (Círculo de Amigos do menor Patrulheiro de Santos - CAMPS)...o negócio de cursinho pra fazer...e que era pra no..ou...ano que vem...aí tudo bem...esperava o ano que vem vim...fazer esse curso...e nada do meu nome vim chegá...aí eu desisti...aí trabalhei em que mais?...assim...em casa de família...um anos e quatro meses...um ano e três meses...e numa fui fichada...que fiquei só

umas... só no lugar de uma menina....quando a menina foi viajá...aí eu fiquei no lugar dela...até ela voltá...").

Amizades

Nenhuma amiga em particular foi citada na entrevista de C. A adolescente parecia valorizar o grupo de iguais, referindo a presença indiferenciada de "colegas", que lhe acompanhavam nos bailes, que estavam com ela quando se iniciaram as contrações do trabalho de parto, que a visitaram na maternidade e que deram algumas peças do enxoval do bebê.

As colegas do bairro foram referidas como grupo de pertinência em risco de perda, com a vinda para a casa da sogra - ("...Ah...porque aqui é diferente...não é igual à minha casa...animado...posso sair ali, já...já encontro minhas amigas...aqui não...aqui é diferente...eu fico meia triste....é calmo aqui...é quieto...eu não gosto...eu gosto de bagunça...").

Aspectos de sexualidade

Parece que C teve algumas informações sobre sexo, com a mãe e na escola - ("...É...na escola também falava...sobre menstruação, né...como a gente menstruacomo ia sê, né...mas quem dava mais instruções era a minha mãe..."um dia C....você vai ficar mocinha...então tu não se assusta...que é normal.....é normal, né...acontece com todo mundo...dia a dia"...é, tá bom"...aí eu fui acostumando...com a idéia...eu não queria não..."). Os limites que a mãe impunha para vida sexual de C pareciam confusos. Havia a ameaça de expulsão de casa ("espelho da irmã" mais velha) caso ocorresse uma gravidez, mas a mãe não parecia usar de tentativas mais claras de imposição de limites para a vida sexual da filha, sugerindo, com ambigüidade, uma certa permissividade no trato dessa questão - ("...se nós ficasse grávida, ela ia colocá pra rua...")

Com 12 anos, teve a primeira menstruação e relacionou-a a machucado e a transformações nos papéis de menina e adolescente - ("...aí S., acho que tô machucada"...minha irmã falou assim: "será que tu tá mocinha?"...aí eu disse assim: "não...com doze anos"...eu pensei que fosse com mais...com quinze...dezesseis...aí ela: "não...chama a Dedê, né"...que é minha mãe...minha mãe veio...aí minha mãe falô: "ah...tá mocinha...que não sei o quê"...começo a falá, né...que agora tem que tê...responsabilidade...tem que tê mais cuidado...que vou te minhas coisas íntimas agora...é Modess...cal...calcinha...ela falô um monte de coisa...que eu não entendi direito...").

Curiosa sobre a gravidez da irmã mais velha, quando tinha aproximadamente 13 anos, a adolescente fazia perguntas e parecia construir um interessante mundo de fantasias acerca do desenvolvimento da gravidez e da vida intra-uterina. C relacionava a gravidez e o parto com a dor e parecia temê-los - ("...(sobre gravidez) a minha mãe falava também, né...na escola.... ah....imaginava assim...como é ter um...um filho....como se sente dentro da barriga...porque quando a minha irmã tava grávida eu falava: "Da., tu sente pesado?...sente como?...dói quando mexe?"...ela: "não, C....normal...só dói é as unha, né"...porque a Ta. tinha a maior unha grande...comprida...aí acho que ela passava na barriga da minha irmã...minha irmã sentia...aí eu fiquei com medo, né...e quando a (..) do médico embaixo...do útero...que dói...(.) ficá falando...aí eu falei: "aí, então eu nunca quero tá grávida não...desse jeito não"...aí quando ela teve a Ta...ela falô que era aquela dor...que ela ficô uma...um dia e uma noite, né...na Santa Casa...ela falô que dói...que é um horror...que não qué mais passá mais por isso...e tá grávida de novo...").

Com o pai do bebê, após três ou quatro meses de um namoro descontínuo, C teve a primeira relação sexual. O medo da dor, possivelmente relacionado a repressão e castigos, também ocorreu para a adolescente no início das relações sexuais - ("...É fiquei com medo....não sabia direitoaí fui levando....(Você tinha medo de quê, C?)...Ah...sei lá...de machucar...doer...que minha mãe falava...falava assim que doía... (...) ..."). Ela estava com 15 anos, o namorado com 14, e parece que o casal tinha uma vida sexual com pouca interdição.

As relações sexuais com o pai do bebê aconteciam com uso irregular de preservativo (camisinha) para fins contraceptivos. Tanto o namorado como a adolescente não gostavam do uso do preservativo e o abandonaram, mesmo com conhecimento da possibilidade da concepção - ("...camisinha...só...eu não tomava remédio...(A primeira vez que você teve relação, você já usou camisinha?)...Não...foi sem...aí só depois que a gente começô ...(Quem teve a idéia de usar camisinha?)...Eu...(Por que?)...Ah...pra não engravidar (sorri)...ter um filho logo cedo...mas não adiantou nada....(Por que não adiantou?)...É porque eu...eu não queria...também ele também não queria mais...(Não queria mais o quê?)...Usar camisinha.....aí fomos sem, mesmo....(Quando você engravidou do bebê...você não estavam tendo relação com camisinha...é isso?) ...Han...han...(afirmando)").

Antecedentes da gravidez

A adolescente faltava às aulas e ficava na casa do namorado. C estava matriculada na 5ª série, mas pouco freqüentava a escola. Parecia possuir muita independência, face provável de um estado que poderia beirar um abandono nos cuidados ou permissividade, por parte da mãe - ("...eu ia na casa dele....tinha aula.... (...) ...mas eu não ia pra escola...eu ia pra

casa dele....todo dia....aí eu ficava na casa dele...a mãe dele trabalhava....um dia...sim....um dia não....ela trabalhava no hospital....aí eu engravidei...").

O namoro de C com o pai do bebê não parecia significar uma relação mais firme, mas quando o casal se encontrava sozinho na casa dele, o que era freqüente, havia as relações sexuais - ("...(Você estava namorando ou não?)...Tava....(Há quanto tempo você estava namorando?) ...Então....um ano e nove meses.....aí um dia nós não se vimos mais.....briga à toa....aí se vimos de novo... (...) ...eu ia pra casa dele....todo dia....aí eu ficava na casa dele...a mãe dele trabalhava.... um dia...sim....um dia não....ela trabalhava no hospital....aí eu engravidei...").

Gravidez

Mesmo parecendo temer a possibilidade de engravidar, C tinha relações sexuais sem uso de método contraceptivo, sugerindo possuir uma posição receptiva para a ocorrência da gravidez - ("...(Você tinha preocupação de engravidar?)...Tinha....aí logo que eu transei sem camisinha, fui na Policlínica...pra...fazer exame de urina pra vê se eu tava...aí daí...daí o...o médico falô que depois de três dias que vai vim o exame...aí...fui lá depois de três dias...aí deu positivo...aí só guardei isso pra mim mesmo, né..."). Quando engravidou, C tinha 15 anos.

Nos primeiros meses da gestação, a adolescente escondeu a gravidez da mãe. C não pode avisar o pai do bebê logo que descobriu que estava grávida porque ele mudara de endereço. Quando conseguiu encontrá-lo, ele solicitou que ela esperasse para contar para a mãe, dizendo que antes ele iria resolver "uns negócios". O pai do bebê voltou a procurar C somente no final da gravidez - ("...porque quando eu fui falá....falá pra ele que eu tava grávida....ele não tava morando mais lá....ele tava morando aqui, mas eu não sabia...eu perguntei pros amigos dele.....amigos dele: "ah...eu não sei onde o A. mora"... (...)...ele me viu de sete (meses de gravidez).....seis meses... (...) ...(...vocês não estiveram juntos?)...Isso...(.)...aí depois...quando ele ligô pra minha casa e falando que estava com saudades...que eu tava sumida...").

Provavelmente temerosa da reação da mãe e até influenciada pelo pai do bebê, C escondeu a gravidez da mãe, mentindo quando esta suspeitava do estado gravídico. C deu duas referências diferentes para o conhecimento da gravidez pela mãe, aos três meses e aos cinco meses (essa última referência pareceu a mais correta) - ("..."tô grávida"... (...) ...)(ele) ficô contente...já abraçô minha barriga...beijou....aí eu fi...deixa eu contar pra minha mãe, né...aí ele falô assim..."depois nós fala...deixa...eu resolvê uns negócios que eu...nós fala pra

tua mãe"...aí nã...não adiantou nada...ninguém falô pra minha mãe...minha mãe só soube...depois que já tava de cinco meses...aí eu falei pra ela.... (...) ...qualquer coisinha que eu comia, eu jogava pra fora.....minha mãe desconfiou....aí eu falei que não tava e minha mãe falou que ia fazer exame de gravidez...eu falei assim que eu não tava....que tinha descido pra mim....eu mentia pra ela....aí passou uns meses....aí eu consegui...de cinco meses....a barriga não tava grande....tava pequena ainda... (...) ...tava de três meses...aí minha mãe falou...que não era pra tirá (aborto)...que não era pra tirá mais...(Então quando você falou para a sua mãe...você estava com três meses?)...Isso.....três meses...").

C referiu que pensava em fazer um aborto, ficando temerosa das consequências. A adolescente não parecia, no entanto, desejar de forma consistente a interrupção da gravidez. Além disso, parece que ela possuía poucas condições para encaminhar procedimentos abortivos - ("...quando eu soube que tava grávida, né...eu já queria...queria tirar....porque eu fiquei com medo da minha mãe....aí quem sabia era eu e uma amiga minha....aí ela falou: "vamos tirá"...tirá com chá...com ervas...negócio de sin...cintoteque (referência ao medicamento Citotec)....aí eu falei: "como?...que eu não tô nem trabalhando...quero vê como é que eu vou comprá"...").

Na impossibilidade, externa e interna de fazer o aborto, C, que não via o namorado há meses, falou com a mãe - ("...outras já me falaram que eu não podia tirá...que era pecado...que é maió bonitinho....que não sei quê....que tem que ter responsabilidade...aí falei assim: "não...vou falá pra minha mãe primeiro, né...porque minha mãe não sabe"...aí...eu che...ia chegá a tomá remédio...mas na hora eu não quis tomá mais...eu fiquei com medo...de nascer com...com um bracinho só....com uma mão....porque fala que quando toma remédio...que a criança sai defeituosa...aí eu não tomei...aí no...no dia seguinte eu falei pra minha mãe...").

Reação social à gravidez

O pai do bebê parece ter tido uma reação lúdica mas depois ansiosa com a notícia da gravidez - ("...ficô contente...já abraçô minha barriga...beijou..."). Depois, mudou-se de endereço, e distanciou-se de C, somente entrando em contato no final da gravidez - ("...(...vocês combinavam alguma coisa?...onde você ia morar com o bebê...combinavam de vir para cá?)... Não...(Nem falavam neste assunto?)...Não...não falava nada....só falava do neném...quando ele ia nascer...se ia nascer com bran....branco ou preto...(Por que branco ou preto?)...Não...é palhaçada dele.....começamos a falá...nós só falava do neném, só..."⁵⁷).

⁵⁷ A adolescente era mulata e o pai do bebê era de cor um pouco mais clara que ela.

A mãe de C pareceu inicialmente repudiar a gravidez da filha, passando depois a preocupar-se com a possibilidade do pai do bebê assumir, o que poderia significar a saída da jovem de casa - (".....aí eu falei pra ela (mãe)....aí ela começou a chorar....falou que eu não falei antes pra ela....aí...ela ficou uma...um....uma semana sem falar comigo....só falando...assim...sem aquela intimidade que ela tinha comigo dentro de casa....tava assim mais ou menos....e ela: "e o pai do bebê vai assumir?" (diminui o volume da voz e fala de forma irônica)...eu falei: "claro que vai"...").

A mãe da adolescente parece ter ficado temerosa de uma possibilidade de aborto, além de que havia dificuldades pouco contornáveis para tal procedimento - ("...minha mãe ainda me chamou de louca, né"...que era pra mim falá com ela primeiro...que não é assim...tem que conversá primeiro, pra depois resolvê as coisas...pra ver se tira ou não, né...se você tivesse....assim, nem de um mês...de dias...aí compensaria de tirar...mas tu tava de três meses... (...) ...aí ela falou assim....não...que não era pra tirá....se tava (...) de dias, assim ...dez dias...onze dias...ou uma semana...ela até pensaria em tirá...que eu era muito nova, né....mas...ela...não falou nada....falou que não era pra tirá...aí ela também ficou com medo....que desse alguma reação em mim...pa...parar no hospital...").

As referências da reação do padrasto sugeriram pouco envolvimento responsável sobre a vida da "enteada" - ("...(E quando você ficou grávida, como é que ele reagiu?)...Ah...ele fa...falô que já sabia já....que eu ia fica grávida....do jeito que eu era....e ficou contente, né....vem um netinho....falô que ia comprá carrinho pra ele quando crescer....bicicleta...um monte de coisa...mas não ficou nervoso não...falô que já sabia....já sentia já...").

Pré-natal, parto e internação na maternidade

Quando a adolescente começou a freqüentar o PAIAG ("que tinha orientação pra menores, né"), ainda com 15 anos, já estava no terceiro trimestre da gravidez, passando apenas por três consultas médicas. C pouco participou das reuniões do grupo de adolescentes grávidas. No quinto mês de gestação, antes da matrícula no PAIAG, ela iniciara um pré-natal num serviço não especializado para adolescentes, mas também foi a poucas consultas, sugerindo dificuldades com relação ao acompanhamento da gravidez - ("...(início do pré-natal?) ...Com cinco...eu tinha uma preguiça de ir pro médico (sorri)... (...) ...(início no PAIAG)...eu tava com sete (meses)..... porque...a minha mãe ficava correndo pra lá...e pra cá...pra lá...e pra cá...(provável procura de pré-natal)").

Quando C entrou em trabalho de parto, esperou em casa que as contrações se intensificassem, telefonou para o hospital e foi orientada por uma técnica do PAIAG a passar pela avaliação obstétrica. Acompanhada da mãe, C foi à maternidade.

C parecia recordar-se com detalhes do trabalho de parto e das intervenções ocorridas, fornecendo uma descrição pormenorizada dos momentos sequenciais no hospital, como no atendimento inicial da avaliação obstétrica, o pré-parto e o parto - ("...ela mandou tirar a roupa....aí começou a apertar a minha barriga uma...umas menina....acho que tava aprendendo.... não sei quem era não...aí ela fa...a moça falou assim: "quantos minutos tu tá?"...aí já tava de cinco, já....aí ela...enfiam a mão na minha vagina....falaram em latação....tava de quatro....quatro dedo....aí limpavam....colocaram um monte de negócio....aí mandou eu tomar banho....aí colocaram um....um ca...um canudinho....pra limpa no ânus....aí ela mandou eu ti...mandou eu tomar banho....aí eu fui tomar banho....ela falou que eu não podia fazer nada....tinha que segurar....pra depois...pra depois fazer....aí tudo bem...aí...aí...ela colocou o meu nome lá no papel....aí e...eu fiquei um pouco lá...lá em baixo com minha mãe....é....não tinha ninguém no hospital...só tava só eu...eu...e uma menina....isso...e uma menina....uma mocinha....mas eu acho que tava com a minha mãe lá embaixo....aí a moça falou que era pra eu subir (para a sala de pré-parto)...").

A adolescente evocou uma despedida afetiva da mãe, na subida para a sala de pré-parto, após as avaliações obstétricas iniciais, momento em que a mãe estava mais próxima. A mãe parece que pouco pode lhe oferecer suporte psicológico, e provavelmente se emocionou com a despedida. C conversava com o bebê que ainda não nascera, parecendo buscar no filho, ajuda para o parto - ("...aí eu subi....dei um beijo na minha mãe....a minha mãe começou a chorar....aí eu fiquei mais nervosa ainda....porque eu não tava nervosa....aí a dor vinha e voltava....a maior dor....doía pra caramba....aí não vejo a hora de nascer, viu.... "filho, nasce logo....nasce logo"...").

C conversou com outras gestante em trabalho de parto, possivelmente buscando apoio e até cumplicidade para fortalecer-se. Rebelou-se contra a colocação de um soro, provável medicação indutora para aceleração do trabalho de parto - ("...aí uma...me...quando eu subi lá em cima tinha duas mulher tomando soro....só eu que não tava....aí...aí...eu fiquei conversando com elas...aí eu falei pra elas: "por que aquele soro?"...aí ela falou: "pra dor aumentar...pra ter mais lo...pra ter mais rápido"....eu falei: "ai...eu não quero isso não"...porque eu tava cheia de dor...e ainda vou colocar aquilo no meu pulso...acho demais...").

A adolescente confundiu a pressão do bebê no colo do útero com pressão de evacuação - ("...aí eu ia no banheiro toda hora...pensando que queria fazer fezes...toda hora ia no banheiro....aí eu deitava....ia no banheiro....deitava....aí quando eu levantei....ia estourá....a

bolsa estorou no chão...aí eu fui no banheiro...tomei banho...aí eu deitei...aí doía toda a hora a minha barriga...doía...doía...aí eu falava que ia fazer no banheiro....fazer fezes...mas não era (sorri)... (...) ..."eu não quero ganhar neném...eu quero fazê fezes" (sorri)...o meu médico dava risada falou: "não é C. ...é a cabeça do neném que quer sair"...").

Seus gritos, expressões comuns nos momentos finais do trabalho de parto, foram referidos como manifestações legítimas e possuidores de funções terapêuticas - ("...aí eu comecei a gritar lá...de dor...ela falou assim: "não pode gritar porque tem gente que quer dormir"...aí a menina do lado falou assim: "então a gente vai ficar...é...como é...sentindo a dor calada?"...aí a menina começou a gritar, né...de pirraça...aí a enfermeira lá, ficou com a maior raiva dela...aí eu comecei a gritar também....né....né....Nancy....ela não pode sentir a dor....assim se segurando...tem que soltar, né...aí ela falou assim: "é sua primeira vez C." ...eu falei assim: "é...eu vou...eu vou ficar segurando a dor".... (...) ...aí comecei a gritar...").

C teve parto normal. Após o nascimento do bebê, quando ele foi colocado sobre ela e começou a chorar, C chamou pela mãe, também chorando - ("...aí eu comecei a gritar...aí ela come....colocou....deu injeção...nestesia...aí eu fiquei calma....pela hora que eu tive (abaixa o tom de voz)....rapidinho....é, rapidinho....foi onze e meia....tive uma e quarenta... (...) ...daí...ela fez....lá...o negócio lá...costurou...aí ela colocou o neném em cima de mim... (...) ...aí o A. (bebê) começou a chorar...ficou aqui....no meu colo....no meu ombro...aí ela costurou...ela falou que era pra mim relaxar...pra mim respirar porque já tinha terminado...aí eu comecei a chorar...falando...é..."quero minha mãe...quero minha mãe"...").

Na maternidade, a adolescente recebeu a visita pouco tranqüila da mãe, que brigou com a filha do meio. C também recordou-se da visita de colegas e de técnicos do PAIAG - ("...aí a minha mãe veio...minha mãe...minha irmã...ainda minha mãe brigou com a minha irmã porque a minha irmã não tinha...não tinha...trazido o Modess... (...) ...aí trouxe fruta....refrigerantebolacha...aí foi embora....aí veio me vê...a V....a M....a senhora não veio me vê, né?...a senhora eu não lembro... (..) ...umas colegas minha também vieram...").

Pai do bebê

O pai do bebê era também adolescente. Um ano mais novo do que C, ele tinha 15 anos na época da entrevista. Era bem menos desenvolvido do que C: mais baixo, mais magro e com aparência mais infantil⁵⁸. Filho único, tinha o pai falecido e fora criado pela mãe. O relacionamento do casal adolescente parecia infantil, com brigas que evocavam um certo estado de arreliar-se, uma mistura de contato amoroso, agressividade e brincadeira - ("...Ai que (..) de bobo...palhaço ...(Vocês estão brigando?)...Não....tá dando risada... (...) ...ele):

⁵⁸ O pai do bebê estava na casa nos três encontros da entrevista.

"...tu não foi...né, magricela".... C respondeu-lhe dizendo que ele não a "enchesse", "seu retardado").

C falou que conhecia o pai do bebê há um ano e nove meses. Eles haviam tido um namoro descontínuo, com diversas separações - (".....nós começamos a saí....quando nós não se via mais....aí via....uma vez, outra...brigava....(Por que brigava?)...Ah...porque era mentiroso ...quando eu tava andando com ele, tava namorando com outra menina também... (...) ...(ele) começô a falá que era mentira...aí também nós não se via mais....só nos bailes mesmo...").

Como C, o pai do bebê também estava com problemas na escola. Faltava muito às aulas na época que a adolescente engravidou, e interrompeu os estudos na mesma época de C, no ano posterior à jovem ter engravidado - ("...Ele vai estudá agora neste ano....o ano que vem....ele parou... (...) ...Na sét.....na sexta....na sexta....porque os colegas dele pararam, ele também quis parar... (...) ...só sei que parô... (No ano passado...quando você engravidou, ele estava estudando?)...Tava... (...) ...parô neste ano...").

A mãe do pai do bebê referiu que o filho adolescente estava tendo problemas com uso de drogas e talvez com tráfico de entorpecentes. Disse que até por isso mudara de casa e de bairro, mas o problema continuava ali na nova residência. Segundo a mãe, o adolescente usava maconha e provavelmente cocaína. Ela fora conversar com um investigador de polícia, seu conhecido, e ameaçou denunciar a turma de rapazes que ela surpreendera dentro da casa, numa noite em que fingira sair para o serviço. Comentou que durante um tempo encontrou ameaças de morte pichadas no muro ou escritas na terra do jardim da frente da casa.

Parece que o adolescente estava tentando alguma inserção no mercado de trabalho, começando a fazer bicos - ("...(E ele trabalha?)...Han...han.(afirmando)...começô esses dias...de mudança...sabe...firma de mudança?...mas não é registrado...mas tá trabalhando...").

C parecia estar desenvolvendo uma relação amorosa com o pai do bebê, com expressão de carinho e de dependência de seus cuidados. Sugeriu também estar tentando compensar as carências materna e principalmente paterna, identificando-se com o filho para "recuperar" o próprio pai e a própria mãe - ("...Ah...tô bem.....melhor do que antes...porque antes ele era um moleque, né...não...ainda é...mas tá com mais cabeça.....tô bem... (...) ...(...chama ele de namorado ou de marido...de que?)...De amor... (...) ...os dois...marido...namorado...pai.....ah porque ele é tudo, né...porque ele me ajuda...me ajuda a dá banho nele (bebê)...passá a roupa dele.....que mais?...fazer a mamadeira.....porque nos primeiros dias eu também não tava podendo andar, né...fazer...mexer no gelado....quando eu

saí do hospital...aí ele que fazia tudo pra mim.....ele e minha mãe... (...) ..."eu tô lá por...mais por causa do A....porque eu gosto dele...se eu não tivesse...se eu não gostasse dele...eu não taria lá...taria aqui, com a senhora (mãe)"...").

Bebê

Menino, nascido de parto normal, tendo recebido o mesmo nome do pai, o bebê tinha um mês e sete dias no primeiro encontro da entrevista.

C mostrava-se carinhosa com o bebê, conversava com ele, ninava-o e parecia identificada com a criança - ("*...que é que tu qué?...manhoso...é colo?...fala...é colo?...(cheirou o bebê)...vai ficá perto de tu...ficá no colo...o A. (pai) acostumou ele no colo...tá com sono filho?... (..) ...aí quando eu tava na minha tia...aí meu peito fico mui...o peito começô a ficá assim...é.. por causa das veia...que acho que do leite...falei: "ele tá chorando...tenho certeza que ele tá chorando...vou pra casa"...*")

C estava dando o peito e mamadeira para o bebê, e enfrentava dificuldades com a amamentação e em alguns cuidados com a criança - ("*...(..você está dando peito e mamadeira?) ...Isso....pra cólica.....o médico falou que é bom....ele toma...*"). No primeiro encontro da entrevista, ela parecia estar se desculpendo porque não havia dado banho no bebê; já era de tarde e fazia frio.

A criança recebera presentes da mãe de C, da futura madrinha e também da avó paterna. O bebê sugeria possuir um certo poder de redenção perante os impactos e repúdios à gravidez de C - ("*...aí nasceu ele (bebê) e...ela (mãe) ficou toda boba... (..) ...aí minha mãe tava doente...aí quan...(..) pegô ele (bebê) já melhorô rapidinho (sorri)... (..) ...aí ela (sogra) pega ele (bebê) e brinca...*").

O bebê parecia representar para C algo seu, concreto, para trocar afeto, para lhe fazer companhia e até ser uma presença que lhe "ouvira" desabafar. C não considerava a irmã de 17 anos o suficiente experiente para escutar suas queixas, mas o bebê tão pequeno parecia desempenhar esse papel que a retirava, de alguma forma, da solidão - ("*...ainda vê....assim...que é teu.... (..)...(O quê que é teu?)...Assim...o neném...você tira isso da barriga...mexê.... (..)porque desde quando eu estava sozinha....queria desabafar com alguém....minha irmã não tinha experiência pra isso....aí eu converso com ele (bebê)...*").

Sogra⁵⁹ (família do pai do bebê)

A avó paterna do bebê estava oferecendo acolhida para C, provavelmente porque ficou cativada pela criança, apesar de chocada com o notícia que o filho adolescente era pai. A acolhida para a jovem e o bebê parecia incluir insegurança, receio e dúvidas, mas também ajuda. A senhora trabalhava num hospital, no período noturno, como auxiliar de enfermagem. Eu a encontrava na casa durante as entrevistas e ela freqüentemente queixava-se comigo. A sogra parecia muito preocupada e confusa sobre como proceder com as mudanças ocorridas pelo nascimento do neto e chegada de C.

A relação da sogra com C indicava forte ambivalência, provavelmente baseada no impacto chocante da notícia inesperada de que tinha um neto - ("...quando vim aqui, ela não sabia (três dias após o parto)...eu pensei que ele já tinha contado pra ela, né....aí quando eu vim aqui....aí eu apertei a campainha....aí ela atendeu....aí ela falou: "boa tarde"...aí eu falei: "boa tarde"...aí eu falei: "o A. está?"...ela falou assim..."não"...aí eu falei... "ai meu Deus...como é que eu falo?"...aí ela falou assim: "por que?...você está grávida?"...eu disse: "não....já ganhei já"... "ai, não acredito....péra aí que eu vou buscar a chave"....aí ela foi buscar a chave....ela me mandou entrar...ela pegou o neném...ficou olhando... (...) ...aí ela começou a conversar comigo...assunto sobre ela.... (...) ...Ah, ela falou ...que não sabia...que era pra eu vir aqui os nove meses...eu falei assim: "ah...eu não vim aqui antes porque não sabia onde que a senhora morava"...eu vim saber depois...que ela morava aqui...que eu não sabia...").

As avaliações mais negativas, que C parecia poupar para a mãe, foram direcionadas para a sogra. A adolescente queixava-se de que a sogra era muito calada. C chamava-a de tia e parecia às vezes irritada com ela, principalmente quando era criticada sobre os cuidados dispensados à criança - ("...eu não vou dar banho (no bebê) agora, tia...").

A sogra parecia envolvida com o bebê e às vezes denotava perturbar-se com a forma da adolescente tratar a criança. Dera o medicamento Plasil para fazer voltar o leite de C, que teria secado. Num dos encontros, a sogra disse-me que o bebê estava com catarro no peito porque C, mesmo aconselhada, não o protegia do sereno, e que a criança perdera a consulta com o pediatra da policlínica, porque C não o levava. Também comentou que aconselhara a C e ao filho o uso de fraldas de pano no dia-a-dia do bebê, para economizar o gasto com as fraldas descartáveis, que na sua opinião deveriam ser usadas para a criança sair ou ir ao médico. Falou que, como sempre, sua opinião não fora aceita.

⁵⁹ Encontrei-me com a "sogra" de C em quatro das minhas idas à casa. Uma descrição mais detalhada das observações sobre a "sogra" pareceu-me importante por proporcionar uma visão do contexto inter-relacional em que a mãe adolescente estava inserida, além de fornecer dados sobre a dinâmica do campo do trabalho das entrevistas com a adolescente.

A permanência da adolescente na casa não parecia definida nem como provisória, nem como condição mais estável. A sogra achava que C estava morando ali, esperando a providência do registro da criança, mas ela considerava que essa responsabilidade pertencia às duas famílias. Disse que era uma mulher sozinha e que sozinha tinha criado seu filho. Parecia muito receosa e desconfiada de estar sendo usada pela mãe de C.

Parecendo muito tensa, preocupada e chocada com a situação, a sogra referiu num dos encontros, que estava sofrendo de pressão alta, precisava desabafar e também solicitava minha intervenção com os jovens,⁶⁰ temendo uma nova gravidez de C. Disse que passara numa policlínica e pegara uma caixa com preservativos para dar ao filho. Ela parecia muito assustada com o envolvimento do filho com drogas e o mundo do tráfico e com as mudanças ocorridas na sua casa. Comentou que às vezes pensava em sair dali, ir morar sozinha e deixar que o filho e C procurassem seus caminhos. Disse que era calada e que andava muito nervosa e que por isso acabava falando pouco com o filho e com C, achando que eles ficavam unidos contra ela.

Provavelmente a sogra estava enciumada pela relação do filho com C e com o bebê. Num dos encontros, disse que o cãozinho estava preso porque havia feito bagunça, por estar muito ciumento do rapaz, que agora só lhe batia e não brincava mais, como fazia antes. Comentou que o filho passara somente a dar atenção para C e o bebê.

A sogra parecia afetiva com o filho. Na entrada de um dos encontros, a avó paterna do bebê comentou sobre um machucado na cabeça do filho adolescente que estava sentado no seu colo. C falou que um caibro tinha caído na cabeça dele. A senhora, brincando, disse que podiam aproveitar a abertura na cabeça dele para colocar algo de bom, e depois costurar. Disse que sabia o porquê do filho estar ali no seu colo; ele queria dinheiro mas "no dia trinta e um, a situação é zero". O filho a abraçava e ela falou brincando que "ia arranjar uma menina para cuidar". C comentou que também queria ter tido uma menina. O pai adolescente dizia: "uma menina...uma menina...para que?".

Aspectos emocionais

Apesar de sugerir estados depressivos, relacionados a perdas na pertinência familiar e social, C pouco se queixou. A adolescente expressava alegria, no envolvimento com o bebê. Sinais de angústia emergiam, ao falar de temas relacionados à separação da mãe (institucionalização e vinda para a casa da sogra).

⁶⁰ Retomando o enquadramento acerca da pesquisa, que já lhe explicara anteriormente, lembrei-lhe que eu apenas entrevistava diretamente a adolescente mãe e que não tinha intenções de uma intervenção terapêutica. Indiquei-lhe o serviço do PAIAG que prestava atendimento aos familiares das adolescentes do pré-natal. A partir do meu encaminhamento a sogra recebeu atendimento do programa.

Com o bebê, C parecia alegrar-se e consolar-se da solidão - ("...(Conversa com quem?)...Com o meu filho...(E o que você conversa?)...Ah....as coisas que tá se passando dia a dia....que nem eu tô falando com a senhora....quando eu tô triste...quando eu tô contente...ele não entende, mas fica escutando...(O que deixa você triste...atualmente?).....Eu me arrependi de ter vindo pra cá...mas eu não posso sair...").

C parecia às vezes confusa, tentando entender sua estada naquela nova casa, enfrentando as ambigüidades da mãe, as formas novas de vincular-se ao pai do bebê e à sogra - ("...Eu me arrependi de ter vindo pra cá...mas eu não posso sair porque...ela (sogra) quer que eu fico aqui.....aí minha mãe também chora quando eu vou pra lá...no sábado... (...) ...aí a gente conversa...ela fica chorando...pedindo pra mim voltar... (Por que você acha que não volta?)...Ai...eu também não sei...eu não sei se é porque eu gosto dele (pai do bebê)...que eu tô aqui...ou é minha mãe.....minha mãe falô... (...) ...porque minha mãe falô: "C., tu tá lá pôr causa do A....ou por causa da tua sogra?"....eu disse: "eu tô lá por...mais por causa do A....porque eu gosto dele...se eu não tivesse...se eu não gostasse dele...eu não taria lá...taria aqui, com a senhora"...).

Perdas

Apesar de pouco manifestar queixas, C sofreu perdas relacionadas aos sentidos de pertinência familiar e social, principalmente a partir do nascimento do bebê e da mudança de casa. Antes da gravidez, a pertinência escolar já estava em risco.

Não parece que C imaginava sofrer maior perda de liberdade quanto ao sair para passear, a despeito dos alertas (e presságios) da mãe quando descobriu a gravidez da adolescente. C no entanto, já sentia falta de passear e principalmente de ir a bailes - (".....(mãe) "tu não é louca...tê filho logo cedo...com dezessete, C.?...perder a tua liberdade toda...porque tu gosta de sair...não vai podê ir mais pros bailes...pras festas"...eu: "claro que eu vou pode ir"... (...) ...porque a minha mãe é ruim (com provável significado de valentia, sem expressão clara de queixa)...minha mãe fala: "tu não vai...se tu um dia ficar grávida, C., não vai sair pra canto nenhum...tu vai ficar...dedicando a ele"...eu falei: "eu sei"...mas...eu sinto vontade de ir pro baile sim....(Sente vontade?)...Sinto.....achei o de sábado uma boa...minha mãe falô que ia ficá com ele (bebê)...").

Alterações de dependência pessoal e econômica

A adolescente passava por uma fase de alteração conturbada, da mãe para a "desconhecida" sogra, no sentido de dependência para atendimento de suas necessidades

básicas. C morava e se alimentava na casa da mãe do namorado adolescente e não parecia entender bem de quem dependia financeiramente, a partir de sua "passagem" para outra referência de manutenção (e proteção). A preocupação com o dinheiro parecia mais centrada nas demandas do bebê, nas compras de medicamentos e fraldas - ("...sábado mesmo, eu pedi (para a mãe) pra comprar remédio pro ouvidinho dele (bebê), que ele tá com dor de ouvido, né...aí eu pedi cinco reais pra minha mãe, prá minha mãe comprá o remédio dele...aí ela me deu... (...) ...ela que me ajuda...quando eu peço dinheiro...é porque eu não tenho assim...porque ela (sogra) não é a minha mãe, né...porque tudo que eu peço assim pra minha mãe...dinheiro assim....ela me dá, né....mas...pra ela (sogra) eu não posso pedir...porque ela não é minha mãe, né...quem pede é o A....ela também de vez em quando...").

As doações afetivas estavam para C diretamente equiparadas com as doações concretas, principalmente do sustento material. A situação de enorme carência material, própria de seu estado de pobreza, podia contribuir especialmente para que C valorizasse o padrasto (porque ele iria no futuro comprar um carrinho e uma bicicleta para o bebê) e também recordar de um bom pai, que comprava roupas para as filhas e trazia refrigerantes para a mãe.

A adolescente dependia das condições de dinheiro da sogra para providenciar o registro do bebê - ("...Isso...tava faltando o dinheiro (para registrar o bebê)...tinha que resolvê uns negócios dela (sogra)...luz...a casa...pagar ainda...").

Cotidiano

A adolescente passava o dia na casa da sogra, em geral cuidando do bebê. Referiu que ajudava nos afazeres domésticos, mas parecia atrapalhada com as demandas da criança – ("...Eu arrumo a...eu...assim logo que eu acordo....já arrumo....já lavo a roupa dele...coloco na Enxuta.... (...) ...aí eu arrumo o quarto e arrumo a cozinha....e lavo a louça e guardo....e só...menos a sala....o banheiro....faço...feira...só isso... (...) ...deixo o sol...é....subi, pra colocá a roupa dele (bebê) lá fora...porque se não tiver sol....coloco aqui na Enxuta... (...) ...fazer comida) Às vezes eu...às vezes ela (sogra)...ou às vezes o A....hoje eu fiz.....ontem eu não fiz...").

Parece que C ainda pouco separava-se do filho tão pequeno, sugerindo dificuldades, não só internas, para deixar o bebê sob os cuidados de outra pessoa - ("...Ah....sei lá.....fico pensando...se ele tá chorando...se ele tá bem...se ela deu leite...se não deu...igual...quando tô...quando eu fui na minha casa, sábado, ele ficô com a minha mãe, né.....que foi...a gente na casa da minha tia...ele tava dormindo...aí eu falei: "aí, tu cuida dele direitinho que eu já venho"... (...) ...minha mãe, nem...sabe direito como é agora....cuidá de uma criança pequena (sorri).... minha mãe já desaprendeu tudo...").

Os finais de semana, quando ia para a casa da mãe, pareciam aguardados com ansiedade por C - ("...eu vou todo sábado pra lá, né... (...) ...Ah...quando eu vou pra minha casa...aí eu fico alegre e ele também... (...) ...fico aqui...segunda à sexta...quando é no sábado, vou pra minha casa e só volto no domingo pra cá...domingo à noite....aí...é mais convivência...tanto com pessoas que ficam lá...mato a saudade, quando venho pra cá (sorri)... (E nessa semana, aconteceu de você ficar mais dias lá?)...Han....han.....essa semana eu fiquei mais lá...").

Alterações da identidade

A adolescente considerava-se nova para ter tido o bebê com 16 anos, ao invés de aos 17 ou 19 anos, como era seu plano. Parece que a gravidez e o nascimento do bebê representaram um salto abrupto no seu desenvolvimento para a passagem de uma identidade mais infantil para uma identidade "de mãe". C brincava muito antes da gravidez - ("...Ah....era diferente porque eu pensava só em brincar...sair....pros bailes...agora mudou...um monte de coisa, só... (...) ...Ah...um monte de coisa...nem lembro....poste a poste...pula corda...").

A adolescente sugeriu a percepção do sentido de propriedade de ter um bebê e referiu algumas vezes o recorrente dever (e/ou ganho) de "responsabilidade", que mais pareceu uma repetição estereotipada da configuração social do papel de mãe e adulta, do que a posse de reais condições psicológicas para tanto - ("....(colegas falando) que é maió bonitinho....que não sei quê....que tem que ter responsabilidade... (...) ...É...mais responsabilidade...mais mãe agora...menos criança.... (...) ...eu pensava que...nunca ia mudá...ia sê aquele jeito mesmo..... ainda vê.... assim...que é teu.... (...) ...(O quê que é teu?)...Assim...o neném...você tira isso da barriga...mexê...").

C parecia confundir-se na avaliação das alterações ocorridas após a gravidez e nascimento do bebê - ("....Melhor...((É melhor do que você imaginava?)...Han....han... (afirmando)... (...) ...(melhor) não....porque desde quando eu estava sozinha....queria desabafar com alguém....minha irmã não tinha experiência pra isso....aí eu conversei com ele (bebê)...").

A sogra referiu que C era da "barra pesada" e que toda família tinha pouca responsabilidade, estando envolvida com roubos. A sogra comentou um furto que disse ter presenciado, quando C tirou da prateleira do supermercado uma fita adesiva para fraldas, escondendo-a dentro da roupa do bebê. Dados de uma certa "psicopatologia" da adolescência, como nesse exemplo do furto e também no uso maior de mentiras, pareciam

fazer parte das dificuldades de C, provavelmente mais perturbada pela situação da gravidez, nascimento do bebê e saída de casa.

Projetos

Aparentemente inundada daquelas experiências novas, com o bebê e com a mudança de casa, ou até porque nunca havia refletido muito sobre isso, C pouco comentou sobre projetos e aspirações.

A curto prazo, parece que C pretendia continuar morando com o namorado e a sogra (o que provavelmente era também o desejo de sua mãe) - ("...acho que eu vou ficar aqui mesmo...").

Antes da gravidez, C pensava em ter o primeiro filho com 19 ou 17 anos - essa última a idade em que irmã engravidara, separando-se da mãe. Disse também que pretendia ter outro filho, uma menina, quando estivesse com 25 anos e manifestou sonhos relacionados a ter uma casa - ("...Ah....eu pretendo ter uma menina....mas só quando eu tiver....com uns vinte e cinco anos.... com mais idade....e um lugar só pra mim morar...(Por que com mais idade?)...Ah...tô muito nova, né Nancy... (...)Eu sempre falava pra minha mãe, né...que quando eu tiver um filho, eu tenho que ter dezessete ou dezenove...acho que foi com dezessete mesmo...igual minha irmã...").

Sondada sobre desejos de profissionalização, C respondeu que gostaria de ser enfermeira, mas parecia perceber as dificuldades da realização desse desejo, que incluía a necessidade de estudar - ("...eu sempre quis...é...ser enfermeira... (...) ...é...mas tem que tê estudo, né...").

Auto-imagem, vaidade

Com cabelos até a cintura, trançados com fios artificiais que ela disse serem de "Canecalom", C tinha um corpo "de mulher", bem desenvolvido na altura, na curva da cintura e no tamanho das mamas. As muitas espinhas que C tinha no rosto, do tipo característico da acne da adolescência, foram relacionadas por ela, com a gravidez.

Em todos os encontros C apresentou-se limpa, bem arrumada e bem cuidada, apesar de vestida simplesmente. A adolescente disse não ter tido alteração quanto à vaidade.

A perda de peso foi uma modificação corporal lamentada por C, como uma "perda" no seu corpo de mulher mais desenvolvida - ("...É...emagreci mais...tava mais forte....e quanto as transformações...espinha...porque eu não tinha....aí chegaram, mas agora tão indo embora... (...) ...é...acho que...a vaidade é a mesma...que eu não perdi ainda.....só...emagreci

um pouco... (...) ...Era mais gorda....aí eu emagreci mais quando...eu tive ele...aí fiquei com o peso normal, que eu tinha....mas eu era mais forte mesmo assim....tô magra...acho que é....deu dar...amamentar também emagrece, né?...").

Drogas

A referência do uso de maconha e cocaína (além do envolvimento com o tráfico de entorpecentes) ficou localizada no pai do bebê. C negou uso abusivo de drogas, além de pouco uso de cigarro e álcool, apresentando um discurso contrário ao uso de drogas - ("...(Você conhece pessoas que fazem uso de outros tipos de drogas...como poeira...o crack ?)...Conheço... (...) ...esse negócio de usar...daí dá overdose...aí morre...aí fica igual uns loucos...aí, usam porque gostam... (...) ..eu nunca usei...").

Questões de gênero

Algumas questões próprias de relação de gênero ficaram sugeridas na observação da interação de C com o pai do bebê (e até deste com a mãe).

Quando solicitado pela mãe para buscar uma tábua de passar roupa, o pai do bebê insistiu muito com C para que ela fosse buscar a tábua, a despeito da adolescente estar amamentando o bebê. Ele, sentado no colo da mãe, falava repetidamente "hoje estou de folga" e parecia que, brincando, dava ordens para a adolescente. C foi buscar a tábua depois que o bebê adormeceu e então ele lhe pediu para que ela buscasse o ferro elétrico. C parecia submeter-se, com alguma obediência, à solicitação do namorado.

A adolescente parecia valorizar a reação positiva do namorado à notícia da gravidez, considerando-a rara no mundo masculino - ("...."tô grávida"...aí pensei que a re...que toda a reação dos homem é diferente, né...falava: "tô grávida....não acredito...como?...por que?"...já ele não...ficô contente...já abraçô minha barriga... beijou..."). O fato do namorado ter sumido e só ter feito contato no final da gravidez praticamente não foi criticado por C.

Aspectos "transferenciais"

A posição de C para comigo oscilava principalmente de duas maneiras: um estado cooperativo (com tranquilidade com minha presença e demonstração carinhosa por me encontrar) e um estado ansioso e "escorregadio" (com disfarces e uso provável de mentiras para se defender de prováveis fantasias ameaçadoras).

Por vezes, a adolescente me tratava mais à vontade, como a uma colega ou uma irmã mais velha, e em outros momentos, como a uma figura de autoridade, diante da qual tinha que retrain-se e usar de mentiras, como artifícios para se proteger.

Quando conversei com C sobre a pesquisa, ao encontrá-la no hospital na sua primeira consulta de pós-parto, ela aceitou participar de forma muito animada, parecendo orgulhosa por ter recebido o convite. No final do último encontro da entrevista, percebi que C provavelmente confundira "entrevista" com "revista". Ela talvez imaginara que seria alvo de alguma reportagem, ficando assim com uma expectativa maior (e envaidecida) por participar de uma pesquisa, dando entrevistas. Na minha chegada, na tarde do primeiro encontro, entretanto, C manifestara ansiedade, disfarces e constrangimento, desculpando-se porque ainda não dera banho no bebê.

Em outros momentos, C pareceu próxima e bastante afetiva, chamando-me pelo meu primeiro nome e expressando satisfação pela minha presença. No início de um outro encontro da entrevista, ao ficar cuidando do bebê, enquanto o amamentava e fazia dormir, pude observá-la tranqüila com minha presença. C parecia tratar-me como alguém próximo e não ameaçador. Esse estado mais à vontade comigo foi alterado principalmente no último encontro da entrevista, após a sogra ter referido que o pai do bebê tinha mentido para mim, com a provável cumplicidade de C. Notei que a adolescente estava tensa, balançava muito as pernas e parecia usar de mais defesas naquela entrevista, notadamente prejudicada por sua situação emocional.

Não só no terceiro (último) encontro da entrevista C deu indícios de mentir. Assim como fizera com a mãe, temendo castigos pela gravidez ("...eu mentia pra ela "), a adolescente também parecia usar de mentiras e disfarces diante de mim.

Reação dos familiares à minha presença

Minha presença na casa pareceu mobilizar muito a avó paterna do bebê. A sogra de C reagia à minha presença tentando um pacto de aliança e cumplicidade, solicitando ajuda, "desabafando" e fornecendo-me informações não solicitadas, parecendo querer colocar-me contra C (com ambivalência) e sua mãe. Geralmente ansiosa, manifestava um misto de expectativa e alívio quando me encontrava e, em geral na ausência de C, queixava-se da situação. Num dos encontros, notei-a pouco receptiva à minha presença, provavelmente porque frustrada no seu desejo que eu aconselhasse C e o pai do bebê, ajudando-a a lidar com os adolescentes e com a crise que se instalara com a vinda de C e do bebê para aquela casa.

Encontrei quatro vezes o pai do bebê na casa. Em geral, parecia desconfiado, um pouco arredio e arisco, e também envergonhado. Algumas vezes, o pai do bebê interrompeu a gravação da entrevista, entrando no quarto onde ficávamos eu e C, parecendo curioso e desconfiado. Segundo a sogra, o adolescente me enganou ao dizer que C não estava na casa na data combinada para um encontro e eu acabei indo embora.

Aspectos "contratransferenciais"

Além da posição de C (com muita mobilidade entre cooperação e defesa) demandar um trabalho técnico mais atento, as fortes e constantes interferências da sogra (com densas solicitações) e do adolescente pai do bebê (com ataques diversos), provocaram alertas e levando-me a algumas intervenções, que em parte prejudicaram o trabalho mais concentrado com a mãe adolescente. As interferências da sogra e do pai do bebê, apesar de que me pareceram contornáveis, foram especialmente atuantes no último encontro com C, quando escolhi limitar-me no aprofundamento dos temas e na duração da entrevista, tentando lidar com o montante de angústia e aumento das defesas da adolescente, efeitos prováveis das intercorrências da visita anterior, quando o pai do bebê me enganara. Nesse encontro, minha comunicação com a adolescente ficou mais perturbada.

Respeitar e aceitar as posições e interferências da sogra e do pai do bebê exigiram-me por vezes um trabalho emocional mais intenso, para lidar com algumas sensações de ser invadida ou enganada - provável identificação com sentimentos de C.

Discurso

De forma geral, a adolescente tinha um discurso muito expressivo, alterando a intensidade e o ritmo da fala, sorrindo e às vezes brincando. Usava com frequência algumas expressões muito sintéticas parecendo querer comunicar um conjunto grande de idéias e informações ("que não sei quê"), além de utilizar-se bastante do recurso de personagens em diálogo - ("...aí eu falei: "quem é?"...eu falei assim..."é o A....que mora lá no Macuco, né?"...ela: "O A....não é assim...assado?"...eu falei assim: "é esse mesmo...".... "é, mas ele tá namorando com a V....uma menina lá...lá perto da minha casa"... "mentira...então não é esse"... "mas...então vamos lá pra tu vê"...aí nós fomos lá...aí ela falô: "é...tô namorando com ele...que não sei quê...faz tempo...fazê meses já"...aí eu falei pra ele: "ó A....tu é maior mentiroso, né...tá namorando comigo e ao mesmo tempo que tá namorando com outra menina"...ele: "ah...é mentira dela...não sei quê"...").

C apresentava hesitações para o discurso mais livre, principalmente nos inícios das gravações ou quando parecia concluir algum assunto. Ela solicitava então minhas perguntas, parecendo desconcertada e constrangida e expressando um estado ansioso pela incapacidade

ou impotência de um "não-saber" falar sobre si mesma e sobre aspectos da sua vida sobre os quais talvez ainda não tivesse refletido - ("...Ai, eu não sei por onde começá.....ai, Nancy, eu não sei.....eu não sei falá.... (...) ...Ai...meu.....ai, eu não tenho palavra pra falar....(sorri)....não tenho... (...) ...(sorri)...Ai, Nancy....eu não tenho mais nada pra falar.... (...) ...Eu pensei que a senhora fala....eu falo as pergunta...a senhora fala e eu falo as respostas...as respostas....falá..... assim não sei ...só perguntando mesmo.... (...) ...ai Nancy, fala..... (...) ...Ah ...só mesmo a senhora perguntando....aí eu respondo...").

Nos assuntos relacionados às internações na creche e na maternidade, C falou sem interrupções e hesitações na narração, fornecendo muitos detalhes das recordações.

O discurso da adolescente às vezes apresentou contradições e confusões, provavelmente relacionadas a seu estado defensivo na relação comigo e com a mãe e a sogra ausentes.

C expressava um discurso muito afetivo ao falar com o bebê e com o pai do bebê - ("...(falando com o pai do bebê): Aqui, meu anjo...").

Apesar de ter usado somente um vez a palavra "Deus" (quando narrou sua chegada com o bebê na casa da sogra para dar a notícia do nascimento da criança), a adolescente fez algumas referências de conteúdos relacionados ao catolicismo. Disse que ela e o namorado eram católicos, comentou sobre orações diárias na instituição onde ficara internada, falou de uma vela acesa no quarto como um pedido de proteção para o serviço do namorado e referiu associação do aborto com pecado - ("...outras (colegas) já me falaram que eu não podia tirá... que era pecado...").

Noções de tempo

A adolescente apresentou confusões de delimitação de intervalos temporais, principalmente com relação à internação na instituição - ("...Ai....eu acho que era em novembro.... setembro.....foi um dia assimnão lembro ...o dia...").

Repetiu muito a referência dos 14 e dos 15 anos, parecendo um pouco "fixada" nessas idades mais próximas do que em referências mais antigas. C errou a própria idade e quase confundiu-se ao falar a idade do namorado - ("...(Você tem que idade?)...Quinze... (...) ...Não...vou fazer dezesseis....já fiz dezesseis (ela completara 16 anos há mais de quatro meses)... (...) ... (idade do pai do bebê)...Vin...quinze...vai fazer dezesseis agora também....eu tenho dezesseis e ele quinze...").

Análise da entrevista com N (16 anos)

Com quem estava vivendo?

Desde os dois meses e meio da gravidez, a adolescente estava morando com o companheiro, numa casa construída por ele.

Casa

A casa da adolescente ficava numa favela, em um bairro de periferia bastante pobre, na parte continental de São Vicente, cidade da Baixada Santista cujas zonas mais urbanizadas localizavam-se em sua parte insular⁶¹. Era um local de difícil acesso para quem não conhecia a região. Ali não havia calçamento ou serviços de esgoto e os serviços urbanos de coleta de lixo também eram precários. A região da casa de N recebera ocupação desde 1990, sete anos antes da realização da entrevista. As áreas eram todas invadidas e havia um comércio ilegal de venda de terrenos. A região era considerada imprópria para a moradia pois ali, em anos anteriores, houvera depósito de resíduos tóxicos de indústria química. Problemas de saúde dos moradores do local foram relacionados à contaminação dos lençóis freáticos. A água potável, para consumo e preparação de alimentos, passou então a ser recolhida pelos moradores, em dois reservatórios instalados no bairro, que tinha o nome de "Quarentenário". No passado, ali fora uma zona rural, destinada à quarentena de gado doente que, após a morte, era enterrado em covas rasas, cobertas com areia. A região era tida como violenta e algumas vezes recebia "desova de cadáveres", frutos da criminalidade local e da Baixada Santista.

A casa de N era uma construção de alvenaria em forma de quadrado, coberta com folhas de zinco. Havia uma única porta na frente dando para o espaço interno, que incluía dois ambientes separados apenas por uma cortina, no espaço de uma porta. O ambiente da entrada, com piso de cimento coberto em parte com uma forração, parecia funcionar como sala, quarto e cozinha, apesar de não incluir pia ou tanque. Ali havia uma cama de solteiro, um berço, um guarda-roupa integrado a uma estante (com televisão portátil, um pequeno aparelho de som, um ventilador e um violão), uma geladeira e um fogão (de aparência nova), um botijão de gás, uma máquina de lavar e uma estante aberta de módulos de metal gradeado com painéis, alguns mantimentos e muitos vasilhames plásticos de refrigerante (provavelmente utilizados para a coleta da água potável). A ventilação do local era feita por um pequeno vitrô, fechado com grades de ferro. No outro ambiente, separado pela cortina, havia uma pia, um vaso sanitário, um box com cortina plástica, um tanque e alguns baldes e

⁶¹ ⁶¹ Dados da história desse bairro foram pesquisados por M.I.Calil, *Memória viva da Vila Ponte Nova/Quarentenário*. In: **Ação comunitária**, 1996, p.79-100.

bacias com roupas de molho. N disse que ali era sua cozinha (talvez referindo-se à pia), seu banheiro e sua área, "tudo pequenininho". Sentávamo-nos na cama para a realização das entrevistas, já que na casa de N não havia cadeiras nem mesa.

Nas três vezes em que estive na casa de N, observei os dois únicos ambientes da moradia bem arrumados e limpos, mas o cheiro do local era sempre muito desagradável, pois ao lado da casa havia valas abertas de esgoto.

No bairro em que N morava existia alta concentração de população e barracos. Muitas crianças andavam e brincavam pelas ruelas sem calçamento. Havia muitos homens, em pequenos bares que se espalhavam por ali. As entrevistas ocorreram no começo da tarde em dias de semana, de maneira que esses homens eram provavelmente desempregados ou desocupados. Em geral, as mulheres ficavam próximas dos barracos, envolvidas em atividades domésticas.

Muitos parentes da adolescente e de seu companheiro moravam no bairro: irmãos e cunhados de N, a mãe da adolescente, a família de uma irmã do pai do bebê, uma outra família do sogro de N (mulher e filhos) e a mãe da sogra da adolescente (bisavó do bebê) - ("....Tem...tem muitas famílias....muitas pessoas da família aqui...").

Durante as quatro vezes em que fui ao encontro de N (pois num dos encontros marcados para a entrevista, ela não estava em casa), notei, além de muitos cães soltos, vários animais próximos da casa da adolescente - gatos, galinhas, uma cabra (presa ao lado do terreno onde estava a casa de N) e um cavalo (montado a pelo, por um rapaz). A região tinha algumas características de área rural⁶².

Dados da história de vida

A adolescente era nascida e fora criada até os 14 anos em Estância, cidade litorânea de Sergipe, próxima de Aracaju. A mãe da adolescente tivera nove filhos, os dois primeiros de companheiros diferentes e mais sete, do pai de N. N era a filha caçula. Tinha três irmãs mulheres, e cinco irmãos homens. Sua irmã mais velha tinha 22 anos mais que ela.

Sobre sua infância, N contou que morava com seus pais e com seus irmãos em Sergipe. Disse que tinha lá muitas amizades, viajava e saía muito, ia nos trios-elétricos e passeava numa pracinha que havia na cidade. Evocou a infância como uma época de divertimentos e liberdade.

Quando N tinha 11 anos, aconteceu a separação de seus pais. A adolescente referiu não saber o motivo para o ocorrido - ("...(Mas você imagina...qual seria o motivo dessa

⁶² Cantos de passarinhos e de galos, além de falas de papagaios apareceram no fundo da gravação da entrevista.

separação (...)?)...Num imagino...(Você não pergunta?)...Também num pergunto...(Nem ela (mãe) fala?)...Nem ela fala...(E os irmãos...o que acham disso?)...Os irmãos...ah ..logo no começo, né...era mó...era...uma coisa...que nunca poderia acontecer, né...mas...aconteceu...acostumô...agora tá tudo bem...). Após a separação, a mãe ficou com os filhos e o pai foi morar com uma irmã - ("...todos ficaram com a minha mãe...aí ele...foi morá com a minha tia...depois...que eu vim com a minha mãe..."). Segundo N, após a separação, os pais nunca tornaram a se unir com outros companheiros.

Com 14 anos, N veio do Nordeste acompanhando sua mãe, que visitava filhos que já estavam morando na Baixada Santista. N não sugeriu que houvesse intenção de migração. Essa visita da mãe de N durou um ano e meio e N acabou ficando na casa de um irmão. O pai ficou em Sergipe, com cinco irmãos de N (um deles, somente filho da ex-companheira), voltando a morar na casa onde residia com a ex-mulher - ("...Ah...aí ele...quando eu vim...pra cá com minha mãe...ele ficô lá com...mais cinco irmãos...aí veio um agora...ficaram quatro com ele...ele voltô pra casa... (...) ...Pra minha casa...pra casa da minha mãe, né (sorri)...onde nós morávamos... agora ele tá lá...com meus quatro irmãos... (...) ...São três...filho dele...e um que não é... (...) ... quando ela chegô lá ...ele estava na minha casa..."). Os pais de N pouco se falavam - ("...Ah...eles num se falam...eles se falam assim...se for num caso...de muita precisão...precisá mesmo...aí ele...chegam a...falarem.....do contrário...").

Mãe

A mãe de N tinha mais de 50 anos. Como a adolescente, possuía traços indígenas. Com 16 anos, teve sua primeira filha, e a deixou aos cuidados de sua mãe, que deu a criança para outra moça criar. Teve mais um filho, com outro parceiro, até se unir ao pai de N, com quem teve mais sete filhos - ("...a minha mãe...ela viajô...era muito nova quando teve ela...tinha... dezesseis anos...aí deixou ela com a minha avó...aí foi trabalhá em outra cidade, né...aí minha vó deu ela pra essa moça criá...aí...depois quando minha mãe voltou...ela já tava com essa senhora...aí...minha mãe deixou ela com ela...que ela tinha outro filho...teve outro filho...tamb...foi um homem...foi meu irmão....aí minha irmã casô...ficô morando com essa senhora...aí ela depois casô...mas elas sempre se viram....tá muito bem ela (.).").

Logo que N iniciou o namoro com o pai do bebê, sua mãe voltou para Sergipe, não estando próxima da filha durante a gravidez, retornando para a Baixada Santista, em data próxima ao parto de N (provavelmente após). Permanecia morando ali no bairro, parece que planejando ficar mais alguns meses, enquanto esperava o parto de outra de suas filhas, grávida de seis meses, de um segundo bebê.

N falava da mãe de forma respeitosa e de certa forma carinhosa, sugerindo manter com ela um relacionamento sem conflitos aparentes – ("...Nenhum dos dois batia...meu pai nunca me bateu...minha mãe batia assim...quando era necessário, né...eu nunca tive medo... (...) ...Ah...um irmão meu, né...ele gostava de...de me batê...mas minha mãe nunca deixô (sorri)...(A mãe protegia?)..É ..minha mãe protegia...").

A mãe de N não tinha trabalho fixo - ("Ah...a minha mãe vendia algumas coisas, né...(.)...assim...peixe...que a minha mãe vendia peixe...". Parecia ser uma mulher muito simples. Ficava na casa dos filhos e parecia respeitada na sua condição de figura materna, provavelmente uma autoridade mais forte que o pai - ("...Ah...ela vai voltá pra casa, né...(Dela?)...Dela...(E ele Pai), vai ficar onde?)...Ele vai tê que saí...").

Realizando a entrevista, por duas vezes encontrei com a mãe de N. Ela me pareceu ser uma mulher muito silenciosa que, mesmo praticamente não falando comigo, conseguia passar cordialidade. Em dois dos encontros, o bebê de N esteve no seu colo.

Pai

A adolescente referiu ter sido a filha preferida do pai - ("...ah ..eu sempre fui o... salgadinho dele, né...a mais nova...era assim...tudo era pra mim..."). Fazia dois anos e meio que N não encontrava seu pai. Disse que sentia saudades dele, que lhe escrevia e telefonava mas que não tinha retorno de suas tentativas de contato com ele.

O pai da adolescente era pescador e antes trabalhara em uma tecelagem - ("...meu pai trabalhava na fábrica de tecido...tecelagem....ele saiu...depois começô a pescá...ele tinha um barco...aí pescava....acho que até hoje ele pesca..."). N negava diferença na relação com o pai, trazida pela separação do casal. Para a adolescente, parece que a separação do pai acontecera com a mãe e não (ou pouco) atingira a relação que o pai mantinha com ela e com os irmãos (talvez já pouco próxima) - ("...ah....ele se separô da minha mãe...eu tinha onze anos...quando eles se separaram....ah...mas pra mim...ele continua sendo o mesmo...nunca mudou nada na minha relação com ele... (..) ...depois que eles se separaram que ele foi morá na casa da minha tia...também...continuô assim...num mudô nada...na ação dele com os filhos..."). N evocava um pai muito mais passivo que ativo.

A adolescente referiu sentir a falta do pai, mas não fazia críticas a sua ausência. Parecia "aceitar" a distância paterna, entendendo-a como condição da personalidade dele. N sugeria manter uma posição respeitosa diante do pai, mas não escondia a expressão indireta de alguma queixa de abandono - ("....eu falei com ele, né...escrevi uma carta pra ele falando (da gravidez)... mas ele num me respostô... (...) ...Telefone....ele fica sempre calado... (...) ...É difícil...ele falá alguma coisa.....(É você quem liga ou é ele?)...Eu....(E é você quem

escreve?)...Han...han (concordando).....ele sabe de...ele...a gente sabe de notícias dele porque meu irmão escreve, né...de lá, falando...mas pra ele escrevê...nem telefoná...ele num faz isso.....o jeito dele, né...(fala com voz um pouco trêmula)").

Amizades

Não referiu amizades feitas após a migração, ficando um tempo sem freqüentar escola, quando chegou do Nordeste. Os numerosos parentes que moravam naquele bairro pareciam ser seu único grupo de referência social, constituindo uma rede familiar de ajuda e sentido de pertinência. O próprio pai do bebê pertencia a esse grupo; ele era sobrinho de uma cunhada da adolescente e N o conhecera na casa de seu irmão.

Os únicos amigos referidos por N foram os da infância, passada no Nordeste.

Escola

A adolescente já estava distanciada da escola quando engravidou.

N parecia ter boas recordações da escola do Nordeste. Disse que lá repetira a 2ª e a 4ª série, "porque não se dedicou". Em Sergipe, freqüentara escola desde os cinco anos - ("...Entrei na escola com cinco anos... (..)....É...quando meus irmãos iam pra escola, eu ia atrás....minha mãe que fala...").

Quando aconteceu a migração, N ficou fora da escola. Em Sergipe, ela estava estudando, passara para a 5ª série e quando veio, estava de férias (era mês de dezembro). Acabou ficando na casa de um dos irmãos e referiu que quando quis se matricular, para estudar aqui, não conseguiu vaga. Começou a trabalhar e quando conseguiu alterar o horário do seu serviço (das seis da manhã ao meio-dia), matriculou-se no período noturno. Não se adaptou à escola. Queixou-se da bagunça dos colegas e de muito barulho. Provavelmente, pelo período escolar noturno, o grupo de colegas era constituído de pessoas mais velhas do que os colegas da escola, em Sergipe e a adaptação não aconteceu.

Depois de alguns meses freqüentando a 5ª série - com o namoro com o pai do bebê iniciado, a mãe tendo voltado para o Nordeste, e provavelmente após as férias de julho - a adolescente acabou saindo da escola, uns dois meses antes de engravidar - ("...(saída da escola) Em junho... ((...)...você só freqüentou o...naquela época o primeiro semestre?...Só o primeiro semestre...(E já estava namorando o J?)...Já...(Então a saída da escola e da padaria não teve a ver com a gravidez?)...Não...(Mas você acha que teve a ver com o namoro?)...Também não....eu saí...porque eu quis da escola....").

N não parecia possuir uma valorização dos estudos, não evocando sentimentos de fracasso ou constrangimento por abandonar a escola e tampouco referindo projetos de retornar a estudar.

Histórico de trabalho

Com 14 anos, depois que veio do Nordeste, parece que N teve o primeiro e único emprego (não foram sondados mais dados acerca do histórico de trabalho). A adolescente trabalhou numa padaria, inicialmente no período das quatro horas da tarde às 10 horas da noite. Depois, passou a trabalhar das seis da manhã ao meio-dia, quando voltou a estudar.

Largou o serviço logo após ter sido registrada, depois de quase um ano de trabalho. Segundo a adolescente, o patrão dava-lhe ordens e ela não gostava que ninguém mandasse nela - ("...num dava muito bem com o meu patrão aí...eu preferi saí..."). Nessa época ela conheceu o pai do bebê e iniciara o namoro.

Antecedentes da gravidez

O namoro com o pai do bebê iniciou-se quase um ano e meio depois da migração. A mãe de N voltara para Sergipe, após "ter dado permissão" para o pai do bebê namorar a adolescente, atendendo ao pedido do rapaz. Em seguida, N saiu do serviço (quatro meses antes de engravidar) e abandonou a escola (uns dois meses e meio antes de engravidar) – ("...eu saí da padaria em maio e fiquei grávida em agost...em setembro... (Mas você já tinha conhecido o J?)...Já...já tinha conhecido...(Já estavam namorando?)...Já... (E você saiu em que mês da escola?)...Em junho... (...) ...eu saí...porque eu quis da escola....e da padaria...também porque num tava dando certo...").

Gravidez

A gravidez de N pode ter sido instrumentalizada para que ela alcançasse a realização do desejo de casar, ter uma casa e uma vida independente, porém integrada com seus familiares.

Provavelmente cerca de quatro meses após o início do namoro (pelos cálculos das datas referidas por N), a adolescente engravidou. As relações sexuais com o namorado ocorriam sem uso de método contraceptivo indicando como uma procura mesmo que passiva da gravidez. Indagada sobre o risco de gravidez, disse que pensava: "se ficasse..." - referindo-se à aceitação (ou desejo) da possibilidade de engravidar.

N apresentou ambigüidade quanto a avaliação de ser ou não muito nova para ter filhos. A adolescente comentou que sua mãe teve a primeira filha com 16 anos, e que era

muito nova. Também achava-se nova para ter um bebê, mas parecia que procurara a concretização da gravidez como que para assegurar uma situação de casamento - (".... (Você falou que ela era muito nova quando teve a sua irmã mais velha...com dezesseis anos...você se acha muito nova para ter tido a A.B.?) Me acho... (Acha? ...você passou a se achar nova depois que teve...depois que engravidou...ou antes você já achava isso?)...Antes eu achava...((...)) você tinha a intenção de ter mais tarde...um bebê...((...))?) Tinha sim...a intenção de ter mais tarde...mas aí...aconteceu...").

O pai do bebê assumiu a gravidez e a companheira. Primeiramente, o pai do bebê tentou levar a companheira para morar com seus pais (dele), mas ocorreram conflitos de N com o "sogra" e a adolescente "achou melhor não ir". Com um mês e meio da gravidez, o pai do bebê começou a construir a casa (a que moravam) e o casal logo passou a morar junto - ("...Bem...num fui eu que pensei em morá lá...foi o Jr. que deu essa sugestão pra gente ir pra lá, né... (Antes de começar a construir aqui?) Antes de começá...muito antes de começá a construí aqui....o Jr. falô até com o pai dele...a mãe dele aceitô...tudo bom...tudo bem...mas o pai dele não...num aceitô não...").

Reação social à gravidez

Parece que não houve nenhum impacto da gravidez na família da adolescente, evocando uma certa naturalidade na recepção do acontecimento, como algo dentro do esperado (ou desejado). Na família do pai do bebê, no entanto, especialmente com o "sogra" e sua outra mulher (não a mãe do companheiro de N), a gravidez e o "casamento" ocorrido foram repudiados.

A posição do sogro e de sua outra mulher pareceram fazer o contraponto necessário para a união do casal e proteção da gravidez. O sogro queria o aborto e sua outra mulher não queria que o pai do bebê assumisse a companheira. Assim, ficavam como que "inimigos" da gravidez e do casal, contra os que "davam força" e apoiavam N e o pai do bebê - ("...aí a...essa outra mulher ficou enchendo a cabeça dele, né...aí foi quando ele falou que não...que num queria...que não aceitava...não....aí o Jr. tinha comprado aqui esse terreno...aí começô a construí...aí a gente viemos pra cá... (...) ...Até hoje nós estamos aqui...aí, quando eu fiquei grávida...eu já estava grávida já...mas só que...o pai dele não sabia...foi quando ele falô...pro pai...aí o pai dele queria que eu abortasse...a mulh...a outra mulher do pai dele também...queria que ele me deixasse grávida e saísse fora...aí ele não aceitô...aí foi quando o pai dele ficou com raiva de mim...e com raiva da irmã dele porque ela deu força pra gente ficar juntos, né...até hoje não me dou bem com ele...").

Pré-natal, parto e internação na maternidade

A adolescente participou ativamente do programa de pré-natal, freqüentando oito encontros de grupos de adolescentes gestantes e realizando sete consultas médicas de pré-natal. O pai do bebê a acompanhava nas idas ao hospital, para o pré-natal. N teve parto cesárea.

Apesar de N já conhecer o hospital, local onde funcionava o programa de pré-natal, queixou-se da situação de internação. A adolescente referiu as visitas do companheiro e de familiares, na maternidade - ("...O parto...foi bom o parto...apesar de ser cesária, né...eu...sofri um pouquinho (sorri)...com as contrações....o neném já tava já pra nascer...aí ela tinha evacuado ... aí os médicos preferiram fazer cesária....mas correu tudo bem....foi rápido também....depois eu fui pro quarto...quando acabô...às onze horas eu fui pro quarto e às três da manhã levaram ela...levaram ela do berçário...aí eu fiquei com ela lá....só saí na quinta-feira....entrei na terça no hospital e saí na quinta.... (...) ...(O que você achou de ficar num hospital?)...Horrível, né.... (sorri)...aí...uma sensação ruim...tá ali trancada sem poder fazer nada... horrível tá no hospital ..imagina as pessoas que ficam dias e dias lá....(E quem foi visitar você?)...Ah...foi o Jr....a minha irmã ..e minha cunhada foram me visitá...o Jr. ia tod.. todo dia....na visita das duas horas e na das sete horas da noite....ele ia...quando eu ganhei ela na terça-feira ..na quarta-feira às oito horas ele foi lá....me vê.....(sorri)").

N parecia avaliar o programa de pré-natal, como algo valioso, que ela possuía nessa nova etapa da sua vida. No primeiro encontro da entrevista, falava sobre o que tinha aprendido a respeito de cuidados com bebês, parecendo orgulhosa daquelas aquisições.

Bebê

A adolescente teve uma menina. O bebê tinha pouco mais de um mês no primeiro encontro da entrevista. Era amamentado exclusivamente no peito e parecia bem cuidado.

N referiu estar muito feliz com a criança - ("...Eu esperava...uma menina, né....eu queria uma menina....aí...veio uma menina (sorri)..."). A adolescente disse que foi maravilhoso ter tido o bebê. Perguntei-lhe o que especialmente tinha sido maravilhoso. Ela respondeu-me: "tudo".

N comentou que sempre que eu ia lá, o bebê estava dormindo. Num dos encontros, quando o bebê acordou, N o acalentou até a criança voltar a adormecer. Mãe e bebê pareciam tranquilos. N parecia natural no seu papel materno de cuidado e proteção da criança. Quando N comentou que o bebê havia tomado vacina BCG e que estava

"enjoadinha", não deixando "ninguém dormir à noite", parecia carinhosa e paciente com a filha.

Na casa de N, o berço ocupava a parte central do pequeno ambiente. Logo da porta de entrada via-se o berço, todo decorado com bichinhos de pelúcia e roupas de cama, novas e coloridas. Numa pequena cômoda com gavetas, integrada ao móvel do berço, estavam colocados de forma cuidadosa, produtos de higiene de bebês (talco, caixa de lenços umedecidos, escovinha de cabelo e pente) e também alguns brinquedos.

Quando perguntada sobre projetos futuros, N comentou que apenas pensava no futuro da filha, "como ficará...depois vai andar...se vai para a escola". Disse que queria tudo de bom para a filha e para si própria.

Pai do bebê

O pai do bebê parecia cooperativo, protetor e provedor para a adolescente e o bebê. N chamava-o de marido. O casal não estava legalmente casado, mas a união parecia possuir o significado de casamento.

Na casa de um de seus irmãos, a adolescente conheceu o pai do bebê. Ele era sobrinho da cunhada de N - ("Ficamos juntos" e depois de um tempo, "ele pediu para a minha mãe para namorar comigo"). A mãe de N, nessa época, estava para voltar ao Nordeste e consentiu o namoro.

O pai do bebê aparentava ter uns 20 anos (esse dado não foi levantado). Trabalhava no serviço do pai, numa oficina mecânica para automóveis, em Santos (cidade onde funcionava o programa de pré-natal). Logo no início da gravidez (com um mês e meio), quando aconteceu a discórdia de seu pai com N, o pai do bebê começou a construir a casa, no bairro onde N já morava, na periferia de outro município.

O pai do bebê foi participativo durante a gravidez e parecia ter papéis mais convencionais de marido e pai - assumiu a namorada como esposa, enfrentou a discordância paterna, construiu uma casa e sustentava a família.

Por duas vezes, o pai do bebê foi meu "interlocutor", ajudando-me a agendar encontros com N. Na ida ao primeiro encontro com N, o pai do bebê ofereceu-se para me acompanhar até o bairro onde morava com a adolescente e o bebê, visto a dificuldade de acesso para quem não conhecia a região. Fomos no meu carro e pouco conversamos. Ele me pareceu tímido, porém cooperativo e respeitoso. Parecia ter mais crítica e maturidade do que a adolescente e quando se referia a ela, tratava-a de certa forma, como uma mulher protegida por ele. Disse-me que queria mudar daquele bairro que moravam. Ele parecia um

pouco constrangido pelo local onde estavam morando, dizendo que lá era "longe da civilização".

Família do pai do bebê

As poucas queixas manifestadas na fala de N disseram respeito principalmente às dificuldades com o sogro e com uma de suas mulheres (não a mãe do companheiro de N). Outros parentes do pai do bebê (mãe, irmã) pareciam estar já referidos como familiares de N - ("...A família do Jr....com a mãe dele...eu me dou super bem...agora com o pai, né...é que a gente somos meio...arranhados...é... (...) ...Ah...porque...da outra mulher que ele tem...porque ela fica enchendo a cabeça dele...contra mim, né...contra mim contra o Jr....contra a outra irmã dele...M....aí fica assim jogando um contra o outro...").

A adolescente parecia identificar-se com a mãe do companheiro, talvez para rivalizar com o sogro e sua outra companheira, que repudiaram a gravidez e a união com o pai do bebê - ("...Com a mãe do Jr....eu me dou super bem com a mãe dele....acho que ela não tem nada a ver com isso com a minha briga com o pai dele, né...ela nun...nunca falou nada pra mim...nunca me tratou mal....sempre esteve do nosso lado... (Você a visita ou ela visita você...)...Eu a visito ou ela vem aqui... (...) ...Ontem ela veio aqui....sempre a gente tâmo se vendo...").

O avô paterno do bebê conheceu a criança durante os dias da realização da entrevista - ("...ele veio vê a neném ontem...desde de quando ela nasceu, o pai dele veio vê ela ontem... (Conheceu ontem?) Conheceu ontem... (E como foi (sorri?)) Ah...foi tão rápido...ele chegô aqui...ela tava mamando, né...ele chegô até a porta olhou e voltou.....(sorri)... (Como?) Ele chegou até a porta...eu tava aqui sentada dando mamá pra ela...olhou a neném dali mesmo onde tava e voltou...foi pra casa... (Nem chegou a entrar na casa?) Num chegou nem a entrar.....a mãe dele sempre insistia pra ele vim vê...num sei porque que ele veio...").

Quando eu telefonei pela primeira vez para N - para marcar o primeiro encontro da entrevista, pois conforme combinado quando ela saíra da internação na maternidade - fui atendida por um senhor, que era o sogro de N, que disse que a conhecia sim, que ela era casada com seu filho, mas que eles não moravam ali. Eu me identifiquei e solicitei o endereço ou telefone de N. De forma bastante grosseira, ele falou que não sabia onde eles moravam.

Aspectos de sexualidade

A primeira relação sexual da adolescente ocorrera com o pai do bebê, dois meses após o início do namoro. Foram para um motel depois de decidirem "de comum acordo", ter a primeira relação sexual. N disse que essa primeira relação sexual foi muito boa e que depois ficou melhor. Eles não usavam, na época, nenhum método contraceptivo.

N menstruou pela primeira vez com 12 anos, quando ainda estava em Sergipe. Ela parecia saber muito pouco sobre o funcionamento de seu corpo e assustou-se com a menstruação - ("...(você já sabia como que era a menstruação?)...Não ..eu não sabia, né ..levei mó susto também... (Alguém já tinha explicado alguma coisa para você?)...Ah sim ..minha irmã ..me explicava bem pouca coisa ..aí (...). (Como é que foi?) ...Ah...eu senti antes de ir pra escola...eu tava...eu ia tomá banho pra ir pra escola...aí eu vi...aí eu levei um susto, né...comecei a gritá...comecei a chorá...aí minha vizinha falou pra mim que era normal.....daí eu ..(.) num teve mais nada (sorri)...me menstruando...").

Quando indaguei, no primeiro encontro da entrevista, como estava sua vida sexual, N enfaticamente disse que estava "ótima". Falou: "nem eu, nem ele, temos do que reclamar". Depois disse que não estavam tendo relações sexuais desde antes do bebê nascer.

Numa consulta de puerpério, ocorrida durante a fase das entrevistas, N foi orientada para uso de contraceptivo oral, próprio para período de amamentação, além do uso complementar de camisinha. A adolescente usava aqueles métodos contraceptivos pela primeira vez. A cartela de pílulas anticoncepcionais ficava fixada com um ímã, na porta da geladeira. A adolescente não parecia ainda adaptada com o uso da camisinha. Quando N falava sobre métodos contraceptivos parecia disfarçar insegurança e constrangimento - ("...a doutora V. falou que tem que usá o remédio...durante vinte a vinte e cinco dias...mas tem que ter relações com camisinha...que é pro remédio podê fazê efeito...(faz barulho com a garganta)...(E vocês usaram camisinha?) Usamos... (Você já tinha tido alguma relação sexual com camisinha?)...Não... (O quê você achou?)...um....ah...tem diferença, né... (Tem ou não?) Pequena diferença, né....mas (...) ..tudo bem...(Você fez uma expressão de quem não gostou...por isso que eu estou perguntando...)É...").

Questões de gênero

N parecia possuir com o pai do bebê um relacionamento convencional de casal. O pai do bebê ficava com o papel do homem provedor e protetor enquanto ela ficava com os papel mais convencional feminino, de mãe e esposa. Ele trabalhava fora o dia inteiro, e em outra cidade, enquanto ela cuidava dos afazeres domésticos e do bebê. N não parecia evocar

nenhum conflito nessa distribuição de papéis, em que a competição não parecia existir, ou ficava bem controlada.

N parecia deter bastante poder na relação, como que concentrando as decisões do casal, enquanto o companheiro providenciava a realização dos desejos da companheira.

A adolescente parecia ter sido pouco submissa perante o patrão, os irmãos homens e o sogro. Referiu que saíra do trabalho porque não gostava que ninguém mandasse nela - ("...Os meus irmãos?...ah...eu tenho me (.) super bem....eles num se metem na minha vida...isso que importa...pra mim.... (...) ... aí ele (sogro) num fala comigo eu também num falo com ele....").

Alterações na identidade

N parecia mais uma esposa adulta que mãe adolescente. Não se queixava da falta de passeios e liberdade para sair. Sugeria nem pensar sobre isso. Ela não estudava, não trabalhava e parecia que tinha conquistado o status da "esposa", dona de casa e mãe e estava vaidosa do papel social adquirido.

Quando comentou que todas as irmãs eram casadas e que apenas três irmãos "ainda estavam esperando para ver se arrumavam casamento", N parecia dar muita importância a esse aspecto da identidade - ser casada. Disse que "casada, casada, não" estava, mas que chamava o companheiro de marido.

A adolescente disse que se sentia muito bem sendo mãe, parecendo exercer com tranquilidade os papéis de cuidado com a criança. A aquisição da identidade de mãe parecia sentida como gratificante porém difícil de ser explicada - ("...Você está se sentindo como...agora...como mãe?...Ah...eu tô super feliz, né.....num tem como....num tem como a gente...falá o que a gente sente....acho que eu...não consigo falar.....(São muitas coisas boas?)...Muitas...coisas boas....(E o que é difícil?)...O quê é difícil?.....em relação a que...ao bebê?... (Pode ser...o que é difícil em ter um bebê?).....(O que foi ou está sendo difícil?)...Ah....num tá sendo nada difícil, né....deixa eu vê....pra mim...num tem nada difícil.....(E está boa a vida (.)?)...Tá boa a minha vida...").

Cotidiano

A adolescente cuidava do bebê, da casa (que me pareceu sempre limpa e arrumada) e também olhava uma sobrinha, filha de sua irmã que trabalhava fora. No final da tarde, levava a sobrinha até a casa da irmã que também morava no bairro. A vida de N, cercada de

familiares, parecia bem rotineira. Sua mãe, suas irmãs, cunhadas e sobrinhos pareciam vir à casa com frequência.

Apesar da vida de N estar inserida num contexto de pobreza, parecia rica de contatos familiares - ("...em tudo...eles me ajudam em tudo...").

A adolescente não expressava queixas do seu cotidiano. Talvez as perdas ocorridas quanto aos divertimentos e liberdade da infância tivessem sido compensadas no cotidiano de esposa e mãe. A vida passada em Sergipe provavelmente não era muito diferente quanto às privações no âmbito sócio-econômico. N mudara de região geográfica, mas não mudara de condição social e estava amparada pela família e pelo companheiro.

Autonomia

A adolescente parecia depender financeiramente do companheiro, além de receber auxílio da rede familiar que a cercava. Parecia sentir-se autônoma em relação às tarefas de dona de casa e mãe. Comentou que sua vida tinha agora mais responsabilidade, que cuidava do bebê e que "fazia tudo sozinha"

Aspectos emocionais

A adolescente parecia equilibrada e evocava sinais de um certo orgulho e segurança pelo papel ocupado. Sempre apontava os aspectos positivos dos acontecimentos. N não comentava sobre problemas. Parecia saber resolvê-los com eficácia e independência falando sobre as dificuldades com o sogro e sua mulher, como contraponto para seu estado geral de segurança e conquista.

N parecia exercer um controle das situações - na gravidez, na ida para aquela casa, no relacionamento com o parceiro. Após minha sondagem sobre seu estado mais ansioso durante a entrevista, N referiu que ficava preocupada em gastar a fita do gravador enquanto ela estava em silêncio. A vida sexual parecia também ser regida por esse estado de controle - de comum acordo resolveram ter a primeira relação sexual e nenhum dos dois tinha do que se queixar (apesar de não estarem tendo relações).

A adolescente por vezes parecia evocar condições bastante virtuosas (não influenciadas por inserção religiosa). Parecia responsável, era boa mãe e esposa e não tinha queixas. Apesar de às vezes evocar certa artificialidade pela ausência de problemas, N parecia realmente feliz - ("... (Você está se sentindo como...agora...como mãe?) Ah...eu tô super feliz, né....num tem como...num tem como a gente...falá o que a gente (...)... (São muitas coisas boas?)...Muitas... coisas boas....(E o que é difícil?)...O quê é difícil?....em

relação a eu ter o bebê?... (Pode ser...o que é difícil em ter um bebê?...o que foi ou está sendo difícil (.)?) Ah....num tá sendo nada difícil, né....deixa eu vê....pra mim...num tem nada difícil...(E está boa a vida (.)?) Tá boa a minha vida...").

N sugeria entretanto, que não pensava sobre sua vida além daquela avaliação de que tudo estava conforme seus desejos (e possibilidades), num estado emocional em que as angústias ficavam controladas até pela distância da percepção de expectativas.

Perdas

A adolescente que não comentou sobre perdas. Parecia considerar-se bem sucedida dentro das expectativas de sua vida.

Projetos

A adolescente não falava de projetos. Disse que vivia só o presente e que não pensava no amanhã. Repetiu várias frases a esse respeito (de não pensar no futuro). Quando lhe apontei que ela falara anteriormente a palavra "futuro", N disse que pensava no futuro da filha. Falou que queria tudo de bom para a filha e para si própria. Sondada sobre o que seria bom, N respondeu que bom seria não passar maiores dificuldades.

Talvez a adolescente não tivesse projetos de vida, naquele tempo, do bebê tão pequeno. Ela parecia bastante dedicada à criança, ao companheiro e não voltada para desejos ou expectativas, estando cercada do apoio familiar. N também parecia ter alcançado a realização de um projeto de vida próprio de sua família - casar.

Disse ter vontade de voltar para Estância (SE), para visitar o pai e os irmãos. Referiu, após minha sondagem, que queria ter mais um filho, porém somente daí a cinco anos.

Discurso

A adolescente pouco discorria sobre os assuntos de forma livre. A entrevista adquiriu uma característica mais diretiva, com perguntas e respostas. Os intervalos maiores de silêncio pareciam mobilizar maior ansiedade na adolescente e eram manejados dentro de uma dinâmica que evitasse um incremento de angústia. Assim, as sondagens aconteciam procurando respeitar as condições de cooperação de N - ("Pergunta Nancy...assim eu não sei falar...").

N apresentava oscilações no seu discurso. No primeiro encontro da entrevista, falava algumas frases sobre um tema e começava a manifestar ansiedade diante da situação de ser entrevistada. Perguntava-me sobre o que deveria falar, já que era só aquilo que tinha para dizer. Ficava pronunciando algumas palavras, baixinho, de forma inaudível, como que treinando as frases para serem gravadas. De forma entrecortada por esses "ensaios", comentava sobre suas atividades com o bebê, parecendo falar de forma estereotipada sobre os cuidados gerais com uma criança (amamentação, banho, troca e idas ao médico) e depois paralisava seu discurso, com evidente aumento de ansiedade.

Após pausas maiores, eu comentava que estava gostando de ouvi-la falar e retomava o aspecto da instrução, de que qualquer coisa sobre sua vida me interessava. N retomava algum assunto, em geral sobre cuidados de bebês e voltava a ficar paralisada no discurso - ("...(O que mais que você poderia me falar?).....O quê que eu poderia te falar?...é melhor cê perguntá (sorri)...(É melhor eu perguntar...).....É.....(Você acha que a gente já falou de bastante coisa?)Ah...já falou de tudo, né.....cê perguntando fica melhor....pra mim respondê porque se eu falá assim....dá um branco em minha cabeça (sorri)....").

Além dos intervalos de silêncio, havia na entrevistas muitos sorrisos expressivos da adolescente, que pareciam evocar algum desconcerto, mas também um bem-estar, ao falar sobre aquelas coisas de sua vida.

A adolescente provavelmente pertencia a um grupo social pouco expressivo quanto às verbalizações. O companheiro de N pouco falou comigo quando estivemos por mais de uma hora juntos no carro, na ida para o primeiro encontro da entrevista. A mãe de N também me pareceu muito silenciosa.

Primeiras falas dos encontros

No início do primeiro encontro, N disse não lembrar de ter marcado a entrevista comigo quando estava saindo, na alta do hospital. Disse que o companheiro lhe avisara do meu telefonema. Comentou que, quando teve o bebê, pensara que moraria na casa da família do marido, local da referência do telefone, mas ocorreram problemas e ela "achou melhor não ir". Após eu ter dado as instruções e ligado o gravador (que apresentou falhas), N iniciou seu discurso comentando que sua vida tinha agora mais responsabilidade, que cuidava do bebê e que "fazia tudo sozinha".

No segundo encontro, iniciou falando de forma hesitante: " num tenho muita coisa pra falá... (...) ...É.....pergunta Nancy...assim eu num sei falá (sorri)....".

Reação do grupo social à minha presença

No primeiro encontro da entrevista, a casa de N estava cheia: sobrinhos e mãe de N, além do companheiro da adolescente, que chegou comigo. Tanto ele, quanto a mãe de N saíram daquele espaço tão pequeno, que era a casa da adolescente, antes que eu me desse conta. Eles pareciam respeitosos e discretamente orgulhosos com minha presença.

Quando entrei no primeiro encontro da entrevista, três meninas que estavam na porta da casa de N entraram junto comigo e foram se sentando na única cama que havia (de solteiro). O companheiro de N disse que eram suas sobrinhas. Havia também um menino dormindo na cama. Parecia que estavam ali, me aguardando para o evento da entrevista.

Numa de minhas idas ao encontro de N, quando ela não estava em casa, uma vizinha veio ao meu encontro, sondando-me sobre quem eu procurava. Perguntei-lhe por N e ela comentou que provavelmente a jovem estava na casa da mãe ali perto, mas que ela não sabia dizer onde era. Parecia curiosa a meu respeito.

Os homens que ficavam num bar quase em frente à casa de N, também manifestaram curiosidade com minha presença, olhando-me muito.

Aspectos "transferenciais"

N me chamava pelo meu primeiro nome e de "tu"⁶³ ("...pergunta Nancy ..assim eu num sei falá (sorri)..."). Mantinha comigo uma posição em certa medida ambivalente. Por vezes parecia próxima e à vontade e, por vezes, parecia desconfiada e mais em guarda.

Apesar de educada, gentil e cooperativa, às vezes evocava certa obstinação no comportamento, quase uma teimosia, parecendo querer manter a posição de correta e controlada, para poder, de certa forma, defender-se, controlando um pouco a situação da entrevista.

Em nosso primeiro encontro, N disse que não lembrava de ter marcado a entrevista. Ao término desse primeiro encontro, pediu-me desculpas. Sondei o motivo dessa fala e ela respondeu-me: "desculpa...por tudo". Agradei-lhe a disponibilidade para a entrevista e perguntei-lhe o que ela tinha sentido sobre aquele encontro. Disse que achara difícil no começo, mas que depois melhorara. Ela me parecia mesmo bem mais receptiva do que no início do encontro.

⁶³ O uso de "tu" na Baixada Santista indica um tratamento mais íntimo.

Apesar de N parecer bastante disponível para a realização da segunda entrevista, dizendo que eu poderia voltar em qualquer manhã ou num começo de tarde, ela não estava em casa, em data e horários combinados.

Nas despedidas do segundo encontro da entrevista, N disse: "obrigada, viu", parecendo contente com minha presença e atenção.

Aspectos "contratransferenciais"

As entrevistas com N sofreram alguns prejuízos técnicos. Pontos temáticos não foram sondados (vaidade, aspectos corporais, outros namorados e idade do pai do bebê) provavelmente pela ocorrência da associação de dois fatores: minha insegurança, devido às condições do local das entrevistas e às características da adolescente, que parecia conseguir controlar um pouco minha atuação técnica, provavelmente por eu não estar com suficiente tranquilidade na situação.

O meu desconhecimento da favela, as ruelas que me pareciam um labirinto, a periculosidade potencial do bairro, a distância dos recursos de segurança e o alagamento da região pelas chuvas - todas essas variáveis deixavam-me, em alguns momentos das entrevistas, numa condição emocional de alerta, pouco propícia para a condução técnica necessária. Além disso, N parecia ter pouca disponibilidade, ou disposição, para um discurso mais livre. Seus intervalos silenciosos acabavam por ser seguidos de um tipo de entrevista, com perguntas e respostas, num manejo que trazia pouco aprofundamento das informações colhidas. Eu tentava estimular o discurso livre de N, expressando minha valorização acerca do que ela falava - ("...(Eu tenho perguntado as coisas...não tenho?)...Tem....(Então...é assim mesmo...eu estou gostando bastante...tudo que você está me falando...está me interessando bastante...tudo isso me interessa ...está bem?)...Tá bem...").

Adicionalmente, duas entrevistas tiveram duração um pouco menor que a prevista. No primeiro encontro, cheguei mais tarde do que o combinado, pois não imaginara que o local era tão distante. A segunda entrevista foi finalizada um pouco antes do planejado, porque ameaçava chover e aquele bairro, sem calçamento, alagava muito, deixando-me com risco de ficar presa na região - ("...aqui quando alaga o carro atola e num passa de jeito nenhum..").

Análise da entrevista com A (15 anos)

Com quem estava vivendo?

A adolescente e seu bebê estavam morando com a mãe adotiva de A.

Dados da história de vida

Adotada por uma prostituta⁶⁴, A desconhecia seus pais naturais. Com um ano de idade, foi levada para ser criada pela irmã da mãe adotiva⁶⁵, numa cidade do interior do Rio Grande do Sul. Quando A tinha sete anos, a mãe adotiva, que a visitava esporadicamente, foi buscá-la. Daí por diante, A passou a morar com a mãe, tendo passado por algumas separações dela, após os 11 anos. A teve várias alterações de moradia, com arranjos dentro e fora da cidade, não parecendo possuir estabilidade no sentido de referência familiar - ("...(E você não acha que ela criou você?)...Ah ..assim ..porque ..a metade, né ..foi a minha tia...e a outra metade foi ela, né...").

Vítima de violência sexual doméstica praticada por um "padrasto", desde os oito anos até quase os 11 anos de idade, A permaneceu durante essa época morando com a mãe, que parecia desconhecer o fato. Quando A tinha quase 11 anos, a mãe adotiva separou-se do padrasto, após desentendimentos causados por traição da parte dele com outra prostituta. Em seguida, a mãe soube do que ocorria entre o companheiro e a filha. Nessa época houve uma "negada" expulsão de casa e A passou a ter outras referências de moradia, indo primeiramente para Porto Alegre. Algumas "migrações" familiares ocorreram, ("tias" e "madrinhas" que a cuidavam), incluindo passagens pela família do namorado (pai do bebê), mas todas de forma pouco duradoura. Sempre A acabava por voltar para junto da mãe adotiva.

A freqüentava uma instituição voltada para cuidados de meninas e adolescentes vítimas de prostituição, ou em risco de se prostituir.

Casa

A casa de A ficava numa região próxima ao cais do porto, zona de armazéns de carga e descarga, e de prostituição. A moradia ficava nos fundos de um imóvel antigo, que recebera subdivisões. Era uma construção com dois quartos e uma cozinha agregada a uma

⁶⁴ Apesar de que a palavra "prostituta" possui uma conotação mais pejorativa do que "trabalhadora de sexo", expressão atualmente utilizada para substituição da primeira, no presente trabalho será mantido o termo "prostituta" por melhor configurar a delimitação simbólica da função para a adolescente, além de sua dimensão profissional.

área de serviço. O banheiro era provavelmente de uso coletivo dos demais moradores do imóvel e não ficava próximo à delimitação da casa da adolescente. Ali moravam a mãe adotiva de A, uma colega e seu companheiro, além da adolescente e do bebê. A cozinha e a área do tanque eram de uso comum e os dois quartos estavam destinados, um para o casal, e outro para A, sua mãe e o bebê - ("...É...aqui é minh...é aqui é meu quarto porque aqui mora uma colega da minha mãe, né...com a...com o marido dela...").

O quarto de A, apesar de apertado, era limpo, organizado e enfeitado. A cozinha e área também apresentavam boa organização e muita limpeza. No quarto, os móveis tinham aparência de novos. Havia uma cama de casal e uma de solteiro (ambas com cabeceiras de tubos metálicos e arrumadas com colchas), um carrinho de bebê, um pequeno guarda-roupa, uma sapateira, uma estante (com duas televisões aparentemente novas, um aparelho de vídeo, enfeites, bonecas, vidros de perfume e álbuns de fotografias), um ventilador e um aparelho de som cujo móvel estava sendo usado como criado-mudo (com um abajur, uma pequena bíblia aberta e um santinho). A decoração do local incluía diversos objetos de referência religiosa (orações, imagens de santos). Pendurado na parede, havia um diploma de "manicure", enquadrado. Era da mãe de A.

Mãe "adotiva"

A mãe que adotou A era prostituta e alcoolista. A adolescente parecia manter com ela laços muito difíceis relacionados provavelmente às dores e defesas dos sentimentos de descuido e abandono - ("...falei da minha mãe....da minha mãe já falei, né? (depois de já ter se referido várias vezes à mãe adotiva, num encontro anterior) ... (O quê você me falou?) ...Ah ..que minha mãe é da vida...").

A relação de A com a mãe adotiva parecia muito conflitiva. A não a chamava de mãe e sim pelo apelido. Parece que também a mãe adotiva não chamava A de filha - ("...Lê...só chamava a minha mã...a minha tia, de mãe....sabe...porque lá é todo mundo...lá...quando ela chega lá...todo mundo chama ela: "L...L...L."...ai é porque eu peguei aquele costume...porque pra mim ela num é a minha mãe (sorri) (..) acho que ela num era minha mãe...").

Às vezes, a adolescente confundia a forma de referir-se à mãe adotiva, chamando-a de madrinha ou "tia"⁶⁶ - ("...porque ahn...ela...a minha madr...minha mãe...").

⁶⁵ Embora para efeitos legais, a mãe adotiva seja a mãe, escolheu-se aqui usar o "adotiva" para melhor ilustrar o significado que a mãe parecia ter para a adolescente.

⁶⁶ O uso de "tia", comum entre adolescentes para tratamento de mulheres mais velhas, pode possuir uma entonação característica, entre grupos de adolescentes de rua. A usou esse tratamento, às vezes com essa entonação, falando comigo.

A adoção de A provavelmente foi realizada de forma irregular, possivelmente sem um processo legal de adoção, mas com um registro como filha natural. A história que a adolescente parecia possuir sobre sua origem era de que fora dada pela mãe biológica para a mãe adotiva, que a pegou numa maternidade, registrando-a depois como filha. Possivelmente a mãe biológica de A também era prostituta, já que a referência sugerida de seu local de trabalho era uma região que concentrava atividades de prostituição na cidade - ("...Bom...que eu sei que ela falô...que... que ela me pegô de...de...de...hospital, né...porque minha mãe disse que (..) minha mãe...ela conheceu o....quando ela trabalhava aqui embaixo...e que ela trabalhava aqui...e que ela deu também...cinco filhos...parece que no Paraná...(.) Paranal...sei lá...uma cidade de lá....e disse que a minha mãe falô que....ela foi num...num hospital...ela e a Su. que mora aqui do lado...e....e me deu...pra ela...").

Parece que a mãe adotiva ficou com A somente até a criança completar um ano, quando a entregou para uma irmã que morava numa cidade do interior do Rio Grande do Sul. Visitava-a muito pouco, não parecendo manter com a filha uma relação de proximidade - ("...Visitava uma vez...uma vez por ano...duas vezes por ano..."). A adolescente não parecia entender porque a mãe adotiva fora lhe buscar, quando ela estava com sete anos. Referiu possibilidade de estar dando trabalho para a "tia", mas isso não ficou muito claro nas explicações para o ocorrido. Outro motivo sugerido foi a falta de recursos escolares daquela região - ("...(E por que aos sete anos você volta para a casa dela?)...Ai...eu num...ai eu num...sei, porque....acho que minha mãe..*oh filha...já já cê canta...oh bocuda..(...)*....Aí....daí eu num (...)...ah...acho que ela queria que eu estudasse aqui...porque aqui tinha mais...tinha...lá...só tinha um colégio...só...naquela época....e.... lá também eu tava aprontando também...já desde pequenininha já aprontava já, tia (sorri)...").

Depois que voltaram para Santos, a mãe adotiva, trabalhando como prostituta, ficava pouco tempo com A, ainda criança, em casa. De acordo com o relato da adolescente, desde aproximadamente seus oito anos até seus 11 anos, ela sofreu violência sexual doméstica, abuso e estupro, realizado por um dos companheiros da mãe, sem que essa parecesse saber. A mãe "soube" do fato, quando já estava separada do companheiro (após ele a ter traído com outra mulher) e culpou A pela relação "incestuosa", não a considerando a vítima da violência. Esse fato, extenso no tempo (provavelmente mais de dois anos) e intenso no conteúdo incestuoso e violento, pode ilustrar a provável relação de pouco cuidado que A recebeu da mãe adotiva, durante a infância - ("...(E ele abusava de você muitas vezes?) ...Ah...sim...quase todo dia tia... (...) ...foi nesse certo tempo que a minha mãe voltô (à prostituição)...que...ele começô a abusá de mim... (...) ...acho que ele aproveitô essa inocência minha e abusô...aí depois cum...depois cum tempo...depois que a minha mãe separô dele...tudo...aí ele...aí ele foi...foi embora...e daí eu...falei pra minha madrinha,

né...depois que eu fiquei sabendo que que era e que que ele fazia comigo e depois eu...depois demorô um tempo assim...eu ficava com vergonha, né...de falá... (...)...aí eu...teve uma vez que eu cheguei e abri pra minha mãe...pra minha madrinha, né...aí minha madrinha foi falá pra minha mãe...depois assim, ela conversô com minha mãe....só que minha mãe não...minha mãe acre...minha mãe pensa que....que...assim...porque eu num falei...que ela acha que eu...eu gostava, sabe?...minha mãe num tem aquela....aquela...aquela coisa....minha mãe fala assim...que se eu num gostasse, eu falava, sabe....mas eu tinha medo, né de...de falá...e ele me batê...porque ele batia em mim e batia na minha mãe...quando...quando eu via que a minha mãe chegava bêbada, né...do...do...trabalho...aí ele batia em mim e na minha mãe....aí eu ficava com medo...mas num...num falava...depois de um tempo que eu falei...depois de grande, ela acha que...ela fala que...achô que eu gostava mesmo...mas num é nada disso.....que mais tia?...((...)) e parou de abusar quando eles se separaram?...É...foi...(Mas, por que eles se separaram?)... Porque...porque...é...ele...ele separô...porque minha m...porque a minha mãe ficô sabendo que...tinha uma...uma mu...uma puta que ficava aqui embaixo e minha mãe ficô sabendo que ele saía com ela...").

Após o nascimento do bebê, filha de A, a relação com a mãe sofreu alterações com respeito às queixas dessa diante dos choros da criança que lhe importunavam o sono. Ao mesmo tempo - talvez pelas mudanças psicológicas advindas da maternidade ou até pelas demandas aumentadas de A perante a mãe adotiva, nesse momento do bebê tão pequeno - pareciam ocorrer algumas tentativas de melhora no relacionamento por parte da adolescente - ("...(..como é que você está se dando agora com a sua mãe...depois que nasceu o bebê?)...É...tá melhor...do que antes, né...que antes a gente num...num se cruzava muito bem...a gente discutia muito...mas ainda a gente discute...aí, de vez em quando....mas agora...a gente discute mais por causa...a gente num discute...ela briga assim por causa da neném...que a neném...ela vem tarde e...ela precisa dormí, né e ela trabalha o dia inteiro...ela fica cansada...e a neném acorda de manhã e não quer dormí mais...aí só depois que a...que a gente acord...acordô...aí que a neném vai dormí...ela acorda mais ou menos oito horas...por aí...pra mamá e depois num qué dormí mais...aí a minha mãe fica com raiva (sorri)...porque a gente tem que acordá...aí ela num consegue dormí mais... (...) ...Ah....minha mãe fala: "ah...por que essa menina num dorme...que num sei o quê...essa menina tem que dormí um sono"...é que ela...a minha mãe qué que a...neném...durma de noite...e durma a noite inteira, assim que nem a gente...só acordá...pra mamá quando eu e ela tivé acordada...eu e ela...o problema é esse aí...").

Parece que, para A, a profissão da mãe adotiva não representava um grande problema na relação, provavelmente porque a adolescente tinha várias referências de outras prostitutas, colegas da mãe, que também foram mulheres que lhe ajudaram a criar. O

alcoolismo da mãe parecia ser o maior problema na relação. Apesar de que, após o nascimento do bebê, o alcoolismo materno pudesse estar sendo diferentemente percebido por A, a mãe alcoolizada parecia representar forte fonte de ataque e mobilização de raiva, para a adolescente - ("...de vez em quando ela bebe...ontem mesmo ela bebeu (...)...ontem mesmo não...de sexta até ontem, ela bebeu... (estávamos numa segunda-feira)... (...)...Ah...é...agora a gente tava se dando um pouquinho melhor do que antes, né...porque antes a gente brigava muito...porque eu achava que...eu num podia vê uma lata de cerveja que eu...que eu começava a discutir com ela...sabe, eu ficava com raiva, sabe...eu num discutia assim com ela...ficava com raiva, sabe...sei lá, uma coisa que me dá...uma coisa assim que eu ficava com raiva dela... (...) ...depois...ago...é...porque ahn...ela...a minha madr...minha mãe...ela era aquele tipo assim...é...ela bebe...ela...ela bebe...mas ela fala...bebe...e fica...tirando sarro da cara dos outro...o problema é esse que eu num gosto que ninguém tire sarro da minha cara, né...e ela ficava...fica...enfrenta...discuti por tudo, tia...quando ela tá bêbada...tudo ela resmunga...tem coisas que cê...tem que coisas assim muito...tempo que aconteceu muito tempo...ela...ela...repete de novo e começa a discutir aquele assunto...").

Embora a relação com a mãe adotiva tenha sido muito referida pela adolescente na entrevista, o contato real com a mãe parecia esparso, em termos de tempo que ficavam juntas. A mãe adotiva saía de casa no meio da manhã, não vindo fazer as refeições e parecia que dormia muito - ("... (Isso é quando ela chega à noite?)...É...isso quando ela chega à noite...porque quando é de dia assim...(.)(Ela não vem aqui...para almoçar?)... (...)...Não...quando ela vai almoçar...é muito difícil...muito raro...aí ela mesmo faz a comida e...e...vai depois de tarde, sabe...mas é muito raro isso...").

Apesar da situação de abandono e descuido que A provavelmente vivia com a mãe adotiva, parecia que tentava preservá-la de críticas, talvez assim evitando a dolorosa constatação do abandono real - ("...ficava...dois, três dias sem aparecer em casa...aí depois foi aumentando esses dia...depois começou a ficar uma semana...uma semana e meia...aí, de vez em quando, eu dormia lá e minha mãe ficava preocupada...mas minha mãe sabia, sabe...que eu tava aqui... por isso que ela não...nem...nem ligava...").

Figuras maternas substitutivas

Algumas mulheres ("tias", "madrinha de casa", "madrinha de igreja") cumpriram um papel de figuras maternas, porém de forma pouco estável, pelo trânsito rápido que A teve por algumas casas substitutivas ⁶⁷.

⁶⁷ Não se tratava de "famílias substitutas" no sentido positivo do conceito, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente. No caso de A, essas famílias não eram estáveis o suficiente para tanto, porém constituíam-se nas poucas referências mais familiares para a adolescente.

A tia que a criou, de um a sete anos, foi uma referência materna mais estável, mas, apesar de ter sido chamada de mãe, não pareceu permanecer com esse significado para a jovem - ("...aí a minha minha...minha...a minha...a minha tia...que eu chamava ela de mãe, né... (...) ...eu num morava aqui...eu morava em Santana do Sul...ficava na casa da minha tia...eu fiquei lá até...os... até os sete anos...").

Uma tentativa de substituição, utilizando duas madrinhas, pode ter sido um recurso tentado, aparentemente pouco eficaz, para diminuir a insuficiência de uma boa figura materna, estável, protetora e amorosa - ("...porque eu tenho duas madrinha, né...que é uma de casa que me batizô em casa e a outra de igreja....igreja....aí a de casa...a de casa não tava... nenhuma das duas em casa...nem a de igreja nem a de casa...aí só tava só os filhos da...da...só os filhos da minha madrinha de casa...não de igreja...").

Figuras paternas substitutivas

Praticamente não houve nenhuma referência positiva para figuras paternas substitutivas. A não fez nenhum comentário acerca do pai biológico. O prejuízo da ausência quase total de pai pareceu muito mais danoso do que a insuficiência da mãe, de alguma forma "remendada" pela existência das tias e madrinhas.

A figura do padrasto foi somente associada a ameaças, agressões físicas, violência sexual e perversão - ("...falando que tinha visto o...o...o meu pad...o japonês...que era o meu padrasto que me abusô....que...que...viu ele fazen...fazendo ela (adolescente com problemas de saúde mental) chupá o pênis dele, né...aí eu fiquei pensando assim...fiquei pensando assim...pô...até com ela...ele abusô?... (...) ...já foi até preso e tudo...ficô três meses preso...porque ele num pagava....a pensão dos filho...dos dois filho que ele tem... (...) ...mas eu tinha medo, né...de...de falá...e ele me batê...porque ele batia em mim e batia na minha mãe...quando...quando eu via que a minha mãe chegava bêbada, né...do...do...trabalho....aí ele batia em mim e na minha mãe...aí eu ficava com medo...mas num...num falava... (...) ...porque ele...ele fa...ele falava pra mim que...ele batia sempre na minha mãe, né...aí ..ele falô....aí ele falava assim pra mim: "se você contá...eu te bato"...aí eu ficava com medo...").

O "padrinho" não pareceu claramente representado como figura paterna substitutiva e talvez fosse assim denominado mais provavelmente por estereotipia do que por definição de posição protetora. Foi associado à história de violência e assassinato - ("...meu padrinho tava bêbado...e pegô e....foi apartá a briga...cum um cabo de vassoura, tia (sorri)...aí os cara tava cum...cum...armado...aí (..) cinco tiro nele....aí ele conseguiu sobreviver...uma semana....mas só que...ele era muito gordo, sabe...ele era um alemão, assim...alto

assim...sabe...aí os olhos azuisinhos...cabelo loiro...e...e ele era muito gordo...e as balas...eles conseguiram tirá quatro balas só, sabe...e uma ficou...e a...bala andô...e perfurô o coração dele...aí ele morreu... (...) ... naquela época...eu tava com nove anos...").

"Migrações" familiares

A adolescente parece ter realizado como que "migrações" familiares, desde o primeiro ano de vida. A fase referida como mais estável foi até o sete anos, quando A morava numa cidade pequena, com a família da tia, de religião crente - ("...ficava na casa da minha tia...eu fiquei lá até...os...até os sete anos...aí depois quando eu vim pra cá...eu era boba...porque...lá...eles eram crente...lá num tinha televisão...num tinha rá...tinha rádio mas só deixava naquela rádio que...ficava...aquela coisa lá de crente...aleluia...que num sei quê, sabe...aquelas oração?...e lá eles num sabia do mundo...eu particularmente, num sabia porque...eu era criança...num sabia nada...nada...nada...nada do mundo...").

Dos sete até quase os 11 anos, A morou com a mãe adotiva, numa dinâmica de arranjos de moradia com outras colegas da mãe e seus companheiros - ("...Não...ela morava já aqui...a gente morava...eu...meu padrasto...minha mãe...e o meu padrinho e a minha madrinha, né..."). A partir dos sete anos, A foi cercada por um contexto de violência, prostituição, uso abusivo de drogas e criminalidade.

Após os 11 anos, A iniciou uma trajetória de alterações de referências familiares (matriarcais) e também de cidades. A adolescente passou a morar, de forma arranjada, com "tias" e "madrinhas" e também teve duas passagens pela casa do namorado, pai do bebê - todas pouco duradouras. Essa alteração de referência de grupo familiar pareceu indicar uma insuficiência do sentido de pertinência a um grupo familiar. Nessas "migrações" da filha, a posição da mãe adotiva parecia a de uma mãe expulsiva, ainda que não diretamente, que não conseguia manter a filha dentro da pertinência familiar, sempre tênue e instável.

Morando ou não com mãe, A passou por muitas mudanças de casas, todas dentro dos bairros que concentravam atividades de prostituição, na cidade - ("...Voltei com onze...é, voltei com...não...voltei quase fazendo doze...aí aqui eu fiz doze...aí eu já tava morando...aí depois logo em seguida...eu ainda tava morando lá na Constituição...aí depois...depois de uns meses...uns dois meses...três meses...eu vim morá aqui...").

Essas mudanças de casa também aconteceram para outra cidade. Com 11 anos, A teve uma passagem rápida por Porto Alegre, local onde as madrinhas estavam morando - ("...só que minha mãe chegô de repente e me...falô assim: "a gente vai embora hoje"...ela chegô no mesmo dia...eu nem...nem conseguí dá tchau pra minha madrinha...porque minha madrinha tinha saído... (...) ...nenhuma das duas em casa...nem a de igreja nem a de casa...

(...) ...aí...daí eu dei tchau... peguei as minhas mala e fui embora... (...) ...aí depois eu voltei pra cá... (...) ...voltei quase fazendo doze...").

A tornou a voltar para Porto-Alegre, na casa da madrinha, quando já namorava com o pai do bebê - ("...eu acho que...no ano passado...num sei se foi no ano passado....aí...no começo do ano passado eu fui pra lá (casa do pai do bebê)...que a minha mãe...num queria...porque num queria... (...)que eu ficasse com ele...aí...daí depois eu voltei...quando a minha mãe foi perceber...aí eu já tava com mala e cuia aqui já de volta pra casa...porque lá eu num tinha conseguido colégio lá...e eu num conhecia nada lá pra Porto Alegre...aí minha madrinha achou melhor eu voltá, né...pra cá ...(...)aí depois eu voltei e depois num vol...num....num voltei mais...aí depois logo em seguida...minha madrinha teve aqui...a gente morava ainda lá...na (...)...aí depois que a gente veio morá pra cá...").

Quando A tinha 14 anos, a mãe adotiva, "sugeriu" que a adolescente fosse morar com o namorado, também de 14 anos e já conhecido por condutas socialmente divergentes. A mãe não queria o relacionamento de A com ele, mas pareceu indicar que a filha assumisse a posição de morar com ele, visto que a adolescente mantinha o namoro e ficava fora de casa muitas vezes - ("... Fui morá com ele...de...quando eu tava namo...namorando com ele...uns...três meses...aí fica naquela coisa, sabe tia...que ia lá na ca...casa dele...ficava...dois, três dias sem aparecer em casa...aí depois foi aumentando esses dia...depois começou a ficá uma semana...uma semana e meia...aí, de vez em quando, eu dormia lá e minha mãe ficava preocupada...mas minha mãe sabia, sabe...que eu tava aqui... por isso que ela não...nem...nem ligava...aí depois...depois a minha mãe pegô e chamô ele, né...falô assim:" se for pra você ficá...eu ficá preocupada sem sabê onde a A tá... (...) ...é melhor vocês ir morá junto...tudo...aí...daí ei fui morá lá com ele...").

Amizades

De forma geral, a adolescente parecia muito solitária. Referiu não ter amizades de sua faixa etária, preferindo a amizade de pessoas mais velhas.

Parece ter sido na adolescência que A passou a ter desconfiança das amigas, queixando-se muito de uma dinâmica conflitiva de ataques verbais - as temidas e utilizadas fofocas - ("...(Você tem amigos por aqui?)...Tenho...mas eu num gosto muito não...prefiro ficá com os adulto...muita fofoca...muito diz que diz que...prefiro ficá na minha casa...comigo (.) amizade (.) ...minhas amigas assim da minha idade...é assim...oi...oi...oi...tchau...tô indo embora... (Antes da gravidez, era assim também?) ...Também era assim...desde...ó tia, des...de...depois...depois...ó...eu estudava no Barnabé (escola)...no Barnabé teve tanta discussão...tanta discussão...que eu peguei (.) num ligo nem

mais...num ligo nem mais pra...pra isso...pra amizade...que amizade só toma no rocó... (...) ...eu acho assim, né...pra mim amizade é oi... oi...oi...porque a...assim...eu acho assim, que adulto faz fofoca mas num é...eles num vão tá fazendo fofoca só pra vê teu mal, né tia...tem mais...tem mais cabeça....eu prefiro mais ficá com os adulto do que ficá cum...eu prefiro mil vezes ficá dentro de um bar (.) ..com algum amigo meu, de idade...do que ficá...do que ficá na casa de uma colega minha...porque eu sei que sempre vai saí uma fofoca que sempre saía aqui.....e eu num gosto disso....detesto...porque antes é...era...era assim...quando eu...quando eu era...tinha minhas amizades...andava com as minhas amizades com as pessoas da minha idade...tia...saía tanta fofoca...ah..."A falô isso...A falô aquilo...A falô aquilo"...e nada...e nada...e nada era daquilo, né...aí teve uma vez que eu me injurie...queria...queriam até me batê e tudo...porque falaram que eu fiz fofoca e tudo...depois daquilo nunca mais...").

A situação de perda de grupo de iguais foi referida como anterior à gravidez e maternidade. A adolescente sugeriu que algumas colegas da mãe adotiva, mulheres adultas e provavelmente prostitutas, faziam-lhe companhia em alguns passeios. Durante a época dos encontros da entrevista, A, levando o bebê, fez um passeio para Campinas (cidade do interior do Estado de São Paulo), acompanhada de uma amiga da mãe adotiva.

Escola

A relação com a escola já era bastante conflitiva mesmo antes de A ter engravidado. A vida escolar de A apresentava muita descontinuidade, provavelmente por causa das mudanças de cidade.

Quando a mãe adotiva foi buscá-la em Porto-Alegre, A já tinha um histórico de repetências. Estava cursando a 3ª série pela terceira vez, não chegando a completar o ano naquela cidade - ("...depois eu fui viajá pra casa da minha madrinha em Porto Alegre...aí lá eu fiquei um ano e...um ano e meio....não ..num cheguei a ficá um ano e meio...eu ia completá um ano...que eu até estudei lá...aí eu me lembro que eu tava até na terceira série e aqui...eu fiquei....eu fiquei três anos, tia...na terceira série...porque eu ficava bolando aula...sabe...na maior zona...ia pelos embalos das amigas...acabava...aí eu fui...a minha madrinha...a minha mãe me pegô...minha madrinha veio...aí quando ele voltô...ela me levô...eu comecei a estudá lá...aí lá eu fiquei de recuperação...só que minha mãe chegô de repente e me...falô assim: "a gente vai embora hoje"...).

A adolescente abandonara a escola dois meses antes de engravidar. Estava fazendo um curso supletivo, no período da noite, juntamente com o namorado, que se envolvia cada vez mais com as drogas e com a criminalidade. A não estava adaptada ao grupo de colegas mais velhos - ("... tava indo bem, tia...só pena que...pena que eu...eu repeti por causa dos

outros...sabia...porque a classe era muito bagunceira e...e...era uns marmanjão, né...supletivo só tem marmanjão, né....e...fazia bagunça...saía das...saía das classe...ia pra outra classe assisti aula porque um...a professora num gostava...porque num sei quê...e era aquela bagunça... (...) ... aí quando eu comecei a namorá com ele...eu coloquei ele no eixo... (...) ...aí ele (pai do bebê) tinha parado...já fazia acho que três anos que ele tinha parado de estudá...ele tinha parado na quinta... (...) ...peguei o histórico dele...aí fui eu e ele fazê a....a....o.... a matrícula...né...lá no Cesário (escola)...aí começâmo a estudá...eu e ele no Cesário...aí ele estudô até....até o meio do ano...depois do meio do ano, tia, deu um negócio nesse homem...que ele começô a usá droga...começô a robá Deus e o mundo....daí saiu do serviço...num adiantô mais nada (...) ...Eu parei... (...) ...porque ele começô a usá droga e tudo e...depois ficava preocupada com ele...né...que...ele ia...e começô a dormí...num dormia em casa...começô a robá as coisa...robava a mãe dele...tudo essas coisas...e...e daí eu ficava preocupada...ficava com medo de ele robá alguém na rua e levá um tiro, sei lá...ou sê preso...tava com medo...aí....daí eu comecei...eu parei de estudá... (...) ...em junho... (...) ...aí em agosto, eu engravidei, né...aí depois...depois eu parei porque eu pensava que...né...num ia adiantá nada...tá...depois eu ia pará de estudá...por isso que eu num voltei a estudá mais....").

O desenvolvimento escolar de A parecia uma tarefa centrada nos recursos dela mesma e não nos de adultos, que pudessem lhe orientar e ajudar. As mudanças de escola e as demandas burocráticas de matrículas e/ou transferências escolares pareciam providenciadas pela própria adolescente.

A adolescente referiu que pretendia voltar a estudar - ("...aí eu pen...eu pensei depois no ano...no ano que vem...eu estudo...em noventa e...em noventa e oito...").

Histórico de trabalho

A já trabalhara, de forma informal e descontínua, principalmente como babá de bebês, filhos de mulheres daquela região característica da atividade de prostituição - ("...eu já trabalhei já na...já trabalhei já, n...três vezes já...já trabalhei um...de babá...trabalhei de babá prá...prá uma colega da minha mãe...e...o nenenzinho dela tinha...quatro meses de idade...aí depois...trabalhei lá, acho que uns quatro meses...aí depois saí...aí depois...depois de dois anos?...menos?...ela teve filho de novo...aí peguei o filhinho dela, tava com onze meses...aí depois trabalhei, acho que uns...e eu já tava grávida já...quando eu já tava grávida de quatro meses...aí como o nenenzinho dela é muito gordo...ela...ela num tinha carrinho...pra onde tinha que...saí...tinha que levá o neném no colo, né...aí...daí eu fiquei mais ou menos uns...dois meses...três meses...depois eu saí...do serviço...outro também que eu trabalhei, já em escritório também...quando...eu fiquei onze dias...onze dias só...no serviço...porque lá

precisava de experiência...num tinha experiência nenhuma de escritório...aí...daí eu saí...daí eles eles me dispidiram...").

Sexualidade

A adolescente fora vítima de abuso e violência sexual doméstica, praticada por um companheiro da mãe, dos oito até próximo dos 11 anos de idade. Segundo A, a violência era praticada sem o conhecimento da mãe adotiva, que depois a culpou pelo ato "incestuoso".

A iniciação sexual, tão precoce e violenta, pode ter causado fantasias ameaçadoras quanto a seu corpo feminino, além da possibilidade de gravidez com o padrasto. A parece ter ficado bastante aflita, aguardando com muita ansiedade a vinda da primeira menstruação, ocorrida quando ela tinha 13 anos, dois anos após a interrupção dos atos sexuais com o padrasto. O relato da comunicação da menarca para a mãe, de certa forma a mulher "traída" pelos atos sexuais da filha com o companheiro, sugeriu uma comprovação de que ela, A, estava cumprindo mais normalmente as etapas de seu desenvolvimento sexual - ("...Quando eu tinha uns...treze anos...na escola... (...) ... o pior é que era uma coisa tia...acho que uns dois me...uns dois assim...uns quatro meses antes de eu menstruar...eu sempre tinha aquela preocupação...sabe aquela...sabe aquela coisa que parece que tava avis...alguma coisa assim na tua cabeça que...avisando...aí...cê vai ficar...cê vai...vai fi...vai ficar menstruada...cê vai ficar menstruada e sempre ficava com aquela preocupação...sabe tia...de ir no banheiro...todo dia eu pedia pra tia...pra professora deixar eu ir no banheiro pra vê se eu tava menstruada.... (...)assim na tua cabeça...sabe aquela coisa assim martelando na tua cabeça...vai ficar menstruada...vai ficar menstruada...aí todo dia assim...quatro meses mais ou menos eu fiquei assim...desse jeito...pensei que era uma coisa...aí eu cheguei em casa e falei: "L." (apelido da mãe)...aí ela num tava em casa...eu falei (: "L., fiquei menstruada ..menstruei...").

Com 10 anos, começou a "ficar" com aquele que depois seria o pai do bebê - ("...eu fui morar ali num apartamento, né...aí...daí lá ele freqüentava lá e tudo...aí eu fiquei com ele a primeira vez... (Com que idade?)...Acho que com...acho que eu tava com dez anos ainda...só dei assim um beijinho...assim só...ele era criança ainda...num tinha malícia ainda..."). Mas A provavelmente já se sentia com malícia - ("...depois eu fui viajar pra casa da minha madrinha em Porto Alegre... (...)de vez em quando minha madrinha perguntava, né...se eu era virgem...tudo...aí...daí a mim...eu falava ...eu sempre falava, né: "ah...eu sou...que num sei quê"...mas eu já sabia já que eu num era mais...").

A adolescente recebera informações sobre sexo, na instituição que freqüentava, com vocação de trabalho com sexualidade - ("...eu já sabia já, né...que a...que eu tinha...tinha aula de sexo lá(...) ...aí a tia M. falava, né...e tudo e tal...que tinha que usar camisinha assim...assim

assado...é...mas só que...as...as aulas de sexo que a gente tinha eu tive antes de...antes...antes de começá a tê relação com ele, sabe....e aí depois, quando eu comecei a namorá com ele, eu dei um tempo, sabe...de ficá indo na Casa do Trem...aí depois quando eu comprei...eu já sabia que elas...que elas estavam falando... (...) ... (Depois dele...você teve relação sexual com quem?)...Ah ..com o pai da neném...ah...e depois com outras pessoas...mas....acho que uns...eu acho que no máximo...no máximo quatro pessoa...").

Iniciou o relacionamento sexual com o pai do bebê, logo no início do namoro. Não usava preservativo nas relações sexuais com o pai do bebê, mas parecia preocupada em não engravidar, chegando a usar pílula anticoncepcional por quatro meses, receitada na farmácia - ("...(depois de quanto tempo de namoro começou a ter relação sexual com ele?)...Ish ..tia ..foi logo desde o começo já.. (sorri)... (...) ...Ó...no começo...tinha uns três...uns quatro meses...eu num usava nada...nem camisinha nem nada....depois...depois eu pensei assim quand...botei assim a mão na cabeça assim...eu falei...comecei a tomá remédio...(Quem receitou?)...Ninguém...eu tomei assim quando...fui lá no...no....no...na farmácia...e cheguei e falei assim...ó...queria com...comprá um anticoncepcional, né...").

Fizera uso de camisinha com outros parceiros que não o pai do bebê, temendo contaminar-se com doenças sexualmente transmissíveis - ("...(Por que você acha que com ele você não usou e com os outros você usou?)...Ai....aí tia...acho que é porque gostava dele...sei lá...é porque eu também conheço ele já...desde moleque...acho que isso...e aí eu nem liguei também... (...) ... Ah...tia...é porque...eu num co...anh...porque eu num conheço...num sei por onde ele anda...e...né...e num é cabaço, né tia (sorri)...se fosse cabaço, né...até que podia, né...mas....eu num sabia...sabia que saía com outras pessoas...aí eu tinha medo...(Medo de engravidar ou medo de ter alguma doença?)...Medo dos dois tia...medo de engravidá e....e pegá algum bichinho da goiaba...").

Outras adolescentes grávidas

05 - A – A referência de outras adolescente grávidas parecia comum para A, principalmente suas colegas do projeto que atendia meninas em risco ou vítimas de prostituição - ("...Ah...as minina do projeto...as minina que tava grávida...que já tinha ganhado neném lá e tudo...que tavam só...algumas mininas que tavam...").

Uma adolescente grávida referida, foi uma jovem também vítima de violência sexual do padrasto de A - ("...depois de um tempo agora fiquei sabendo que ele tava...tava cum.....tava cum uma menina de quatorze anos parece que...ela já tá grávida já...sabe que é ir...que é irmã duma ex-mulher dele....que é a me...que ele ficô cuma menina cuns...uns

dezesseis anos e essa irmã dela... (...) ...ele deve ter agora uns quarenta ...quarenta e dois ..quarenta e três ..por aí..").

Quando perguntou-me sobre as adolescente do PAIAG, A parecia referir-se ao fenômeno da gravidez na adolescência, como algo rotineiro - ("..então agora já devem ter novas, não é tia? (atendidas do PAIAG)...").

Antecedentes da gravidez

05 - A - A adolescente largou a escola dois meses antes de engravidar. Nessa época o namorado (pai do bebê) passava a usar drogas mais abusivamente, envolvia-se com a criminalidade e a relação de A com ele estava mais turbulenta, com rupturas e retomadas de namoro - ("...porque eu briguei com ele...porque ele....ele...ele...ele tinha chave da...da minha casa, né...aí...daí ele pegô e...pegô essa chave...e foi na minha casa quando eu morava aqui no...no...aqui na frente, sabe...e daí ele pegô e...nesse dia...era dia dos namorados...até me lembro...e ele pegô e...eu tinha...tava com a televisão novinha... (...)...e...tinha dinheiro da água e da luz...era pra pagá naquele dia...ele foi lá em casa e pegô o dinheiro...aí no outro dia, minha mãe pegô e me chamô, né... (...) ..."cadê os cinquenta real que tava aí que era pra pagá água e luz?"...aí eu falei assim...aí eu...já veio aquela negócio na cabeça...foi ele que pegô, né...aí eu fiqui...eu discuti com ele...e discuti com ele e paguei minha mãe....e depois...voltei a morar com a minha mãe... (...) ...Eu pedi emprestado pra...pra...pro patrão dele...que ele tinha trabalhado... (...) ...se ele desse pra ele...ele ia usá droga, né...aí ele pegô e deu pra mim e eu dei pra...pra minha mãe...paguei a dívida dele...").

A passara a usar pílula anticoncepcional temendo engravidar, mas interrompeu o uso do contraceptivo, num dos rompimentos do namoro com o parceiro e volta à casa da mãe adotiva. Numa das reconciliações do namoro e nova passagem de moradia com o pai do bebê, A engravidou - ("...Eu parei (uso da pílula) porque...de.. depois é...a gente tinha brigado e eu voltei a morá com a minha mãe...eu fiquei lá uma semana...duas semanas...aí depois nessa semana...eu parei de tomá na casa da minha mãe....aí depois quando eu vol...quando eu tive relação com ele de novo...aí foi na hora que eu peguei...").

Gravidez

Quase toda a gravidez transcorreu com A morando com a mãe adotiva, e o pai do bebê internado na FEBEM.

Logo no início da gravidez, quando A ainda não sabia que estava grávida, o pai do bebê foi internado na FEBEM, provavelmente como adolescente em conflito com a lei.

Quando depois de dois meses ele saiu, a adolescente comunicou-lhe sobre a suspeita de estar grávida. Confirmada a gravidez, **A** voltou a morar com o pai do bebê, por pouco mais de um mês, quando novamente ele foi internado para provável cumprimento de medida sócio-educativa. Durante toda a gravidez, a adolescente não mais o encontrou, comunicando-se esporadicamente com ele, por telefone - ("...não...antes...quando eu tava ainda de dias ainda de gravidez, tava morando com a minha mãe...aí depois...ele saiu...depois eu fui morá com ele... (...) ...aí depois ele ficô...um mês...um mês e pouco...depois voltô de novo... (...) ...eu percebi sozinha, né...porque a menstruação num veio e tudo...aí...daí eu...o ..pai da neném tava...saiu, né...aí eu peguei, cheguei e falei pra ele na porta da FEBEM...eu assim: "D...eu acho que eu tô grávida, né"...aí ele falô assim: "cê tem certeza?"...falei assim: "eu acho que sim...já vai fazê dois meses já que...num desce a menstruação"...aí...ele falô assim: "então tá...quando a gente chegá lá...amanhã, a gente vai fazê esse exame, né"...aí eu fiz...o exame...daí deu positivo...").

A adolescente pareceu evocar uma posição ambivalente e ambígua, com relação à disponibilidade para engravidar - ("...Ah ..assim...que eu...assim depois que...que eu fui fazê o exame...assim...porque eu queria ficá...tá grávida, mesmo....ah...eu prefiria que num tivesse, né...mas...eu sempre pensei assim se...caso eu tivesse grávida, eu ia aceitá, né... (...) ...(...você queria engravidar?)...Ah...eu...eu sempre penso assim...quando eu engravidasse eu ia aceitá, sabe...mas assim...eu nunca fiz planos assim pra gravidez...porque eu achava que era cedo....pra tê...pra tê filho...eu sempre falava assim tê filho...assim...lá pelos dezoito...vinte...por aí...quando a cabeça num pensa...o corpo padece...aí...veio essa safadinha linda aqui da mãe...").

A atribuía a gravidez a um aumento de fecundidade trazido pelo uso da pílula anticoncepcional - ("... eu acho que se eu não tivesse tomado nenhuma pílula desde o começo...nem no fim...eu num tinha...eu num tinha pegado....porque tem que....eu acho que a...a pílula...é a...é como se diz....é...influenciou, sei lá...pra pegá barriga...")

O pouco tempo em que **A**, grávida, ficou com o pai do bebê, antes da segunda internação na FEBEM, foi muito turbulento. A adolescente tinha muito sono durante esse período da gravidez (ainda no primeiro trimestre, tempo característico do estado de nidação, além de condição emocional de ensimesmamento e recolhimento). Esse fato parecia trazer grandes desentendimentos no casal e reações violentas em **A**. Além disso, o pai do bebê provavelmente estava mais próximo de condutas desviantes, como sugerido pela sua segunda internação na FEBEM - (".....aí comecei a sentir sono...sono...sono...só vivia dormindo...só queria dormi...dormi ...dormi....aquela moleza...eu sei que eu tinha preguiça até...assim...tinha preguiça até de comer... (.) só queria dormi...dormi...dormi... (...) ... a gente começô a brigá...discutí...e eu só queria dormi ...e...aí chamavam a gente pra saí...eu num

queria...só queira ficá dentro de casa...aí começâmo a brigá...brigá...brigá...brigá...brigá...brigá...aí daí teve um dia que a gente saiu na maior paularia do mundo...um pau...um pau...um pau...quebrei...quebrei é...é...copo...joguei copo nele...me cortei toda que eu queria furá ele...e foi aquela bagunça...aí eu vim embora pra casa...aí depois...aí depois...eu fiquei uns dois três dias lá...e depois a gente conversâmo...parâmo e conversâmo...aí depois a...fiquei lá uns dias lá na casa dele...aí depois logo em seguida, ele foi preso...aí...daí...tá até hoje lá....").

Reação social à gravidez

A mãe adotiva, inicialmente, manifestou desejo de que A abortasse, e pareceu manifestar uma posição irônica perante a gravidez da filha, com possibilidade de ataques invejosos - ("... Minha mãe ficou morrendo de raiva, né ..que minha mãe pensava que ele num ia saí tão cedo de lá, né...aí só ficô dois meses...num chegô nem a ficá dois meses...faltava quatro dias pra dois meses...aí minha mãe ficô toda assim...no dia minha mãe até tomô...encheu a cara de cerveja... (...) ..."espero que você num tenha uma ninhada de rato")(sorri)...minha mãe falô...como assim...espero que eu num tenha mais, né... (...) ... a minha mãe foi uma que veio e falô: "não A. ..tira que num sei quê...tu vai vê quê que é bom pra tosse...filho num é fácil...que num sei quê...cê é muito nova"...eu falei: "ah não...agora que já tá aí, eu num vô tirá...").

A adolescente referiu comentários críticos sobre sua situação de adolescente grávida, realizados por outras mulheres adultas - ("...aí chegava lá (local de pré-natal não especializado) as mulhé ficava..."aí...pra quê que você che...porque que você ficou grávida menina...cê é louca...que num sei quê...com o tempo de hoje em dia...nova do jeito que tu é...que num sei quê"...começaram a falá, né...aí eu peguei...tá...fui a segunda vez...aí começaram a falá de novo aí me enchi meu saco....").

Parto e internação na maternidade

A adolescente teve um pré-parto dolorido e um parto normal, provavelmente fácil.

Queria dormir após o parto mas só conseguiu adormecer depois de uma mamada do bebê, cerca de oito horas após o nascimento da criança. A não referiu queixas da internação hospitalar. Somente a mãe adotiva foi visitá-la na maternidade - ("...É...foi...demorado, né...mas...demorô... eu acho que demorô muito...eu comecei a sentir as dores...seis horas da manhã...fui ganhá seis e vinte um, da noite....eu acho que demorô...bom assim demorô assim, né...que agora eu tô contando...mas na hora assim, eu num achei que demorô, sabe...que foi

nem ti...até esqueci o tempo...eu num perguntava as hora....aí....daí pra...pra...depois que eu fui pra sala de...parto...aí foi rapidinho...num doeu nada mas...na sala de pré-parto...doeu pra caramba...eu tava (.) cheguei até a dá soco na parede e tudo...por causa da dor...aí (.) muito forte, tia...a dor...é ruim....ah, mas depois assim...aí depois quando nasceu, aí eu falei...ah...agora eu vô dormi...puxá um ronco...vô ficá três dias dormindo...num consegui dormi...num consegui dormi de jeito nenhum...aí....daí só fui dormi só de madrugada, só...acho que era umas três hora da manhã...depois quando o neném mamô de novo....aí conseguí dormi um pouco...caso contrário, não.....(Quem foi visitar você no hospital?)...Foi a minha mãe...minha mãe ficô lá, né...de...a minha mãe me levô e ficô lá...até...até eu ganhá...aí depois que eu ganhei, ela viu a neném...depois foi pra casa....aí depois, no outro dia, minha mãe veio na visita...das duas horas...").

Bebê

A adolescente teve uma menina, nascida de parto normal. O bebê estava com quase dois meses quando foi iniciada a entrevista. Era uma criança de pele bem mais clara que a mãe e também com olhos claros. A adolescente era mulata clara. O bebê era amamentado no peito e parecia bem cuidado.

O bebê fazia companhia para A, que parecia muito identificada com a filha - ("...num posso vê ela chorando que eu fico doida, tia....se bobeá, eu choro junto com ela também (sorri)...).

A menina só foi registrada no nome de A, no dia marcado para o segundo encontro da entrevista. Assim como A, o bebê também era uma menina com duas madrinhas, colegas da mãe adotiva - ("...E a colega...e a madrin...é a madrinha dela...de casa....(dá um beijinho na filha) *né gotósa? ..é gotósa demais...* (...) ... ela acha que é a chupeta, sei lá ..(.) duas chupeta prá ela, né...pra que...num é toda hora que eu posso tá dando o peito...também tenho que fazê as coisas, né...aí eu dô a chupeta pra...pra enganá ela...pra dá uma enganada...").

O contato com o bebê pode ter aflorado na adolescente as fantasias acerca de sua origem biológica. A comentou que seu bebê tinha os olhos parecidos com os de uma gata, que encontramos numa das entrevistas. A criança tinha pele e olhos claros - ("...com olhos iguais a essa.....só pode ser"). A mostrou uma pinta na perna do bebê, comentando que era igual a uma pinta que a mãe adotiva tinha. Disse: "como pode, né tia...ela nem é minha mãe de sangue".

Parece que a adolescente conseguia cuidar bem do bebê. As demandas da criança pareciam importunar mais à mãe adotiva, que provavelmente ficava como depositária das partes mais difíceis de A, na relação com a filha - ("...mas a neném precisa mamá, né tia ..ela

é novinha ..e no começo quando ela mamava toda hora...que a minha mãe ficava louca da vida...no comecinho nos primeiros dias, até que não...mas aí ela falava: "pô...essa menina num dorme um sono...um sono assim...um...prolongado assim...só qué dormi só...só qué...dorme um pouquinho, uma meia hora e mama de novo... (..) ...Às vezes eu também fico um pouquinho (sorri)...eu só perco um pouquinho de paciência quando ela...quando eu tô dando ali o peito, aí ela ela fica brigando com o peito...assim de vez em quando...num fico nervosa, né mas...de vez em quando dá...dá vontade de dá uns gritinhos com ela...aí eu falo: "pô ..B., pega o peito"...").

Algumas fantasias de morte do bebê, ou de ataques a ele, ficaram sugeridas pela adolescente - (".....eu tenho medo de dormir assim e afogá o...o...o...com o peito no narizinho dela e ela ficá afogada...").

Coisas do bebê

O quarto, onde A, a mãe e o bebê dormiam, tinha sido praticamente renovado e bastante enriquecido, preparado para a vinda da criança.

A decoração do ambiente, apesar de não representar uma comemoração pelo nascimento do bebê, parecia uma oportunidade de renovação para aquele grupo familiar, enriquecendo seu ambiente de vida doméstica - ("...(Você tem mais coisas agora nesse quarto...do que você tinha... antes de ter ficado grávida...de ter tido a B.?)...Ih...tem muita coisa...que quando eu tava...ih...tem muita coisa aqui...ó...a maioria dessas coisas aqui na estante num tinha...tinha outras coisas...aquela cestinha ali, num tinha...aquela caminha também num tinha...o vídeo também num tinha...aquela bonequinha também num tinha...quê mais?...essa televisão, também num tinha...foi depois que...depois que eu fiquei grávida, que minha mãe comprou ..o álbum da neném num tinha...quê mais?...aquele patinho também num tinha...o...aquele espelho ali que...coloca as...maquiagem também num tinha...o...o...a...o qua...o quadro...o quadrinho que tem ali também num tinha...os patinho também num tinha...de cristal...mui...tem muita coisa...a cesta da neném (com produtos de perfumaria infantis)...o carrinho da neném...a sapateira também...num tinha...").

O bebê foi presenteado pela avó materna, pela madrinha e pessoas da vizinhança, e por ajuda de instituições - ("...Foi a minha mãe...e é...no começo assim...fui eu, né...que eu tava trabalhando...e tudo...mas...que eu tinha guardado o dinheiro, né...que eu sabia que tinha que comprá...aí o...esse cobertorzinho foi minha mãe que deu...mas...o carrinho foi a madrinha dela que deu...madrinha An., que mora aqui na frente...e...aí eu comprei, né...as coi...as roupinha...aí depois eu ganhei algumas peçinhas de roupa também...eu ganhei de lá da senhora...também...aquele...uma touquinha e a...um casaquinho...e...um

sapatinho...e...essa daí fui eu que...essa...a...essa toalha, fui eu que comprei...mas tem uma outra que minha mãe deu...ganhei também roupinha também da Casa do Trem...também um enxovalzinho...").

Pai do bebê

O pai do bebê era também adolescente e tinha a mesma idade de A (15 anos). Também adotado, estava em conflito com a lei, internado na FEBEM para cumprimento de medida sócio-educativa em meio fechado. Tinha histórico de condutas divergentes, com uso abusivo de drogas (crack), envolvimento com tráfico de entorpecentes e criminalidade. Segundo A, o pai do bebê passara a ter condutas desviantes, após os 14 anos de idade.

A adolescente o conhecera ainda quando criança, numa dos endereços que teve na cidade. Naquela época, chegaram a brincar juntos e a "ficar" - ("...Eu conheci ele muito pequena, tia...sempre gostei desse moleque....eu conheci ele acho que eu tinha uns dez anos...dez ...nove pra dez....eu morava aqui na General (rua)...depois logo em seguida que eu conheci ele...eu fui...pra aqui pra....pra Conselheiro (avenida)... (...) ... mas eu não reconheci ele...sabe...que fazia muito tempo que eu não via ele....aí depois aqui começou...a gente brincava...depois...depois quando a gente foi...pegando mais amizade de novo...quando eu me lembrei quem era...quem era ele....aí depois...a gente foi indo...foi indo...brincava...nós dois ali na frente...tudo...um monte de criançada tinha aqui...tinha um monte de molecada...aí....daí depois foi indo...foi indo...a gente ficava...a gente começou a ficá ..(.) namorá sabe....sem compromisso sério...aí...depois...a gente terminava...aí a gente discutia....aí depois a gente começô a namorá sério...depois eu fui morá com ele...aí depois eu peguei e...veio a gravidez da neném...").

Quando A tinha 14 anos, começou a "namorar firme" e foi, após dois ou três meses, morar na casa dele - ("...Namorá mesmo firme...firme...eu tava com quatorze...").

Segundo o relato de A, o adolescente, pai do bebê, tinha muita proximidade com experiência de risco pessoal e social, envolvido com tráfico de entorpecentes, criminalidade, corrupção policial e uso de crack - ("...Porque ele pegô e ro...robô o carro do...do polícia que chama S.... (...) ...Ele num sabia que era o carro dele e...acabô indo depois de três dias ele foi...ele foi pego....por ele...o S....ele pegô e tava falando pra todo mundo...começô...a infernizá a vida de todo mundo...que....os menino...os moleque que passa droga aqui na Amador Bueno (rua)... (...) ...ele falô que....queria o...os documento, né...dele, né...porque dentro da agenda dele tinha....tinha os nomes lá que ele pega...que ele pegava dinheiro, né...pra podê deixá as boca de tráfico, né...pra ..pra trabalhá e tudo e....e ele tava com medo disso, né... (...) ...que ele invadiu lá...a casa da...do outro moleque que robô...o outro

moleque...e falô que...que pegasse que ela não falasse quem foi que...quem foi que robô...disse que ele falô assim que ia matá...quem tivesse roubado junto com o outro...e era o D. (apelido do pai do bebê)... (...) ...pegaram lá as coisas lá...aí ele foi preso...aí ele ficô.....aí depois ele voltô pra FEBEM porque ele tava...ele ia trabalhá pra comunidade....aí....daí ele voltô de novo...").

A adolescente parecia ter com o pai do bebê uma relação de fantasias familiares. Como ele também fora uma criança adotada, ela imaginava, no início do namoro, que talvez ele fosse seu irmão natural. Essa fantasia parecia partilhada pelo imaginário de outras mulheres adultas, da convivência de A - ("...aí (a madrinha) conheceu até o D. e tudo...até que ela falô assim que...ele era super parecido comigo sabe?...aí ela tava até falando que...que eu sou adotada, né...e ele também é...aí ela falô assim que...quem sabe que a gente num era irmão...nós dois, né...eu falei assim: "não...num pode ser irmão"...mas eu sou muito...muito parecido um com outro...").

A sugeriu ter possuído uma posição materna, de cuidados com o pai do bebê, tentando protegê-lo e orientá-lo, para uma possível salvação do contexto de deterioração social que ela, de alguma forma, parecia avaliar - ("...depois que...ele começô a entrá na dro...ele...eu e ele...quando a gente começamô a namorá...era assim...ele tava trabalhando...aí ele ficava naquela...começava a trabalhá uns dias...e depois ...ficava sem trabalhá os outros dias...aí quando eu comecei a namorá com ele...eu coloquei ele nos eixo...sabe tia...falava assim...todo dia ir pro serviço... (...) ...daí eu falei: "não...num vamô lá" (escola)...eu peguei e fui lá...peguei o histórico dele...aí fui eu e ele fazê a....a....o.... a matrícula... (...) ...num adiantô mais nada...aí depois...daí logo depois...começô a usá pedra e tudo...").

As expectativas positivas perante o pai do bebê parecem terem sido dissipadas pela distância, durante a gravidez. A parecia desiludida e não manifestava mais interesse no rapaz. O pai do bebê pareceu então dispensável, enquanto figura de paternidade, até mesmo como referência de nome para o bebê - ("...eu assim...eu já desde já que ..(..) grávida...eu tava pensando que eu num ia registrá no nome...no nome dele...só se ele saísse antes...aí a gente ia conversá, né...e tudo...mas....prá podê...isso...tinha que conversá com ele, né...tudo...mas num...num tem como...minha mãe num qué me levá lá...e agora também nem faço mais questão...de tá indo lá...lá na FEBEM...e aí...eu ia registrá no meu nome, só e...seja o que Deus quisé ..."). A adolescente também não tinha o nome do pai e reproduzia, assim, parte de sua história. O pai do bebê não conhecia a filha.

Família do pai do bebê

A família do pai do bebê não parecia ter se constituído nenhuma referência familiar para A, a despeito da adolescente ter morado algum tempo com o namorado e seus pais.

Provavelmente os contatos de **A** com os pais do namorado, no âmbito doméstico, não foram laços suficientemente estáveis para significarem referências familiares - ("... (Você foi morar com ele?)...Fui morá com ele... (...) ...(E quem morava lá ..além dele?)...Além dele morava só a mãe dele...só a família dele...a mãe e o pai....dele...").

Alterações na identidade

A adolescente fez referência a alterações na identidade, num sentido de evolução de uma auto-imagem de "moleca", mais infantil, briguenta e irresponsável, para um estágio mais ajuizado, após a gravidez e principalmente após o nascimento do bebê - ("...(com sete anos) Ah ..ih ..brigava cum uns moleque ..era Maria moleca... (...) ...Antes de...antes deu engravidá, eu era mais criança, assim...mais moleca....depois....depois fui criando juízo...porque antes...ih....era moleca... saía pra tudo que era canto...depois que eu fiquei grávida num....eu fiquei mais em casa...fiquei mais caseira... (...) ...(Antes de você ter o bebê ..mudou?) ...Mudô...mudô muito....e se mudô...antes, né...quando eu num tava...quando eu num tava grávida...assim era.....era mais moleca, sei lá...depois que eu fiquei grávida comecei a ficá mais adulta, sei lá...depois que eu ganhei o neném, mais ainda...depois....depois tem a responsabilidade...a gente....a gente tem...uma vida pra cuidá e tudo...se não...se a gente num cuidá...a neném como é que fica daí...ai tia...tô ficando sem graça (sorri)..."). que você aprontava?)

Aspectos emocionais

A adolescente parecia ser acometida de sintomas psicossomáticos e de angústia - ("...Ah ..tô ..contente de tá aqui...só o único probleminha só, que teve é aquela...aquele negócio no coração assim que eu sinto de vez em quando.....mas, só...mais nada...assim feliz...assim eu tô...").

Pareceu não entender o sentido psicológico da sondagem acerca de como ela se sentia, respondendo no plano concreto da saúde corporal. Comentou que precisa ir ao ginecologista, sugerindo entretanto estar tendo problemas de ordem emocional, com crises de angústia, posteriores ao nascimento do bebê - ("...(E como você se sente atualmente?)...Ah...tô boa...assim saúde?...assim essas coisas?...ah...saúde assim...tá boa....só tenho que passá no ginecologista, só...que agora quand...de vez em quando...enquanto eu...eu durmo...assim....é...ai chega assim...de manhã assim...umas seis horas por aí...ai começa a dá aquela a ..a latejá aqui assim...num sei se é a placenta... (...) ...tenho que passá no ginecologista pra vê o quê que é isso...ai de vez em quando assim...esses dias...tava sentindo

assim...o...o.....assim o coração assim ,sabe que...doê...assim batê...batendo e doendo, sabe...no coração...tem que vê isso também...o quê que é...tá doendo assim...num sei se é porque tô dando de mamá....(Desde quando você está sentindo isso no coração?)...Ah...já...ó já senti...acho...acho que umas quatro vezes, mais ou menos...depois....(Foi depois do nascimento do bebê?)...É...depois da neném nas...nascê....dá...dá assim um...umas quatro vezes assim, sabe...aí depois pára...dá uma dorzinha...dá agonia assim...tia (...) ..parec.....(Agonia...)É...parece que tô morrendo...sei lá...coisa estranha....aí tem que vê isso... (...) ...bem pertinho da...da porta do médico...só que eu num falei nada pra doutora dela porque...acho que num tem nada a vê uma coisa com a outra, né...eu tenho que marcá consulta pra...pra vê o quê que é...").

Durante a gravidez, A passara por muitas dificuldades emocionais possivelmente advindas da separação mais traumática do companheiro (pelas internações na FEBEM e pelos problemas em que ele estava envolvido), a insegurança acerca do destino dele e de sua ausência indefinida no tempo. Provavelmente foi invadida por pensamentos perseguidores, logo no início da gravidez, quando houve a segunda internação do rapaz - ("...Ah...esperava...esperava que ele ia saí...ih...falava ih...pensava um monte de coisa...de vez em quando eu...quando eu tava grávida...eu ficava...sabe aquela co...sabe...parecia que ele tava me vendo, tia...num sei...uma coisa estranha...assim...é...eu olhava assim...os cantos assim...num podia vê uma pessoa morena que eu ficava olhando...naquela esperança, sabe...e...é quando passava ônibus...eu ficava olhando dentro dos ônibus....assim pra vê se ele num tava...sei lá...uma coisa estranha (sorri)...parecia que...ele tava me espiando...sabe uma pessoa que fica te seguindo o tempo todo...até na hora de dormi parecia que ele tava aqui olhando...ficava (...) acordada...de noite assustada...pra vê se ele tava me olhando...aí uma coisa estranha...num sei se é porque ele...ele tê...a última vez que eu vi ele ..consegui falá com ele ..ele falô que ...que talvez ele podia saí no ..no Natal, né ..aí fiquei naquela esperança, né...").

Com o desenvolvimento da gravidez, A parece ter conseguido melhor estabilidade emocional, até conseguir desligar-se da dependência afetiva estabelecida com o pai do bebê. O esvaziamento da relação e a ruptura emocional com ele foram evocados como consequência da separação imposta pela internação do adolescente - ("...aí depois...foi passando, foi passando, foi passando...isso eu tava com quê....tava com uns três meses, quatro meses, mais ou menos...três pra quatro...meses...aí ..aí depois quando eu completei seis meses...sete...seis pra sete...aí depois, aquilo foi diminuindo...diminuindo...aí depois que eu ganhei a neném nem...eu nem ligo mais....num tô nem mais aí mais... (...) ... (E o quê que você está esperando com relação à volta do D.)...Ah ..num tô esperando nada...).

Apesar dos problemas da mãe adotiva com relação a seu sono perturbado pelo bebê, as dificuldades do relacionamento de A com a mãe podem ter ficado um pouco mais controladas, com o nascimento da criança, como se A pudesse, com a nova condição de mãe, libertar-se um pouco da dinâmica que a unia como filha culpada e ameaçada, que traía a mãe, unindo-se sexualmente ao padrasto - ("...ela trabalha muito de noite, aí ela fica irritada...e eu num gosto que ela fique brigando (...)..ela briga comigo...mas eu sei que ela tá brigando com ela (bebê)...eu num tenho,..ela sabe que eu num tenho culpa mas quem tem culpa é ela ?(bebê)..*bebezinho de mãe não tem culpa ..né?... (...)* ...Ah...é...agora a gente tava se dando um pouquinho melhor do que antes, né...porque antes a gente brigava muito...porque eu achava que...eu num podia vê uma lata de cerveja que eu...que eu começava a discuti com ela...sabe, eu ficava com raiva, sabe...eu num discutia assim com ela...ficava com raiva, sabe....sei lá, uma coisa que me dá...uma coisa assim que eu ficava com raiva dela...mas agora...agora depois que eu ganhei a neném...eu percebi que num era problema da (...)...é problema que eu tinha trauma...porque...meu padrasto me abusava de mim e...e...batia nela...e batia em mim...aí eu acho que é isso...").

A solidão parecia muito característica da vida de A - ("...Eu fico sozinha...eu e a neném...(E antes de ter o neném?)...Eu ficava sozinha...."). A adolescente foi solitária até mesmo para satisfazer seus desejos orais noturnos de gestante, demandas comumente satisfeitas por alguém próximo da mulher grávida. Essa condição de quase não contar com ninguém parecia aproximar muito a adolescente do bebê - ("...porque (eu) queria o tal do ma....do camarão...aí eu fi...fui lá (.) pra vê se tinha....aí tinha um restaurante na...ali na...na...ali na...no comecinho da Ana Costa (avenida)...ali perto do Avelino (escola)...do...do Cesário (escola)..aí lá tinha...camarão...aí eu comi uma porção de camarãozinho...de madrugada, lá (sorri)...(Com quem você foi?)...Eu fui sozinha....").

Fez diversas referências a sono, parecendo identificada com o bebê - ("...quando eu dô mamá...assim pra neném...aí eu acabo dormindo junto com ela...no começo dava um sono... (...) ...dormia assim em cima da neném (sorri)...e eu dando mamá assim pra menina e dormindo...de tanto sono...").

Referências de perdas

Ao lado de perceber as mudanças ocorridas na sua vida, A pouco referiu prejuízos trazidos pela gravidez e maternidade. Comentou sobre perda de liberdade para sair sozinha em passeios noturnos e falta de tempo disponível para si mesma - ("...Ah...antes...antes quando eu tava grávida eu...eu saía pra todo lado...andava...era rueira...apesar que agora eu também sou rueira, né...que nem...eu vô pra tudo que é lado, né...com ela...mas fica um pouquinho mais em casa, né...que num pode ficá saindo...num pode saí de noite...eu já,

quando tava grávida saía...num saía muito, né...que eu nunca fui de....me esticá...na rua mas...aí muda um pouco...muda bastante...(Muda bastante...)...Muda....num é sempre que a gente pode saí...tem...que nem...se eu for...num posso saí sozinha...se...se...se tem que saí sozinha, tem que ficá alguém com a neném...que num pode ficá sozinha...tem um monte de coisa... (...) ...Bom...agora eu tenho mais responsabilidade e tenho menos tempo (sorri)...que nem...antes eu tinha mais tempo, né...pra mim...o tempo todo era pra mim, né...agora não...agora tem que dedicá todo o tempo pra ela...e tudo...tem um pouquinho de nada assim...pra mim, né... (...) ...Assim...quando eu preciso assim...saí, assim que...só dá pra mim saí de manhã, né...se for saí assim...num lugar assim...que num dá pra levá a neném...aí a minha mãe dá uma olhadinha...mas...assim de tarde...assim ..num posso saí...se querê saí, tem que levá ela...porque daí, só fica eu só aqui em casa...daí num dá...aí tem que levá ela..").

Instituições

A comentou sobre instituições de cuidados sociais - seus processos e seus técnicos - como referências comuns de sua vida que, apesar de familiares, eram mal entendidas ou entendidas de forma confusa - ("...a última vez que eu telefonei foi...quatro dias depois da nenê nascê...que eu tentei telefoná...aí eu num conseguí...daí eu tive que ir lá no Fórum...falá lá com a mulhé lá (provavelmente, uma assistente social)...e a mulhé telefonô...aí chamaram ele pra mim falá com ele... (...) ...Aí.... e a... parece que o pai da neném...dela...vai saí...tá pra saí já que... (...) ...telefonaram pra...pro Q. pra falá pra mãe dele pra tá indo lá na FEBEM pra...pra buscá...pra assiná um termo de....termo de soltura...de liberdade...sei lá...agora eu num sei se ele vai saí quarta-feira de lá ou se vai primeiro no...no Forum e depois no...psicólogo...essas coisas e.....daí ele falô, né...que aí agora eu tô pra telefoná pra lá pra vê se ele vai saí mesmo que ele não soube...o Q. não soube explicá direito q...quê que é mesmo...se ele vai saí mesmo se...é só pra assiná lá o...pra pedí a liberdade dele sabe...tem essas coisas também...").

Autonomia

A adolescente tinha uma vida bastante solitária, praticamente não tendo figura de autoridade presente na casa. Conseqüentemente, a liberdade e a autonomia que tinha, pareciam face de uma condição de abandono e solidão.

A dependia financeiramente da mãe adotiva e parecia muito envolvida com pensamentos acerca da economia doméstica, principalmente com as pressões dos problemas de moradia causados pela dificuldade de pagamento de aluguel. Diversas vezes A comentava de quantias de dinheiro, relacionadas aos valores de aluguel - ("...aqui é trezentos real,

né...e...a minha mãe fica com cento e cinquenta e ela também com cento e cinquenta pra num ficá tão pesado porque ela morava...a gente morava aqui na frente....e daí ela...ela tava pagando duzentos e p...duzentos real... (...)minha mãe já tava pagando duzentos mas ia aumentá pra duzentos e cinquenta... (...) ...minha mãe achô que era melhor tá mudando pra cá... (...) ..."cadê os cinquenta real que tava aí que era pra pagá água e luz?"... (...) ..que lá...em Vicente de Carvalho tem...bastante casa barata, né...porque aqui o aluguel aqui...aqui...por aí...por uns quartos de mu...muquifo aí ..duzentos real...duzentos e cinquenta...trezentos...(Você sabe quanto é aqui?)...Aqui é...trezentos real aqui... (...) ...daí a minha mãe prefriu morá aqui ..daí pelo menos, já tinha cozinha..."). ado, assim ..pra podê passá pra cozinha ..a cozinha tinha uma piazinha assim ..pequena ..aí a gente ficava lá ..mas daí depois veio aqui ..o tanque é tudo aqui dentro ..a pia ..o tanque ..tudo dentro da cozinha ..fica mais fácil ..é maior também, néaí ..daí a gente veio morá aqui ...").

A e mãe provavelmente estavam sendo ajudadas economicamente por um senhor, amigo da mãe. A presença desse benfeitor, praticamente desconhecido e que visitava a adolescente, sugeriu uma possibilidade de que A estivesse sob um risco provável de ser vítima de prostituição - ("...(esperando a visita de um senhor amigo da sua mãe...fale um pouco sobre ele.)... (...) ...ele veio aqui porque ele...ele tava vendo uma casa pra...pra mim e pra minha mãe, né...que a minha mãe tá querendo saí daqui... (...) ...o clima não tá muito legal aqui, né...aí ele...ia vim aqui pra...que ele tava vendo uma casa lá pra nós...prá nós aluga... (...) ...ele ia ser o padrinho dela (bebê)... (...) ...ele falô que daí ele ia vê a casa, né...que ele queria porque queria...que ele falô que ele num queria que a neném continuasse dormindo no carrinho...falô que ia comprá um berço pra ela....que ele num ia ser...o presente dele ia ser o berço, né...ele qué, porque aqui não dá pra colocá...").

Questões de gênero

As relações entre homens e mulheres que cercavam a vida de A evocavam uma mistura de agressões e promessas de benfeitorias econômicas - homens que podiam ajudar mulheres e/ou espancá-las. A adolescente referiu que o padrasto batia na mãe.

A instituição que A freqüentava, voltada para trabalho com sexualidade feminina e prostituição, provavelmente proporcionava oportunidades de discussão sobre questões de gênero. A, no entanto, não parecia ter posições mais conscientes acerca das dificuldades acerca dessas questões. Não comentou sobre possibilidade de casamento futuro, ou projetos positivos de união com um homem, num âmbito de constituição de família.

Projetos

A não se manifestou mais espontaneamente sobre projetos futuros. Comentou sobre a vontade de voltar a estudar mas parecia falar de uma forma estereotipada, como que reproduzindo um valor social acerca dos estudos. Apesar de que A provavelmente sabia que não teria condições de deixar o bebê com sua mãe para poder estudar, referiu-se a essa possibilidade, como que falando sobre algo que não poderia ser provado no real mas que era possível de ser falado como um bom projeto ou expressão de um desejo - ("...Pretendo...estudá (...)...(Supletivo?)...É... supletivo...(Então...seria durante o dia ou durante a noite?)...Durante a noite...(E quem ficaria com o bebê?)...Daí ia ficá a minha mãe... (...) ...aí minha mãe vai trabalhá de manhã, e de tarde e de noite ela fica com a neném...(Você deseja isso ou ela já propôs isso para você...vocês já conversaram?)...Não...eu prefiro...eu desejo isso, né tia...porque eu não quero que ninguém cuide dela (bebê)...eu tenho medo de judiarem dela...").

Comentou sobre o desejo de ter um emprego, mas parecia perceber as dificuldades acerca de suas possibilidades para isso. Seus planos pareciam estar mais voltados para o presente e não para o futuro, com a adolescente mais dedicada ao cuidado do bebê e aos desejos de ter uma moradia própria além de novas aquisições materiais, para melhor conforto em sua vida - ("...(estar com alguém)...Eu não...eu tô...(Está interessada em alguém?)...Irg...eu não penso em namorá tão cedoagora eu só quero criá minha filha (.) mais ..minha Buna? ..sem namôlo, né? ..sem namôlo....(E sobre futuro....o que você pensa?)...Ah...no futuro eu vô...vô voltá a estudá...terminá o...o colégio...que eu quero arrumá um emprego...vô vê se eu consigo fazê...um curso de...um curso de computação....(Que profissão você gostaria de ter?)...Assim...nem que seja assim...balconista...é...fazê um curso...um cursinho pra...assim pro escritório assim....apesar que o quê pintá, né tia...a gente tá pegando, né...de emprego...porque emprego...tá difícil..."). Falou que gostaria de ganhar um fogão porque o de sua mãe já está dando problemas. Disse que agora já tinha a cama, pois antes dormia num colchão no chão, mas desde que mudara para lá, havia o risco de pegar pneumonia, porque o chão era de piso. Perguntei-lhe de quem gostaria de ganhar o fogão. Ela ficou pensativa e depois disse que não sabia e que aquilo era só um sonho.

Cotidiano

A ficava sozinha cuidando do bebê, fazia a comida e sugeriu que dormia bastante, provavelmente acompanhando o ritmo de vigília e sono da criança. Parecia estar cumprindo tarefas de cuidado com a filha, como levá-la para tomar vacinas e registrá-la. Durante a

noite, provavelmente antes da mãe chegar, cuidava da casa, que pareceu-me bem organizada e limpa - ("...eu gosto mais de arrumá a casa de noite, né...que de noite eu num fico tão cansada...mas assim de dia...assim ..eu dô uma arrumadinha assim por cima...").

Vaidade e auto-cuidados

A parecia descontente com as modificações corporais trazidas pela gravidez. Queixou-se dos prejuízos estéticos, principalmente do abdome, dizendo que ficara constrangida com as modificações ocorridas. Aparentava estar voltada para pensamentos acerca da possibilidade de restauração da estética perdida ou de uma adaptação à nova condição de auto-imagem. Disse que se sentia velha e evitava sair de casa com a barriga de fora - ("...é...formá nove meses...começô a estorá as estria e...aí fiquei com mó raiva...começô a estorá as estria...agora eu vô vê se eu compro o...um creme que saiu agora...aí de estria...sei lá...um negócio de estria assim...é prá...prá passá...que ficam estria aqui assim do lado...fiquei com estria aqui, assim na barriga...num fiquei com muita, né...tem gente que fica pior...mas...ficô, né.....aí no começo...assim...me sentia um pouquinho velha...assim...ficava escondendo as estria...assim...e no meio da blusa assim...ficava puxando a blusa...porque...eu me sentia velha...agora não...agora já tô acostumada...mas...eu evito de saí com as barriga de fora...a...mas...eu vô passá, né...").

A mantinha alguns hábitos de vaidade, como pintar o cabelo, mas achava menos tempo para se dedicar aos auto-cuidados, a partir do nascimento da criança. Referiu principalmente perdas com relação ao cuidado com as unhas - ("...É...a minha unha...que eu sempre...toda semana...tia...eu ia fazê minha unha, quando eu tava grávida...só depois...assim...quando eu tava....com uns nove meses...as...oito meses pra nove meses...que eu parei, né...de fazê, né.....aí...agora eu num tenho mais tempo...").

Aspectos "transferenciais"

A adolescente mantinha comigo uma relação que não parecia levar em conta a diferença do meu papel e da minha condição de adulto. Apesar de um pouco constrangida - ("...aí, tia...tô ficando sem graça...") - às vezes falava comigo como se estivesse conversando com uma colega, querendo mostrar-me fotografias do padrasto e perguntando-me sobre o serviço do hospital, onde eu trabalhava e ela fizera pré-natal e ganhara o bebê.

A foi sempre cooperativa mas não estava presente em dois de nossos encontros, marcados com antecedência. Chamava-me sempre de "tia" e por vezes parecia infantilizada.

Quando nos encontrávamos para as entrevistas, A apresentava-se bem alegre, como que feliz pela minha visita, mas também mostrava-se ansiosa, principalmente no início das

gravações. Por vezes, tentava ela mesma conduzir um pouco a dinâmica da entrevista, sugerindo-me diretividade, provavelmente pela mobilização da angústia que a condição mais aberta da técnica da entrevista trazia. Ao lado de parecer um pouco tímida, explicava-me por vezes, como eu deveria falar - ("...É...assim...é...não assim....a sua vida....senão eu não sei o que eu vô falá.... É difícil...tia... (...) ...Já...se a senhora quisé perguntá outras coisas...").

Noções de tempo

A parecia esforçar-se para recordar a(s) idade(s) e o espaço temporal relativos a cada casa que morou e cada relação familiar que teve, falando datas de aniversários diversas vezes e tentando associações para facilitar a lembrança. Parecia procurar sair de um estado mais confuso acerca das delimitações de tempo na sua história de vida - ("...É...é...não...foi depois que...eu tava...acho que tava grávida de dois meses...não s...acho que tava grávida de dois meses, mais ou menos...quando a gente mudô...porque eu me lembro que o pai da neném tinha saído...tinha acabado de saí da FEBEM...aí....daí a gente mudamo até que ele ajudô a...a...a fazê a mudança e tudo....é, faz uns sete meses...oito meses mais ou menos... (...) ...aí....daí ela (madrinha com quem morou) pegô e...e vol...aí ela...foi e depois num voltô mais...aí daí...eu acho que...no ano passado...num sei se foi no ano passado....aí...no começo do ano passado eu fui pra lá...").

Discurso

A conversava com bastante desembaraço, mas quando parecia mais ansiosa, repetia muitas palavras ou perdia-se na comunicação linear do tema - ("....só que minha mãe chegô de repente e me...falô assim: "a gente vai embora hoje"...ela chegô no mesmo dia eu nem...nem conseguí dá tchau pra minha madrinha...porque minha madrinha tinha saído... (...) ...aí....daí eu dei tchau...peguei as minhas mala e fui embora ..aí num deu pra mim compl.. .um deu pra mim passá pra quarta série, né ..aí eu fiz a terceira aqui de novo...aí....daí eu fui.....ah tia, que eu tava falando mesmo?....no negócio do.....ah, do D....aí depois eu voltei pra cá....").

A tinha um discurso muito expressivo ("...tem um pouquinho de nada assim...pra mim, né..."), mas muitas vezes fazia erros de linguagem, denotando dificuldades de expressão correta da língua, provavelmente causadas pela defasagem na escolaridade ("...a gente passîemo por lá..." e usava gírias ("...que eu nunca fui de....me esticá...").

Por vezes, solicitou minha ajuda, demonstrando algum desconcerto pela posição de entrevistada - ("...quê mais tia que a senhora qué que eu fale?... (...) ...tô sem graça...").

Reação do grupo social à minha presença

Nas três entrevistas, encontrei a adolescente sozinha com seu bebê. A confirmou que escolhia sempre horários nos quais a mãe não ficava em casa. Parecia evitar meu encontro com ela. Uma vizinha interrompeu uma das entrevistas, vindo pedir cola, mas eu não pude observá-la, pois só ouvi sua voz.

Aspectos "contratransferenciais"

Cometi um erro ao referir-me numa pergunta, ao abuso sexual praticado pelo padrasto, dos oito aos 12 anos, quando a adolescente já afirmara que o abuso ocorrera até próximo aos 11 anos.

Provavelmente por ansiedade, confundi-me na sondagem de alguns detalhes sobre a origem da adoção da adolescente, apressando-me ao sondar dados acerca de seu registro de nascimento. Confundi-me também nos espaços temporais relacionados às referências de moradia que a adolescente teve.

Primeiras falas dos encontros

No primeiro encontro, A iniciou sua fala com a temática da dificuldade de ser entrevistada - ("...Ai...meu Deus...num sei o quê eu vô falá....quê que eu falo tia? (sorri)..ai tia...não sei o quê que eu falo.....falá da minha vida...hum...ai tia fala alg...pergunta alguma coisa pra mim começá tia...senão assim...com a cabeça assim....pergunta tia...(Perguntar?)....É...pergunta alguma coisa... (Então eu vou perguntar para você...como que é a sua vida?)....Ah...a minha vida agora?...(Pode ser agora...)...Ah... (...) ...Ah ..minha vida é legal assim....ah ..ai....ai eu tô confusa, tia...não sei o quê que eu falo....a minha vida....ah ..minha vida é...vou pro médico...com a neném...limpo a casa....que mais?...dô banho no neném....é.....ai tia...dô mamá pra ela...").

No início da gravação do segundo encontro da entrevista, a adolescente, parecia já ter um tema escolhido para falar e então solicitou-me que eu a inquirisse sobre o tema planejado - ("...Pergunta sobre o trabalho....é...(Perguntar?)...É...eu já trabalhei já na...já trabalhei já, n....três vezes já...").

Drogas, violência, condutas marginais

A adolescente pertencia a um contexto social permeado de condições de risco social, como violência, condutas desviantes, tráfico de entorpecentes e uso abusivo de drogas.

A adolescente fez muitas referência ao uso abusivo de drogas e ao mundo do tráfico de entorpecentes. O pai do bebê era provável dependente de crack e envolvido com tráfico e com outros comportamentos em conflito com a lei - ("...mas de boate sabe?...e...ele morreu porque ele foi apartá uma briga porque a mulher tinha pegado...num sei se era pedra (crack), num sei...acho que naquela época num tinha muita pedra...que acho que tinha aquelas droga...cum os cara...aí os cara pe...aí os cara queria pegá o relógio dela...pra ela podê pagá a droga, que ela num tinha dinheiro...aí...meu padrinho tava bêbado.... (...) ...ele num deu porque ele (pai do bebê) tava usando droga e ele sabia muito bem disso...se ele desse pra ele...ele ia usá droga, né...").

Parecia aceitar a representação de tráfico de entorpecentes como trabalho - ("...pra podê deixá nas bocas de tráfico, né...pra...pra trabalhá e tudo...").

A gravidez pode ter representado para A, uma possibilidade, mesmo que temporária, de salvá-la do mundo do uso abusivo das drogas, próprio do contexto em que estava diretamente inserida - ("...Num vô usá porque eu tô vendo o fim de todo mundo aí, tia...cê acha que eu vô querê prejudicá minha saúde...e ainda ficá seca que nem um palito...começá a robá Deus e o mundo... não...isso aí leva à maldição...negativo...nem a maconha...a maconha só usei só pra experimentá... pra vê... (...) ...Prefiro ficá consciente...").

Análise da entrevista com - Dan (15 anos)

Com quem estava vivendo?

A adolescente e o bebê moravam com o pai de **Dan** e três irmãos menores (um irmão de 12 anos, uma irmã de nove e outro irmão de seis anos). Contando com o bebê, sete pessoas estavam vivendo no porão, moradia da adolescente. Além dos irmãos e do pai de **Dan**, ali também morava uma tia (moça que fora casada com um tio materno da adolescente, mas que se separara) - ("...mas tá ainda no papel...então por isso que ainda a gente chama de tia...e...ela tá morando aqui porque a casa também é dela...é...aqui é...de herdeiros, né...são oito no total..."). Na época das entrevistas, além dessas pessoas, também estavam dormindo na casa duas moças que eram pouco conhecidas da família.

A mãe de **Dan** não morava com os filhos - ("minha mãe num mora aqui...ela vem aqui de vez em quando...entendeu...é capaz de daqui a pouco ela vem aqui...").

Casa

A casa de **Dan** ficava no porão de um sobrado. Algumas folhas de compensado e cortinas plásticas dividiam os cômodos, formando sala e dois quartos. O quarto da adolescente era bastante úmido, pouco iluminado e com problemas de ventilação porque não possuía janelas, somente um pequeno vitrô que dava para uma parede interna da casa. O local parecia oferecer pouca privacidade - ("...(Quantos quartos tem aqui?) ...aqui tem dois...só que aqui era um quarto que a gente fizemos, né...colocamos cortina...fizemos um quarto aqui...e...de vez em quando eu dormia aqui...meu pai dormia aqui..."). No andar de cima do sobrado moravam outros parentes, da família da mãe da adolescente.

Outras pessoas, além da família, pousavam na casa. Duas moças, de 16 e 22 anos, que a família não conhecia, vindas de outra cidade para assistir a um show, estavam sendo recebidas na casa para dormir - ("...(sondagem sobre possibilidade de sublocação)...Não...elas estão dormindo aqui... (...) conhecemos agora, né...mas não muito... (...)...tão aqui desde sábado...). Talvez houvesse acordos de pagamento para a hospedagem das moças que **Dan** desconhecia, ou que não tivesse esclarecido na entrevista, mas a presença daquelas moças parecia indicar frágeis fronteiras dentro do núcleo familiar, lembrando uma "república" de jovens.

Dados da família

A adolescente era a filha mais velha. Os pais estavam separados há aproximadamente um ano (um mês antes dela engravidar). Foi a mãe quem quis a separação,

porque, segundo **Dan**, não gostava mais do marido. A adolescente disse que o pai ainda gostava da mãe, mas ambos estavam namorando - (".....ela e meu pai já não se dão mais, né...são só amigos mesmo... meu pai tá com outra...minha mãe tá com.. meu pa...minha mãe tá outro...então...cada um tá levando a sua vida, né...").

Houve conflito no casal sobre quem ficaria com a casa e com o cuidado dos quatro filhos. A casa era de propriedade da família da mãe de **Dan**, mas foi o pai quem ficou cuidando dos filhos, ali residindo com eles.

Mãe

A mãe da adolescente parecia ambígua em sua presença na vida familiar dos filhos, não evidenciando aspectos de "maternagem"⁶⁸ e exercendo uma "autoridade" mais severa que o pai, apesar de parecer freqüentar a casa como visita. Ela trabalhava à noite, como garçonete em um bar ("..das cinco e meia da tarde...às quatro da manhã...").

A mãe foi referida por **Dan** com elementos positivos - iria ajudá-la, era amiga. A mãe "ausente" parecia ser bastante preservada por **Dan**, com mecanismos de negação, identificação e alguma idealização. A adolescente evocava possuir uma dependência infantil da mãe e ao mesmo tempo, relacionava-se com ela como com uma colega.

Parecia haver alguma cumplicidade entre a mãe e **Dan**, contra o pai da adolescente. A mãe sabia da gravidez da filha e onde ela se escondeu, quando fugiu de casa temendo o pai - ("...mas ela (mãe) tinha medo de...de eu contar pro meu pai...entendeu...porque geralmente os pais, né...não aceitam...").

Não parecia haver diferenciação suficiente nos papéis da mãe e da filha **Dan** - ("...a gente conversa assim...normal...eu esqueço que ela é minha mãe...e...eu não escondo nada dela...). Parece que a adolescente passara a ter essa posição de negação do papel adulto da mãe, tratando-a como uma colega, mais no início da adolescência, a partir do primeiro namoro, aos 12 anos - ("...depois que...eu comecei a namorar...que foi mudando...mas não era assim...eu num contava antes...eu achava que minha mãe ia brigar..."). A mãe, apesar de ambivalente, também parecia tratar **Dan** como a uma colega.

Dan afirmou que a mãe ajudava a cuidar do bebê, entretanto esse parecia ser mais um desejo (e uma defesa) da adolescente do que um acontecimento real e freqüente.

⁶⁸ Entende-se aqui "maternagem" como uma interação que inclui simbolicamente "gestação" e "nutrição": acolhimento, compreensão, paciência, orientação e suporte para angústias. Cf. Monteiro & Oliveira, **Assistência à gestante: uma experiência psicológica em saúde pública**, p. 157.

Pai

O pai da adolescente foi a figura mais atacada da família, ficando depositário dos elementos mais agressivos, de menor confiança e sentimentos de desproteção.

Era o pai quem cuidava da casa, realizando as tarefas domésticas, cozinhando e lavando a roupa. Tinha sido militar e desde antes da gravidez de **Dan**, estava vivendo de "bicos" como músico, trabalhando em bailes em alguns fins-de-semana, durante à noite - ("...por enquanto ele tá desempregado porque ele foi policial quatorze anos, né...e pediu baixa...porque ele não agüentava mais...").

Nos três encontros da entrevista, o pai de **Dan** estava na casa, sempre no sofá, dormindo ou assistindo televisão.

Parece que era o pai da adolescente quem mais referia para a jovem a alteração de identidade que ela teria que "sofrer", com novas atribuições de papéis, perda de liberdade e aquisição de responsabilidade - ("...É...meu pai fica falando que...né...agora perdi a liberdade... não posso sair...que agora tenho uma responsabilidade...e que agora...por enquanto é só o começo, né...e ele vai fazer um ano...dois anos e ainda vô ter que tá cuidando dele, né...").

O pai de **Dan** comentou comigo que estava utilizando-se dos serviços de um advogado para defender a filha e o neto em seus direitos perante o pai do bebê, acionando medidas legais - ("...coloquei o cara na justiça...vai ter que pagar pensão...contratei um advogado...ele vai levar um susto..." - registro aproximado da fala do pai, não gravada mecanicamente, quando eu cheguei na casa, pela primeira vez).

Também o pai de **Dan** parecia dispor de pouca diferenciação no seu papel de adulto e figura parental, confundindo contato de suporte afetivo com negação de seu papel de autoridade - ("...dou apoio...não sou pai, sou amigo" - pai da adolescente falando comigo). Quando o namorado de **Dan** foi morar na casa da adolescente, após três meses de namoro, o pai da jovem não parece ter exercido tentativas de interdição ou controle quanto a vida sexual da filha, que estava com 14 anos.

A despeito dessa condição confusa na diferenciação como pai e adulto, era ele a figura parental que se responsabilizava pelo cuidado da adolescente. Quando **Dan** fugiu de casa, no início da gravidez, foi o pai quem a procurou, encontrou e a trouxe de volta - ("...ele tava atrás de mim me procurando...aí...ele foi atrás de mim...me buscou...me trouxe pra casa...e aceitou minha gravidez...ele como a minha mãe também...(.....) porque geralmente os pais, né... não aceitam...mas o meu pai aceitou, né...aceitou...num falou nada...nem joga na cara...nem nada ...só fala que tem responsabilidade agora...que eu num tô saindo, não por causa dele...por causa de mim mesma, né...").

Escola

A adolescente já apresentava algumas dificuldades na escola, antes da gravidez. Quando ficou grávida, **Dan** não voltou à escola durante o primeiro semestre letivo, retornando no entanto a estudar por dois meses do segundo semestre, no período noturno. Ela estava mais uma vez fazendo a 6ª série, mas não frequentou as aulas até o final do ano devido ao nascimento do bebê.

Dan poderia ter entregue trabalhos escolares feitos em casa para evitar uma nova repetência, mas não os entregou. A adolescente tinha um histórico de repetências anteriores (2ª, 5ª e 6ª séries) e alguma descontinuidade na vida escolar - ("eu já...entrei grávida, né...eu...que eu comecei na metade do ano..."). Ela deixou de ir à escola 15 dias antes do nascimento do bebê, um pouco antes do término do ano letivo (final da 6ª série).

Dan fez referências de voltar a estudar (fazer supletivo e à noite) como se não fosse parar os estudos, mas ela não fizera a matrícula no período próprio para poder voltar à escola. Apesar de provavelmente ter perdido o prazo para matrícula, ela referia a volta à escola como se essa mera referência já preenchesse as necessidades reais para a retomada da pertinência escolar - ("...Ah...eu tive que parar...né...mas no ano que vem...eu vou continuar... (...) ...O ano que vem eu vou voltar...(Aí com quem ficaria o bebê?)...Aí...o neném vai ficar...ou com a madrinha dele (antes referiu que não confiava em deixar com ela)...ou com a minha mãe...porque a minha mãe trabalha...então...eu não sei o que eu vou fazer...vô...vô tê que dá um jeito, né...pra voltar a estudar...").

Dan parecia contar com poucos recursos internos, de iniciativa e estímulo a fim de sozinha providenciar os trâmites necessários para a validação da licença maternidade e re-matrícula - ("...eles (da escola) falaram pra mim que...se eu quisesse fazer trabalho em casa...essas coisas...só que meu pai não foi lá...ele num...teve tempo...de ir lá...aí...acabei repetindo..."). Nem ela nem o pai haviam tomado as providências e parece que **Dan** também não teria com quem deixar o bebê, mas não refletia sobre isso.

A adolescente comentou muito superficialmente sobre planos de fazer o colegial e uma faculdade.

Histórico de trabalho

Com 13 anos, **Dan** teve seu primeiro trabalho, numa gráfica, local onde conheceu o pai do bebê. **Dan** trabalhou ali somente por um mês.

Aspectos de sexualidade

A maioria das informações que a adolescente dispunha sobre sexo parecia ter sido obtida com colegas. **Dan** comentou que nunca recebeu orientação e informação sobre sexualidade, na escola.

A adolescente referiu dois breves namoros, além do relacionamento com o pai do bebê. O primeiro namorado tinha 12 anos, como ela. Foi um namoro de "respeito", sem relações sexuais; segundo **Dan**, eles apenas se beijavam.

O namoro com o pai do bebê foi iniciado quando **Dan** tinha 13 anos e o namorado, 16. A primeira relação sexual da adolescente ocorreu com o pai do bebê, após dois meses de conhecimento e namoro. Logo depois o namorado passou a morar na casa da adolescente - ("...Ele dormia nos quartos do fundo...que agora é quarto do meu pai...e eu dormia aqui nesse quarto...(Quantos quartos tem aqui?)...Ah...aqui tem dois...só que aqui era um quarto que a gente fizemos, né...colocamos cortina...").

A mãe de **Dan** sabia da ocorrência das relações sexuais da filha e lhe falava para "ter cuidado". A narração de **Dan** sugeria que a mãe se referia principalmente a cuidados diante de aspectos psicológicos do rapaz (que poderia abandonar a adolescente) e menos à possibilidade de gravidez da filha, independente da posição do namorado. A mãe aconselhava **Dan** ao uso de métodos contraceptivos mas seus alertas pareciam conviver com uma posição mais permissiva perante a vida sexual de **Dan**, a partir do namoro com o pai do bebê - (".....que ela sabia do meu relacionamento com meu namorado, né...então ela me indicava pra eu ir no médico...pegar anticoncepcional...pra ele usar camisinha...entendeu..."). Parece que antes desse namoro, iniciado quando **Dan** tinha 13 anos, a mãe já conversava sobre assuntos relacionados a sexo e prevenção da AIDS - ("...O que era certo (sorri)...é usar...camisinha....que eu acho que é bem melhor do que anticoncepcional...e...tomar cuidado com quem eu...que eu saio...que eu saio...que ela...que ela fala (mãe) que quem vê cara num vê Aids, né....então...ela falou pra mim prevenir...gravidez....tudo isso...mas eu num tava namorando ainda....").

Dan e o namorado tinham relações sexuais quando o pai da jovem não estava na casa. O pai da adolescente não parecia contar com uma gravidez da filha, mas também não colocava impedimentos para sua vida sexual. Essa falta de interesse pela vida sexual da filha podia ser fruto de uma negação da função paterna, ou condição de uma certo distanciamento da vida da jovem. Tanto a mãe quanto o pai pareciam deixar para a própria adolescente a definição dos limites de sua vida sexual.

Dan referiu que namorou um rapaz da escola, do quinto ao sétimo mês da gravidez. Também com ele disse não ter tido relações sexuais.

A adolescente comentou sobre uso de preservativo (camisinha) nas relações sexuais com o pai do bebê (incluindo "acidentes", como "estourar"). Também referiu o uso da pílula e do coito interrompido (após minha pergunta) como métodos contraceptivos que ela conhecia. **Dan** também fez referência a métodos de esterilização ("operar") e métodos abortivos, não somente inócuos (como chá de canela com "Cibalena"). Comentou várias vezes sobre os usos do "Citotec"⁶⁹, oral e intra-vaginal.

Falando sobre métodos contraceptivos usados por colegas, **Dan** indicou possuir um significado de inconseqüência e ambigüidade quanto engravidar, além de uma banalização do aborto - (" (sobre métodos contraceptivos)...elas (colegas) usam...só que de vez em quando, elas ...elas num querem usar...num sei se elas querem engravidar...num sei...(.)...elas... engravidavam e tiravam...engravidavam e tiravam...").

Antecedentes da gravidez

A adolescente engravidou logo após a separação dos pais e saída da mãe da casa. O bebê nasceu após 10 meses da separação dos pais da adolescente.

Gravidez

Com 14, **Dan** engravidou após oito meses de namoro - ("...pra mim eu não engravidava ...(..)...porque...aconteceu vários acidentes (com a camisinha)... e eu não engravidei...entendeu... (...)por acidente mesmo...eu acabei engravidando ...").

Dan achava que não engravidaria e parecia temer uma gravidez. Porém, apesar do casal usar a camisinha e o coito interrompido como práticas contraceptivas, não parecia haver em nenhum dos dois uma preocupação de evitar com maior cuidado a gravidez.

Dan tentou abortar fazendo uso de chá de canela com "Cibalena". O namorado a abandonara após a notícia da gravidez e ela não desejava ter o bebê sem o companheiro - ("...que tinha tomado um chá, né...pra tirar...com medo...porque eu pens...eu pensei...pra mim mesmo, né ...que...já que ele não vai ficar por que eu vou ter um filho dele, né?...").

A adolescente fugiu (para perto) de casa, com medo do pai, logo no início da gravidez, após ter desmanchado pelo telefone com o namorado que saíra da cidade. **Dan** escondeu-se na casa de uma vizinha por duas semanas. A mãe da adolescente sabia que ela estava lá. **Dan** voltou para casa quando o pai a encontrou, após duas semanas - ("...eu via

⁶⁹ Remédio para distúrbios gástricos que tem efeito abortivo por provocar aumento da dinâmica uterina quando ingerido ou colocado na vagina, próximo ao colo do útero. Mais de um ano antes da realização das entrevistas, a venda do Citotec estava regulada e restrita para uso hospitalar e era proibida sua venda comercial em farmácias. No entanto era comum a compra clandestina do medicamento para uso abortivo.

meu pai passar pela janela...eu me escondia com medo...mas minha amiga cont...minha mãe sabia que eu tava lá...")

Reação do grupo social à gravidez

Parece que inicialmente o grupo social teve alguns movimentos de repúdio à gravidez, mas que foram logo dissipados.

Naquele grupo social (bairro), a gravidez em adolescentes parecia ser um fato comum porém merecedor de expressões de admiração e julgamento como algo inoportuno - ("...Por aqui... é...é muito comum (adolescentes grávidas)...só que mesmo assim...as pessoas...se admir... admiram, né...a idade...(.)...eu acho que...eu...no lugar delas...eu também me admirava, né...pela idade...elas ficam pensando...que eu não tenho responsabilidade, né...que eu sou muito nova...").

As reações adversas à gravidez pareciam pertencer ao campo de um repertório de manifestações sociais, necessárias e esperadas, e não a uma real avaliação de transgressão. Parentes mais conservadores e figuras de autoridade (o diretor da escola) foram referidos como aceitando facilmente a situação após a rejeição inicial - ("...Ah...elas ficaram...indignadas, né...por causa da minha idade...(.)...a vizinha aqui...meu pai principalmente...a minha mãe, meu...minha família...(.)...depois...todo mundo se acostumou...até o diretor...da escola...se acostumou...").

Dan disse que a reação dos homens foi mais difícil, mas isso também parecia ser mais uma fantasia sua do que uma avaliação baseada nas experiências com esses "homens" citados. A adolescente referiu que a pior reação foi de uma tia paterna (sua madrinha), mas outros parentes da família paterna aceitaram com facilidade - ("...(tia) que é "muito rigorosa com as filhas dela...(.) ...rejeitou um pouco no começo, né...mas depois ela foi se acostumando e agora em casa...ela vem aqui em casa vê o neném..."). Os pais de **Dan** parecem ter aceito rapidamente a gravidez.

Para o pai de **Dan**, a gravidez também parecia significar um acontecimento a ser festejado como uma conquista de renovação - ("...meu pai...quando soube que eu tava grávida...aqui... que eu já não tava aqui...(.)...já espalhou pra todo mundo...já...escolheu o padrinho...").

Outras colegas adolescentes grávidas

A adolescente referiu vários casos de colegas adolescentes que engravidaram; algumas estavam grávidas, outras já tinham tido bebê, outras abortaram fazendo uso de "Citotec" - ("...É que...as amigas...ali...dessa redondeza...sabe...todas elas engravidam...então

elas tiram... (...) ... (amiga que usou Citotec e abortou) ...(há) uns três meses...e aí ela tornou a engravidar...mas ela não vai tirar...ela vai lutar contra a mãe...").

Dan referia a gravidez de adolescentes como acontecimento bastante freqüente no seu grupo social de bairro - ("...Tem a Sh...que ela fez pré-natal lá no Silvério Fontes (hospital)...tem dezesseis anos... (...) ...ela vem aqui em casa com a filha dela...e tem também...a Car...que tá de quatro meses...que não teve filho ainda...vai ter... (...) ...tem mais também...a Andr...que teve um menino...e (sorri) tá grávida de outro...só que ela...tem...acho que dezesseis...tem...uma outra amiga minha...a...Ros...que teve um filho também...que vai fazer um ano...e ela tem...quinze anos..."). Comentou que algumas colegas suas a aconselhavam a engravidar - ("...ah...fica grávida...é legal...não sei o quê...num dá muito trabalho...e eu já não...eu já falo o contrário..."). De forma diferente, **Dan** aconselhava sua amiga mais próxima para que não engravidasse - ("...eu dou (conselho)...o certo, né..."). O conselho de **Dan**, no entanto, talvez fosse uma reação a um possível desejo (cobiça) dessa amiga adolescente, que parecia gostar muito de estar na casa, com **Dan** e o bebê.

Parto

Apesar da relação com a dor, **Dan** não evocou o parto com um impacto maior do sofrimento - ("...é uma dor incrível (sorri)...eu pensei que num era...num doía muito..."). Disse que pensava que o parto seria diferente, mais rápido.

Dan parecia ter boas recordações da internação na maternidade. Achou "legal" o período que esteve internada e descreveu a experiência como gratificante. No hospital, parece que se sentiu recebendo atenção (visitas) e importância no novo papel de mãe, igualando-se em parte com outros adultos (profissionais) - ("...tinha uma menina que tava do meu lado que tinha acabado de ter neném...fiz amizade comigo...fiz amizade com quase todo mundo lá...com os médicos...com as médicas...com a psicóloga...").

Pai do bebê

O pai do bebê tinha 18 anos (três anos mais que **Dan**). Namoravam há oito meses, quando **Dan** engravidou. Ele era de outra cidade da região e a conheceu no local de trabalho. **Dan** impressionara-se bem com o jeito dele falar palavras "difíceis" - ("...ele era legal...só era muito sonso...ele fingia ser o que...não era...").

Depois de três meses de namoro e conhecimento, o rapaz passou a morar na casa de **Dan**, após um tio tê-lo colocado para fora da casa onde ele estava morando - ("...e como ele

era de Registro (cidade) e tava namorando comigo...e meu pai ficou com pena, né...e deixou ele ficar aqui...e eu pedi pro meu pai, né...(.....)...só que ele dormia lá nos quartos do fundo...e eu dormia aqui...").

O pai do bebê não conhecia o filho. Ele foi embora logo no início da gravidez, com medo do pai da adolescente e depois não mandou mais notícias - ("...aí...eu engravidei dele e...ele tinha medo do meu pai...falô que ia visitar a mãe dele...que ele mora em Registro...foi quando eu tava de dois meses...foi que...falô que ia ver a mãe dele...depois eu continuei ligando pra ele...ele falou que só ia vir quando eu tivesse de sete meses...e o meu pai também não sabia que eu tava grávida...aí...eu desmanchei com ele pelo telefone...aí...saí de casa...com medo do meu pai (sorri)...").

Dan não manifestou sentimentos dolorosos relacionados ao abandono do namorado.

O pai do bebê soube do nascimento da criança através de um telefonema da mãe de **Dan**, na maternidade. A adolescente não conhecia a família do pai do bebê.

Bebê

Dan teve um bebê menino, que estava com dois meses na época da entrevista. A criança ainda não era registrada - ("...mas eu vou registrar ele...no meu nome..."). O bebê parecia bem cuidado, era amamentado no peito e também com mamadeira engrossada com creme de arroz.

A adolescente parecia estar tendo algumas dificuldades, quase sempre negadas, no trato com seu bebê. **Dan** já cuidara anteriormente de seu irmão mais novo. Às vezes ela se queixava das demandas do bebê e outras vezes referia que o filho não lhe dava trabalho, se comparado ao irmão que ela cuidara quando estava com nove anos - ("...ele num dá muito trabalho, né...porque eu já cuidei do meu irmão...de seis anos...eu tinha nove...e eu cuidava dele...entendeu... e...ele...dava mais trabalho...ele deu mais trabalho pra minha mãe... (...) ...ele (bebê) ficou gripado...há pouco tempo...mas já melhorou... agora eu não sei se é por causa do leite...que eu tô dando do peito, né...e...ele não dá muito trabalho...ele só chora pra mamar...ele dorme cedo...ele acorda de vez em quando...de madrugada...pra mamar...ou pra trocar...a fralda, né... (...) ... quando eu tô amamentando (sorri)... eu não posso deixar...num posso largar...do lado dele...").

Dan indicava sentir-se limitada por ter que se dedicar extensa e intensamente ao bebê. Ela conhecia diversos tipos de choro da criança e parecia, por identificação, comunicar-se com o filho - ("...assim...não posso sair do lado...porque ele sente muita vontade de mamar...toda hora... num tem hora certa ainda...então eu tenho sempre que tá do lado dele...saber se ele quer mamar... se ele quer...se trocar...porque o jeito...um gesto

dele...que ele faz...eu já sei o que ele quer... entendeu...se ele chora...porque ele quer mamar...se ele fica resmungando muito é porque ele quer trocar a fralda...se dá soluço, ele tá com sede...tudo isso..."). Ela já deixava o bebê com amigas para sair e sugeria ter com o bebê uma relação que continha ambivalência e conflito. Para ir a bailes, já o deixara por duas vezes. Na primeira delas, **Dan** ficou a noite fora de casa, retornando às quatro e meia da madrugada. Todavia, a mãe adolescente parecia tentar valorizar as funções mais responsáveis e de maior renúncia, necessárias para o cuidado da criança - ("...porque eu já tenho um filho...entendeu ...e dá trabalho... (...) ...que se...ela tiver um filho...ela não vai tá podendo sair pra tudo quanto é canto...ela vai ter que pensar mais nele...tudo que ela tiver que comprar pra ela...ela vai ter que comprar pra ele...").

Dan ganhara a maior parte dos pertences do bebê que, novos e coloridos, destacavam-se no quarto da adolescente - ("...essa cestinha...de...de coisinha de neném...foi a madrinha dele que deu...o berço...foi...uma vizinha minha...que era da filha dela... (...) ...a bolsa ...foi uma amiga minha, né...no chá de bebê...que ela deu...e...toalha foi a...minha tia...(..) e a maioria das coisas aqui, quem dá é minha mãe e meu pai...é...fraldas descartáveis...").

Parece que a adolescente contava com pouco auxílio de adultos para o cuidado da criança. **Dan** era ajudada pela irmã menor (de nove anos) e pela amiga que freqüentemente ia à casa. No entanto, a adolescente referia a figura da mãe e de outra mulher adulta (uma vizinha, que seria a madrinha do bebê) como sendo pessoas que a ajudariam no cuidado com o bebê. A mãe parecia ficar idealizada para o desempenho dessa função, mas não havia maiores indícios de que ela fosse uma presença real, que ajudasse à **Dan** e ao bebê - ("...tive que cuidar dele...num tinha quem cuidasse...dele... (...) ...aí eu levei o atestado porque eu até ia voltar (escola)...que ele ia ficar com a moça do lado...que é madrinha dele...e...aí...eu não consegui (sorri)...eu não quis deixar com ela...porque eu não confio muito...só confio na minha mãe...").

A principal fornecedora de ajuda no cuidado com o bebê, nas carências de **Dan** e nas demandas da casa, era a amiga adolescente de 15 anos - ("...ela cuida dele pra mim...ou...lava a louça...limpa a casa...essas coisas... (...) ...eu tenho pelo menos ela, né...").

Cotidiano

Dan amamentava e cuidava do bebê, fazia menos serviços domésticos do que antes e brincava muito na rua em frente de sua casa, principalmente jogando queimada com as colegas - ("...Brinco ainda...sempre brinquei... (...) ...brinco menos agora, né...ontem mesmo eu joguei queimada com as crianças aí... (...) mas agora é diferente...agora eu não tenho muito tempo...").

A adolescente referiu alterações quanto às expectativas de seus deveres das tarefas na casa. Era o pai, e às vezes a amiga de 15 anos, que ficavam com as funções do trabalho doméstico enquanto **Dan** ficava mais dedicada ao bebê - ("...Agora eu faço menos coisas...só lavo as roupas dele (bebê)...algumas do meu pai...e eu limpo e passo...só...de vez em quando, eu limpo a sala...faço arroz...").

Dan tinha várias amigas e vinha retomando a rotina dos passeios. Na época das entrevistas, ela já tinha ido a dois bailes e a um show e fazia planos para novas saídas.

Dependência

Dan estava sem companheiro, não trabalhava e era totalmente dependente dos pais para o suprimento de suas necessidades básicas.

Perdas referidas

A adolescente parecia muito envolvida com o tema de passeios e queixou-se quanto à diminuição de "sair" de casa, no sentido de passear, ir a shows e bailes.

Parecia no entanto, que **Dan** não sofrera grandes perdas quanto ao que representavam anteriormente suas experiências de sair e passear, mas um redimensionamento de sua liberdade. Antes da gravidez, quando estava namorando, a adolescente já pouco saía para passear, mas, a partir do nascimento do bebê, parecia sentir-se mais limitada - ("...(antes)...eu não saía...entendeu ...eu namorava...então...eu tinha compromisso só com meu namorado...eu ficava em casa (onde ele também morava)...ou a gente saía...ou a gente saía pra passear na praia...no Gonzaga (nome de bairro)...e voltava pra casa...porque ele morava aqui...").

Essas aspirações de liberdade pareciam representar para **Dan**, emoções que ficavam razoavelmente controladas (enquanto que "em divisão") para não se conflitarem com seus desejos de também ficar junto do bebê - ("...eu só vô (na danceteria)..no domingo...num vô sair mais...que eu me preocupo com ele (bebê)...").

Auto-cuidados e vaidade

A adolescente referiu achar-se mais bonita do que antes de ter o bebê, parecendo valorizar ter adquirido mais corpo de mulher. Disse que tinha "preconceito" de ser magra.

Dan indicou avaliar que tivera perdas com relação aos auto-cuidados deslocando-os para os cuidados com o filho - ("...eu cuidava mais de mim...agora eu cuido mais dele... (...)
...Ah...num sei...eu...eu me arrumava...me preocupava mais comigo...e agora não...só

preocupo com ele... (...) ...eu fazia unha...é...separava minhas roupas novas...na gaveta...e as velhas na outra gaveta...agora não...agora não dá...porque não dá mais tempo...").

Drogas

Dan não fez referência do uso de drogas.

Alterações na identidade

O papel de mãe parecia trazer para **Dan** um significado de maior maturidade. Apesar de que ainda brincava com frequência e parecia infantil, a adolescente sentia-se mais experiente do que a amiga, também de 15 anos - ("...tudo aquilo que é pra mim falar, eu falo pra ela... conselhos, né...porque eu que já sou mãe...ela pede muito conselho pra mim...").

Projetos

A adolescente referiu poucos projetos e aspirações. Parece que **Dan** pensava pouco no futuro - ("...(O que você pretende para o futuro?)... Ai...").

Um projeto de casamento num futuro mais distante (quase o dobro da sua idade) foi citado, sugerindo que a jovem não desejaria tão cedo estar casada e quando assim o estivesse, seria com alguém que substituisse o pai, para seu filho. **Dan** referiu, superficialmente, a possibilidade de casar com 28 (ou 30) anos, com alguém que aceitasse seu filho - ("...quero (...).arranjar...um rapaz...que...seje...compreensivo...que num queira ter filho (sorri)..que é muito raro, né...e...que goste do meu como se fosse dele... entendeu...acho que só isso que importa....").

A adolescente deu poucos indícios sobre planos de estudo apesar de dizer, de forma pouco interessada, que iria voltar a estudar. Parece que **Dan**, pelo menos na época das entrevistas, tinha problemas pouco contornáveis para voltar à escola, não parecendo dar muita atenção a isso. Disse que pretendia trabalhar, ainda com 15 anos, no bar onde a mãe trabalhava. Sugeriu assim ansiar por ganhos de maior autonomia, mas também poder usufruir da presença concreta (e identificada) da mãe mais ausente - ("...ah...num sei...acho que os estudos demora muito...entendeu...eu...o trabalho que pintar pra mim...tá bom...ganhando bem...").

Dan tivera o desejo de ser veterinária, mas isso já lhe parecia descartado, a partir da constatação das dificuldades e obstáculos que teria que atravessar - ("...eu desde pequena queria ser veterinária, né... (...) ...eu acho que pra veterinária...tem que ter bastante estudo, né...tem que ter faculdade...e (sorri) vai demorar muito").

Discurso

A adolescente falava pouco. Repetiu muito o nome de uma danceteria de pagode, a "Graffite", local que estava freqüentando e que evocava possuir muitos atrativos, não próprios de seu papel materno.

Dan falou muitas vezes a palavra "entendeu", sem tom de interrogação, mas com um sentido de confirmação ao que ela me dizia - (".....ele é pequeno...mas ele (sorri) toma mamadeira...entendeu...").

Primeiras falas da entrevista

No primeiro encontro, a adolescente iniciou falando sobre mudanças na identidade e na condição de liberdade, advindas da gravidez e do nascimento do bebê - ("...eu tive mais responsabilidade....e...perdi quase minha liberdade toda, né...e...deixa eu vê...é...é...pelo resto da vida, né...vô ter que ficar cuidando...nan...minha mãe me ajuda, né...quando eu precisar sair...tudo...só que...eu...sou muito nova,né...num consegui, né...num sei...eu não tenho muita...experiência...então minha mãe me ajuda...(a mãe não mora com ela)").

Aspectos "transferenciais"

A adolescente parecia muito pouco à vontade comigo, mostrando-se distante e de certa forma, em guarda. **Dan** esqueceu dois de nossos encontros e chegou a me confundir com uma "moça da escola". Anotou a data de nosso primeiro encontro da entrevista, em sua agenda.

Apesar de cooperativa, a adolescente aparentava desconfiança no contato comigo. No final do primeiro encontro da entrevista percebi que **Dan** ficara molhada de suor, pela ansiedade mobilizada na entrevista. No segundo encontro pareceu mais tranqüila. No último encontro, quando a mãe de **Dan** entrou no quarto onde estávamos, **Dan** pareceu também muito ansiosa e preocupada.

Reação dos familiares à minha presença

O grupo familiar pareceu diferentemente incomodado comigo. Inicialmente, o pai parecia orgulhoso da minha presença, denotando alguns elementos de sedutora aliança (como quando quis tirar satisfações com uma vizinha que não dera o recado sobre a entrevista) e me apresentando vaidoso para seus familiares.

Os irmãos da adolescente pareceram curiosos e mantiveram-se distantes. Um dos irmãos disse, "Ih.. fudeu", quando me viu chegar para o segundo encontro.

A mãe de **Dan** estava na casa, durante o terceiro encontro da entrevista e me pareceu bastante hostil, autoritária e desconfiada da minha presença.

Aspectos "contratranferenciais"

A condição de grande ansiedade da adolescente na interação da entrevista fez-me optar por uma posição técnica que tentasse respeitar ao máximo suas angústias e defesas, limitando minhas intervenções de sondagem. Ao lado disso, parece que deixei de esclarecer alguns pontos da história de **Dan** também porque provavelmente fiquei perturbada pela ansiedade maior da adolescente e sua grande dificuldade na relação comigo e com a entrevista.

Avaliação da experiência da gravidez na adolescência

A adolescente sugeriu uma avaliação ambivalente quanto à experiência da gravidez e da maternidade - ("...em partes foi bom...entendeu...por ele ter vindo, né...e tra..e trouxe felicidades, né...em parte é ruim, que tira um pouco da liberdade...não toda a liberdade...tira um pouco da liberdade, né...e quando tem alguém pra cuidar, tudo bem...mas quando num te...é só ela...só a pessoa que teve filho...então é difícil, né... (...) ...meu caso é de que tem alguém pra cuidar...e que eu possa sair...entendeu...e eu indico quer...elas não tenham filho cedo, né...e...eu falo pra todas as minhas amigas...que elas não devem ter filho cedo...entendeu...eu num me arrependi...me arrependi...eu fico um pouco...arrependida também...é...por causa de ver elas saindo toda hora...todo momento...todo dia e...então...eu fico querendo...mas eu num posso, né...porque agora eu tenho que pensar nele, né...").

Análises breves de mais quatro entrevistas com adolescentes mães

As análises de mais quatro entrevistas com adolescentes mães, apresentadas a seguir, baseiam-se na aplicação do modelo utilizado nas seis análises anteriores, mas sem a utilização da documentação correspondente, retirada do discurso no registro da entrevista. Essas análises, portanto, serão mais breves, além de que pouco articuladas com justificativas. Como nas seis análises anteriores, a reconstrução da história de vida, atual e passada, e as descrições das intercorrências que cercaram a gravidez e o nascimento do bebê foram feitas a partir do vértice do entendimento e da avaliação das próprias adolescentes, expostos nas entrevistas.

Análise breve da entrevista com T (16 anos)

Com quem a adolescente estava morando?

- T estava morando junto ao bebê, companheiro, mãe e irmã por parte de mãe (de 14 anos).

Algumas características da moradia

- apartamento de fundos, no segundo andar de um prédio de dois andares, sem elevador.
- bairro humilde, com recursos básicos de urbanização.
- casa limpa, organizada, oferecendo conforto e privacidade.
- possuía telefone.
- não notei presença de animais.

Dados da família

- houve separação dos pais, um pouco antes de T completar seis anos.
- a adolescente disse lembrar-se de muitas brigas dos pais quando moravam juntos.
- a mãe uniu-se a outro companheiro, mas não estavam mais morando juntos; possuíam um relacionamento de casal, morando em casas separadas; T e sua irmã chamavam-no de padrasto; era principalmente ele quem sustentava as despesas da casa.
- o pai tornou a casar-se e teve outro filho.
- irmãos: uma irmã, dois anos mais nova e um irmão (somente por parte de pai), 13 anos mais novo.
- a adolescente possuía família grande, com avós e bisavós vivos.
- mãe e filhas moraram por mais de um ano em cidade do interior de São Paulo.

- quando a mãe voltou para a Baixada Santista, **T** quis ficar morando com a avó; sentindo-se forçada a deixar a cidade, a adolescente tentou suicídio tomando Rodhiasol com Toddy; **T** ficou morando com a avó e uma tia, separando-se da mãe e da irmã.

Mãe

- presente, protetora, colaborativa com os cuidados da criança; ficava com o bebê para **T** ir à escola.
- houve separação da mãe em meses anteriores à gravidez, quando **T** quis permanecer morando na cidade do interior, ficando com parentes. A mãe voltou para a Baixada Santista.

Pai

- foi pai de **T**, quando estava com 17 anos.
- pouco preservado pela adolescente: ausente, elementos claros de rejeição paterna, pouco contato.
- estava morando na Austrália, desde a metade da gravidez de **T**.
- houve pequena tentativa de reaproximação a partir do nascimento do bebê (o pai solicitou que enviassem fotos da criança para ele).

Escola

- estava estudando, com frequência regular, na 7ª série.
- teve repetências na 3ª e na 6ª série (esta última, coincidiu com a época de mudança de cidade).
- a partir do 8º mês de gestação, gozou licença maternidade e fez trabalhos escolares em casa.
- disse que não gostava de estudar mas não parecia apresentar maiores conflitos com a escola.
- passou a estudar no período noturno quando veio do interior, no meio do ano letivo, sem parecer estar certa do seu estado de gravidez.

Amizades

- não parecia apresentar maiores dificuldades com amigos.

Trabalho

- com 15 anos, ainda morando no interior, um pouco antes de engravidar, fizera duas breves tentativas de trabalho (por dias).

- na época das entrevistas, **T** parecia muito empenhada em conseguir trabalho; colocara um anúncio no jornal oferecendo-se como faxineira.

Mudanças de moradia

- morou em três cidades diferentes e teve mudanças de casa na própria cidade.
- morou com tia e avó.

Aspectos de sexualidade

- com 12 anos, começou a "ficar".
- "ficou" com três rapazes, um deles o pai do bebê, mas não gostava de "ficar" - queria namorar.
- com 12 anos, teve o primeiro namorado (ele com 15 anos); namorou por um ano e oito meses e não teve relações sexuais; comentou que só beijou 10 vezes, porque se escondia do rapaz.
- namoro com o pai do bebê iniciado alguns dias antes dela completar 14 anos; ele estava com 18 anos; não se encontravam muito; ele estava servindo o exército; ambos moravam no interior.
- primeira relação sexual, com 15 anos, com o pai do bebê; nunca teve relação sexual com outro homem.
- uso descontínuo de camisinha nas relações sexuais; era desregulada e tinha fantasias de esterilidade.
- tanto a adolescente quanto o namorado pareciam desejosos de provar suas capacidades procriativas.
- queixou-se de problemas no relacionamento sexual com o companheiro, ocorridos a partir da época que o casal passou a morar junto (bebê com dois meses); **T** queixou-se que o pai do bebê não estava mais "tão fogo".
- não referiu tentativas de controle de sua vida sexual, por parte da mãe, tia ou avó

Gravidez

- engravidou após um anos e três meses de namoro, quando estava para voltar para Santos, separando-se do namorado.
- desejou e planejou a gravidez, sem o conhecimento do pai do bebê, mas parece que contando com o desejo dele de também ter um filho.
- passou a gravidez morando com a mãe, separada do namorado; falavam-se pelo telefone.
- não largou a escola.

Antecedentes da gravidez

- sabia que teria de migrar e separar-se do namorado pois a avó com quem morava estava retornando para Santos.

Reação social á gravidez

- repúdio inicial por parte do pai e das tias paternas.
- mãe teve boa aceitação.
- na escola, recebeu mais atenção e brincadeiras.

Pai do bebê

- na época das entrevistas, fazia cerca de um mês que o pai do bebê viera morar com a adolescente, na casa da mãe dela.
- estava com 20 anos (quatro a mais que T).
- não estava estudando nem trabalhando; ele estudara até a 8ª série e havia trabalhado com o pai num oficina mecânica de automóveis.
- como T, estava procurando emprego.
- a adolescente fez queixas acerca do pai do bebê, relacionadas ao período que passaram a morar juntos; T achava-o irritante e imaturo, referindo que o xingava e beliscava.

Bebê

- menino, nascido de parto normal, estava com três meses quando se iniciaram as entrevistas.
- era primeiro neto, bisneto e tataraneto.
- amamentado com mamadeira; T teve dificuldades na amamentação no peito.
- a criança parecia bem cuidada.
- T referiu sentir-se compensada com a interação com o filho (sorrisos) e emocionada no nascimento da criança ("...aí eu vi que era real mesmo...me emocionei pra caramba...").
- a adolescente queixou-se do trabalho que o bebê dava ("muita mão de obra"), mas parecia bastante carinhosa com a criança.
- T disse que ficava nervosa com o choro do bebê à noite, mas parecia mais irritada com o pai do bebê que, para ela, pouco lhe ajudava com a criança.
- o bebê promoveu certa aproximação com o pai ausente da adolescente.
- o padrasto disse que o bebê era neto dele; o padrasto foi o padrinho de batismo do bebê.
- o bebê recebeu enxoval e presentes de toda a família materna e paterna de T.
- a família do pai do bebê conhecia o bebê e se cativara com a criança; os avós ajudavam mandando dinheiro para a compra do leite para a criança.

Ganhos X Perdas

- T ficou com o bebê, a mãe e o namorado.
- a adolescente teve uma festa de "chá de bebê"; ganhou roupas e enxoval para a criança.
- queixava-se de perdas relativas a passeios, principalmente relacionadas às dificuldades ocorridas na interação com o namorado, após estarem morando juntos.
- perda do namorado "idealizado".

Vaidade, auto-cuidados, auto-imagem

- percebia diferenças e perdas dizendo que mudara para pior; queixava-se principalmente da barriga, grande e flácida; achava que engordara e que estava "completamente diferente".
- preocupação em restaurar a barriga relacionada a outra gravidez, quando usaria mais faixas no pós-parto.

Aspectos emocionais

- apresentava-se alegre, animada, brincalhona e por vezes infantil.
- comentou sobre freqüentes irritações e ciúmes relacionados ao pai do bebê.
- sugeriu que a tentativa de suicídio foi algo que ocorreu mais por tentativa de manipulação; referiu que, ao tomar o Rodhiasol com o Toddy, imaginava que iria apenas desmaiar e não correr risco de morte.

Noção de tempo

- um pouco confusa na delimitação dos intervalos temporais de sua história de vida; em alguns temas, forneceu detalhes minuciosos de horários e datas.

Alterações na identidade

- percebia-se diferente de outras colegas da mesma idade e percebia alteração na forma de ser tratada pelos colegas (com mais respeito).
- comentou superficialmente sobre ter mais responsabilidade, mas achava que tinha ainda pouca experiência.
- referiu que não podia mais fazer "bagunçada" (como pular muro).
- diminuía as brigas com a irmã; não se batiam mais; parecia desenvolver papéis mais afetuosos e adultos, perante a irmã.

Projetos

- bastante voltada para conseguir trabalho.
- pretendia ter outro bebê, ainda com o primeiro filho pequeno.

- aspirava por estabilidade, independência e autonomia econômica do casal (ela e pai do bebê).
- referiu o período de três ou quatro anos, como prazo provável para conquistas econômicas que incluiriam poder alugar uma casa ("tudo normalzinho...bem direitinho").

Avaliação da experiência

- ambivalente: apesar de se achar nova para ter um bebê, considerava muito positiva a experiência e a repetiria do mesmo jeito.

Análise breve da entrevista com EI (16 anos)

Com quem a adolescente estava morando?

- EI estava morando junto ao bebê, mãe, pai e irmã de 13 anos.

Algumas características da moradia

- bairro com recursos básicos de urbanização, mas com problemas de segurança (pontos de tráfico de entorpecentes).
- a casa era um chalé de madeira nos fundos de um terreno; apresentava umidade e pouco conforto; os móveis eram velhos e a pintura da casa estava danificada; o aspecto geral era de pouca limpeza e organização.
- na casa havia muitos cães, alguns com aparência feroz, que latiam muito com minha presença.
- as coisas do bebê (novas e coloridas) enfeitavam um pouco a moradia.

Mãe

- pouco citada na entrevista, parecia com contato distante da adolescente; não pareceu desconfiar da gravidez da filha, mesmo com idade gestacional de cinco meses.
- tinha cerca de 40 anos, quando EI nasceu.
- trabalhava como faxineira.
- com o irmão de EI, ajudava a cuidar do bebê, enquanto a adolescente estava na escola.
- a adolescente referiu que a mãe era velha para ficar tomando conta do bebê.
- a mãe parecia preocupada com a possibilidade de uma nova gravidez de EI, fazendo alguns alertas quando a filha saía para passear.

Pai

- era trabalhador portuário avulso; a adolescente referiu que o pai trabalhava apenas quando o dinheiro da casa começava a faltar.
- parece que para a dolescente, o pai foi mais temido do que a mãe, quando ocorreu a gravidez.
- parecia muito vinculado ao neto.

Escola

- a adolescente estava estudando, cursando o 1º ano colegial.
- tivera licença gestante e fizera os trabalhos escolares em casa.
- o único problema referido na escola aconteceu na 8ª série, quando **El** passou para o período noturno, pois precisava trabalhar; a adolescente teve problemas de adaptação e chegou a parar de estudar.
- estava freqüentando um curso de datilografia.

Trabalho

- após um mês de ter completado 15 anos, teve seu primeiro trabalho como "legionária" (jovem filiada a uma instituição que coloca adolescentes carentes, do sexo feminino, no mercado de trabalho).
- trabalhou por cinco meses em uma Concessionária de eletrodomésticos, provavelmente como espécie de "office-girl".
- já estava grávida quando entrou no seu segundo trabalho, numa clínica obstétrica, também como "legionária".
- com a descoberta da gravidez, **El** foi desligada do serviço de "legionária", perdendo o emprego sem as garantias dos direitos trabalhistas.
- parecia estar com grandes expectativas de conseguir novo emprego.

Amizades

- referiu muitas amizades na infância.
- também na adolescência, tinha várias amigas; fez referências de intrigas por disputas pelo namorado.
- comentou que ganhou mais amizades a partir do nascimento do bebê; parece que algumas colegas lhe visitavam por curiosidade e interesse relacionados ao bebê.

Mudanças de moradia

- **El** nunca se mudou daquela casa.

Aspectos de sexualidade

- começou a "ficar" com nove anos de idade; referiu que "ficou" por quatro vezes.
- com 14 anos, começou a namorar com o pai do bebê, após ter "ficado" com ele algumas vezes.
- a primeira relação sexual aconteceu com o pai do bebê, após dois ou três meses de namoro; referiu que ficou um pouco ansiosa mas que não pensava na possibilidade da gravidez.
- durante quase um ano de relacionamento sexual, antes da gravidez, somente por duas vezes o casal fez uso de camisinha; o namorado parecia algumas vezes preocupado com a possibilidade de uma gravidez.
- a adolescente tinha fantasias de infertilidade: já que não engravidava, achava que tinha algum problema.
- **El** parecia possuir informações acerca de métodos contraceptivos.
- referiu satisfação e desejo sexual.
- após o nascimento do bebê, teve uma relação sexual, não com o pai da criança, fazendo uso de camisinha.

Antecedentes da gravidez

- estava com problemas na escola, desde que mudara para o período noturno, para poder começar trabalhar.
- acabara de sair do primeiro emprego.

Gravidez

- com 15 anos, engravidou após um pouco mais de um ano de namoro.
- quando avisou o namorado, ele ficou "desesperado" e pediu que ela abortasse.
- apesar de referir que não queria abortar, tentou o aborto aos dois meses de gravidez; aconselhada por uma colega, colocou na vagina, com uso de uma seringa, um pó (que ela disse desconhecer) diluído em soro fisiológico; a técnica foi ineficaz.
- escondeu a gravidez, dos pais e no trabalho, até o 5º mês de idade gestacional; o patrão (médico) desconfiou da gravidez e solicitou material da urina da adolescente, para a realização do teste de gravidez; **El** levou mostra da urina de uma colega, para enganar o patrão.
- foi o patrão de **El** que comunicou sobre gravidez, para os pais da adolescente.
- durante a gravidez, o namoro ficou mais tumultuado; no final da gravidez, **El** terminou o namoro com o pai do bebê, provavelmente por pressão dos pais.
- **EL** voltou a estudar, mudou de escola e parece ter tido bom desempenho e adaptação.

Reação social à gravidez

- o namorado sugeriu o aborto.
- a mãe, aconselhada pelo patrão de **EI**, parece ter aceitado a gravidez, já adiantada, da filha.
- **EI** teve medo de ser expulsa de casa pelo pai, que também soube da gravidez, através do patrão de **EI**; o pai pareceu rapidamente conciliar-se com a gravidez da filha, após manifestação inicial mais furiosa.
- o pai da adolescente ameaçou matar o pai do bebê, com uso de revólver.
- **EI** teve que deixar o emprego (trabalhava em uma clínica de ginecologia e obstetrícia).

Outras adolescentes grávidas

- referiu gravidez de quatro ou cinco outras colegas adolescentes, logo após a sua gravidez ("depois assim...que eu engravidei...nossa...quase as meninas da rua...quase tudo tinha engravidado...").

Bebê

- menino, nascido de parto normal, estava com dois meses e meio quando iniciamos as entrevistas.
- a adolescente amamentava o bebê no peito e parecia carinhosa com ele; disse que sabia do que o bebê gostava e do que não gostava.
- **EI** era principalmente ajudada pela irmã, nos cuidados com o bebê e parecia desembaraçar-se bem nas demandas da criança; **EI** queixou-se um pouco do trabalho que o bebê dava.
- a criança era levada à noite, na escola de **EI**, para ser amamentada; o bebê recebia atenção e muita curiosidade de algumas colegas de escola de **EI**, que ficavam observando a mamada do bebê.
- o bebê cativara o pai da adolescente, que parecia muito encantado com a criança.

Pai do bebê

- tinha cinco anos mais que **EI**; estava com 21 anos, na época das entrevistas.
- envolvido com uso abusivo de drogas e provavelmente com tráfico de entorpecentes.
- durante a gravidez, ele não trabalhava nem estudava; a adolescente referiu-se a ele como "vagabundo"; **EI** falou que ele fazia alguns bicos e era sustentado por uma moça.
- **EI** não estava mais namorando o pai do bebê, desde o final da gravidez
- o pai do bebê parecia ambivalente com relação ao filho; presenteou a criança com o carrinho de bebê e dois mamacões.

- quis registrar o bebê com seu nome, mas **EI** não permitiu alegando que ele não dera atenção para ela nem para o bebê durante a gravidez e que não queria que ele tivesse direitos futuros sobre a criança.
- os pais de **EI** não aceitavam o namoro da filha com o rapaz.
- **EI** parecia ainda possuir dependência emocional do pai do bebê mas evocava algum conflito sobre voltar ou não com ele; no namoro, brigavam muito.
- algumas vezes, escondida dos pais, a adolescente permitia que o pai do bebê visse o filho, parecendo com isso valorizar-se e triunfar perante o rapaz, não parecendo preocupada com o bebê.
- a adolescente parecia lidar com a perda do namorado através do "bebê-substituição" ("pretendo esquecer ele (namorado)...pensar no futuro do meu filho").

Alterações de identidade

- percebia-se dando mais valor aos estudos e ao trabalho.

Aspectos emocionais

- repetiu muito que "agora" estava bem.
- sugeriu ter pouca submissão perante os pais, apesar de não confrontá-los diretamente; parecia um pouco dissimulada.
- referiu sentir-se magoada com o pai do bebê; disse que chorara muito com a ruptura do namoro e por ciúmes.
- parecia alegrar-se no contato com o bebê.
- parecia mais reflexiva acerca de sua vida (o que deveria fazer, o que iria querer).

Vaidade, auto-cuidados, auto-imagem

- achava-se mais bonita, porque mais encorpada, após o nascimento do bebê.
- referiu que aumentou sua vaidade; cuidava dos cabelos e da barriga; fazia dieta para diminuir a barriga.

Perdas X ganhos

- referiu perdas relativas a passeios (shows); ficava mais em casa mas já começava a retomar alguns passeios, deixando o bebê aos cuidados da mãe e da irmã.
- sentia-se mais presa (não podia mais "dançar...pular...um monte de coisa").
- referiu melhora no relacionamento familiar.

Projetos

- pretendia deixar o bebê numa creche para poder trabalhar.
- pretendia concluir o colegial e talvez depois estudasse processamento de dados ou administração.
- queria ter mais um ou dois filhos, quando estivesse numa situação melhor.

Avaliação da experiência

- ambivalente: valorizava o fato de que seria uma mãe jovem, podendo acompanhar e atender melhor o desenvolvimento do filho.
- referiu, de forma mais estereotipada, a possibilidade da ocorrência de problemas de saúde.

Análise breve da entrevista com AM (16 anos)

Com quem a adolescente estava morando?

- **AM** estava morando com o bebê e o companheiro.
- a adolescente foi morar com o companheiro quando estava com quatro meses de gravidez

Algumas características da moradia

- **AM** morava num quarto, nos fundos de um chalé de madeira. O acesso de entrada ao quarto era feito por um galpão lateral ao chalé que abrigava sob um telheiro, uma oficina de funilaria de automóveis.
- o bairro possuía recursos básicos de urbanização, mesclando estabelecimentos comerciais e residências.
- o quarto era pequeno, tinha chão de cimento e era coberto com folhas de zinco. A adolescente disse que quando fazia sol, o calor no quarto era insuportável e quando chovia, havia muitas goteiras. Numa das entrevistas, havia três baldes aparando as goteiras, que não paravam de pingar.
- o quarto continha dois ambientes (dormitório e cozinha), sem separação física; o cheiro forte de tinta automotiva e o constante barulho do compressor da oficina deixavam o local poluído.
- o quarto tinha uma aparência de zelo no cuidado e limpeza.
- os moveis reduziam-se a uma cama de casal, um armário, uma pequena mesa e apenas uma cadeira; havia também um carrinho de bebê, uma banheirinha com suporte, uma televisão,

um pequeno aparelho de som, além de fogão e geladeira, que ficavam mais próximos de uma pia encostada na parede onde havia um vitrô.

- o local oferecia pouca privacidade: o armário tampava, parcialmente na parede, o buraco de uma janela que dava para um outro quarto separado por uma porta, onde dormia uma senhora. Para se entrar naquele outro quarto era necessário passar pelo quarto de **AM**. Na parede, ficava um vão que o armário não conseguia tampar. O banheiro ficava do lado de fora e servia também à oficina.
- a adolescente parecia ansiosa para conseguir um fiador para mudar de casa.
- os produtos de higiene do bebê estavam cuidadosamente arrumados numa cesta decorada.

Dados da família e da história de vida

- **AM** era a filha mais velha de um segundo relacionamento da mãe; referiu que tinha uma irmã de 13 anos e um irmão de 11 (ou 12 anos); a irmã mais velha, filha de outro pai, tinha 21(ou 22) anos.
- não se lembrava de quando ocorrera a separação dos pais; referiu que havia muitas brigas, separações e reconciliações ("...eu num...num lembro... (...) ...eu sei que terminava e voltava... (...)...eles brigavam...ele ia embora....depois voltavam...").
- na infância, parece que **AM** e seus irmãos ficavam sozinhos ou aos cuidados da avó materna, enquanto a mãe trabalhava.
- dos sete até cerca de oito ou nove anos, **AM** ficava numa creche, durante os períodos que a mãe trabalhava num hospital como auxiliar de enfermagem; os períodos da creche variavam segundo o horário do serviço da mãe (dia ou noite).
- parece que na adolescência, **AM** apresentou alguma rebeldia perante a autoridade da mãe; saía muito com as colegas e dormia fora de casa.
- quando a adolescente tinha 15 anos, a mãe uniu-se a outro companheiro, que **AM** chamava de padrasto; o padrasto era viúvo e tinha três filhos de 30, 25 e 15 anos; a adolescente sugeriu que a mãe uniu-se a esse companheiro num momento de maior dificuldade econômica ("...minha mãe não tava dando mais conta de pagar as contas...ela pegou...veio morar junto com ele... (...) ...Porque aumentou...o aluguel...").

Mãe

- parecia preservada pela adolescente.
- conflitos a partir da adolescência, relacionados às saídas de **AM** (separação, independência e rebeldia perante a mãe), provavelmente intensificados a partir da união da mãe com um novo companheiro (o padrasto).

- indícios de "expulsão" (não assumida), a partir da união com o padrasto de **AM**, que também tinha três filhos (mais velhos); o filho mais velho do padrasto casara-se e saíra de casa; a mãe ameaçava de expulsão caso **AM** ficasse grávida ("que quando arrumasse.....fosse pra sair de casa (chora).....que depois não levasse problema pra ela...").
- visitava a filha raramente.
- referência de alguma melhora na relação de **AM** com a mãe, a partir de quando, grávida, passou a morar com o companheiro.
- nos dados do PAIAG, havia anotação que a mãe de **AM** procurara o programa para fazer uma internação da filha grávida, que desde os 12 anos era rebelde e dormia fora.
- mãe pressionou o pai do bebê para que ele arranjasse um lugar para morar com **AM** grávida.

Pai

- ausente e perseguidor; pouco preservado na avaliação da adolescente.
- tinha histórico de uso abusivo de drogas e prisão; não trabalhava; morava com a mãe e a irmã em outra cidade da Baixada Santista; **AM** referiu que ele tinha problemas de coluna "de tanto apanhar da polícia".
- pouco contato com a filha; repudiou a gravidez (já que a filha "fez", que cuidasse sozinha).
- não conhecia o bebê.

Escola

- concluiu a 8ª série; não estava estudando.
- no último ano que frequentou a escola, estudava de manhã e trabalhava à tarde e à noite; dormia tarde e tinha dificuldades para acordar cedo; faltava muito às aulas ("...acabei perdendo vaga na...nas duas escolas que eu tava matriculada...").

Trabalho

- quando **AM** estava com 15 anos, começou a trabalhar como balconista, primeiro numa farmácia e depois, numa padaria; a mãe unira-se ao padrasto, a família mudou de casa e houve grande alteração da dinâmica familiar.
- o trabalho pareceu descontínuo
- estava trabalhando quando engravidou.

Aspectos de sexualidade

- a menarca ocorreu aos 13 anos; disse que com 14 para 15 anos, teve a primeira relação sexual, com o pai do bebê, e achou "horrível" porque sentiu muita dor; numa ficha do

PAIAG, a adolescente escrevera que sua primeira menstruação viera aos 12 anos, e com 13 anos ela teve a primeira relação sexual, com o pai do bebê; também nessa ficha **AM** escreveu "horrível" para avaliar sua primeira relação sexual.

- só teve relações sexuais com o pai do bebê.

- com 12 para 13 anos de idade, começou a namorar o bebê; o pai do bebê estava com 14 para 15 anos.

- referiu que conhecia métodos contraceptivos; o casal utilizava-se somente da técnica do coito interrompido como método contraceptivo.

Antecedentes da gravidez

- **AM** estava numa situação crítica com a família; havia muitas brigas com a mãe e provável pressão da mãe e do padrasto para sua saída de casa; **AM** ficava alguns dias fora de casa; ficou por dois dias na casa do namorado, que morava com uma irmã; a irmã do namorado expulsou-os de casa e **AM** ficou uns dias dormindo na casa de colegas; o namorado ficou na casa de um colega.

- dois meses antes da gravidez, o pai do namorado de **AM** faleceu; a partir de então, o namorado passou a receber uma pensão (naquela época, correspondente a aproximadamente quatro salários-mínimos).

- **AM** estava com problemas na escola e no trabalho e com riscos de exclusão do grupo familiar.

Outras adolescentes grávidas

- referiu que conhecia muitas adolescentes grávidas e mães ("....ih....tantas...tava tudo grávida... (...) ...é mais uma pra coleção das grávidas... (...) ...a maioria tudo sem.....os pais da criança... tudo sumiu, né.....tudo desapareceram...").

Gravidez

- apesar da gravidez não parecer planejada, era um desejo consciente de **AM**.

- quando engravidou, **AM** não estava dormindo regularmente em casa; quando descobriu a gravidez, saiu definitivamente da casa da mãe sem ter onde morar ("...aí tinha que pedir pra ficá dormindo na casa das pessoas..."); a mãe desconfiava da gravidez; a adolescente dormia na casa de colegas e por quase um mês ficou na casa de uns conhecidos do pai, com um acordo ambíguo de acolhida e emprego; estava também "acolhida" nessa casa, outra adolescente grávida; a mãe de **AM** soube da gravidez da filha e suspeitou que o casal que hospedava as adolescentes fizesse comércio de bebês; a mãe indicou para **AM** ir morar na casa do pai; a adolescente ficou morando por quase dois meses na casa de uma tia paterna,

com a avó paterna e o pai, em outra cidade da Baixada Santista; no quarto mês da gravidez, pressionado pela mãe de **AM**, o pai do bebê arranhou um local para levá-la e eles passaram a morar juntos.

- a adolescente não podia voltar para a casa da mãe ("...A minha mãe...conversando com o meu o padrasto...falou que não ia tê lugar pra ficá...i...que não tinha lugar, né...pra ficar lá...com a criança...").

- **AM** contou para o patrão que estava grávida e perdeu o emprego; foi o patrão quem contou para a mãe da adolescente sobre a gravidez da filha.

- até o 4º mês de gravidez, a adolescente ficou separada do pai do bebê, enquanto esteve morando com o pai, na casa da tia paterna, em outro município.

Reação social à gravidez

- apesar de distante, o pai da adolescente repudiou a gravidez ("...meu pai nem....pra ele...tanto faz...não fica com a gente, né....nunca ficou...então.....mas vivia jogando na minha cara..."ah...tu tem que se virar sozinha"..."). **AM** comentou que a pior reação à gravidez foi manifestada por seu pai.

- não parece que a mãe da adolescente tenha ficado mais impactada com a gravidez; mãe e filha já não moravam mais juntas e a gravidez parece ter definido e justificado a separação; **AM** referiu que a mãe ficou "chateada; parece que a mãe comentou que ajudaria a filha fazer uma aborto, caso a gravidez não estivesse tão adiantada.

Bebê

- menina, nascida de parto normal, estava com um mês e três dias quando iniciamos as entrevistas.

- **AM** não se queixava dos trabalhos com o bebê; a adolescente já cuidara anteriormente de outro bebê (sua sobrinha); a adolescente cuidava praticamente sozinha do bebê, não tendo quem a ajudasse no cuidado da criança.

- a criança foi presenteada por familiares de **AM** e do companheiro e por amigos.

- **AM** referiu dificuldades para batizar o bebê; disse que dois padres católicos não quiseram batizar a criança porque os pais não estavam casados na igreja.

- a adolescente parecia ter bom contato com a filha; disse que se distraía com a criança; conversava com o bebê que parecia por longos períodos do dia ser sua única companhia.

- **AM** também referiu que às vezes o bebê, por chorar muito, a irritava, mas que não lhe causava raiva ("...Não, né...vô ficá brava com ela?....num dá pra ficá....").

Pai do bebê

- estava com 18 anos, na época da realização das entrevistas; quando **AM** engravidou, ele tinha 17 anos.
- não estudava e fazia alguns bicos trabalhando em uma bicicletaria; havia estudado até a 6ª série e naquele ano do nascimento da filha tentara voltar à escola, mas tinha desistido.
- **AM** referiu que o pai do bebê era usuário de maconha; ela queixava-se que ele saía muito com amigos, deixando-a sozinha ("....ele só chega de madrugada...aí eu já tô dormindo...aí quando é de manhã...ele sai de novo...").
- ele parecia estar enciumado da relação de **AM** com o bebê; segundo **AM** o pai do bebê não era colaborativo no cuidado com a criança, mal a vendo acordada.
- com a pensão que recebia do pai falecido, o pai do bebê sustentava a adolescente e a filha; o benefício da pensão duraria até ele completar 21 anos.
- a relação de **AM** com o pai do bebê parecia crítica; a adolescente referiu brigas com agressões físicas; disse que pretendia largar o companheiro mas parecia não ter onde morar com a criança, se o deixasse ("A minha vontade era de....não ficar mais com ele...porque eu fico sozinha... (chora).....mas não tenho pra onde i.....então tenho que ficar agüentando..."); apesar de decepcionada, parecia ainda dependente do companheiro (disse que sentia-se bem quando ele ficava com ela).

Amizades

- perdera amizades, depois da gravidez, provavelmente pelas mudanças de moradia, saída da escola e perda dos hábitos de saídas aos bailes
- algumas poucas colegas a visitavam ("...de vez em quando...não vem toda vez...porque trabalham e estudam... (...) ...se afastô tudo...").

Aspectos emocionais

- na adolescência manifestara traços de rebeldia ("...Ah.....eu não queria saber de nada...só queria saber de sair à noite....só.....ficá na rua....não queria sabê de estudá...de pra..de trabalhá... de nada....mas trabalhava e estudava...").
- parece que a partir da gravidez e principalmente quando passou a morar com o companheiro, passou a sentir-se desamparada, solitária, desanimada e deprimida ("...Sozinha...sem ninguém (chora)...pra contar assim, né.....porque com a minha família num dá pra contar... (...)eu não tenho pra onde i.....por isso eu não fui (embora)..."); por poucas vezes, expressava-se mais esperançosa, desejosa de voltar aos bailes e animada com o bebê.

- parecia, em parte, tomar contato emocional com sua situação de risco diante de suas necessidades básicas (moradia, alimentação, sustento geral).

Perdas

- lamentava as perdas referentes aos passeios, principalmente as saídas aos bailes, deixadas a partir do começo da gravidez; perdeu contato com amigas; estava mais solitária

Alterações na identidade

- percebia-se mais comportada, mais caseira ("...o que eu mudei, foi o comportamento....que eu era mais doidinha.....só, porque o resto continua a mesma coisa...o que eu fazia na minha casa eu faço aqui...").
- parecia perceber alteração na identidade pelo fato de não mais sair, em contraste com o pai do bebê, que continuava saindo, ou até saía mais ("...ia pra todo lugar...agora já não tem mais.....não saí mais....é porque ele num qué, né...ficá em casa....então eu fico em casa, ele sai pra rua...").

Vaidade, auto-imagem, auto-cuidados

- referiu perdas no âmbito da vaidade e da auto-imagem ("...Peito...bunda...barriga....caiu tudo.. (...) ...nem me arrumo...mais...nem ligo pra me arrumar mais...não saio...").
- comentou superficialmente sobre tentativa de investir numa restauração da estética do corpo "perdido" ("...vou ver se eu começo fazer ginástica mês que vem, porque não dá não...viu...").

Noções de tempo

- **AM** confundia na delimitação dos intervalos temporais, nas falas que organizavam a descrição dos acontecimentos de sua vida.

Projetos

- confusa sobre seus planos, num contexto limitado de possibilidades para alguma independência e autonomia; no último encontro da entrevista disse que pretendia falar com a irmã mais velha para ir morar na casa dela, deixando o companheiro.
- falou sobre planos de voltar a trabalhar e a estudar mas não tinha com quem deixar o bebê; comentava de forma pouco realística sobre deixar o bebê numa escolinha, depois que ele largasse o peito, e ela fosse trabalhar.

Avaliação da experiência

- apesar de afirmar que gostara de ter um bebê *seu* ("....bom eu gostei...de ter um bebê meu....sempre quis também..."), foi explícita na avaliação de que adolescentes não deveriam ter bebês caso não contassem com ajuda ("...Pra deixá bem claro...pra quem num tem filho ainda... pra num tê nessa idade...a não ser que tenha com quem deixar...com quem.....mas quem não tem...").
- referiu que mulheres mais velhas, diferente de adolescentes, conformariam-se com maior facilidade em ficar em casa cuidando de bebês; disse que se voltasse atrás, não teria tido bebê com aquela idade; falou que escolheria ter um bebê quando tivesse 30 ou 35 anos.

Análise breve da entrevista com AN (15 anos)

Com quem a adolescente estava morando?

- no primeiro encontro da entrevista, **AN** estava morando com seu bebê, a mãe, três irmãs, uma menina de dois anos que a mãe criava, quatro primos, uma tia e mais uma moça que morava junto da mãe de **AN** a cerca de quatro anos; o pai do bebê dormia esporadicamente também na casa.
- no segundo encontro da entrevista, depois de 25 dias da primeira entrevista, **AN** estava morando somente com o bebê e o companheiro, num quartinho alugado por ele.

Algumas características das moradias

- o casarão velho onde **AN** estava morando com a mãe e sua família denotava evidente estado de pobreza: zona de armazéns de carga descarga e de prostituição, local úmido e mal iluminado, móveis estragados, sujeira, objetos espalhados e papelão substituindo vidro.
- o pequeno quarto onde a adolescente foi morar com o companheiro ficava nos fundos de uma casa de cômodos, mais limpa, conservada e organizada que a casa da mãe de **AN**; o quartinho ficava adaptado num vão da casa com o muro, com uma parede de madeira, telhado baixo de folha de zinco, porta rústica; um pedaço de tecido e uma estante velha separavam o quarto em dois ambientes, onde os poucos móveis se atravancavam; havia uma cama de solteiro, um velho sofá, uma madeira sobre uma armação de mesa de passar funcionando como mesa, um fogão e um bujão de gás, uma televisão e um rádio; não havia cadeiras nem geladeira; a pia e o banheiro eram de uso coletivo para os moradores do local; cerca de 40 pessoas viviam nos diversos quartos dos dois andares da casa de cômodos; para uso coletivo, havia um banheiro em cada andar.

Alguns dados da família e da história de vida

- A história de vida da adolescente era marcada por instabilidade e privação social. AN nascera no interior de Pernambuco. Com cerca de seis anos, ela e mais três irmãs menores (de quatro e de dois anos e uma recém-nascida) vieram com a mãe para Guarulhos (São Paulo), onde moravam a avó materna de AN, o companheiro da avó e diversos irmãos da mãe de AN. A avó ficou cuidando das quatro netas e a mãe de AN veio para Santos, após discórdias com a família. Durante cerca de três ou quatro anos, AN e suas irmãs ficaram morando com a avó, que tinha relações turbulentas com a filha. A mãe de AN visitava raramente as filhas e quando o fazia, havia muitas brigas familiares; as meninas sentiam saudades da mãe e choravam querendo ficar com ela. A mãe passou a fazer algumas tentativas de trazer as crianças para junto dela; seguiu-se uma fase de muita instabilidade para AN e suas irmãs, que ficaram indo e voltando das cidades de Guarulhos e de Santos, alterando as moradias com a avó e com a mãe. Houve prejuízos importantes na escolaridade das crianças que não tinham referência estável de moradia. Quando AN estava com 10 anos, ela e suas irmãs passaram a morar com a mãe em Santos; as meninas passavam o dia numa creche e as idas para a casa da avó foram se espaçando; a referência da creche foi presente dos 10 até os 13 anos de AN. A mãe unia-se a alguns companheiros, mas não de forma estável. Em Santos, morando com a mãe e as irmãs, em prováveis arranjos de moradia com parentes e amigas da mãe, AN passou por várias mudanças de endereço, mas sempre na mesma região da cidade, zona que concentrava atividades de prostituição.

Mãe

- a adolescente parecia fortemente vinculada à mãe, sugerindo possuir forte aliança e dependência da mãe, possível reflexo da separação imposta pela avó ("...sem a minha mãe...sei lá...eu acho que vou sofrer pra caramba... (...) ...não saio das asas da minha mãe...").
- mãe valorizada, preservada, idealizada; traços de valentia e triunfo sobre figuras masculinas (a mãe, antes de deixar o companheiro no Nordeste, pai das quatro filhas, puxara uma faca enfrentando-o, quando ele "levantou um dedo para ela").
- também fora mãe adolescente; quando AN nasceu, a mãe tinha aproximadamente 15 anos.
- no início da gravidez, AN separou-se do pai do bebê, quando ele falou que estava gostando da mãe de AN (aproximadamente 10 anos mais velha que ele); a adolescente não parecia tanto temer perdê-lo para mãe como indicava temer perder a mãe para qualquer pessoa ("temos ciúme dela"); a mãe apresentava os namorados para as filhas para submetê-los a aprovação ("se a gente gostá...ela fica").

- AN referiu que a mãe trabalhava como faxineira e tivera outros empregos (hipótese de prostituição).
- desde que passara a viver com o pai do bebê, a adolescente visitava a mãe quase que diariamente.

Pai

- a adolescente não sabia se o pai estava falecido (versão da avó) ou se constituía nova família (versão da tia).
- AN estava distante do pai desde que ela as irmãs e mãe emigraram do Nordeste; ela tornou a vê-lo mais uma vez, um pouco antes dos 10 anos, quando voltou a Pernambuco, numa viagem.
- o pai tinha histórico de alcoolismo; apesar da adolescente colocar uma avaliação global negativa do pai (abandono), referiu lembranças de carinho e atenção por parte do pai, além de descrevê-lo fisicamente de forma detalhada; provavelmente a representação negativa da figura paterna estava atrelada diretamente à relação com a mãe.

Escola

- AN tinha um histórico escolar muito prejudicado (descontinuidade pela instabilidade de moradia).
- com ajuda de cursos supletivos, conseguira concluir a 5ª série; ficou fora da escola no ano que engravidou e ganhou o bebê, mas estava planejando retomar os estudos; contrariando a desejo do companheiro, matricular-se na 6ª série do curso supletivo e no retorno às aulas, pensava em levar o bebê junto de si.

Trabalho

- com 12 anos, começou a trabalhar, de forma também descontínua, como manicure e tomando conta de crianças.

Aspectos de sexualidade

- menarca aos 11 anos; a primeira relação sexual ocorreu aos 14 anos, com o pai do bebê.
- namoro com o pai do bebê iniciado quando ela estava com 13 anos; depois de um ano de namoro, pretendiam "noivar", mas ela acabara "se perdendo" com ele e então o noivado não se realizou; passaram a morar juntos.
- a gravidez aconteceu após de nove meses de relacionamento sexual em que AN fazia uso irregular e incorreto de pílula anticoncepcional, indicada por uma conhecida; o uso da pílula parece ter melhorado a regularidade do ciclo menstrual.

- AN não comentou sobre outros namorados.
- referiu diminuição do desejo sexual, após gravidez.

Antecedentes da gravidez

- AN freqüentava o projeto "Meninas de Santos", que atendia meninas e moças em situação ou risco de serem vítimas de prostituição.

Gravidez

- AN disse que sua vida foi difícil, que passou por dificuldades durante a gravidez; a adolescente morava com o pai do bebê e sua família mais extensa; houve a separação do pai do bebê a partir do incidente do envolvimento dele com a mãe de AN.

Reação social à gravidez

- AN comentou que a gravidez não causou surpresa em sua família ("ninguém se assustou"); a mãe de AN considerava-a muito nova para engravidar.

Bebê

- menino, nascido de parto cesárea, estava com um mês e três dias quando iniciamos as entrevistas.
- AN amamentava-o no peito; no segundo encontro da entrevista, quando o bebê estava com quase dois meses, AN comentou que o bebê também já estava comendo comida.
- a adolescente parecia bem apegada ao bebê; acostumara-se a dormir com ele, desde a maternidade, causando ciúmes no companheiro; disse gostar de cuidar do bebê mas às vezes, ficava sem paciência; deixou o bebê com a mãe para ir a um baile, mas sentiu a falta dele e o bebê chorou muito ("ele sentiu falta de mim e eu senti a falta dele também").

Pai do bebê

- tinha sete anos mais que AN (estava com 22 anos); estudara até a 6ª série; trabalhava em obras.
- não queria que a adolescente voltasse a estudar ou a trabalhar
- depois que ele negou seu interesse pela sogra, AN tornou a unir-se ao pai do bebê.

Aspectos emocionais

- dependente da mãe, parecia tentar triunfar sobre figuras masculinas (sempre desejara ser mãe solteira e criar um filho sozinha); pouco submissa com alguns movimentos de rebeldia perante a avó (com ambigüidade), o companheiro da avó, um namorado da mãe e

principalmente perante a sogra (figura feminina depositária dos aspectos agressivos, negados totalmente para a mãe preservada e idealizada).

Alterações na identidade

- AN disse que depois do nascimento do bebê mudara bastante seu jeito de pensar; antes achava-se mais briguenta, mais alegre, mas também mais triste (chorava mais).

Vaidade, auto-cuidados, auto-imagem

- estava sentindo-se esquisita: mais gorda e com mais barriga.

Perdas

- AN já era muito privada, mas o estado de pobreza parecia mais intensificado a partir de que fora morar com o companheiro.

- sentia falta do maior convívio com a mãe e as irmãs

- referiu poucas perdas sobre passeios ("vida de casada...cê fica mais presa").

Projetos, desejos

- antes, pretendia ter um primeiro filho com 20 ou 21 anos, ser mãe solteira, ficar bem com o filho e nunca ficar com o pai da criança.

- sugeriu sonhar possuir uma vida com melhores condições econômicas, talvez ganhando na loteria; iria "cuidar melhor da saúde" (referência de aquisição de plano de saúde), ajudar a mãe e as pessoas que lhe ajudavam.

- gostaria de ter outro filho somente depois de 10 anos.

Noções de tempo

- bastante confusa para delimitar o tempo nas narrações que organizavam partes da sua história de vida, principalmente referentes à fase mais instável de pertinência familiar.

Avaliação da experiência

- apesar da ambivalência ("dá pra se levá"), a avaliação da experiência da gravidez pareceu envolver aceitação e alguma esperança - ("...Ah...o que eu falo é que...se engrav...se engravidou, né...que...que seja bem-vindos os filhos dela...tudo....a gente num sabe pra que a gente...pra que os nossos filhos vai dar...ou ladrão...ou....num sei o que que vai dá, né...mas a gente...tâmo tentando...dá a m...a maior educação pra eles...").

Conclusões sobre as entrevistas com as 10 adolescentes mães

Entrevistar 10 adolescentes mães em suas próprias moradias e em três encontros diferentes proporcionou uma oportunidade de conhecer algumas percepções que aquelas jovens tinham acerca das próprias vidas, tendo engravidado e ganhado um filho.

A questão da gravidez na adolescência então foi comentada pelas próprias protagonistas do fenômeno - eram adolescentes e tinham tido o bebê há pouco tempo. Praticamente todo o material - com exceção dos dados observados sobre o contexto da entrevista - referiu-se às versões das próprias adolescentes, com reconstruções pessoais de suas histórias sob o entendimento que elas conseguiam ter e comunicar, fossem mais realistas ou mais distorcidos.

As adolescentes mães aceitaram com facilidade o convite para participar da pesquisa e foram colaborativas nas entrevistas, apesar de algumas "faltas" aos nossos encontros marcados. Essa disposição e disponibilidade pode ter se dado porque elas estavam vivendo o momento de maior conquista do processo da gravidez - tinham ganho o bebê - um ganho psíquico (a procriação, o desenvolvimento) e material (o bebê concreto, os presentes, a renovação).

Adicionalmente, a aceitação do convite e da minha presença em suas casas pode se dever a mais dois outros fatores. Primeiro, eu pertencia à equipe de trabalho do programa de pré-natal que as atendera, e isso podia proporcionar certa submissão e/ou gratidão, além de familiaridade, credibilidade e confiança. Depois, a aceitação podia estar relacionada ao fato de que o tema da gravidez e da maternidade em adolescentes estava muito em voga na mídia, causando menos embaraços e podendo oferecer campo para exposições envaidecidas.

Durante cada um dos encontros ocorreram oscilações bem perceptíveis da postura das adolescentes perante a tarefa das entrevistas e perante mim, alterando as formas de interação pelo incremento ou diminuição da ansiedade e das defesas. Algumas dificuldades de comunicação como hesitação no discurso, constrangimento e principalmente o problema de falar sobre coisas que talvez ainda não tivessem pensado daquela forma que reconstruía o caminhar de suas vidas, não pareceram obstáculos capazes de impedir o acesso ao objeto da pesquisa: a visão das próprias adolescentes mães sobre suas vidas, visão por vezes fragmentada, distorcida e parcial.

A proposta do discurso livre, com menor diretividade na condução da entrevista, causou queixas nas adolescentes entrevistadas que por vezes me solicitavam perguntas diretas, parecendo perturbadas pela situação aberta, própria da técnica. Essa abordagem da pesquisa, que trouxe aprofundamento para a investigação, pareceu positiva e possível somente porque eu dispunha do tempo dos três encontros - um espaço temporal que me

permitia exercer paciência, condição necessária para aguardar algumas elaborações e alguns assentamentos emocionais das oscilações psicológicas mobilizadas pela própria entrevista.

Entrevistá-las em suas moradias proporcionou uma visão mais próxima de seus contextos sociais e familiares. Meu entendimento acerca das privações sociais de que essas jovens eram vítimas ficou ampliado a partir da aproximação do espaço de suas casas, em geral pobre, mas enriquecido pelas coisas do bebê pequeno. Esse *locus* de trabalho de pesquisa exigiu um empenho maior e diferente da experiência de trabalho nos espaços institucionais de técnicos de saúde. Percebi-me insegura principalmente pela potencial criminalidade de alguns bairros e das regiões de tráfico de drogas. Também temi o contato com os cães, por ser uma estranha naquelas casas.

A falta de privacidade, comum naquelas moradias, influenciou a interação na entrevista. Os encontros não aconteciam numa sala fechada, sem interferência de interrupções e algumas vezes tínhamos testemunhas de nossa conversa. Quase sempre o bebê estava junto, e mãe e bebê interagiam durante a entrevista.

As pessoas da casa e alguns vizinhos trataram-me em geral com curiosidade e respeito. Poucas foram as manifestações de hostilidade. Os pais dos bebês pareceram mais desconfiados e ameaçados com minha presença, provavelmente porque eu podia ser ouvinte de queixas da companheira sobre a relação do casal, em geral alterada pela gravidez e pelo nascimento do bebê.

As adolescentes entrevistadas apresentaram alguns pontos convergentes a respeito de como "tratavam" as mães, os pais, os bebês, os pais dos bebês e a si mesmas.

As mães foram sempre preservadas. Mesmo aquelas que sugeriam ausência e abandono foram poupadas dos ataques das filhas adolescentes mães, talvez por pressão de condições de fixação pré-edípica. Também, naquela fase do bebê pequeno, a adolescente poderia estar duplamente identificada: com a mãe (após conseguir concretizar suas fantasias invejosas diante dela e igualando-se a ela por ter tido o bebê) e com o bebê pequeno (necessitado de uma mãe protetora ideal), e então uma preservação maciça da mãe se faria necessária.

As figuras paternas foram mais atacadas (pelo abandono), com exceção das figuras dos pais mais fracos, perante os quais a adolescente encontrava desculpas associadas a alguma depreciação.

Ficaram principalmente direcionados ao pai do bebê os maiores ataques. Quando ausentes (ou mesmo presentes), aqueles que haviam sido mais idealizados (talvez como compensação e substituição do pai), em geral passavam a ser o alvo das maiores cobranças. Perante os pais de bebês que as abandonavam, algumas adolescentes utilizavam mecanismos de triunfo e de desprezo. Talvez também por vingança, elas - em nome dos bebês -

dispensavam-nos de representar figuras paternas para a criança, que acabava não recebendo o nome do pai, às vezes por opção da mãe. O bebê ficava então como o trunfo da mãe poderosa que enfrentava o homem que a abandonara.

Parece que a maternidade dessas adolescente lançava-as ao exercício de algumas reproduções de modelos familiares nas relações de gênero, pela alteração da posição em relação ao pai do bebê, mais ausente (por separação e/ou abandono) ou mais próximo (por casamento).

A gravidez não foi para essas jovens fruto de promiscuidade ou falta de informação. Pareceu haver uma busca, mesmo que passiva, de engravidar, facilitada por uma vida sexual sem maiores impedimentos e com algumas fantasias de infertilidade, próprias da adolescência. Todas tinham conhecimento mínimo acerca da concepção e de métodos contraceptivos e em geral eram elas quem decidiam os limites de sua vida sexual. Quando engravidaram, todas estavam namorando. Foram antecedentes comuns da gravidez, dificuldades no campo da pertinência familiar e/ou escolar, com risco ou condição já estabelecida de exclusão. Situações econômicas mais críticas que propiciavam perdas - principalmente a perda do grupo de amigos, causada por mudanças de moradia e do período em que freqüentavam a escola (quando passavam a trabalhar fora) - antecederam a ocorrência da gravidez, para algumas delas.

Em geral, a gravidez foi recebida com algum repúdio nos grupos sociais das adolescentes, principalmente por algum membro da família. As que já estavam com prejuízos nos laços familiares acabavam sendo "expulsas" (expulsão ameaçada antes da gravidez, mas depois negada enquanto tal) para uma outra pertinência familiar. Ameaças fortes de abandono e desamparo partiram de pais, já distantes, que pareciam tratar a gravidez da filha como uma traição com outro homem. As revoltas iniciais foram dissipadas pelo nascimento da criança e mesmo durante o desenvolvimento da gravidez.

Os bebês receberam presentes e acabaram por aproximar os parentes mais arredios. Quase todos os bebês mamavam no peito e pareciam bem cuidados. Essas mães tinham participado do PAIAG, que estimulava e fornecia apoio para que a adolescente conseguisse amamentar seu bebê de forma natural.

As adolescentes queixavam-se de perda quanto a passeios, principalmente bailes e saídas com os amigos, embora os passeios fossem mais raros durante a gravidez ou namoro. As que pouco saíam antes da gravidez e do nascimento do bebê, queixavam-se e pareciam perceber prejuízos quanto ao "sair", queixas talvez causadas pela percepção da perda (mesmo que potencial) de liberdade que o cuidado de uma criança demandava.

"Ter mais responsabilidade" foi uma referência quase que constante nas falas das adolescentes, acerca das transformações a partir da maternidade - uma fala recorrente e até

estereotipada, parecendo lembrar uma expressão-chave para adultez, status recém adquirido pelo papel de mãe. Falar sobre ter mais responsabilidade parecia representar a lembrança da meta agora exigida em suas vidas. Elas não pareciam mais responsáveis, no sentido de ter incorporado uma condição já mais amadurecida, entretanto tinham alterado significativamente seus repertórios cotidianos pelo acréscimo do desempenho do papel de mãe, com as tarefas de cuidado do bebê e também com a ampliação dos estímulos afetivos, trazida pela companhia do bebê, dependente e próximo.

A relação com a escola pareceu ficar dentro da trajetória que já estava encaminhada antes da gravidez. As adolescentes que estavam em conflito com a escola, antes do nascimento da criança, citavam a volta aos estudos como uma referência esperada e "natural" de ser colocada. Os prejuízos na vida escolar talvez fossem se aprofundar, mas já estavam estabelecidos. As adolescentes que não possuíam anteriormente maiores dificuldades escolares mantinham-se estudando, quando podiam contar com o auxílio de familiares (em geral a mãe) para ficar com o bebê.

As adolescente mães referiram percepção de alterações em sua auto-imagens, tanto relativas a perdas (da estética do corpo, principalmente da barriga) como a ganhos (ter adquirido mais corpo de mulher). Quase todas diminuíam os auto-cuidados da vaidade, provavelmente porque estavam mais ocupadas com o cuidado dos bebês. Também várias referiram diminuição do desejo e do prazer sexual, parecendo causar com isso, ciúmes nos companheiros com relação aos bebês.

A experiência de ter tido um bebê foi avaliada de forma ambivalente. As adolescentes citaram benefícios, como uma riqueza por ter ganho um bebê, mas percebiam perdas, não muito prospectivas, já que pouco pareciam sonhar ou ter projetos para o futuro. Quase todas estavam fincadas no presente, parecendo gratificadas e confortadas no cuidado do bebê pequeno, em geral entendido como sua propriedade e companhia.

CONCLUSÕES

Os estudos realizados com adolescentes grávidas e mães, usuárias de um serviço público de pré-natal e maternidade procuraram contribuir para o conhecimento acerca da questão da gravidez na adolescência, privilegiando a investigação dos pontos de vista das próprias adolescentes. Expressões verbais e gráficas acerca da auto-percepção e percepção da própria vida foram focalizadas em três abordagens diferentes de pesquisa: questionários e desenhos de auto-retrato com adolescentes grávidas, e entrevistas em profundidade com adolescentes mães, até cinco meses após o parto.

As conclusões aqui expostas referem-se apenas ao grupo estudado, sem pretensão de generalização para outras adolescentes que engravidam e são mães.

A pesquisa focalizou adolescentes grávidas e mães pertencentes aos segmentos mais pobres da população. Os resultados, portanto, devem ser considerados dentro dessas condições de adolescentes que não possuem convênios médicos e que receberam o atendimento pré-natal dentro de um programa público de saúde especializado nessa faixa etária, contando com a atenção de uma equipe técnica multidisciplinar, com uma proposta de atendimento global, humanizado e individualizado.

Adolescentes grávidas num mundo de privações

O universo social das adolescentes pesquisadas apresentou características semelhantes às descritas pela literatura acerca da juventude popular urbana⁷⁰: dificuldades de moradia, relações difíceis com a educação formal, pouco acesso aos benefícios sociais de saúde, segurança, transporte e lazer, ingresso precoce no mercado de trabalho e proximidade de experiências de risco pessoal e social (rua, uso abusivo de drogas, prostituição e tráfico de entorpecentes).

A formação de identidades dessas adolescentes estava inscrita nesse contexto de condições sociais peculiares, com vivência de inúmeras privações⁷¹ e proximidade concreta de situações de risco.

⁷⁰ Conforme já citado, a expressão "juventude popular urbana" é usada por A.C.Gomes da Costa (1996) para designar jovens oriundos das periferias das grandes cidades com condições peculiares de desenvolvimento físico, psíquico e social, que subsistem em situação de privação em relação a bens e serviços. As jovens investigadas neste estudo não pertenciam aos segmentos mais miseráveis e mais excluídos da população que em geral têm acesso mais restrito aos serviços públicos de saúde (como no caso de adolescentes de rua).

⁷¹ O aumento da percepção do que não se têm (bens, serviços) vem sendo cada vez mais possível pelo contraste existente a partir da comunicação freqüente de outras formas de vida menos frustradoras e com promessas de gratificação, veiculadas pelos meios de comunicação. Essas adolescentes faziam parte de uma juventude exposta à mídia globalizada e ao avanço geral da tecnologia.

A "busca" da gravidez

Em sua maioria, as adolescentes pesquisadas possuíam informações básicas acerca da concepção e de métodos contraceptivos e pareceram, de alguma forma, buscar a gravidez, de modo ativo ou passivo (pelo descuido de prevenção), consciente ou inconscientemente. A gravidez, apesar de também temida, pareceu ser fruto mais de uma posição receptiva, e não somente consequência da evidente dificuldade de acesso a métodos anticoncepcionais ou a educação sexual.

Dois fatores psicossociais pareceram constituir-se facilitadores para o surgimento do desejo e da busca de engravidar: primeiramente os relacionados às próprias privações sociais e aos sentimentos de exclusão, inerentes aos segmentos sociais em que essas jovens estavam inseridas e, em segundo lugar, os relacionados às insuficiências de interdição, resvalando à negligência familiar, principalmente no que diz respeito à figura paterna.

A gravidez dessas adolescentes pode ter significado uma "estratégia" relativamente fácil (já que pouco impedida) para lidar com situações críticas de perigo de exclusão, ocorridas numa fase de desenvolvimento muito fértil e muito instável - o despertar da genitalidade.

Riscos de exclusão anteriores à gravidez

As perdas sociais, principalmente os perigos de exclusão⁷² da escola, são muito referidos na literatura acerca da gravidez de adolescentes pobres como prováveis consequências danosas para o seu desenvolvimento e também para o de seu filho. No entanto, os riscos de abandonar o sistema escolar e de perder o sentido de pertinência ao grupo familiar não podem ser apenas considerados como consequências de uma gravidez "precoce", mas sim podem constituir-se elementos importantes de sua causalidade.

Na Escola

Em geral, não foi a gravidez da adolescente pobre que a retirou da escola. A jovem quando engravidou já estava fora da escola (fato também constatado por Silva & Sarmento, 1988; Caldiz et al., 1994 e Moreira et al., 1997) ou numa relação conflitiva com a educação formal.

O maior índice de evasão escolar ou de dificuldades nas relações com a educação formal concentrou-se na 5ª série, coincidindo com a entrada na adolescência e suas

⁷² A situação de exclusão não pode ser confundida com as situações dinâmicas de separação e agregação a novos grupos, que são necessárias para o amadurecimento do adolescente e sua conquista gradual de independência. A exclusão, oposto de participação e pertinência, está mais relacionada a rompimento de relações por afastamento, recusa, rejeição e expulsão e não se define apenas pela existência de conflito.

vicissitudes adicionada às mudanças pedagógicas praticadas nessa etapa da escolaridade. Em geral, é nessa série do ensino fundamental que o aluno do sistema escolar público passa a ter vários professores, o que ocasiona uma significativa mudança na dinâmica das salas de aula e nas relações professor/aluno. Ao encerrar-se abruptamente um modelo de relação com apenas um professor (em geral, uma professora) e diminuindo-se o tempo de convivência entre alunos e professores, podem ocorrer dificuldades no desenvolvimento de vínculos afetivos e de alianças.

Para os adolescentes dos segmentos sociais menos favorecidos economicamente, também é comum ocorrerem nessa época as mudança de período escolar, do diurno para o noturno, devido à necessidade de ingresso no mundo do trabalho, ainda que de forma precoce⁷³ e informal. A mudança para o período noturno pode vir de encontro a expectativas do adolescente mostrar-se "mais adulto", entretanto, por mais que essa alteração possa ser utilizada como um dos rituais de passagem da adolescência, esses jovens provavelmente já procuram estudar à noite para poderem estar disponíveis para o trabalho.

Para as adolescentes pesquisadas, a mudança para o período escolar noturno acarretou a perda de alguns grupos de referência e pertinência⁷⁴, trazendo exigências de novos convívios, nem sempre bem sucedidos, com grupos de outros colegas, em geral mais velhos, e com uma nova dinâmica na vida escolar⁷⁵.

As constantes mudanças de moradia dessas adolescentes foram também problemáticas para a manutenção dos estudos, já que as dificuldades de locomoção ou os trâmites administrativos relacionados ao ingresso em uma outra escola mais próxima, durante o período letivo (matrícula, vagas, transferência), associaram-se às resistências próprias ao enfrentamento de novos grupos de referência, de uma escola diferente.

Provavelmente prejudicadas por tais turbulências e rupturas nas relações do mundo escolar, algumas adolescentes largaram os estudos formais antes de engravidarem, algumas vezes aparentando fazer uma opção ao escolher deixar de estudar, mesmo que provisoriamente. Outras pareciam tentar a redução do tempo de estudos, ou recuperar o tempo perdido pelas interrupções ou desistências, com a busca de cursos supletivos ou com a

⁷³ Segundo o Art. 60 do ECA : "É proibido qualquer trabalho a menores de 14 (quatorze anos) anos de idade, salvo a condição de aprendiz.". Das 82 adolescentes grávidas que responderam os questionários, 51 já tinham trabalhado antes da gravidez.

⁷⁴ O grupo, como uma configuração social da adolescência, representa para o adolescente uma posição de sustentação em relação aos processos de divisão interna. Cf. D. Meltzer, **Os estados sexuais da mente**, p.70.

⁷⁵ Em alguns centros urbanos, é queixa grave da Escola pública contemporânea, a séria dificuldade de lidar com o tráfico de entorpecentes que assedia alunos adolescentes e também crianças. Quanto a isso, alguns professores referem impotência, insegurança e até medo de estar nas escolas, criando uma situação muito complexa quanto à questão da legitimidade no exercício da sua autoridade de professor, no ambiente escolar. O perigo da violência do tráfico ronda a vida escolar e não somente no período noturno.

substituição do ensino formal por alguns cursos mais rápidos, relacionados diretamente à demanda do mercado de trabalho (como digitação).

A instabilidade referente à pertinência ao sistema escolar coincidiu e mesclou-se com a instabilidade psicológica própria da adolescência, intensificando-a. As perturbações na escola e principalmente o fracasso escolar, que podiam ser produto dessa confluência de instabilidades, eram acontecimentos que deixavam as adolescentes à mercê da possibilidade de experiências de risco pessoal e social, principalmente das experiências relacionadas a condutas divergentes (como o uso abusivo de drogas). Adolescentes, saindo da escola ou com dificuldades maiores na vida escolar, estavam próximas de uma situação de privação social e risco de condição de exclusão de um mundo que antes lhes pertencia, mesmo que de forma descontínua e pouco gratificante.

Na pertinência familiar

O sentido de pertinência a um núcleo familiar (base fundamental para o desenvolvimento psicológico e suporte para expressão dos conflitos) pareceu em muitos casos entrar numa situação de risco quando a família passou por crises principalmente relacionadas a perdas econômicas, algumas vezes causadas por separações conjugais, gerando necessidade de mudanças de moradia pela dificuldade de pagamento do aluguel.

Em "eventos críticos"⁷⁶ dessa natureza, a adolescente que já estava tendo uma vida sexual ativa⁷⁷, podia ser o elemento da família que se encontrava em maior situação de risco de ter de deixar, concreta ou psicologicamente, a pertinência ao grupo familiar, mesmo antes de engravidar.

Em alguns casos, nos quais a crise familiar aumentou em decorrência da piora da situação econômica, a adolescente pareceu ocupar um papel de escolhida para um certo movimento de "deportação" do núcleo familiar. O incremento das dificuldades econômicas pode passar a se constituir uma forma de pressão (consciente ou inconsciente) da família para que a adolescente passe a "cuidar de sua vida" fora do núcleo familiar, o que poderia aliviar a carga das necessidades do sustento concreto e afetivo. A adolescente é um membro da família que não (ou pouco) contribui nas despesas e que apresenta uma grande demanda concreta e psicológica⁷⁸. O risco de exclusão, mesmo não sendo aparente, podia ser mais

⁷⁶ Cf. M.C.B.Costa, a família passa por "eventos críticos" que não possuem necessariamente uma conotação negativa. Na sua dinâmica interna e na relação com o meio social a família passa por alguns acontecimentos marcantes que exigem que ela enfrente mudanças e necessidades de novos arranjos familiares. Situações como separações, doenças e mortes podem fazer parte da "biografia" da família e provocam reações variadas. A família e seus "eventos críticos". In: **Cadernos de Ação**, n.5, p.15.

⁷⁷ No sentido de ter coitos heterossexuais.

⁷⁸ A interação dos adultos com adolescentes na família é sempre diferente da estabelecida com as crianças.

explícito quando a adolescente começava a dar sinais de já estar se relacionando sexualmente, havendo então a ameaça (ou sugestão) de que, caso ocorresse a gravidez, a adolescente teria que ir morar com o pai do bebê ou sua família.

Nos casos em que a família já parecia possuir laços afetivos prejudicados, também pareceu haver essa expectativa familiar relacionada a uma possível gravidez da filha adolescente: que ela encontrasse uma nova pertinência familiar.

A busca de constituição de uma nova família, que podia estar implícita na busca de engravidar, seria então não somente proveniente do desejo da jovem, mas também teria bases nesse desejo (ou "defesa") familiar (em geral negado, e por parte da mãe) de livrar-se de alguém (não mais criança) para ser sustentado.

De forma semelhante, a pressão para a saída da casa, após a gravidez (movimento de expulsão, mais ou menos claro⁷⁹), podia significar não só uma forma de castigo imposta à adolescente, por ter rompido com valores familiares e/ou traído a confiança nela depositada, como também representar o final desse processo da retirada de um membro para "aliviar" a crise familiar.

Detalhes das famílias

Das famílias das adolescentes estudadas - famílias em geral pobres ou em processo de empobrecimento - as figuras parentais (e seus substitutos) tenderam a ser apresentadas com características em certa medida parecidas.

As mães foram referidas com alguma ambivalência⁸⁰, mas quase sempre foram mais valorizadas que os pais, apresentados como mais ausentes⁸¹, pouco envolvidos ou perseguidores.

Os perfis das adolescentes estudadas indicaram detalhes de algum "abandono", no que se entende por cuidados maternos e paternos, dentro das expectativas da nossa cultura: presença, proteção, cuidado, orientação dos pais, durante a infância e adolescência.

Mães ambivalentes e preservadas

As figuras femininas da mãe e da avó materna e em menor grau da avó paterna representaram as referências afetivas da família. As jovens em geral viviam em núcleos

⁷⁹ Das 82 adolescentes grávidas examinadas nos questionários, 11 referiram receber ameaça explícita de expulsão de casa e duas referiram ter sido expulsas.

⁸⁰ Deve-se lembrar que a ambivalência dos pais perante o adolescente pode fazer parte das dificuldades que eles possuem em aceitar o processo de crescimento dos filhos. Cf. A. Aberastury et al., **Adolescência**, p.16.

⁸¹ As condições familiares de mãe ambivalente e pai ausente também foram um destaque observado por Aguirre (1995) em sua pesquisa com gestantes adolescentes.

familiares matriarcais⁸² e as figuras maternas, apesar de bem mais presentes e mais positivas que as figuras masculinas adultas, também sugeriram ser pouco provedoras quanto aos cuidados, proteção e doação de carinho e consolo - condições talvez perturbadas pela forma, às vezes turbulenta, de se relacionarem com as filhas adolescentes.

A ambivalência sugerida no relacionamento com as mães, no entanto, caracterizou-se como um sinal mais positivo no mundo das relações das filhas com os pais, se comparada ao tipo de relação que as adolescentes sugeriram manter com as figuras paternas. As mães pareceram menos ausentes, real e psicologicamente.

As queixas diante da falta da "boa mãe" apareceram de forma bem disfarçada. As adolescentes mães pareciam proteger suas mães de ataques, sugerindo condição de dependência e identificação. Mecanismos de idealização e negação pareciam também utilizados como meios dessas adolescentes se protegerem e/ou lidarem com os sentimentos de rejeição e abandono quando esses pareceram subjacentes à relação com a mãe.

As mães (ou suas substitutas) foram referidas como ambíguas com relação à vida sexual das filhas. Mesmo parecendo mostrar preocupação com uma possível gravidez, podem ter ficado distantes ou permissivas diante da vida sexual ativa da adolescente (como também já verificara Salem, 1980, p.173). Dados de "permissividade" ficaram sugeridos pela ausência de indícios sobre tentativas mais claras de impor limites (impedimentos), para que o início da vida sexual da jovem fosse adiado. As adolescentes não referiram maiores movimentos de contenção para a oportunidade de se relacionarem sexualmente; comentaram que as mulheres adultas da família, de alguma forma genérica, em algum momento passavam a sugerir métodos contraceptivos, como que supondo que a jovem já estivesse tendo "risco" de engravidar.

Dificuldades de pensar valores podem ter levado a tal "permissividade" (apesar de disfarçada ou misturada com alertas sobre a perigo da gravidez), fruto de uma certa confusão acerca de como educar e orientar as filhas dentro de padrões "modernos", de menor repressão sexual⁸³.

O difícil exercício da autoridade para impor limites à vida sexual da filha em desenvolvimento foi referido pelas adolescentes como confuso e conseqüentemente prejudicado. Parece que as mães sugeriam que não se devia engravidar tão cedo (pois isso acarretaria perdas e danos) e lançavam avisos de que as filhas podiam "pegar" gravidez

⁸² Dados dos questionários indicam que das 82 adolescentes inquiridas, 45 não conviviam com o pai na família, quando elas estavam com 13 anos.

⁸³ Um estado nebuloso de permissividade, ou de uma fluidez de autoridade, pode ser efeito de uma crise de valores presente na sociedade contemporânea. A despeito da convivência com valores mais convencionais, a vida sexual é cercada atualmente de valores mais voláteis e impermanentes, talvez devido à velocidade das mudanças trazidas pela revolução sexual, ocorrida principalmente a partir da segunda metade deste século.

(quase como se "pega" uma doença). Todavia pareciam acabar de alguma forma (e forma permissiva) delegando às filhas a "decisão" de quando deviam engravidar. A mãe já dava a "liberdade" e os "alertas", e a "escolha" caberia à filha, num sentido se não invertido, confuso quanto às responsabilidades.

No entanto, pode-se pensar que essa certa "liberdade" tenha sido condição da continuidade de um processo que se iniciou na infância, quando a filha já tinha tarefas de adulto (cuidando de outros bebês, por exemplo). Algumas das adolescentes estudadas, desde muito pequenas não puderam contar com a presença de adultos no que diz respeito a cuidados e orientações. Ficaram muito sozinhas e precocemente tiveram que exercer autonomia e independência da mãe, que ficou distanciada trabalhando fora ou muito ocupada com a sobrevivência⁸⁴. A gravidez da adolescente pode não ter sido vivenciada como algo "precoce", mas sim como consequência natural, dentro da temporalidade desse processo de desenvolvimento específico de crianças e adolescentes, em algumas famílias pobres.

Foram as mães (ou suas substitutas) quem pareceram apresentar maior contato com a vida reprodutiva das filhas. Antes dos pais, foram elas que suspeitaram da gravidez das filhas e aceitaram com maior facilidade, apesar desse contato parecer em geral ansioso e ambíguo. As mães falaram dos perigos e das dores do parto e por vezes sugeriram o aborto (em geral por métodos inócuos).

As mulheres da família e muitas das amigas mais velhas das adolescentes, foram referidas como protagonistas de histórias de grande conflito ou fracasso no relacionamento com os homens.

Pais distantes ou perseguidores e mais atacados

Alcoolismo, abandono e relações violentas apareceram freqüentemente envolvendo os homens que cercavam as vidas das adolescentes estudadas.

O relacionamento específico com a figura paterna foi apresentado como menos ambivalente e bem mais danificado do que aquele estabelecido com a figura da mãe⁸⁵. Provavelmente isso ocorreu em função de que muitos dos pais permaneceram pouco tempo na família, foram distantes, ausentes e quando presentes, mais carregados de conteúdos perseguidores, ameaças, violência, rejeição e abandono.

Esses pais, via de regra, pareciam não ser capazes de exercer movimentos de interdição (claro que não suficientes) para que as filhas adolescentes procurassem evitar com

⁸⁴ Em famílias pobres, a questão da luta pela sobrevivência interfere, com grande peso, em toda a dinâmica familiar. Cf. M.C.B.Costa, *ibidem*, p.25.

⁸⁵ Além das entrevistas em profundidade, as respostas aos questionários com as adolescentes grávidas indicaram que as figuras paternas recebem uma avaliação bem mais negativa se comparada à avaliação das figuras maternas.

mais cuidado a gravidez. Ausentes, ou carregadas de aspectos persecutórios, as figuras paternas (pai e seus substitutos) pareceram pouco eficazes para impor limites à vida sexual e reprodutiva das filhas, despertando medo, mas não se constituindo figuras de autoridade a serem amadas e respeitadas.

Algumas vezes, a ausência do pai ficou sugerida como tão ou mais agressiva do que sua presença, carregada de elementos perseguidores. Algumas mães traziam histórias do pai violento não mais presente, ou de um pai que as abandonou (a ela e à filha), não voltou e que era mau (bebia, batia).

A ausência do pai (e do pai do bebê) às vezes pareceu "trabalhada" (por mães e filhas) com uma tentativa de substituição por figuras sociais de autoridade que iriam proteger as mulheres, castigando esses homens que as abandonaram ou maltrataram. Apareceram assim referidas as figuras do "advogado", do "juiz" e do "Fórum", como os possíveis "pais sociais"⁸⁶ que fariam a interdição da agressão dos homens, as protegeriam dos mesmos ou as apoiariam nos seus anseios de justiça (ou desejos de vingança).

Apesar da sugestão de uma certa negligência no exercício da função paterna, foram alguns pais (ou seus substitutos), no entanto, aqueles que mais "valentemente" reagiram perante a gravidez da adolescente. Proclamando-a como errada e vergonhosa, pareceram muitas vezes entender a gravidez de suas filhas ou enteadas, como uma traição, não só à confiança na filha, mas também numa provável "aliança de parelha" com a filha-mulher, mesmo na distância. Nesses casos, o pai do bebê parecia ocupar (inicialmente) uma posição de rival.

Alguns pais ausentes parecem ter feito ameaça de abandono às filhas grávidas, condição provavelmente já estabelecida, mas, a partir da gravidez, legitimada como castigo merecido.

Desejo de mudança ou tendência à repetição - algumas hipóteses teóricas da "busca" da gravidez para as adolescentes pesquisadas

Nas dolorosas passagens da adolescência (lutos), a ausência ou insuficiência de uma "boa mãe" e de um "bom pai" (figuras constitutivas para o desenvolvimento do psiquismo) - associada à pouca gratificação na vida social e principalmente às angústias advindas dos riscos nos grupos de pertinência (por exemplo, da escola) - pode instalar um "estado de

⁸⁶ Profissionais mulheres não foram referidas como defensoras nesse conflito próprio de relações de gênero. Interessante notar que as advogadas (mulheres) são muito procuradas para defender clientes mulheres nos casos de direito familiar, em contextos de segmentos sociais mais providos econômica e culturalmente. As adolescentes investigadas pertenciam a um grupo de mulheres, mais "convencionais" (pela idade e/ou pela condição social), que se utilizam, mesmo que em fantasia, de defensores homens para protegê-las de outros homens.

abandono", gerador de fortes sentimentos depressivos. Sentimentos dessa natureza podem ter sido manejados "compulsivamente"⁸⁷ pela adolescente, com a busca (ativa ou receptiva) da gravidez.

Possuindo pouca condição para suportar angústias e lidar com elas no campo do simbólico, as adolescentes podiam procurar atuar (até de forma passiva) em ações concretas para triunfar e controlar tais sentimentos depressivos - engravidar pode ter sido uma delas.

Prejudicadas pelas condições sociais frustradoras pouco contornáveis, muitas adolescentes pouco podiam "sonhar" e pela tendência à ação que lhes é própria (característica do seu estágio de desenvolvimento) ficam mais propensas a uma atuação dentro da área de seu universo de possibilidades agora emergente - o da procriação - dentro de padrões muitas vezes repetidos da experiência da mãe.

A adolescente estaria assim buscando inconscientemente "resolver" seu desamparo de "filha", não só com um *desejo de mudança*, sendo mãe para construir uma nova e boa (idealizada) relação com o filho e até com o pai do bebê, mas também por uma certa *repetição*, o que poderia levá-la de alguma forma a "aproximar-se" das figuras parentais (frustradoras), pela diminuição da diferença.

O desejo de mudança atuado, através dessa forma mágico-onipotente de preenchimento do vazio, pode sugerir uma natureza mais positiva por conter elementos da esperança e busca de restauração. Entretanto, parece muito provável que seja fracassado, por sua natureza onipotente e mágica. Haveria então uma possível repetição das experiências dos pais, reproduzidas nos padrões a que a adolescente estaria "predestinada" a manter com o filho e com o pai do bebê.

Inicialmente, ao bebê (ou ao pai do bebê) poderia caber o poder mágico da adolescente recuperar a própria mãe e o próprio pai, não apenas no campo dos sonhos e fantasias. A procura do "bebê-salvador" podia ser atuada na concretude, quando a adolescente razoavelmente informada sobre concepção e métodos contraceptivos, buscava ou não evitava, a gravidez.

A idéia ("delirante") de ter um bebê - possível fruto de uma "união" edípica com o pai ou pré-edípica com a mãe - para o qual seria possível "dar tudo" o que elas não tiveram, seria exemplo desse desejo mágico de preenchimento das gratificações frustradas no mundo afetivo e material.

⁸⁷ O "compulsivamente" não está usado no sentido restrito clínico, mas no sentido lato, referindo-se à compulsão, como na origem latina *compellere*, de compélir: que impele, que constrange. Cf. J. Laplanche / J.-Pontalis, **Vocabulário da Psicanálise**, p.124.

"Papéis" do pai do bebê e do bebê

A problemática que envolve as figuras parentais, especialmente a figura paterna, pode mobilizar o desejo de substituição ansiosa por um companheiro (como também sugerido em Wajmann et al., 1988, p.96) . Depois, pelo próprio bebê, caso o pai do bebê não dê conta de prover essa necessidade compensatória, ou se apresente também destituído de aspectos positivos.

Buscando um "companheiro-pai", e não apenas um namorado, as adolescentes podem estar tentando resgatar uma família, principalmente quando há o risco de expulsão de sua família de origem. Nesse caso, a gravidez estaria também mobilizando fantasias de reinserção familiar e sentimentos de pertinência a um núcleo familiar, possível através da nova condição de mãe ou de "esposa". Através desse prisma, a gravidez deixaria de ser conseqüência de uma simples entrega amorosa, aos impulsos sexuais (pelo desligamento da libido dos pais para a catexia de novos objetos) ou até à "atitude inconseqüente", e passaria ter um significado de tentativa de reconstrução de imagens internalizadas de pai e mãe, em geral bastante prejudicadas por conteúdos reais do mundo externo. Além disso, a busca do companheiro podia representar também uma forma de suprir necessidades e carência de amor, proteção e cuidados, provavelmente, já há muito instaladas na vida emocional dessas jovens.

Esse "companheiro-pai" podia ainda dar-lhes bebês, crianças que facilitariam a essas adolescentes a fantasia de serem mães de si próprias, por identificação com os filhos. Ou seja, ao cuidar, proteger e amar seus bebês, estariam também oferecendo a si próprias a oportunidade de serem amadas, cuidadas e protegidas por suas mães e seus pais.

Além desse papel de possível "restaurador da família original", podia caber ao pai do bebê a função de parceiro necessário para a prova concreta que negasse as fantasias comuns de infertilidade e esterilidade das (e dos) adolescentes.

Tais expectativas mágicas e compensatórias parecem ter contribuído para que o relacionamento com o pai do bebê tenha entrado em crise logo que as primeiras decepções aparecessem e os mecanismos de proteção à sua figura não fossem mais suficientes para salvá-lo dos ataques ou da percepção mais realística e desiludida da adolescente.

Embora provavelmente possuíssem pouca maturidade para estabelecer (e manter) um vínculo de casal (conforme Aguirre, 1995), algumas jovens pareciam esforçar-se para manter esse vínculo (negando, projetando, mas também suportando), principalmente quando estavam numa relação de grande dependência do companheiro (moradia, alimentação) e pensavam não ter como voltar à família de origem ou subsistirem sozinhas. Quando as adolescentes diminuíram suas pulsões sexuais, na gravidez e nos primeiros meses de vida do bebê, os conflitos do casal pareceram aumentar.

Quando não "assumiu" o relacionamento com a adolescente numa união de moradia caracterizada como "casamento", o pai do bebê foi, em geral, dispensado, mesmo quando tentava "assumir" alguma presença paterna. Com isso parecia acontecer a reprodução do modelo de pai ausente da própria adolescente. Se ela não teve ou pouco teve pai, podia tanto buscá-lo ansiosamente quanto triunfar sobre sua ausência (ou desprezar sua presença). Dentro dessas condições, o bebê então "não precisaria" ter pai, que seria "descartado" já que "abandonara" a mãe do bebê.

Nisso ficou sugerida a "onipotente" e ilusória auto-suficiência maternal de algumas mães adolescentes que "dispensaram" o pai do bebê, dificultando o desenvolvimento da função paterna naqueles pais, em geral jovens⁸⁸. Nesses casos, o bebê pareceu funcionar como trunfo (posse exclusiva da mãe) e instrumento de vingança sobre o pai da criança (e talvez sobre o próprio pai da adolescente, em fantasia).

O bebê podia também representar uma função de segurança para a adolescente, nas situações em que havia um relacionamento mais estável com o pai da criança, que algumas vezes foi referido como bastante vinculado ao filho bebê. A adolescente podia assim, ficar mais segura para apropriar-se do sentido de parêntese, fazer projetos em comum e sentir-se mais feliz.

O bebê pequeno pareceu ocupar um papel muito precioso para a adolescente. Era alguém para amar, dependente e gracioso, conferindo para a adolescente um status de mãe e valorização como mulher.

O bebê, em geral, cativava a todos. Sua chegada era festejada e reconciliava muitos dos familiares que haviam repudiado a gravidez, redimindo, em parte, a jovem mãe das aflições trazidas pelas rejeições sociais à gravidez.

O bebê era visitado e presenteado e a mãe adolescente enfeitava parte da sua moradia e da sua vida com a presença da criança e de seus pertences⁸⁹.

A gravidez na passagem pela adolescência

Os conflitos e problemas relacionados à gravidez (especificamente nessa fase da vida) não pareceram muito percebidos pelas adolescentes, aparentemente porque tenham

⁸⁸ Conforme A. Aberastury, E.J. Salas, **A paternidade**: "...o pai jovem pode estar mais próximo de seu filho e compreender algumas de suas necessidades que ainda são válidas nele; e pode, em troca, estar demasiadamente ocupado com seu próprio crescimento, abandonar o papel ou cansar-se e sentir-se sobrecarregado por uma dupla responsabilidade: *crescer e fazer crescer* ao mesmo tempo. Mas estes e outros conflitos são em geral o conteúdo manifesto de algo mais profundo: a dificuldade de ser pai.". p.84.

⁸⁹ Sobre o nascimento de uma criança numa comunidade pobre: "O cenário de tristeza, desolação, pobreza e morte é outro. Tudo adquire novo significado, depois que os vizinhos afirmam: *E cada casa se torna / num mocambo sedutor / cada casebre se torna no mocambo modelar.....*(J.C.Melo Neto, **Morte e vida Severina**). Cf. A.C.Ciampa, **A estória do Severino e a história da Severina**, p.33.

negado, triunfado ou utilizado outros fortes mecanismos para controle das angústias naturais dessa fase. Ao contrário, a jovem grávida (e depois mãe) expressou conscientemente maior gratificação (triunfando e preenchendo-se) do que angústia com a gravidez. Isso pode ter sido provocado não só por tal bloqueio das defesas (que evitariam conflitos trazidos por emoções no mínimo contraditórias quanto ao estar grávida), mas também porque essas adolescentes podem ter avaliado a gravidez de forma mais positiva do que negativa.

Os aspectos característicos dessa fase de desenvolvimento da adolescência em parte foram modificados pela experiência da gravidez. Os conflitos próprios da transição da infância para a vida adulta pareceram ficar mais isolados, recebendo maior controle defensivo. A adolescente pode sentir-se triunfante, pela aceleração que "conseguiu" promover na passagem pelos conflitos dessa época da vida.

As angústias advindas das transformações corporais da adolescência (da puberdade) podem ter sido mais controladas, já que as transformações corporais da gravidez pareceram impor-se às da adolescência. Apesar da presença de conflitos e ambivalências, as auto-imagens das adolescentes grávidas pareceram razoavelmente positivas, não indicando maiores prejuízos quanto aos autos-conceitos ou riscos para a personalidade⁹⁰.

As adolescentes pesquisadas, grávidas e mães, sugeriram que suas percepções acerca da gravidez e do nascimento do bebê englobavam uma avaliação positiva, além da conquista de benefícios psicológicos e sociais.

Benefícios sociais advindos da gravidez

Existe um desconforto na ordem estabelecida sobre a gravidez na adolescência. Um mal-estar pela percepção da necessidade tutelar a que adolescentes pobres teriam direito para gerar e manter filhos.

A gravidez na adolescência é considerada como um problema, pelos adultos e pelas instituições escolares e de saúde. Quando ela acontece com adolescentes pobres passa a ter a dimensão de um problema geo-político - o crescimento populacional de uma determinada categoria de população que talvez "não devesse existir"⁹¹ porque não teria lugar no imaginário idealizado da sociedade contemporânea.

Ao mesmo tempo, a expressão da avaliação da gravidez na adolescência como problemática, de forma bastante repetida pela mídia, vem ocorrendo junto a uma aceitação social cada vez maior. Essa grande divulgação do fenômeno pelos meios de comunicação

⁹⁰ No PAIAG, as adolescentes grávidas recebiam apoio para seu fortalecimento psíquico e para desenvolvimento da sua auto-estima.

⁹¹ Nas áreas metropolitanas a pobreza tem características de *apartheid* social. Cf. M.C.B. Carvalho, **Cadernos de Ação**. n.5, p.29.

pode exercer um poder de atração para adolescentes mais pobres, ao contrário do que influenciar na sua prevenção⁹².

Mesmo que o "mundo adulto" entenda a gravidez da adolescente como uma possibilidade de perdas e danos para o desenvolvimento da jovem e do seu futuro filho, alguns benefícios sociais podem ser percebidos pelas adolescentes como aquisições positivas da gravidez. Pelo menos, sob o ponto de vista das adolescentes estudadas, ter ficado grávida não parece ter sido compreendido nas dimensões de um difícil problema.

Algumas condições sociais são bastante modificadas, quando a adolescente pobre engravida, sem que estejam relacionadas a perdas (diferentemente do que se pode aferir com relação às adolescentes de condições sociais mais privilegiadas), mas a ganhos sociais. A adolescente grávida desperta atenção e cada vez mais diminui o repúdio social por sua condição. O ataque da sua família ao seu estado tende a se transformar em aceitação, além do que, sua experiência desperta interesse público, como um fenômeno com o qual a sociedade se preocupa e se incomoda.

A gravidez, mesmo não referida como desejada e/ou planejada, foi citada como aceita em quase a totalidade das jovens estudadas. Grávidas, elas diminuíram o uso de drogas (ou substituíram por outras menos perigosas) e passaram a sentir-se menos solitárias.

No universo social em que se realizou este estudo, encontramos indicações de que a gravidez "serviu" à adolescente, não só como realização de desejos inconscientes mas também como forma de alcançar benefícios sociais. Além de "ganhos" internos, trazidos pelo triunfo sobre os sentimentos depressivos e sobre a relação inconsciente com os pais (pela posse do bebê, a identificação e vitória sobre a mãe, a "posse" do pai), a gravidez para as adolescentes mais pobres também pode ter significado a conquista de benefícios externos e imediatos.

Presentes, solidariedade, atenção

A adolescente grávida, e principalmente a adolescente mãe do recém-nascido, recebeu presentes para o bebê e decorou sua casa com objetos (sinais sociais) bastante parecidos com os das camadas sociais mais abastadas.

O bebê pequeno tinha poucos sinais evidentes do segmento social a que pertencia já que o "capital simbólico" (expresso no jeito de falar, andar, interagir) ainda não estava

⁹² Em janeiro de 1999, foi veiculada pela mídia a notícia de que um famoso jogador de futebol foi avô com 33 anos. O atleta e modelo publicitário (Raí), possuidor de referências de forte capital simbólico (carreira internacional, riqueza, sucesso profissional e ascensão social), havia sido pai na adolescência e sua filha adolescente de 16 anos repetira sua experiência. Esse tipo de divulgação da gravidez de uma adolescente filha de uma figura pública e modelo de sucesso pode ser exemplo de promoção da ampliação, aceitação e normalização do fenômeno da gravidez na adolescência.

estabelecido e os sinais concretos do capital econômico o assemelhavam a bebês de condição social mais favorecida. As coisas do bebê recém-nascido (as fraldas descartáveis, as cestas enfeitadas, as bolsas coloridas) eram bastante semelhantes às usadas por mães de outros segmentos sociais. Dessa maneira, nesse intervalo dos primeiros meses do bebê, a adolescente dos segmentos populares urbanos podia, em certa medida, usufruir da posse de objetos novos e comuns aos usados por consumidores dos segmentos mais privilegiados.

As mães adolescentes despertavam solidariedade. Dos familiares, elas recebiam presentes para o bebê, já que a maior parte do enxoval acabava sendo doada pela família. Uma certa rede de ajuda com amigas, primas e tias estabelecia-se: elas ganhavam roupas, novas ou usadas e podiam continuar repassando parte do enxoval que não servia mais para seus bebês para outras mães (talvez também adolescentes).

Essas adolescentes sugeriam ter conseguido mais ganhos do que sofrido perdas, durante a gravidez e logo em seguida ao nascimento do bebê.

O fenômeno da gravidez em adolescentes das camadas populares pode assim revelar uma tendência de "contágio", pela gratificação que promete e demonstra possuir, além do pequeno prejuízo que parece oferecer, nesse espaço temporal próximo à gravidez. A adolescente grávida, que recebe mais atenção, bem como a mãe adolescente, abastecida pela solidariedade e beleza das "coisas do bebê", tornam-se imagens modelares, pouco temidas e até atraentes, para outras adolescentes também pobres.

O tempo de duração dos benefícios

Provavelmente os problemas relacionados à procriação nessa fase da vida, principalmente nesse segmento social, não serão percebidos pela adolescente a curto prazo, enquanto ela estiver grávida ou o bebê for muito pequeno. Impactos negativos sobre sua vida e de seu filho poderão ser percebidos numa época posterior⁹³, quando a adolescente talvez não os relacione mais, direta e concretamente, com a gravidez.

Como a adolescente tem dificuldade maior de lidar com questões de temporalidade (uma "normal distemporalidade", Knobel, 1988, p.65), especialmente com o futuro⁹⁴, o pensar em algo mais distante do tempo da gestação pode não estar associado à própria gravidez. O fato de que, em geral, os ganhos psicológicos e sociais advindos da gravidez na adolescência durem pouco, pode não ser percebido de forma suficiente como motivo para não engravidar. Quando os objetos novos adquiridos pela vinda do bebê ficarem velhos e

⁹³ Cf. Conferência do Cairo (1994): "Sobretudo no caso das jovens, o casamento e a maternidade prematuros limitam em alto grau as oportunidades de educação e emprego, e é provável que tenham efeitos negativos a longo prazo sobre a qualidade de suas vidas e de seus filhos". Themis, **Direitos sexuais e reprodutivos**, p.92.

⁹⁴ Cf. também os resultados da prova **Três desenhos de auto-retrato**.

sujeitos, eles serão parecidos com a grande parte dos objetos do ambiente social⁹⁵ e talvez já se tenha passado um tempo suficiente para elas não mais os associarem diretamente com a experiência da gravidez e a chegada do bebê. A gravidez pode assim ficar mais isolada e preservada dos elementos destituídos dos benefícios estéticos e idealizados.

A reincidência da gravidez, nas adolescentes dos segmentos mais pobres (conforme os indicadores epidemiológicos), pode não só se relacionar com as angústias e defesas que estavam mobilizadas quando da busca da primeira gravidez, como também se apoiar na carência dos benefícios sociais conseguidos enquanto ela estivera grávida ou quando tinha o bebê pequeno.

Considerações finais

O aumento da incidência da gravidez em adolescentes pobres é um fenômeno social emergente e parece vislumbrado pela sociedade como um problema produto da confluência da falta de informações adequadas e da falta de acesso a métodos contraceptivos, com as dificuldades das formas contemporâneas de educação em que os agentes familiares adultos confundem e/ou falham na delegação da imposição de limites à vida sexual de seus jovens.

A despeito de que esses são fatores evidentemente importantes, os estudos realizados, enfocando a visão das adolescentes que passavam ou haviam passado recentemente pela gravidez, puderam indicar a importância de outras questões.

Primeiramente, nas adolescentes pobres, a atração pela gravidez pode ser maior (ou menor o movimento para evitá-la), principalmente porque essas adolescentes são mais destituídas de benefícios sociais e mais expostas às pressões dos riscos de exclusão. Uma vez que o "social" provê pouco alimento psíquico, as respostas da "natureza" podem ser fontes procuradas, até como defesas, perante condições de esvaziamento.

Depois, a ampliação de fatores facilitadores que levam à "busca" da gravidez - psicológicos (necessidade de exploração e auto-afirmação) e sociais (ampliação do conceito de direito, possibilidade de reinserção familiar, atração-repulsão pelo fenômeno da gravidez na adolescência) - pode manter a tendência expansiva da ocorrência da gravidez na adolescência, a despeito das tentativas de intervenção pública de prevenção e esclarecimento.

O desafio que se coloca às políticas públicas relacionadas ao fenômeno da gravidez na adolescência, em geral nas instituições de saúde e escolas, indica que é necessário articular as intervenções sociais com a dimensão ética que esse problema exige, já que estas ações estão direcionadas a alterar a maneira dessas adolescentes exercitarem seus direitos à liberdade.

⁹⁵ Como observado nas moradias, nas roupas e nos móveis das casas das mães adolescentes entrevistadas.

O desafio principal pode ser lembrado com a indagação - quais serão os critérios oferecidos pela nossa cultura às adolescentes do novo milênio: a partir de que situação econômica, social e etária, elas podem ou devem procriar?